

Vida

J. I. PACKER • MERRIL C. TENNEY • WILLIAM WHITE, JR.

O Mundo do Antigo Testamento



O Mundo do Antigo Testamento

Redatores: JAMES I. PACKER, A. M., D. PHIL.

Regent College

MERRILL G. TENNEY, A.M., Ph. D.

Wheaton Graduate School

WILLIAM WHITE, JR., Th. M., Ph. D.

Vida

Digitalizado por id



www.semeadoresdapalavra.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

SEMEADORES DA PALAVRA e-books evangélicos

ISBN 85-7367-337-0

Categoria: Referência

Este livro foi publicado em inglês com o título *The World of the Old Testament*, por Thomas Nelson, Inc.

© 1982 por Thomas Nelson, Inc. ©1988 por Editora Vida

1a impressão, 1988

2a impressão, 1991

3a impressão, 1994

4a impressão, 1996

5a impressão, 1998

6a impressão, 1999

7a impressão, 2001

8a impressão, 2002

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por Editora Vida, rua Júlio de Castilhos, 280 03059-000 São Paulo, SP — Telefax: (11) 6096-6814

As citações bíblicas foram extraídas da Edição Revista e Atualizada no Brasil, da Tradução de João Ferreira de Almeida, publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil, salvo quando outra fonte for indicada.



Impresso no Brasil, na Editora Betânia

ÍNDICE

<u>Introdução.....</u>	<u>5</u>
<u>1. O Mundo Antigo.....</u>	<u>6</u>
<u>2. História do Antigo Testamento.....</u>	<u>13</u>
<u>3. Cronologia do Antigo Testamento.....</u>	<u>22</u>
<u>4. Arqueologia.....</u>	<u>41</u>
<u>5. Religiões e Culturas Pagãs.....</u>	<u>58</u>
<u>6. Os Egípcios.....</u>	<u>67</u>
<u>7. Os Babilônios e os Assírios.....</u>	<u>78</u>
<u>8. Ugarite e os Cananeus.....</u>	<u>86</u>
<u>9. Os Persas.....</u>	<u>96</u>
<u>NOTAS DE RODAPÉ.....</u>	<u>106</u>

Introdução

O *Mundo do Antigo Testamento* apresenta-nos os povos que influenciaram a história de Israel durante o período do Antigo Testamento. Além disso, traz ao conhecimento do estudante da Bíblia acontecimentos da história de Israel e o significado destes à luz da revelação completa que Deus faz de si próprio na Bíblia.

O Antigo Testamento descreve um mundo que é, a um só tempo, semelhante e dessemelhante ao nosso. Por certo conservamos em comum com aquele mundo os elementos básicos da vida — nascimento, crescimento, morte, a família, a nação, o lavrador, o soldado, o magistrado, o professor, o médico, mas a falta de qualquer dos inventos mecânicos e elétricos com os quais nos acostumamos coloca o mundo do Antigo Testamento a uma grande distância do nosso.

A medida que estudamos os povos e os acontecimentos do Antigo Testamento, estamos mais bem preparados para julgar nossas próprias vidas e sociedades segundo os padrões da lei de Deus. Nosso estudo pode ajudar-nos, também, a ver a demonstração clara da obra poderosa de Deus na história, porque cada um dos povos que influenciaram a vida de Israel foi um ator no grande palco da civilização. Ao considerar o drama desses povos, podemos ver os intermináveis conflitos de feudos de sangue entre pequenos clãs polígamos, observar o desmoronamento de sociedades que se entregaram ao hedonismo desenfreado, e regozijar-nos com o triunfo eterno dos que foram fiéis a Deus quando não o era a vasta maioria da humanidade.

Além de todos os valores e lições que possam advir do conhecimento dessa história, os povos e os acontecimentos do Antigo Testamento apontaram para a vinda do Messias, Jesus Cristo, e para o Seu cumprimento nele. O tema subjacente do Antigo Testamento — e também do Novo — é Criação-Queda-Redenção-Restauração. É na vida das pessoas e das nações que enchem as suas páginas que vemos este drama encaminhando-se para o seu cumprimento.

Em *O Mundo do Antigo Testamento*, o estudante verá que esses povos realmente viveram as experiências registradas, as quais não foram criações literárias de algum escritor imaginativo. Quanto mais conhecermos esse mundo, tanto melhor compreenderemos os seus acontecimentos. Esperamos, também que nossa imaginação seja estimulada e nossos apetites despertados para estudar a Palavra de Deus e permitir que ela nos ilumine o coração.

1. O Mundo Antigo

A Bíblia nos proporciona informação confiável sobre povos, lugares e acontecimentos que outros livros antigos não mencionam. Ela fala até de reinos que desapareceram da face da terra. Em realidade, ela penetra uma época que muitos eruditos chamam de "pré-história". Um simples exemplo sugerirá a grande extensão de tempo que a Bíblia cobre.

Digamos que um dia representa uma geração (cerca de 25 anos). Nessa base, a Segunda Guerra Mundial terminou anteontem, a Guerra Civil norte-americana foi travada faz apenas quatro dias, e os Estados Unidos declararam sua independência na semana passada! Nessa mesma base, Jesus nasceu em Belém há questão de três meses, e Moisés conduziu os israelitas para fora do Egito apenas dois meses antes disso. Os mais antigos livros do Oriente Próximo foram escritos há, mais ou menos, sete meses.

Tomando por base este calendário que só existe na imaginação, a história humana teria começado há uns dez meses, mais ou menos. E a Bíblia cobre todo esse período! Ela começa com Deus criando o mundo; conduz-nos através de muitos séculos de história antiga e clássica, e aponta-nos o fim dos tempos.

Este jogo de imaginação leva-nos a perceber nossa tendência de preocupar-nos excessivamente com os fatos correntes. A tecnologia moderna cegou-nos para as profundezas do passado. Mas as culturas antigas tiveram um senso altamente desenvolvido com respeito ao passado; elas respeitaram as muitas gerações que as precederam. Os sumérios, os egípcios e os babilônios freqüentemente ponderavam sobre o significado da história, e procuravam saber para onde ela se dirigia. Gostavam de preservar os processos antigos. Estudavam as línguas que já não eram faladas e praticavam ritos que já haviam perdido o significado. Tinham em alta estima cada estatueta e tijolo que seus antepassados fabricaram. Estimularam seus escribas a preservar palavras antigas que abrangiam quase todos os aspectos da vida.

Os escritores do Antigo Testamento viam a história como a fase na qual Deus estava revelando grandes propósitos em um drama mundial que agora se aproxima do clímax ("os últimos dias"). Assim, quiseram guardar um relato preciso do passado. Mas este senso de história perdeu-se com a queda de Roma e com a vinda da Idade Média. A sociedade Ocidental perdeu contato com sua herança. Com efeito, a arte e a literatura medievais tiveram de ilustrar as Escrituras com pessoas que usavam vestimentas medievais e moravam em castelos, porque ninguém sabia como realmente se vivia nos tempos bíblicos. Os artefatos do Egito, da Mesopotâmia e da costa da Palestina só foram descobertos e interpretados no decorrer dos últimos 150 anos. E mesmo agora, o mundo antigo é para nós um quebra-cabeças.



Vestuário antigo. Pinturas medievais mostravam os povos dos tempos bíblicos usando armaduras de aço, tecidos de lã, batas e outros trajes comuns da Idade Média. Mas relíquias oriundas do Oriente Próximo, como estas, provam que as pessoas se vestiam de modo muito diferente. Estas estátuas de alabastro de Tell Asmar mostram o tipo de roupa que os sumérios usavam cerca de 2600 a.C. Tanto homens como mulheres usavam uma peça de vestuário semelhante a uma saia.

Durante a maior parte do tempo que passamos acordados, consideramos tão só o que nos está acontecendo no presente. Estamos inteiramente absorvidos no "agora". É-nos excessivamente difícil colocar-nos no lugar dos que viveram no passado distante, totalmente fora de contato com nosso próprio estilo de vida.

Temos a tendência de interpretar mal as passagens bíblicas por supormos que os acontecimentos e as idéias que aparecem na Bíblia narram-nos tudo quanto há para se conhecer acerca dos tempos bíblicos. Não é bem assim. Para obtermos uma perspectiva adequada dos acontecimentos bíblicos, precisamos instruir-nos mais acerca dos anos em que a Bíblia foi escrita.

PERÍODOS DA HISTÓRIA

Não podemos trazer de volta o passado, mas temos pistas suficientes que nos proporcionam uma ampla visão da vida naqueles tempos. Quando combinamos esses discernimentos com a narrativa bíblica, começamos a obter um quadro verdadeiramente crível daqueles eventos.

Muitos eruditos modernos dizem que a sociedade antiga era primitiva. Mas os seres humanos antigos não eram menos criativos ou inteligentes do que nós. Suas invenções (a escrita e a aritmética, por exemplo) lançaram os alicerces de todas as civilizações, passadas e presentes. Na verdade, a maior parte dos característicos da civilização — comércio, dinheiro, lei, guerra e que tais — estavam em evidência nos tempos antigos. Desconhecemos o nome dos inventores e dos gênios políticos que nos deram tais coisas. Conhecemos, porém, o esquema geral da história antiga, e ele nos ajuda a entender o que aconteceu nessa época.

A. A Revolução Neolítica. Antes do período neolítico ou "Nova Era da Pedra", que parece ter durado até ao quarto milênio antes de Cristo, a maioria dos povos da Europa e do Oriente Médio viviam em pequenos bandos migratórios. Eram, provavelmente, grupos de famílias que caçavam veado selvagem ou seguiam manadas semi-selvagens que lhes serviam de alimento. Não estabeleciam pontos permanentes de colonização, mas com frequência retornavam aos mesmos locais e usavam os antigos acampamentos de caça por muitos anos, até mesmo por gerações. Alguns deles continuaram com esta prática muito tempo depois de estabelecerem comunidades permanentes. Os patriarcas, por certo, o fizeram (Gênesis 5—9). Os povos neolíticos domesticaram animais selvagens e desenvolveram a agricultura, com seus métodos de irrigação e armazenamento. Com efeito, a Bíblia diz: "Sendo Noé lavrador, passou a plantar uma vinha" (Gênesis 9:20). Têm-se encontrado as mais antigas aldeias neolíticas nas montanhas do Norte do Iraque — a área geral onde se diz ter pousado a Arca. Relíquias neolíticas também têm sido encontradas em Jericó e noutras localidades bíblicas em Israel.

Assim, durante a Era Neolítica, os caçadores que viviam perambulando acomodaram-se para começar o cultivo da terra. Isto significava que diversas gerações viveriam juntas em um lugar. Seus prédios, muros, poços e outras estruturas passavam de uma geração a outra.

B. Os Estados Religiosos Arcaicos. Os estados religiosos arcaicos tiveram início como comunidades agrícolas que possuíam seus próprios rituais religiosos. Aos poucos, o culto local e seus oficiais iam assumindo o controle da aldeia. A comunidade inteira se consagrava ao deus do ritual, e logo esse culto ou ritual praticamente se asse-nhoreava da comunidade. Adoravam-se deuses e deusas agrícolas. Seus rituais seguiam o ciclo agrícola anual.

A medida que cresciam as pequeninas cidades-estados, cresciam também a riqueza e o poder de seus cultos. Cada templo ampliava seu controle, até que todos os cidadãos locais trabalhavam para o templo. Encontramos prova deste tipo de cidade-templo na Suméria (Sinear, na Bíblia), no Egito e no Elão.

Jericó. Uma das mais antigas provas de vida no mundo antigo vem da cidade de Jericó. Aqui os arqueólogos desenterraram uma casa do primitivo Período Neolítico, anterior a 4.000 a.C.

Os reis do antigo Oriente Próximo geralmente oficiavam como sacerdotes de seus cultos locais. À medida que o poder político do templo crescia, crescia também o poder do rei. Cidades da vizinhança que tinham cultos religiosos semelhantes começavam a reunir-se. Uniam suas crenças sob um governo comum. Esses agrupamentos de cidades construíram as grandes torres-templos da Mesopotâmia, as mais antigas pirâmides do Egito, e os maciços edifícios religiosos em outros lugares. Os capítulos 10 a 11 do Gênesis refletem esta tendência.

Os primitivos estados religiosos realizaram grandes coisas. Por exemplo, inventaram a escrita quando começaram a manter registros econômicos, e seus primeiros registros foram feitos,

provavelmente, em cera ou barro. Não demorou muito, arquitetaram a aritmética para ajudá-los no cômputo de suas transações comerciais. Então começaram a registrar princípios de ética, lendas, histórias, leis, canções, poemas e fatos históricos. Assim, na época de Abraão, muitas das civilizações situadas em torno do Mediterrâneo haviam posto seus idiomas em forma escrita.

Quando um estado religioso arcaico declinava e outro o conquistava, a língua local e os hábitos de adoração misturavam-se. Por isso não podemos, hoje, dizer onde se originaram muitas das línguas e crenças antigas. Os povos do Oriente Próximo começaram a adorar muitos deuses do mesmo tipo (uma prática que denominamos *politeísmo*). Narravam lendas sobre famílias de deuses mais velhos e deuses mais jovens. Acrescentaram deuses e mais deuses às suas religiões até que formaram uma aglomeração desnorteante de divindades. Ao trocarem as cidades da Palestina antiga suprimiram com outras regiões do Oriente Próximo, também trocavam costumes religiosos. Deixaram provas dessas religiões pagãs mistas nas antigas cidades de Jericó, Hazor, Bete-Semes e outras. O Antigo Testamento descreve este confuso estado de coisas (Josué 24:2, 15).

C. O Estabelecimento de Impérios (cerca de 2700 a.C). Quando os estados religiosos arcaicos se tornaram ricos e seguros, e proveram mais alimento e proteção para seus povos, o resultado foi a explosão populacional. Os mais bem organizados espalharam-se para além de suas fronteiras tradicionais e abrangeram mais algumas cidades-estados das redondezas. Tornaram-se os primeiros impérios do mundo. O primeiro desses foi, provavelmente, o Egito, seguido depois por Elão, Hati (mais tarde Hatusás), e as cidades semíticas da Mesopotâmia (cf. Gênesis 14:1; Deuteronômio 7:1). Os mesopotâmios instalaram o primeiro ditador do mundo, Sargão de Agade (talvez o "Ninrode" de Gênesis 10). Os arqueólogos encontraram prova de outros reinos poderosos no médio Eufrates e ao longo da costa da Síria e de Israel. Um desses — Ebla, ao norte da Síria — ainda está sob investigação, e é possível que os eruditos necessitem de uma geração para traduzir os registros que estão desenterrando.

Durante esse tempo, fortes nações de navegadores apareceram nas ilhas do Leste do Mediterrâneo e do mar Egeu. Dois grupos que deveríamos lembrar são os minoanos e os acadianos, porque eles comerciaram com os povos da Palestina e com eles cambiaram idéias religiosas.

Foi essa a época de Abraão e seus descendentes, que eram nômades semitas, pois nesse tempo os povos semitas do Oriente Próximo assumiram o comando das culturas não-semíticas mais antigas — tais como os impérios dos sumerianos, dos humanos e dos hititas. O povo de Abraão era rico e sofisticado. Erigiram grandes templos, comerciaram com nações pagãs, e criaram extensas leis e corpos de literatura. A arte e a arquitetura dos sumérios, dos minoanos, dos acadianos e dos egípcios floresceram como nunca dantes. Alguns dos grandes tesouros artísticos de todos os tempos chegaram até nós procedentes dessa época.

D. A Era de Amarna (1500 a.C). Com o declínio dos grandes impérios, as nações do Oriente Médio alcançaram um novo equilíbrio de poder. Os estados menores do Leste do Mediterrâneo e do vale do Tigre-Eufrates escaparam das garras dos impérios estrangeiros. Por algum tempo eles puderam desenvolver-se e comerciar entre si mesmos e com seus vizinhos mais poderosos.



Deusa da Fertilidade. Esta estatueta de uma deusa pagã veio da cidade de Mari, no rio Eufrates, perto de Harã (onde Abraão fez uma parada a caminho de Canaã). Esta figura foi feita por volta de 2500 a.C, cerca de 400 anos antes de Abraão. Pensam os eruditos que a deusa era de uma categoria inferior.

A era recebe seu nome da capital do misterioso faraó Akhenaton. Seus oficiais escreveram muitas cartas aos políticos de importância secundária da Síria-Palestina e aos neo-hititas ao norte, cartas que ainda temos. Os palestinos e os hititas, que supostamente faziam parte do império egípcio, na realidade louvavam o Egito da boca para fora e cuidavam de seus próprios interesses.

O Êxodo e a conquista de Canaã ocorreram nessa época, que foi também a época de Moisés e Josué e da compilação do Pentateuco, os cinco primeiros livros da Bíblia. A riqueza e o esplendor da Era de Amarna têm fascinado os estudiosos de todo o mundo. Podemos ter uma idéia dessa grandeza considerando os tesouros do túmulo do rei Tutancamen. Tutancamen era apenas um rei menino, títere de seus conselheiros. Assim, a grande pilha de objetos preciosos sepultados com ele foi, sem dúvida, tão só uma amostra das riquezas dos grandes faraós dessa época.

De todos os estados do Oriente Próximo pertencentes ao período, devemos prestar especial atenção a Ugarite, na costa do Líbano. Ugarite era o centro da língua e religião cananéias, e as tábulas de argila que os arqueólogos têm encontrado ali jorram muita luz sobre o mundo dos cananeus antes da chegada dos israelitas.

Durante o período de Amarna, os povos do Oriente Próximo comerciavam com a maior parte do mundo conhecido — desde o norte da Europa até às fronteiras da China. A principal potência era Babilônia, que se tornou tão forte ao ponto de controlar o Oriente Próximo no período seguinte da história. A Era de Amarna terminou no período em que Israel estava sob o governo dos juizes. Segundo o Livro dos Juizes, o Oriente Próximo sofreu muita luta política no fim desse período, à medida que os novos impérios faziam suas manobras para controlar a área.

E. Os Estados Multinacionais (desde 1200 a.C). Em sua maioria, os reinos da Era de Amarna eram pequenos, por isso marcamos o fim dessa era no tempo em que surgiram reinos mais amplos. Cada reino de Amarna havia-se limitado ao povo de uma raça, língua ou religião, mas os novos reinos controlavam muitos grupos diferentes. Entre esses novos reinos estavam a Assíria, a Pérsia e as primitivas cidades gregas situadas na região costeira da Turquia.

Essa nova era, para Israel, começou com o reinado de Saul e seguiu-se com o de Davi e o dos seus descendentes. Os livros históricos e proféticos do Antigo Testamento foram escritos nessa época. Os historiadores, amiúde, denominam essa época de Primeira Comunidade de Israel. O rei Davi foi contemporâneo de Homero, o lendário poeta cego de origem grega, que escreveu a *Iliada* e a *Odisséia*, provavelmente no décimo século antes de Cristo.

O rei Salomão, filho de Davi, comerciou com os egípcios, ao sul, e com os hititas, ao norte. Ele elevou Israel ao auge de seu esplendor e poder. No governo de seu filho Roboão, as duas tribos sulinas separaram-se das dez tribos do Norte de Israel. As tribos do Sul congregaram-se em torno de Roboão e foram chamadas nação de Judá, enquanto as do Norte seguiram a Jeroboão, rival de Roboão, e foram denominadas nação de Israel. A Assíria conquistou Israel no ano 722 a.C, e mais tarde, em 586 a.C, o rei Nabucodonosor II da Babilônia destruiu Jerusalém e levou para o cativeiro mais um grupo de judeus.

No século seguinte, a Pérsia veio a ser a principal potência do interior da Ásia. O Império Persa cresceu ao ponto de dominar o Egito, a Babilônia e toda a Síria-Palestina.

F. A Era da Supremacia Grega (450-325 a.C). Por esse tempo, o povo da península grega havia edificado um sistema muito bem-sucedido de cidades-estados e colônias comerciais. Despachavam mercadorias das praias do mar Negro para as costas da Europa e da África e construíam cidades e portos em todas as praias do Mediterrâneo. Contudo, nunca conseguiram unir-se em torno de uma cidade ou de um líder. Quando o período dos estados multinacionais se aproximava do fim, os persas tentaram invadir a Grécia, mas foram repelidos por Atenas e seus aliados. Atenas tornou-se uma grande potência no meio século que se seguiu.

Durante essa nova época, os judeus voltaram à Palestina e reconstruíram sua nação a partir das ruínas. Israel ainda fazia parte do Império Persa, mas os novos reis persas concederam autonomia aos judeus. A este segundo período de autogoverno de Israel os historiadores denominam Segunda Comunidade. Enquanto os persas perdiam força em suas guerras com a Grécia, Israel expandiu-se e retomou alguns de seus antigos territórios.

Então se levantou uma nova potência para unir os estados gregos. O novo conquistador era a Macedônia, sob a liderança do rei Filipe (seu túmulo foi recentemente descoberto na região Norte da Grécia). Filipe deixou o império para seu filho Alexandre. O jovem havia sido instruído na academia de Atenas pelo famoso filósofo Aristóteles. Ele amava a civilização e a cultura gregas, e se pôs a caminho para trazer o mundo todo sob a influência dos costumes gregos. Em linguagem técnica, Alexandre desejava "helenizar" o mundo. Para tanto, Alexandre sabia que devia quebrar o poder da Pérsia, de sorte que esta nunca mais ameaçasse a Grécia. Ele reuniu o melhor exército do mundo e marchou através da Ásia central até à Índia. No decurso dos acontecimentos, ele destruiu os últimos estados arcaicos, paralelamente com suas línguas e seus ritos religiosos.

Alexandre e seus homens empregavam uma forma popular da língua grega, e transmitiram este dialeto aos povos que conquistavam. E o que chamamos *coiné*, ou grego comum. Nesta língua foi escrito o Novo Testamento, e Paulo e os demais missionários primitivos empregavam-na ao pregar o evangelho.

Alexandre Magno foi a figura preeminente do Período Intertestamentário (período situado entre a escritura do Antigo e do Novo Testamentos). Após a morte repentina de Alexandre em 323 a.C, seus generais dividiram entre si as terras conquistadas e estabeleceram reinos helenísticos, dando início a um período conhecido como Idade Helenística. Os reis desse período trataram os judeus com rudeza. Os judeus que se haviam espalhado pelo mundo (um grupo chamado *Diáspora*)

tornaram-se uma mistura de raças e culturas sob os reinos helenísticos. Negligenciaram suas práticas religiosas tradicionais e adquiriram um estilo de vida secular, o qual devia marcar a última antiga potência, Roma.

G. A Era Romana (100 a.C. — 450 d.C). Jesus Cristo nasceu quando o poder político de Roma estava no auge. Começando como uma pequena mas poderosa cidade-estado nas colinas do Centro da Itália, Roma construiu-se nos êxitos do helenismo. Os romanos reuniram grandes frotas de navios para estender seu poder sobre todo o continente europeu — desde a Espanha e Grã-Bretanha até à Arábia e Norte da África. As estradas, os edifícios, os muros e os canais romanos ainda pontilham a paisagem de cada país europeu desde o Atlântico até ao mar Vermelho. Os cristãos usaram este surpreendente sistema de estradas e rotas marítimas para levar o evangelho a todos os cantos e recantos do mundo então conhecido.

Com o tempo, o poder político do Império Romano começou a decair, e as tribos do Norte da Europa o conquistaram. Por esse tempo, contudo, a igreja cristã havia crescido com tanta rapidez que sobreviveu à queda do Império Romano. O Édito de Constantino (A.D. 313) havia dado à igreja um lugar especial na vida de Roma um século antes de o império desmoronar-se. A igreja romana, ao tornar-se a maior força unificadora da Idade Média, governou efetivamente os reinos da Europa durante mil anos.

INFORMAÇÃO SOBRE A VIDA COTIDIANA

Conhecemos o nome de muitos reis e conquistadores dos tempos antigos, mas o que fazia e pensava o público em geral? Em realidade não sabemos muita coisa acerca da vida cotidiana desses povos. Não obstante, a Bíblia nos ministra mais desse tipo de informação do que a maioria das outras fontes. Colhemos uma boa dose de detalhes de 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, e dos livros proféticos do Antigo Testamento.

A melhor informação em seguida nos vem de fontes seculares largamente espaçadas no tempo e localização. Essas fontes narram-nos muitos fatos importantes para nosso estudo da Bíblia.

A. Textos Sumério-Babilônios. Os sumérios estabeleceram-se no vale do Tigre-Eufrates após a era neolítica e fundaram aí vários estados, cada qual com sua religião. O capítulo 10 do Gênesis menciona alguns deles, tais como Kish [Quis] (erradamente apresentado como *Cush* [Cuxe] por muitos tradutores), Babel, Ereque e Acade. No capítulo 10 do Gênesis e noutras passagens, a Bíblia usa a palavra se-mítica *Sinear* para referir-se à Suméria. Essa cidade é a mais importante para nosso estudo deste período.

O povo da Suméria inventou um sistema de escrita fora do comum. Usavam um estilete de caniço para imprimir pequeninos caracteres cuneiformes sobre tábulas de barro, e depois coziam as tábulas num forno até ficarem duras como tijolos. Enterradas em terreno seco, essas tábulas duraram milhares de anos até aos nossos dias. Os sumérios foram muito cuidadosos em guardar registros de decisões legais, contratos e transações comerciais. Desse modo, suas tábulas de argila dão-nos um quadro completo e exato de sua vida diária.

Os babilônios e os assírios estudaram o movimento das estrelas e usaram o que aprenderam

para elaborar um calendário muito preciso, mediante o qual podemos agora calcular o tempo de muitos acontecimentos da história sumério-babilônia quase com a precisão de dia e hora!



O Rolo de Iaaiás. Este é um dos mais bem preservados rolos de pergaminho das cavernas de Qumran, próximas ao mar Morto. Ele contém o livro inteiro de Isaías, copiado entre 100 a.C. e 100 d.C. O rolo tem mais de 7 metros de comprimento. Antes de este e de outros pergaminhos serem descobertos em 1947, os mais antigos manuscritos disponíveis do Antigo Testamento datavam de mais ou menos 900 d.C.



Sargão. Esta máscara de bronze oriunda das ruínas de Nínive, pensa-se, representa o rei Sargão de Agade (Acade). Foi moldada por volta de 2500 a.C. Sargão fez de Agade e Nipur poderosas cidades-estados, que mais tarde se tornaram os núcleos do Império Babilônio.

As tábulas de argila até agora encontradas na Suméria foram escritas principalmente no período médio dos primitivos estados religiosos (cerca de 2000 a.C. a 1650 a.C), mas algumas datam de períodos posteriores, até por volta de 500 a.C. As tábulas dão-nos uma boa quantidade de informações acerca de como a língua hebraica mudou através dos séculos, e como se assemelhava a outras línguas semíticas. Algumas tábulas também nos mostram como os israelitas cruzaram o caminho dos babilônios em diferentes tempos na história.

B. Deir el-Bahari. Também obtemos um vislumbre da vida cotidiana dos tempos antigos nas ruínas de uma aldeia conhecida como Deir el-Bahari. Aqui viviam os operários que construíram os grandes túmulos do Vale dos Reis do Egito, onde os faraós da décima oitava dinastia possuíam túmulos primorosos esculpidos de um *canyon* de pedra (1580-1340 a.C). Os operários de Deir el-Bahari rabiscaram notas acerca de seus feitos diários sobre pedaços de cerâmica. Esses *cocos de cerâmica* eram um tipo barato e abundante de artigos de papelaria. E uma vez que eram realmente pedaços de argila cozida, sobreviveram quase tão bem quanto as tábulas de argila da Suméria.

O que nos dizem, pois, esses cacos de cerâmica? Em primeiro lugar, os artífices tinham muita auto-estima e independência. Trabalhavam um dia de oito horas e uma semana de dez dias segundo o calendário egípcio. Seus senhores lhes pagavam salários e lhes davam rações de alimento. Os cacos de cerâmica mostram que esses operários se preocupavam com o metal, a pedra e as ferramentas de que necessitavam para terminar o projeto, e se queixavam dos que não compareciam ao trabalho. Eram, pois, muito semelhantes aos construtores de nossos dias! Sabemos que trabalhadores como esses também cavavam minas de cobre no Sul do Sinai e construíam estradas na Palestina.

C. Cidades Helenísticas no Egito. No final do século dezenove, os arqueólogos começaram a cavar ao redor das ruínas de antigas cidades localizadas ao lado dos grandes lagos do Baixo Egito. Muitas pessoas viviam ali nos tempos helenísticos, por isso os arqueólogos esperavam encontrar algumas relíquias interessantes. Descobriram pilhas e mais pilhas de *papiros* (um tipo antigo de papel fabricado de junco). Nesses papiros encontraram registros dos muitos pormenores da vida cotidiana das cidades antigas. Os papiros abriram uma nova porta para a compreensão dos costumes dos tempos do Novo Testamento. Na realidade, fizeram reviver o mundo do governo romano imperial. Além disso, os papiros nos deram os mais primitivos manuscritos conhecidos de muitos autores gregos clássicos — dentre eles, Platão, Aristóteles, Homero, Píndaro e Menandro. Os mais importantes de todos os papiros foram alguns dos mais antigos fragmentos do Novo Testamento. Assim, dos montes de ruínas do Egito vieram alguns dos melhores registros da vida cotidiana do mundo antigo.

D. As Cavernas de Qumran. Em 1947 um pastor descobriu enormes potes de barro nas cavernas de Qumran, na praia noroeste do mar Morto. Dentro dos potes encontrou pergaminhos com escritura hebraica muito antiga. Conforme se revelou, foram escritos entre os anos 100 a.C. e 100 d.C. Esses rolos foram alguns dos mais importantes materiais já encontrados na Palestina. Mesmo depois de 2000 anos, eles ainda estavam em bom estado de conservação. Continham o texto de muitos livros do Antigo Testamento, e assim confirmaram que os exemplares posteriores da Bíblia que os tradutores vinham usando eram exatos. Esta foi uma prova de grande peso a favor do ponto de vista conservador das Escrituras, o qual afirma que a Palavra de Deus tem passado de geração a geração com fidelidade. Nem todos os textos de Qumran foram publicados, e muitas das controvérsias a respeito deles ainda não foram solucionadas.

Os arqueólogos têm pesquisado de ponta a ponta a margem ocidental do rio Jordão e os altos penhascos ao longo do mar Morto, mas têm realizado pouco trabalho ao longo da margem oriental, a qual era tão povoada nos tempos antigos quanto a ocidental. E de esperar também que a praia norte do mar Morto produza mais surpresas para o estudo bíblico à medida que a pesquisa continua. Já os achados de Qumran têm-nos ajudado a entender os tempos do Novo Testamento e o controle romano da Palestina.

E.Pompéia e Herculano. Uma violenta erupção do vulcão Vesúvio destruiu duas pequenas cidades romanas ao longo da baía de Nápoles em agosto do ano 79 da era cristã. Os caçadores de tesouros e os cientistas têm escavado as ruínas dessas cidades — Pompéia e Herculano — por mais de 200 anos. Se o leitor visitá-las hoje, verá muitos alqueires exatamente como o eram há 1900 anos.

Eram cidades típicas, e gente rica e gente pobre vivia lado a lado. Os arqueólogos encontraram uma coleção deslumbrante de arte e escultura em ambas as cidades. Também desenterraram algumas obras hidráulicas de grande escala, edifícios bem planejados, e engenhosas ferramentas domésticas. Infelizmente, apenas uns poucos fragmentos de papiros chamuscados sobreviveram à erupção, e esses são cópias de ensaios filosóficos gregos. Desça, porém, as ruas de uma dessas ruínas escavadas sobre a bela baía de Nápoles, e você verá o tipo de mundo que Pedro e Paulo conheceram quando levavam a mensagem de Jesus por todo o Império Romano.

F.Ebla. Esta é uma cidade do Norte da Síria que os arqueólogos começaram a explorar em 1964. Aqui uma equipe italiana desenterrou milhares de tábulas de argila escritas durante o tempo dos estados religiosos primitivos, cerca de 1850 a.C. Até aqui, os italianos têm publicado apenas uns poucos detalhes extraídos desses textos. To davia, mesmo esta informação incompleta mostra que o povo de Ebla tinha um estilo de vida muito sofisticado. Conheciam as culturas e línguas sumerianas e acadianas, e comerciavam com outras cidades-estados abastadas por todo o Oriente Próximo.

Durante muitos anos, os eruditos têm-se perguntado como a literatura da Mesopotâmia chegou aos semitas ocidentais da Síria-Palestina. Agora parece que reinos como Ebla levaram as culturas orientais semitas e sumerianas ao restante do Oriente Próximo.

As tábulas de Ebla mencionam nomes e localidades que já conhecemos por via da história dos patriarcas e do Antigo Testamento, mas os arqueólogos estarão decifrando, traduzindo e publicando essas tábulas por muitos anos. Quando todo o material estiver disponível, ajudar-nos-á a entender o mundo antigo descrito nos primeiros capítulos do Gênesis.

2. História do Antigo Testamento

Pense por uns momentos acerca deste notável volume que chamamos de "Bíblia". Três principais religiões — Cristianismo, Judaísmo e Islamismo — reivindicam a Bíblia ou porções dela como um livro sagrado, e o Cristianismo a reivindica como seu *único* Livro Sagrado. Os cristãos crêem que a Bíblia é a Palavra de Deus para todos os tempos, incluindo o nosso. É por isso que a estudamos e tentamos entendê-la melhor em cada nova geração. Para obtermos mais do que um entendimento casual da Bíblia, devemos formar um quadro claro da história que ela registra.

Por questão de conveniência, estudamos a história do Antigo Testamento em quatro seções: 1) da Criação a Abraão; 2) de Abraão a Moisés; 3) de Moisés a Saul, e 4) de Saul até Cristo.

"Há *um* tema central que permeia todas as histórias do Antigo Testamento", diz William Hendriksen. "Esse tema é o Cristo vindouro."¹ Tenhamos esta afirmativa em mente à medida que examinamos cada seção do Antigo Testamento.

DA CRIAÇÃO A ABRAÃO

Deus revelou a Moisés como ele criou todas as coisas, e Moisés descreveu a Criação no Gênesis. De acordo com esse primeiro livro da Bíblia, Deus criou o mundo e tudo o que nele há em seis dias, e "viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom". No sétimo dia ele descansou de sua obra criadora. Os eruditos cristãos discordam quanto à duração desses "dias", achando alguns que foram longos períodos de tempo.

Os cristãos também divergem quanto à *data* da Criação. As listas de gerações que a Bíblia apresenta podiam saltar nomes, como outras genealogias às vezes o fazem, de modo que muitos estudiosos acham que não podemos, com segurança, somar as idades das pessoas para obtermos o número de anos na história do Antigo Testamento. O número assim obtido poderia ser pequeno demais. Há outras dificuldades, também, para o cálculo das datas da criação — dificuldades complexas demais para que as analisemos aqui.

Depois que criou o homem, Deus o colocou no jardim do Éden. Aqui, Deus ordenou ao primeiro homem e à primeira mulher (Eva) que o adorassem e governassem a terra. (Essa ordem às vezes é chamada de nosso "mandado cultural".) Deus ordenou ao homem e à mulher que não comessem do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Se o fizessem, saberiam o que significava participar do mal, e a vida feliz no Éden lhes seria tirada!

Poderíamos supor que Adão e Eva não tivessem dificuldade em obedecer a esse mandamento, mas alguém mais entrou no quadro: Satanás, que dirige os espíritos maus que conspiram para derrotar a Deus, transformou-se em serpente, e suas mentiras induziram Eva a comer do fruto proibido. Adão acompanhou a mulher na desobediência, e ambos pecaram contra Deus. Em vez de viverem em harmonia com Deus, incorreram no desfavor do Criador e começaram uma vida de pecado e miséria.

Deus prometeu a Adão e Eva que enviaria um Redentor (também chamado Salvador, ou Messias), que os restauraria a uma reta relação com ele mediante a destruição de Satanás (Gênesis 3:15). A Bíblia nos conta como Deus realizou este plano de salvação. Naturalmente, considerando-se que a Palavra de Deus se concentra nesse aspecto da história do mundo, não é de esperar que ela nos narre tudo quanto aconteceu nos tempos antigos. Ela registra só o que necessitamos saber a fim de compreendermos a história da redenção.

Diversas coisas importantes aconteceram no período que decorre entre Adão e Abraão, "o pai de todos os que crêem" (Romanos 4:11). Por exemplo, houve o primeiro homicídio. Adão e Eva tiveram muitos filhos e filhas (Gênesis 5:4), mas a Bíblia cita somente dois por serem importantes para a história da redenção. Eva pensava que seu primogênito, Caim, fosse quem destruiria a Satanás e os livraria da maldição do pecado e da morte (Gênesis 4:1). Mas Caim, movido de áume, matou seu irmão Abel. Deus castigou-o, expulsando-o da comunidade que servia a Deus. (Sabemos que Adão e Eva continuaram a adorar a Deus porque seus filhos ofereceram a ele holocaustos [Gênesis 4:3-5], e o Novo Testamento

refere-se a Abel como um homem de verdadeira fé [Hebreus 11:4].) Não obstante, Deus salvou Caim da Penalidade plena de seu crime; marcou-o de sorte que outras pessoas soubessem que ele não desejava que Caim fosse morto. Não sabemos ao certo qual foi a marca que Deus pôs em Caim, mas deve ter sido claramente visível aos que o encontrassem.

Zigurate de Ur. Este templo de Ur era usado na adoração pagã que Abraão deixou para trás quando foi para a Terra Prometida. A palavra *zigurate* é tradução do assírio *zīqaurah* ("altura, pináculo").

Então Deus deu a Adão e Eva o terceiro filho, Sete, que tomou o lugar de Abel. O Redentor do mundo viria da família de Sete.

Mas, e quanto à família de Caim? A Bíblia mostra que Lameque, filho de Caim, herdou os caminhos maus do pai (Gênesis 4:19-24). Lameque vangloriava-se de não precisar da proteção de Deus, porque podia valer-se de sua espada (Gênesis 4:23-24). Rejeitou os sagrados padrões matrimoniais estabelecidos por Deus e tomou para si mais de uma esposa. Em verdade, ele atribuía valor tão baixo à vida humana, que matou um homem que o feriu.

O mal espalhou-se a toda a humanidade (Gênesis 6:1-4). Diz a Bíblia que gigantes ou "homens poderosos" viviam nesse tempo, mas a sua vida espiritual certamente não correspondia à sua estatura física!

Deus enviou um grande Dilúvio para castigar a humanidade pecaminosa, e este foi o mais importante acontecimento do período antigo. Contudo, Deus preservou a vida de Noé e de sua família numa arca (um grande barco de madeira), de sorte que afinal ele pudesse cumprir a promessa de redimir a raça humana. Muitos cristãos, hoje, estão convencidos de que o Dilúvio cobriu o mundo inteiro. De acordo com 2 Pedro 3:6: ". . . pelas quais veio a perecer o mundo daquele tempo, afogado em água". Gleason L. Archer mostra em detalhe que o tamanho da arca era suficiente para conter todas as variedades de animais que existem hoje.² Sendo assim, com toda a certeza caberiam nela todas as variedades de vida dos dias de Noé. Notemos que Deus mandou entrar na arca sete pares de animais limpos (Gênesis 7:2), e um par de animais impuros (Gênesis 7:15).

Após o Dilúvio, Deus estabeleceu a pena de morte para o homicídio e indicou agentes humanos como executores (Gênesis 9:1-7). Também pôs no firmamento o arco-íris como lembrete ao seu povo de que nunca mais ele destruiria a humanidade pela água (Gênesis 9:11-17).

Não obstante, logo depois do Dilúvio, Canaã (ou "Cão"), filho de Jafé, desrespeitou o pai, pecando contra Deus, e este o amaldiçoou (Gênesis 9:20-29).

Então Deus, por intermédio de Noé, descreveu o curso da história subsequente. Disse que um descendente de Sem traria salvação ao mundo, e que os descendentes de Jafé participariam dessa salvação. A família de Jafé mudou-se para o norte e se constituiu nos progenitores dos gentios dos tempos do Novo Testamento (Gênesis 10:2).

Mais um fato aconteceu antes de Abraão entrar em cena. Orgulhosos moradores de cidade tentaram chegar ao céu mediante a construção de uma torre em Babel (Gênesis 11). Deus condenou seus modos arrogantes dividindo-os em diferentes grupos de línguas, espalhando-os depois para regiões diferentes (Gênesis 11:1-7; cf. 9:1). Foi assim, parece, que se iniciaram as grandes famílias de línguas do mundo.

Que é que tudo isto significa para nós? Mostra, com clareza, que o mal continuou a aumentar desde os tempos do Dilúvio até Abraão. Sabemos que, durante esse período, as pessoas adoravam muitos deuses (Josué 24:2; cf. Gênesis 31:19, 30-32), e a imoralidade campeava. Por isso Deus, que tencionava salvar a humanidade, decidiu começar de novo em uma família, por meio da qual "serão benditas todas as famílias da terra".

DE ABRAÃO A MOISÉS

Para trazer salvação ao restante da humanidade, Deus escolheu a família de Abraão, que morava em Ur, capital do antigo reino da Suméria. Um dia, por volta de 2000 a.C., Deus chamou a Abraão para deixar a casa de seu pai e ir para uma nova terra. A Bíblia acompanha os passos de Abraão desde Ur até Harã (norte da Palestina), através da Palestina, ao Egito, e de volta à Palestina. Deus prometeu dar um filho a Abraão e fazer de sua descendência uma grande nação.

Deus prometeu, também, fazer da família de Abraão uma bênção para todas as nações (Gênesis 12:2-3; 17:1-6). No princípio, Abraão creu no que Deus lhe disse; mais tarde, porém, duvidou de que Deus fizesse como havia prometido, e tentou forçar a mão de Deus. Desse modo, quando Deus não lhe deu um filho tão cedo quanto ele esperava, Abraão tomou a serva de sua mulher, a jovem Hagar, e teve com ela um filho. Muito embora o mundo antigo aceitasse este meio de assegurar um herdeiro, era uma violação da lei de Deus para o casamento (Gênesis 2:24), e Abraão sofreu amargamente as conseqüências de seu pecado. Ismael, seu primogênito, voltou-se contra Isaque, o filho da promessa que nasceu treze anos depois, e como conseqüência teve de deixar a casa de Abraão.

Abraão aprendeu a confiar mais plenamente em Deus à medida que os anos passavam. Por fim, Deus ordenou-lhe que oferecesse Isaque em holocausto como prova de seu amor (Gênesis 22). Abraão, certo de que Deus esperava obediência de sua parte, confiantemente deitou o filho sobre o altar para imolá-lo (cf. Hebreus 11:17-19). No último minuto, Deus ordenou-lhe que não matasse a Isaque e deu-lhe um carneiro para o sacrifício.

Doutra feita, Abraão pediu a Deus que poupasse as cidades pecaminosas onde morava seu sobrinho Ló. Este falhara em redimir sua comunidade (cf. 2 Pedro 2:8). Deus não pôde encontrar nem mesmo dez justos ali, e destruiu as cidades conforme havia planejado. O Senhor continuava preparando Abraão e sua família para obedecer a ele.

A seguir a Bíblia nos chama a atenção para a vida de Jacó, segundo filho de Isaque, o qual viveu por volta do ano 1850 a.C. Deus escolheu a Jacó para herdar as promessas que ele havia feito a Abraão e a Isaque, e nomeou a família dele como aquela que traria ao mundo o Redentor.

Mas que escolha pouco prometedor! Jacó cresceu como um enganador que buscava seus próprios interesses. Ele iludiu seu irmão e mentiu ao pai a fim de furta o direito de primogenitura de Esaú. Como resultado, teve de fugir para a casa de seu tio Labão a fim de escapar à ira do irmão. Deus confrontou-o quando ele fugia; não obstante, Jacó defendeu sua posição.

Assim, Deus começou um longo e lento trabalho de ensinar a Jacó como confiar nele. O Senhor deu a Jacó uma boa esposa e grandes posses. Seu tio usou de um ardil e o fez casar-se com Lia, uma moça que não era do agrado de Jacó, mas ele insistiu em casar-se com Raquel também. Jacó enriqueceu-se, mas sua ganância criou problemas de família e ele teve de deixar a terra de Labão. De volta ao lar paterno na Palestina, verificou que Deus lhe havia preparado o caminho, e que seu irmão já não estava irado com ele.

Mas os problemas de Jacó não haviam terminado. Anos mais tarde, José, seu filho mais jovem, sonhou que algum dia seus irmãos se curvariam diante dele, juntamente com seus pais. Os dez irmãos, ressentidos com o sonho e enciumados com a óbvia preferência de Jacó por José, prepararam-lhe uma armadilha e o venderam como escravo. Depois disseram ao pai que ele estava morto.

Os mercadores de escravos levaram José para o Egito, onde ele veio a ser um dos servos de Faraó. Deus usou José para interpretar os sonhos do rei, e o jovem chegou ao segundo posto de comando, logo abaixo de Faraó.

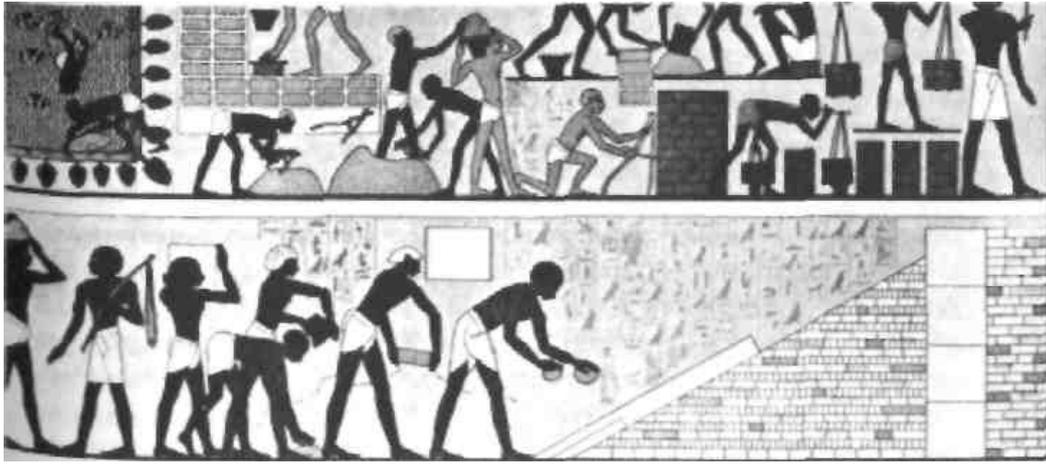
Então uma fome na Palestina levou a família de José ao Egito em busca de alimento. Seus irmãos mais velhos vieram primeiro. Quando se inclinaram diante de José, de imediato ele os reconheceu; porém não lhes disse quem era. Finalmente, José obrigou-os a trazer consigo ao Egito seu irmão mais novo, Benjamim, e então revelou sua verdadeira identidade e lhes perdoou por haverem-no vendido à escravidão. José convidou-os a trazer toda a família. Faraó recebeu-os carinhosamente e lhes permitiu estabelecer-se numa região rica do Egito.

DE MOISÉS A SAUL

Agora a Bíblia passa a focalizar a figura de Moisés (cerca de 1526-1406 a.C), que ocupa um lugar vital na história da redenção. Os descendentes de Jacó tinham tantos filhos que os faraós temiam que viessem a dominar o país. Assim, um novo faraó os submeteu à escravidão e ordenou que todos os meninos recém-nascidos fossem mortos. A mãe de Moisés colocou-o num cestinho que foi posto para flutuar no rio, próximo do local onde a filha de faraó ia banhar-se. Havendo a princesa encontrado o nenê, levou-o para o palácio a fim de criá-lo como filho adotivo. A mãe de Moisés veio a ser sua ama-de-leite e provavelmente ela tenha cuidado dele um bom tempo depois de desmamado (Êxodo 2:7-10).

Quando jovem, Moisés começou a sentir-se pesaroso pela situação do seu povo, e desejava livrá-los da escravidão (Êxodo 2:11; Atos 7:24-25). Com aproximadamente 40 anos, Moisés, encolerizado, matou um egípcio que espancava um israelita. Com medo de que faraó mandasse executá-lo, fugiu para o Deserto de Midiã (Êxodo 2:14-15), onde se casou com uma mulher da família de Jetro (também chamado "Reuel"), sacerdote pagão. Moisés concordou em pastorear o rebanho de Jetro (Êxodo 2:16-21).

Fabricação de tijolos. Murais do túmulo de Rekhmire, vizir do faraó Tutmés III, mostram como eram feitos os tijolos no Egito na época do Êxodo (1446 a.C). No alto, à esquerda, vemos dois homens tirando água de um tanque para fazer o barro. Ao lado deles, dois outros trabalham a argila. Escravos prensam o barro em moldes de madeira para fazer os tijolos, os quais são expostos ao sol para secar. Observe-se que o escravo ajoelhado no meio do quadro superior tem pele mais clara que os demais; isto indica que ele era de origem semítica, talvez hebreu. O quadro inferior mostra como os tijolos eram assentados com argamassa.



Moisés

A figura mais decisiva da história do Antigo Testamento foi Moisés, que livrou o povo de Israel do cativeiro. Alguns comentaristas crêem que seu nome é uma combinação das palavras egípcias "água" (*mo*) e "tirar" (*shi*). Pode ser, pois, um lembrete de como a filha de faraó tirou o menino Moisés do cesto que flutuava no Nilo (Êxodo 2).

Moisés tinha um irmão mais velho por nome Arão e uma irmã chamada Miriã. Ele nasceu logo depois que faraó ordenou a seus soldados que matassem todos os meninos israelitas recém-nascidos como forma de controlar a população dos escravos. A mãe de Moisés fez um cesto de junco, colocou nele o menino, e deixou-o a flutuar no rio Nilo sob os olhos vigilantes da irmã. Quando a filha de faraó encontrou o menino, adotou-o na família real.

Quando jovem, Moisés, num acesso de fúria, matou um capataz de escravos egípcio (Êxodo 2:11ss.). Fugiu para a terra inóspita de Midiã, onde se casou com Zípora, filha dum sacerdote. O casal teve dois filhos — Gerson e Eliezer (Êxodo 222; 18:4).

Depois de haver Moisés vivido em Midiã cerca de quarenta anos, o Senhor apareceu-lhe numa sarça ardente ao lado do monte Sinai ou Horebe (Êxodo 3), e deu-lhe instruções para tirar seu povo do Egito e conduzi-lo à Terra Prometida de Canaã. Moisés alegou que não poderia convencer o rei a permitir que os israelitas saíssem, de modo que o Senhor o deixou levar consigo a Arão como seu porta-voz.

Moisés voltou ao Egito levando a mensagem: "Deixa ir o meu povo." Uma vez que o rei exigiu um sinal de poder divino para confirmar a mensagem de Moisés, este foi lançado contra os magos da corte de faraó. (Segundo a tradição judaica, os nomes dos magos eram Janes e Jam-bres.) Conquanto o rei visse Moisés e Arão realizarem milagres mais espetaculares do que os de seus próprios magos, ele se recusou a permitir que o povo saísse. Então Deus enviou uma série de dez pragas que culminaram com a morte de todos os primogênitos do Egito — incluindo o próprio filho de faraó — a fim de convencer o monarca, que finalmente resolveu honrar a solicitação de Moisés. Mesmo assim, o rei mudou de idéia enquanto os israelitas deixavam o país e tentou detê-los nas praias do mar Vermelho, mas Deus dividiu as águas de sorte que os israelitas escaparam.

Moisés conduziu o povo ao monte Sinai, onde ele se encontrou com Deus e recebeu um sistema de leis para governá-los na Terra Prometida. Deus resumiu essa lei nos Dez Mandamentos, que ele gravou em tábuas de pedra e deu a Moisés. De volta ao acampamento israelita, Moisés verificou que o povo havia voltado à adoração pagã, e, cheio de ira, arremessou as tábuas ao chão, simbolizando que o povo havia quebrado a aliança. Depois que o povo se arrependeu do pecado, Moisés voltou ao monte e recebeu de novo os Dez Mandamentos.

Durante quarenta anos os israelitas peregrinaram no deserto entre Sinai e Canaã, e nesse tempo Moisés e Arão foram seus governantes civis e religiosos. Deus impediu Moisés de entrar na Terra Prometida por haver-lhe desobedecido em Meribá, onde ele feriu uma pedra com sua vara para obter água. Não obstante, Deus conduziu Moisés ao topo do monte Nebo, de onde ele viu a Terra Prometida e depois morreu.

Nos seus 120 anos de vida, Moisés conduziu o povo da escravidão para a liberdade, registrou sua história passada escrevendo o que são hoje os cinco primeiros livros do Antigo Testamento, e recebeu a Lei que os governaria por séculos vindouros.

Decorridos mais ou menos 40 anos, Deus falou a Moisés do meio de um arbusto que ardia mas não se consumia. Ordenou-lhe que voltasse ao Egito e conduzisse os israelitas à Palestina, a terra que ele havia prometido a Abraão. Moisés não se julgava em condições de realizar esta tarefa, e apresentou escusas para não ir. Mas Deus contestou a todas elas, e lhe deu o poder de operar milagres que induziria os israelitas a segui-lo. Deus revelou seu nome santo *YHWH* (às vezes traduzido por “Jeová”) a Moisés. Moisés tentou tirar o corpo fora, alegando: "sou pesado de boca e pesado de língua." Talvez ele tivesse alguma dificuldade para falar. Então Deus permitiu que Arão o acompanhasse e traduzisse o que ele tinha para dizer (Êxodo 7:1).

Moisés e Arão persuadiram o povo de Israel a segui-los, mas faraó recusou-se a deixá-los ir. Então Deus enviou sobre o Egito dez pragas devastadoras a fim de mudar o coração de faraó (Êxodo 7:17-12:36). A última matou o primogênito de todo lar cujas portas não estavam marcadas com sangue. Visto que o povo de Israel obedeceu às instruções de Deus, o anjo da morte não feriu os seus primogênitos. (Deus mandou que os israelitas celebrassem este acontecimento com uma festa anual denominada "Páscoa".) A praga da morte fez o rei ceder e permitir que os israelitas retornassem à sua terra natal. Mas tão logo eles saíram, o rei mudou de idéia e mandou seu exército para trazê-los de volta.

Deus conduziu seu povo ao mar Vermelho, onde partiu as águas e eles puderam atravessar a pé enxuto. Alguns estudiosos, como Leon Wood, calculam que isso aconteceu por volta de 1446 a.C.³

Moisés conduziu o povo ao Monte Sinai. No caminho, Deus lhes deu, de maneira miraculosa, pão e codornizes como alimento. No monte Sinai Deus revelou, por intermédio de Moisés, as leis e os planos sociais que transformariam os israelitas numa nação santa. Essas leis e esses planos incluíam os Dez Mandamentos.

Do Sinai, Deus conduziu os israelitas a Cades, donde enviaram espias à Palestina. Os espias relataram que a terra era rica e fértil, porém cheia de gigantes. Em sua maioria, esses espias acreditavam que os gigantes os destruiriam se tentassem tomar-lhes a terra. Somente dois — Calebe e Josué — acharam que valia a pena lutar. Os israelitas aceitaram o conselho cético da maioria e afastaram-se da Palestina. Deus condenou-os a peregrinar no deserto por quarenta anos por não confiarem nele.

Ao fim da peregrinação, acamparam-se nas planícies de Moabe. Aqui Moisés falou-lhes pela última vez, e suas palavras foram registradas no livro de Deuterônimo. Moisés transferiu a liderança para Josué e ordenou a este que o substituísse. Depois anunciou ao povo que Deus entregaria a Palestina nas mãos de Josué, deu suas instruções finais e terminou com um hino de louvor a Deus. Note-se que Moisés não pôde entrar na Terra Prometida porque se rebelara contra Deus em Meribá (Números 20:12). Mas depois de Moisés haver apresentado suas despedidas, Deus levou-o ao topo do monte Nebo para ver a terra na qual entrariam. Ali ele morreu.

Após a morte de Moisés Deus falou a Josué, estimulando-o a permanecer fiel ao seu chamado. O sucessor de Moisés revelou-se líder capaz do exército de Israel na batalha contra Ameleque (Êxodo 17:8-16). Agora Deus usava a Josué para conduzir o povo de Israel na conquista de Canaã. Ele fora um dos espias que haviam olhado a Terra Prometida pela primeira vez. Ele e Calebe, por confiarem que Deus lhes daria a terra, foram os únicos adultos de sua geração a quem Deus permitiu entrar nela. Todos os demais morreram no deserto.

Imediatamente, Josué guiou Israel à Terra Prometida. Deus recompensou-lhe a fé ajudando Israel a apossar-se da terra. Primeiro, Deus partiu as águas do rio Jordão, transbordante naquela época, de modo que pudessem cruzá-lo a pé enxuto (Josué 3:14-17). A seguir o anjo do Senhor guiou os israelitas em sua miraculosa vitória em Jericó, a primeira cidade conquistada na Terra Prometida. Ao tocar o povo as trombetas conforme Deus havia ordenado, os muros da cidade caíram (Josué 6). Sob a liderança de Josué, Israel passou a conquistar o país inteiro. Somente em Ai, em virtude da desobediência de um de seus homens, Israel conheceu a derrota (Josué 7), mas uma vez aprendida a lição, os israelitas fizeram a tentativa, e desta vez venceram. No todo, conquistaram 31 reis no novo território. Josué dividiu a terra entre as tribos israelitas segundo as instruções de Deus, e pouco antes de morrer insistiu com o povo a continuar confiando em Deus e obedecendo-lhe às ordens.

Porém, não foi isso o que fizeram. Após a morte de Josué, "cada um fazia o que achava mais reto" (Juizes 21:25). Os grandes líderes desse período atuaram à semelhança de Moisés e de Josué; eram heróis militares e juizes que presidiam os tribunais de Israel, daí a denominação que lhes damos de "juizes". Os mais dignos de nota foram: Otniel, Débora (a única mulher juíza), Gideão, Jefté, Sansão, Eli, e Samuel (Rute também viveu nesse período).

À medida que você ler as histórias desses heróis antigos, gaste algum tempo extra, examinando a vida de Samuel. Ele foi uma das mais importantes figuras dessa época.

A mãe de Samuel havia orado pedindo um filho, de modo que ela louvou a Deus por vê-lo nascer (1 Samuel 2:1-10). Os pais de Samuel deram-no ao sumo sacerdote Eli a fim de ser preparado para servir ao Senhor. Dessa maneira, desde criança Samuel ajudava Eli a cuidar da Tenda da Congregação. Aqui ele ouviu o chamado de Deus para tornar-se o novo dirigente de Israel, como profeta e juiz.

Antes de Samuel, os israelitas davam aos profetas o nome de "videntes" (1 Samuel 9:9; cf.

Deuteronômio 13:1-15; 18:15-22). Samuel, porém, à semelhança de outros profetas posteriores, não era apenas um previsor do futuro. Ele dava ao povo as mensagens de Deus acerca da vida que levavam, freqüentemente censurando a nação por seus maus caminhos. Ele permanece como o primeiro dos grandes profetas de Israel e o último dos juizes. Sob a orientação de Deus, ele ungiu a Saul o primeiro rei humano sobre Israel (1 Samuel 8:19-22; cf. Deuteronômio 4:14-20), embora mais tarde lamentasse por isso.

REIS DE ISRAEL

Nome	Duração do Reinado (Anos)	Referência
Jeroboão I	22	1 Reis 11:26-14:20
Nadabe	2	1 Reis 15:25-28
Baasa	24	1 Reis 15:27-16:7
Ela	2	1 Reis 16:6-14
Zinri	(7 dias)	1 Reis 16:9-20
Onri	12	1 Reis 16:15-28
Acabe	21	1 Reis 16:28-22:40
<i>Acazias</i>	1	1 Reis 22:40—2 Reis 1:18
Jorão (Jeorão)	11	2 Reis 3:1-9:25
Jeú	28	2 Reis 9:1-10:36
Jeoacaz	16	2 Reis 13:1-9
Jeoás (Joás)	16	2 Reis 13:10-14:16
Jeroboão II	40	2 Reis 14:23-29
Zacarias	(6 meses)	2 Reis 14:29-15:12
Salum	(1 mês)	2 Reis 15:10-15
Menaém	10	2 Reis 15:14-22
Pecaías	2	2 Reis 15:22-26
Peca	20	2 Reis 15:27-31
<i>Oséias</i>	9	2 Reis 15:30-17:6

Reis de Judá

Roboão	17	1 Reis 11:42-14:31
Abiã (Abias)	3	1 Reis 14:31-15:8
Asa	41	1 Reis 15:8-24
Josafá	25	1 Reis 22:41-51
Jeorão	8	2 Reis 8:16-24
Acazias	1	2 Reis 8:24-9:29
Atalia	6	2 Reis 11:1-20
Joás	40	2 Reis 11:1-12:21
Amazias	29	2 Reis 14:1-20
Azarias (Uzias)	52	2 Reis 15:1-7
Jotão	18	2 Reis 15:32-38
Acáz	19	2 Reis 16:1-20
Ezequias	29	2 Reis 18:1-20:21
Manasses	55	2 Reis 21:1-18
Amom	2	2 Reis 21:19-26
Josias	31	2 Reis 22:1-23:30
Jeoacaz	(3 meses)	2 Reis 23:31-33
Jeoquim	11	2 Reis 23:34-24:5
Joaquim	(3 meses)	2 Reis 24:8-16
Zedequias	11	2 Reis 24:17-25:30

O REINO UNIDO

Em seus primeiros anos, Saul apareceu como um homem revestido de humildade e autodomínio. Contudo, com o correr dos anos seu caráter mudou. Tornou-se obstinado, desobediente a Deus, ciumento, odioso e supersticioso. Sua raiva voltou-se contra Davi, o jovem guerreiro que matou o gigante Golias e que servia como músico da corte. Muitas vezes Saul tentou assassinar a Davi, enciumado pela popularidade deste (1 Samuel 18:5-9; 19:8-10).

Deus, porém, secretamente havia escolhido a Davi para ser o próximo rei, e prometeu o reino à família de Davi para sempre (1 Samuel 16:1-13; 2 Samuel 7:12-16). Não obstante, Saul continuou como rei por muitos anos.

Após a morte de Saul, o rei Davi trouxe a arca da aliança para Jerusalém (cf. Deuteronômio 12:1-14; 2 Samuel 6:1-11). Tratava-se de uma caixa de madeira contendo as tábuas de pedra nas quais Deus escrevera para Moisés os Dez Mandamentos. Os israelitas a haviam transportado consigo durante os anos de peregrinação no deserto, e prezavam-na como um objeto sagrado. Abrigando a arca, a capital do reino de Davi se tornaria o centro espiritual da nação, bem como o seu centro político.

Arca da Aliança. Este baixo-relevo da sinagoga de Cafarnaum mostra a arca da aliança. Ela era guardada no Santo dos santos do templo em Jerusalém. Desapareceu quando as tropas de Nabucodonosor arrasaram a cidade em 586 a.C.

Davi reunia as qualidades que o povo buscava — habilidade militar, sagacidade política e agudo senso de dever religioso. Havia tornado Israel a nação mais forte e mais segura do que nunca antes.

Mas Davi era um ser humano, com fraquezas como toda gente. Ele entretinha a idéia de iniciar um harém, à semelhança dos outros reis, e planejou o assassinio de um oficial de seu exército com o fito de casar-se com a esposa dele, a qual havia seduzido. Fez um recenseamento dos homens de Israel porque já confiava mais na força do seu exército do que em Deus. Por esses pecados Deus castigou a Davi e com ele Israel. Davi, por ser o chefe da nação, ao pecar contra Deus todo o povo sofria o castigo.

Salomão, filho de Davi, foi o próximo rei de Israel. Apesar da lendária sabedoria de Salomão, ele nem sempre viveu sabiamente. Ele executou o plano político de Davi, fortalecendo seu poderio sobre os territórios conquistados pelo pai. Ele era um arguto homem de negócios, e fez alguns acordos comerciais que proporcionaram grande riqueza a Israel (1 Reis 10:14-15). Deus também usou a Salomão para construir o grande templo em Jerusalém (cf. Deuteronômio 12:1-14). Mas o pródigo estilo de vida de Salomão aumentou o peso dos impostos sobre o povo em geral. Salomão herdou do pai a atração por mulheres, e concluiu transações comerciais com reis estrangeiros que envolviam "casamentos políticos", e desse modo formou um harém de esposas oriundas de muitas terras (1 Reis 11:1-8). Essas esposas pagãs induziram-no a adorar deuses pagãos, e não demorou para que ele estabelecesse seus ritos e cerimônias em Jerusalém.

O REINO DIVIDIDO

Depois de Salomão, a prosperidade de Israel entrou em declínio. A nação rebelou-se contra Deus e suas leis. Deus podia ter destruído a Israel, mas não o fez porque ainda planejava servir-se da casa de Davi para trazer o Redentor que salvaria o mundo do pecado. Ele havia prometido levantar este Redentor na família de Abraão, e ten-Qonava cumprir a promessa.

Com a morte de Salomão, Israel mergulhou numa sangrenta guerra civil em que os filhos e generais de Salomão brigavam pelo trono. Roboão tinha a bênção paterna para ser o novo rei, mas Jeroboão, seu rival, exercia maior influência entre os chefes militares da terra. No fim, Roboão tomou a metade Sul do país e lhe deu o nome de Judá. Jeroboão estabeleceu seu próprio governo na metade Norte e conservou o nome de Israel. Cada um reivindicava ser o escolhido de Deus.

Veja os dois mapas que cobrem este período, e notará os principais líderes de Israel e de Judá, incluindo os principais profetas. O primeiro mapa (Figura 1) mostra quem governou Israel e Judá em cada geração. O outro mapa (Figura 2), mostra o que mais estava acontecendo no período da divisão do reino. Nenhum dos reis de Israel serviu a Deus, e Judá não foi muito melhor. Somente os reis Asa, Josafá, Joás (Jeoás), Amazias, Azarias, Jotão, Ezequias e Josias foram fiéis à Palavra de Deus. Finalmente, Deus permitiu que os impérios pagãos da Assíria e da Babilônia destruíssem a ambos os reinos e levassem os seus povos para o exílio.

Dois importantes dirigentes surgiram no tempo da divisão do reino. O primeiro foi o profeta Elias, que se destaca como um personagem singularmente austero na história bíblica. Não sabemos de onde ele veio; simplesmente apareceu perante o malvado Acabe e declarou que Deus traria uma longa seca por causa da perversidade do povo. Elias fugiu para o deserto e se deteve junto ao ribeiro de Querite, onde Deus miraculosamente proveu-lhe alimento. Havendo o ribeiro secado, Deus o enviou para socorrer a

viúva de Sarepta, que sofria as conseqüências da seca. Ela estava quase sem alimento quando o profeta chegou à sua porta, mas de qualquer modo ela lhe deu o que comer. Levando esse fato em consideração, o homem de Deus resolveu permanecer na casa e os milagres se sucederam: os suprimentos da viúva nunca se esgotaram enquanto o profeta esteve ali, e havendo morrido o filho dela, Elias o ressuscitou.

Então Elias voltou à presença do rei Acabe e lhe disse que convocasse todos os profetas do deus pagão Baal, a quem Jezabel, esposa de Acabe, adorava, para encontrar-se com ele no monte Carmelo. Aqui desafiou os profetas para uma competição: provar qual deus era mais forte. Elias pediu a Deus que enviasse fogo do céu para acender o fogo de um sacrifício sobre uma pilha de lenha molhada. Deus atendeu ao pedido, e Elias matou os falsos profetas (cf. Deuteronômio 13:5). A seguir o profeta pediu a Deus que suspendesse a seca, e Deus enviou uma grande chuva. Elias sentiu-se tão feliz que saiu em disparada para os portões de Jezreel, correndo mais do que o rei e seus carros.

As ameaças de Jezabel deixaram Elias tão desanimado e amedrontado que ele pediu a Deus que o deixasse morrer. Deus, porém, ao invés de atendê-lo, enviou anjos para servi-lo e ordenou-lhe que recrutasse dois futuros reis e seu próprio sucessor. Elias obedeceu, indicando um lavrador por nome Eliseu para ser o novo profeta.

O REINO DIVIDIDO

	Acontecimentos Bíblicos	Acontecimentos Seculares
	Divisão do Reino (931) Reforma de Asa em Judá (910)	O faraó Sisaque invade a Palestina (925)
900 a.C	Onri faz Samaria sua Capital (879) Acabe e Jezabel levam Israel à idolatria (c. de 870) Elias e Eliseu Jeú paga tributo a Salmaneser III (841)	Assíria começa sua ascensão ao poder (c. de 900) A batalha de Qarqar (853) Tiro paga tributo a Salmaneser III (841)
800 a.C	Bandos de moabitas invadem Israel (795) Uzias ferido de lepra (c de 750) Começo do ministério de Isaias (c. de 739) A queda de Israel (723)	Assíria destrói Damasco (732) Tiro cai nas mãos da Assíria (723) Senaqueribe invade Judá (701)
700 a.C	Manasses levado para a Babilônia (c. de 648) Jeremias começa seu ministério (c. de 627) reforma de Josias (621) Daniel e seus amigos levados para a Babilônia (605).	Esar-Hadom da Assíria captura Sidom (677) Egito derruba seus governantes etíopes (663) Nabopolassar destrona os assírios (625) Queda de Ninive (612)
700 a.C	Queda de Jerusalém (597) Queda de Judá e o Exílio (586)	Nabucodonosor invade o Egito (568)

Elias defrontou-se de novo com Acabe, condenando-o e a Jezabel por assassinares seu vizinho Nabote a fim de lhe tomarem a vinha. O rei enviou duas companhias de soldados para capturar o profeta, mas Elias invocou fogo do céu a fim de destruí-los. Uma vez mais ele declarou o destino do rei.

Logo depois disso, Elias e Eliseu saíram para um passeio, analisando os problemas que a nação enfrentava. Chegadas ao Jordão, Elias dividiu as águas ferindo-as com o seu manto. Atravessaram com toda a calma, como se fora uma prática cotidiana! Enquanto conversavam à margem do rio, um carro de fogo desceu do céu e arrebatou a Elias num redemoinho, e seu manto caiu sobre Eliseu.

A segunda grande personalidade do reino dividido foi Eliseu. De muitas maneiras ele foi como seu mestre. Ambos dividiram as águas do Jordão, trouxeram chuva em tempos de seca, aumentaram o estoque de alimento de uma viúva, ressuscitaram um menino, operaram milagres para os gentios, pronunciaram sentenças sobre reis, e destruíram seus inimigos com poder sobrenatural. Mas também havia diferenças entre eles. Pouco antes de Elias ser levado para o céu, orou pedindo a Deus que desse a Eliseu uma porção dobrada do seu espírito. Sem dúvida, isso tinha algo que ver com as diferenças entre os dois homens. Enquanto Elias passou por momentos de depressão, Eliseu revelou uma atitude de triunfo e de confiança. Nunca parecia queixar-se nem perder a coragem. As Escrituras mostram que ele operou mais milagres do que qualquer outro profeta do Antigo Testamento (p. ex., 2 Reis 4:38-5:19).

Isaías, Jeremias, Amos, Oséias, Miquéias, Ezequiel e outros profetas advertiram a Israel e a Judá de que Deus lhes castigaria a maldade. Isaías e Ezequiel também tiveram palavras de consolação para o povo depois que foram para o exílio. Deus serviu-se desses homens como seus porta-vozes sagrados nessa época decisiva da história de seu povo.

DO EXÍLIO AO RETORNO

Mais de uma vez o povo judeu foi levado para o exílio. Assim, quando nos referimos ao exílio devemos tomar o cuidado de definir *qual* deles. Por duas vezes os assírios conquistaram o reino do Norte (Israel); o reino do Sul (Judá) foi conquistado uma vez pela Assíria e três vezes pelos babilônios. Cada vez, os conquistadores levaram muitos cativos. Na maioria das vezes em que falamos sobre o exílio, referimo-nos ao cativeiro de Judá na Babilônia, que durou setenta anos.

Religiosamente falando, o cativeiro babilônico teve três fases sucessivas: uma de esperança irrealística (cf. Jeremias 29; Ezequiel 17:11-24); uma de esperança mais verdadeira e mais humilde, quando Deus usou Ezequiel para consolar o povo (Ezequiel 36-38); e uma de esperança revivida no tempo de Daniel. Os judeus regressaram do exílio em duas ocasiões: um grupo, dirigido por Sesbazar e Zorobabel (Es-dras 1:8-2:70); o outro, conduzido por Esdras e Neemias (Esdras 8:1-14). Conforme Isaías havia predito (Isaías 44:28; 45:1), Deus suscitou um rei pagão de coração bondoso — Ciro da Pérsia — que permitiu aos judeus o regresso à Palestina. O povo que havia tomado seu lugar tentou arruinar-lhes os planos; mas os judeus reconstruíram o templo em Jerusalém e voltaram a estabelecer-se em sua terra. Os profetas Zacarias e Ageu incentivaram o povo em sua obra. Mas para o fim desse período, Malaquias os condenou por voltarem às suas práticas pecaminosas.

HISTÓRIA INTERTESTAMENTÁRIA

Nem sempre é claro o que aconteceu nos 400 anos decorridos entre o registro de Malaquias e o tempo em que Jesus nasceu. Denominamos esse interregno de "Período Intertestamentário" porque é o espaço de tempo entre a escritura do Antigo e a do Novo Testamentos.

Sabemos que a nação restaurada de Israel passou por sérios transtornos políticos durante esse tempo. Depois que Alexandre Magno conquistou o Império Persa, príncipes e generais gregos lutaram pelo direito de governar o Oriente Próximo. O rei selêucida Antíoco III tomou a Palestina das mãos do Egito em 198 a.C. e tentou fazer dela uma base para um novo império no Oriente. Mas Antíoco III não era rival para as legiões romanas, e estas derrotaram seu exército em 190 a.C. e fizeram dele um governante títere na cadeia romana de comando.

A família dos macabeus (descendentes do sumo sacerdote Matatias) começou uma guerra civil contra os governadores selêucidas e capturaram Jerusalém no ano 164 a.C, mas não puderam expulsar completamente os selêucidas de seus negócios até 134 a.C. Nesse ano, João Hircano I, da família dos macabeus, estabeleceu sua própria dinastia, a dos asmoneus, a qual governou até ao ano 37 a.C, quando Roma estabeleceu a família herodiana como o novo governo títere da Palestina.

Os livros intitulados 1 e 2 dos Macabeus descrevem a revolta ma-cabeia e o caos da Palestina até ao tempo dos asmoneus. Os católicos romanos incluem esses livros e outros escritos do período intertestamentário em sua Bíblia, o que não fazem os protestantes.

A história do Antigo Testamento pinta um quadro colorido dos tratos de Deus com o homem, porém não nos apresenta a história completa do plano de Deus para redimir os homens do pecado. O Novo Testamento leva-nos ao clímax da obra redentora de Deus, porque nos apresenta o Messias, Jesus Cristo, e o começo da sua igreja.

3. Cronologia do Antigo Testamento

DESCOBRINDO AS DATAS DE EVENTOS BÍBLICOS

A Escritura diz-nos como Deus se revelou em pontos específicos no tempo. Para que possamos compreender a relação dessas revelações divinas com outros eventos históricos, precisamos conhecer as datas dos acontecimentos bíblicos.

A palavra *cronologia*, do grego *chronos*, significa simplesmente a datação de acontecimentos históricos dentro da corrente do tempo. A Bíblia dedica considerável espaço a questões cronológicas.

Por exemplo, os profetas datavam seus escritos para mostrar o pano de fundo de sua mensagem. Suas notas cronológicas ajudam-nos a entender por que Deus disse o que disse, e por que fez o que fez em cada época particular.

O povo judeu observava um calendário lunar que fixava as festas religiosas em determinadas estações do ano. Os israelitas colhiam a cevada na primavera durante o mês de abibe, o primeiro do ano religioso (Êxodo 23:15). Após o exílio, deram a esse mês o nome de nisã. Celebravam a Festa das Semanas durante o mês de sivã, que começava no verão, na colheita do trigo (Êxodo 34:22). A Festa da Colheita (ou Festa dos Tabernáculos) coincidia com a colheita geral feita no outono, no mês de etanim, mais tarde chamado tisri (Êxodo 34:22). Geralmente os meses eram de trinta dias, mas desde que eram contados a partir da lua nova, o calendário às vezes demandava um mês de 29 dias. O calendário lunar era onze dias mais curto do que o solar; não obstante, para ajustar as estações, os israelitas às vezes tinham de acrescentar um décimo terceiro mês ao ano. Isto lhes dava alguns dias de ano bissexto. O padrão de inserir dias de ano bissexto repetia-se num ciclo de dezenove anos.

O ESTABELECIMENTO DE DATAS ABSOLUTAS

A Bíblia não apresenta sua cronologia de acordo com o calendário hoje em uso. Para estabelecer datas absolutas, precisamos de compreender o sistema bíblico de registrar as datas dos reis e então coloca-lo ao lado das datas correspondentes aos governantes da Assíria e da Babilônia. Os assírios baseavam sua história em dados astronômicos, e assim podemos checar as datas assírias em face do movimento das estrelas, o que nosso conhecimento presente nos capacita a marcar com precisão. Depois podemos usar essa informação para localizar exatamente as datas dos eventos do Antigo Testamento.

A. Listas Assírias. As listas epônimas dos assírios dão as datas dos seus reis. *Epônimo* é uma pessoa que serviu para dar nome a um período de tempo: por exemplo, a Rainha Elizabeth I da Inglaterra foi o epônimo da Era Elizabetana. Assim, as listas assírias colocam muitos oficiais importantes em seqüência e dão nome a cada ano segundo um dirigente particular. As tábulas de argila oriundas de Nínive e de outras cidades assírias arrolam os nomes desses dirigentes, juntamente com os anos consecutivos da história assíria. Essas listas dão-nos uma história que vai de 892 a 648 a.C. Durante esse tempo, vários dirigentes assírios estabeleceram contato com os reis hebreus.

As tábulas mencionam Bur-Sagale, governador de Guzana. O registro assírio diz que ocorreu um eclipse do sol no mês de simanu, durante o mandato de Bur-Sagale. Os astrônomos dizem-nos que o eclipse ocorreu no dia 15 de junho de 763 a.C. Portanto, Bur-Sagale governou em 763 a.C, e podemos usar esta data para estabelecer as datas de outros dirigentes assírios.

Jeú oferece tributo. Salmaneser III da Assíria registrou suas vitórias militares num grande obelisco de calcário negro próximo de seu palácio em Calah. Este painel do obelisco mostra o rei Jeú de Israel (que usa um chapéu pontudo) inclinando-se diante de Salmaneser. Em cada lado de Salmaneser estão servos com guarda-sol, leque, e cetro. A Bíblia não menciona o tributo de Jeú.



Uma tábula acerca do líder assírio Daian-Assur diz que ele governou no sexto ano de Salmaneser III. Nesse mesmo ano os assírios travaram uma importante batalha em Qarqar contra um grupo de reis da costa do Mediterrâneo, e a tabula arrola o rei Acabe de Israel entre eles. Outra informação nas listas assírias dá a data dessa batalha — e da morte de Acabe — no ano 853 a.C.

Ainda outra lista epônima diz que certo "Rei Ia-a-u" começou a pagar tributo a Salmaneser IH no décimo oitavo ano do reinado de Salmaneser. É muito provável que este fosse o rei Jeú de Israel. A lista assíria mostra que a data foi 841 a.C.

Comparando-se os registros assírios e os hebreus, desta forma, podemos aprender muita coisa acerca da cronologia dos reis de Israel e de Judá.

B. Dois Sistemas de Calcular Datas. Como foi que os cronistas da Bíblia dataram o tempo de governo dos reis? Após a morte do rei Salomão e a divisão do reino, parece que os cronistas do reino do Sul (Judá) contavam o reinado oficial de seus reis a partir do mês hebreu de etanim, ou tisri (setembro-outubro) — início do ano civil. No reino do Norte (Israel), os escribas usavam o mês de abibe, ou nisã (março-abril) — o começo do ano religioso.

Compare 2 Reis 22:3-13 e 23:21-23 para comprovar. Estes textos dizem como os homens do rei Josias descobriram um livro da Lei no templo, e como Josias restaurou a observância da Páscoa no tradicional décimo quarto dia de abibe. A Bíblia diz que tudo isso aconteceu no décimo oitavo ano do reinado de Josias. Se o escritor de 2 Reis começou contando os anos do reinado de Josias com o mês de abibe, ele estaria dizendo que os sacerdotes purificaram o templo para a Páscoa num máximo de 14 dias — período entre o primeiro e o décimo quarto dia de abibe, o que não é muito provável. Portanto, ele pode ter calculado que o décimo oitavo ano do reinado de Josias começou no outono anterior, no mês de etanim.

Nenhuma passagem bíblica indica quando começaram os reinados dos reis de Israel. Contudo, Edwin R. Thiele demonstrou que se admitirmos que Judá começava o ano com o mês de etanim e Israel começava o seu com abibe, "as discrepâncias desconcertantes desaparecem e resulta um padrão cronológico harmonioso".¹

C. Dois Sistemas de Tempo Decorrido. Mas o conhecimento com relação a esses dois sistemas diferentes de contar os anos não soluciona todos os problemas. Os historiadores antigos não eram coerentes ao falarem acerca do "primeiro ano" de um rei no trono, porque cada rei decidia pessoalmente como seus livros de história tratariam do caso. Um rei podia chamar o ano em que começou o seu reinado de "primeiro" ano; os estudiosos referem-se a isso como datar o *ano de não-ascensão*. Por outro lado, podia chamar o primeiro ano após ascender ao trono como seu "primeiro" ano; a isto os estudiosos rotulam como datar o *ano de ascensão*. Para se estabelecerem datas absolutas com exatidão, é preciso determinar o método que o rei empregava para designar os anos de seu reinado.

Suponhamos que os reis de Israel usassem datar o ano de não-ascensão, enquanto os de Judá adotassem datar o ano de ascensão. A Figura 3 mostra como esses sistemas dariam diferentes datas para o reinado de um rei. Se realmente isto aconteceu, os registros de Israel dariam sempre um ano a mais para o reinado de um rei do que dariam os registros de Judá. À medida que cada rei chegava ao trono, o espaço total de tempo do seu reinado pareceria aumentar de um ano. Para correlacionarem-se as cronologias reais das duas nações, precisaríamos, portanto, de subtrair um ano do reinado de cada rei que se assentou no trono do Norte.

Temos razão para pensar que o costume em Israel era usar o sistema de datar do ano de não-ascensão? Sim, temos. Já tomamos conhecimento, por via da lista assíria, que o rei Jeú, provavelmente, pagou tributo a Salmaneser III em 841 a.C, 12 anos depois que o rei Acabe combateu na batalha de

Qarqar. Os registros de Israel (dos quais presumivelmente são tomadas as datas pertinentes em Reis e Crônicas) dizem que Acabe foi sucedido por Acázias, que governou dois anos (1 Reis 22:52). Depois Jorão (Jeorão) reinou durante doze anos (2 Reis 3:1), perfazendo um total de quatorze anos para esses dois reis. Depois de Jorão, Jeú chegou ao trono e começou a pagar tributo a Salmaneser III. É possível harmonizar os doze anos na cronologia assíria com o período de quatorze anos na cronologia de Israel somente no caso de Israel ter adotado o esquema de datar o ano de não-ascensão. Isso significa que devemos subtrair um ano do reinado de cada um dos reis de Israel. Dessa forma, Acázias realmente reinou apenas um ano e Jorão onze anos. Significa isso que Acázias e Jorão realmente reinaram um total de doze anos, e isto concorda com a cronologia assíria para Jeú. A evidência só se ajusta aí se Israel adotava o método de datar pelo ano de não-ascensão.



Calendário assírio. Esta tábua cuneiforme da Assíria vincula os eventos políticos da nação aos movimentos dos planetas e das estrelas. Tais calendários ajudam os cientistas modernos a calcular as datas exatas dos principais eventos da história assíria, o que, por sua vez, nos permite calcular as datas dos eventos bíblicos.

Por outro lado, os escribas de Judá usaram, indiscutivelmente, o esquema de datar pelo ano de ascensão para os seus reis. Podem ter mudado este sistema uma vez ou outra, quando o reino do Norte exercia estreita influência sobre Judá. Por exemplo, as duas nações se tornaram mais amigáveis quando a princesa Atalia, de Israel, casou-se com Jeorão, filho de Josafá, rei de Judá. A Bíblia diz que Jeorão "Andou nos caminhos dos reis de Israel, como também fizeram os da casa de Acabe" (2 Reis 8:18; 2 Crônicas 21:6). No reinado de Jeorão, conforme veremos, Judá adotou o método do ano de não-ascensão para datar seus reis, e o empregou por vários anos.

Ao estudarmos as datas dos reis, precisamos também levar em conta as superposições de reinados. Isso acontecia quando um filho reinava como co-regente com o pai. Os mesmos anos eram então computados para ambos os reinados. Há diversos casos desta natureza, conforme veremos.

GOVERNANTES DO REINO DIVIDIDO

Agora estamos preparados para voltar a trabalhar com a data da morte de Salomão, data essencial quando ocorreu a divisão do reino. A Figura 4 usa as datas bíblicas para os governantes do reino dividido, tendo-se em mente os métodos de datar que já estudamos.

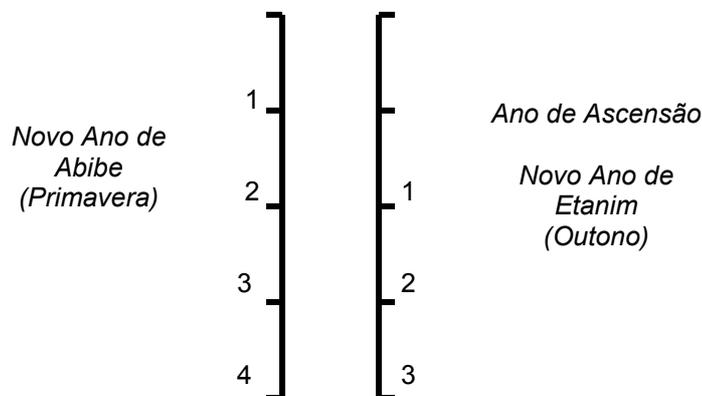
Como estamos supondo que Israel seguiu um esquema de datar pelo ano de não-ascensão, precisamos subtrair um ano do reinado de cada rei de Israel quando voltamos a trabalhar com as datas dos assírios de 841 a.C. (começo do reinado de Jeú) e 853 a.C. (morte de Acabe). Use a Figura 2 para comparar o método de datar dos reis de Israel e de Judá. Para maior clareza, o nome de cada rei de Israel aparece em negrito, enquanto o nome de cada rei de Judá aparece com maiúsculas.

Jorão — 2 Reis 3:1; "12 anos" (11 anos). Jorão começou o seu governo no décimo oitavo ano de Josafá. Visto que ele reinou 11 anos antes de Jeú, seu primeiro ano de reinado único foi 852 a.C. (841 a.C. mais 11 anos).

ACAZIAS — 2 Reis 8:25; um ano. Acázias começou seu governo no undécimo ano do reinado de Jorão (2 Reis 9:29). (O motivo pelo qual 2 Reis 8:25 declara que ele começou no décimo segundo ano de Jorão é que Judá havia adotado, nesse tempo, o esquema de datar pelo ano de não-ascensão.) Tanto Jorão de Israel como Acázias de Judá morreram em 841 a.C. (2 Reis 9:24, 27); assim, Acázias provavelmente reinou apenas uns meses, muito embora os registros de Israel digam que ele tenha reinado "um ano". (Lembre-se de que o método de datação de Israel, não contando o ano de ascensão, teria denominado os primeiros meses do reinado de Acázias como seu "primeiro ano".)

DATA PELO ANO DE NÃO-ASCENSÃO E DE ASCENSÃO

© Thomas Nelson, Inc



ISRAEL: Datar pelo ano de não-ascensão.
O reinado começa antes do Ano Novo.

JUDÁ: Datar pelo ano de ascensão.
O reinado começa com o Ano Novo.

JEORÃO — 2 Reis 8:17; "8 anos" (7 anos). Jeorão evidentemente adotou o método de datação de Israel pela não-ascensão, de modo que se deve subtrair um ano de seu reinado. Aparentemente Jeorão reinou com seu pai durante cinco anos antes de iniciar seu reinado oficial. Sabemos disso porque, quando 2 Reis 8:16 diz que Jeorão começou a reinar em Judá, também menciona Josafá como rei de Judá. Compare este texto com 2 Reis 3:1 e 2 Reis 1:17, o qual diz que Joião ("Jeorão") de Israel se tornou rei no décimo oitavo ano do reinado único de Josafá (reinado único ou exclusivo, no sentido de que reinava sozinho) e no segundo ano de Jeorão, rei de Judá. (Já ficamos sabendo que este ano era 852 a.C.). Isso indica que Jeorão governou com seu pai durante cinco anos antes de iniciar seu reinado oficial no quinto ano de Jorão (quarto ano de acordo com o datar pela não-ascensão), ou 848 a.C. (852 a.C. menos 4 anos.)

Acabe — 1 Reis 16:29; "22 anos" (21 anos). Acabe morreu no ano 853, de modo que deve ter iniciado o seu reinado em 874 (853 a.C. mais 21 anos).

JOSAFÁ — 1 Reis 22:41-42; 25 anos. É difícil fixar as datas de Josafá porque seu reinado se sobrepõe aos de seu pai e de seu filho. Ele começou a governar no quarto ano de Acabe, cujo reinado começou em 874 a.C. O quarto ano de Acabe (o ano em que Josafá subiu ao trono de Judá) foi 870 a.C. Visto como Josafá aliou-se a Acabe na batalha com os sírios em 853 a.C., é natural que ele tivesse posto seu filho Jeorão no trono como co-regente nessa ocasião, no caso de ele não voltar. Já vimos que Jeorão começou a reinar *sozinho* no quinto ano de Jorão (o quarto ano no sistema de datar pela ascensão). Assim, se tomarmos 852 a.C. (o primeiro ano do reinado de Jorão) e subtrairmos quatro anos, verificaremos que Jeorão foi governante único de Judá em 848 a.C., e supomos ter sido esse o ano em que Josafá morreu. Sabemos que Josafá reinou durante 25 anos (1 Reis 22:42), daí inferirmos que seu reinado começou em 873 a.C. (848 a.C. mais 25 anos). Conforme vimos, o período em que ele governou sozinho formalmente começou em 870 a.C. Ele reinou com seu pai Asa durante três anos, mais ou menos, porque Asa sofria de uma enfermidade nos pés que o tornava inválido, enfermidade que apareceu em seu trigésimo nono ano como rei (2 Crônicas 16:12).

Acazias — 1 Reis 22:52; "2 anos" (um ano). Acazias começou a governar no décimo sétimo ano do reinado único de Josafá, 853 a.C. (870 a.C. menos 17 anos).

ASA — 1 Reis 15:10; 41 anos. Sabendo que Josafá ascendeu ao trono em 870 a.C., esse deve ter sido o ano da morte de Asa. E ele deve ter começado a reinar em 911 a.C. (870 a.C. mais 41 anos).

Onri — 1 Reis 16:15-16, 23; "12 anos" (11 anos). Como sabemos que Acabe começou a reinar em 874 a.C., Onri deve ter morrido nesse ano. Isso quer dizer que Onri começou a reinar em 885 a.C. (874 a.C. mais 11 anos).

Zinri — 1 Reis 16:15; sete dias. Zinri matou a Elá, filho de Baasa. Por sua vez, Onri depôs Zinri (1 Reis 16:17-18).

Elá — 1 Reis 16:8; "2 anos" (1 ano). Elá foi morto no golpe de Zinri, em 885, de modo que ele começou a governar em 886.

Tibni — 1 Reis 16:21-24. Não sabemos por quanto tempo governou este rival de Onri. Supomos que ele tenha começado a governar ao mesmo tempo que Onri, em 885; eles simplesmente reinaram em regiões diferentes de Israel. Sabemos que Onri governou em Tirza seis anos (realmente, cinco), até 880. Então ele se mudou para Samaria e estabeleceu aí o seu governo, o que sugere que Tibni estava morto.

Baasa — 1 Reis 15:33; "24 anos" (23 anos). Uma vez que Elá foi entronizado em 886, sabemos que Baasa morreu nesse ano. Assim, ele começou a reinar em 909 a.C. (886 a.C. mais 23 anos).

Nadabe — 1 Reis 15:25-31; "2 anos" (1 ano). Baasa assumiu o controle de Israel assassinando a Nadabe, de modo que Nadabe deve ter reinado de 910 a.C. a 909 a.C.

Jeroboão — 1 Reis 14:20; "22 anos" (21 anos). O reinado de Jeroboão começou em 931 (910 a.C. mais 21 anos).

ABIAS (Abião) — 1 Reis 15:2; três anos. Visto como Abias começou seu reinado três anos antes de seu sucessor Asa, isso teria sido em 914 a.C. (911 a.C. mais 3 anos).

ROBOÃO — 1 Reis 14:21; 17 anos. Roboão começou seu governo em 931 a.C., 17 anos antes de Abias (914 a.C. mais 17 anos). Começou a reinar em Judá no *mesmo* ano em que seu rival Jeroboão foi entronizado em Israel, na época da divisão do reino. Este teria sido também o ano da morte de Salomão.

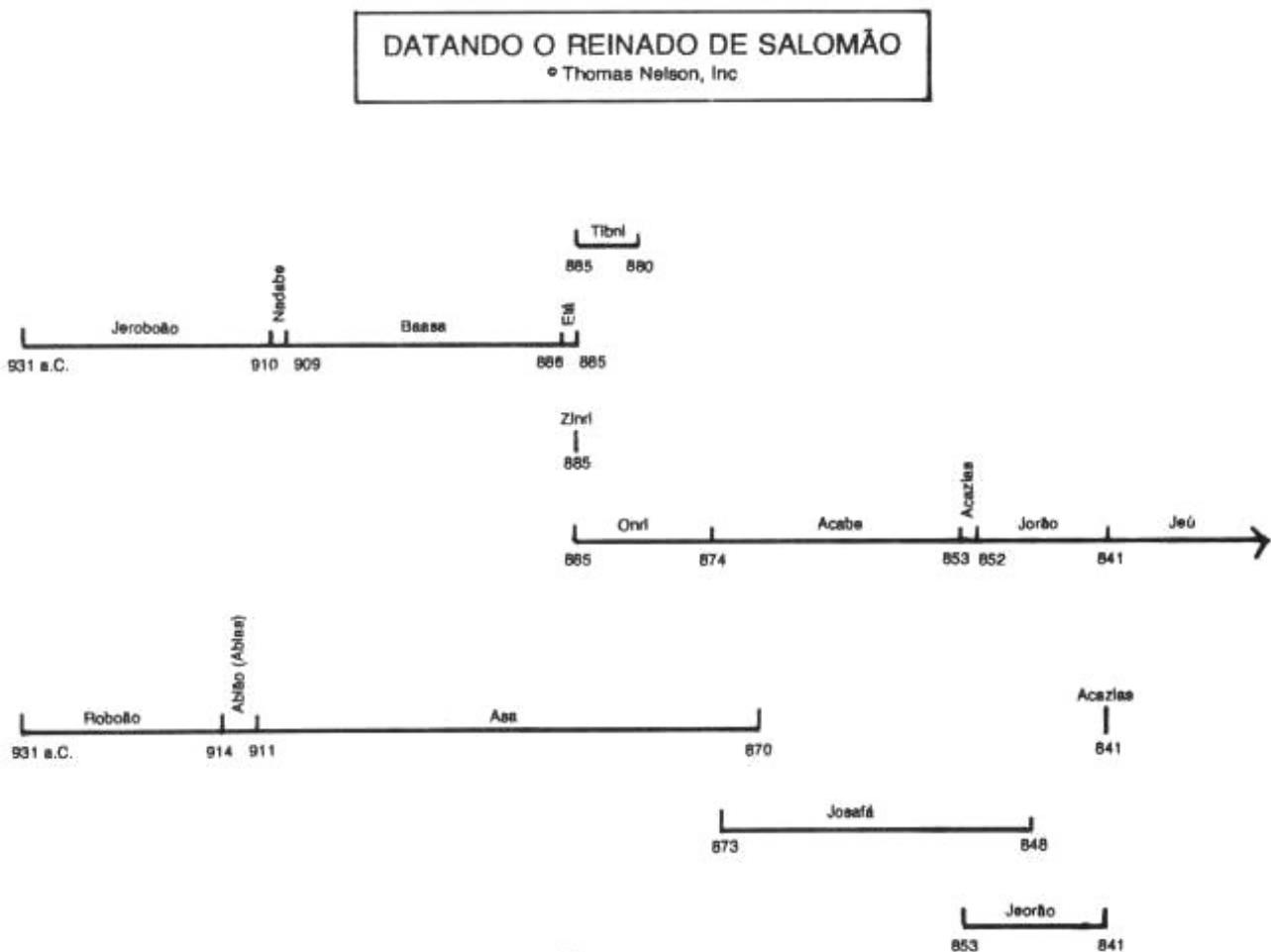


Figura 4

OS TRÊS PRIMEIROS REIS DE ISRAEL

Havendo estabelecido a data da morte de Salomão (931 a.C.), podemos recuar na história de Israel, usando a cronologia bíblica para estabelecer datas (Veja a Figura 5).

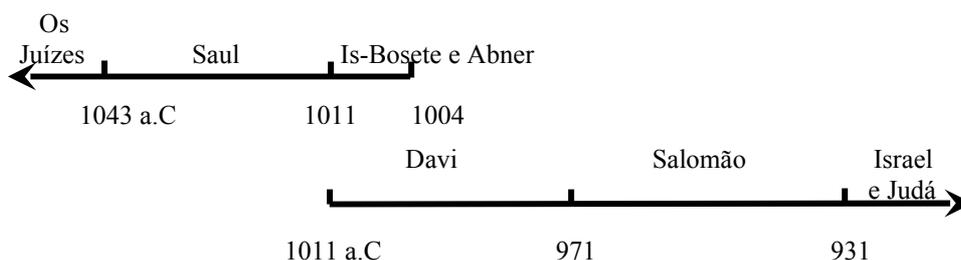
Jeroboão I e Roboão dividiram o reino em 931 a.C. e Salomão morreu nesse ano. A Bíblia diz que Salomão reinou em Israel durante 40 anos (1 Reis 11:42). De modo que na Figura 5 o início do reinado de Salomão é fixado em 971 a.C. Esse deveria ter sido o ano da morte de Davi.

Davi reinou durante 40 anos, o que coloca o começo do seu reinado em 1011 a.C. Contudo, Davi governou somente sobre Judá enquanto Is-Bosete, filho de Saul, contava com a lealdade das outras tribos-

Lemos em 1 Reis 2:11 e 2 Samuel 2:11 que Davi reinou em Hebrom sete anos e seis meses. Quando os inimigos de Is-Bosete o assassinaram, os chefes tribais de Israel reuniram-se em Hebrom e empenharam sua lealdade a Davi (2 Samuel 5:3). Desse modo, Davi começou a reinar sozinho em 1004 a.C, e esse período durou 33 anos. Saul, que morreu em 1011 a.C, também teve um reinado de 40 anos (Atos 13:21). (Algo deve ter-se perdido do texto hebraico em 1 Samuel 13:1. "Dois anos" não poderiam ser o número completo.) Não obstante, o número 40 pode incluir tanto o reinado de Saul como o de seu filho Is-Bosete. Se assim for, isto deixaria cerca de 33 anos para o período em que Saul governou sozinho, o que significa que ele teria começado seu governo em 1043 a.C. em vez de 1057 a.C.

OS TRÊS PRIMEIROS REIS DE ISRAEL

© Thomas Nelson, Inc



MOISÉS E OS PATRIARCAS

Há dois pontos essenciais na cronologia do Antigo Testamento. O primeiro é a data em que foram lançados os alicerces do primeiro templo. Diz 1 Reis 6:1 que Salomão começou a edificar o templo no quarto ano de seu reinado sobre Israel, no segundo mês (zive), 480 anos depois que os israelitas saíram do Egito. Sabemos que Salomão iniciou seu reinado em 971 a.C, e assim seu primeiro ano, de acordo com o sistema de datar de Israel, teria começado no outono de 970 a.C. O quarto ano seria 967/66 a.C, contando-se de outono a outono. Uma vez que zive era o segundo mês do calendário religioso, concluímos que Salomão começou o templo na primavera de 966 a.C. Nesta base, a saída de Israel do Egito teria iniciado em 1446 a.C, e Canaã teria sido conquistada por volta de 1406 a.C.

A outra data essencial no Antigo Testamento é a da mudança de Jacó para o Egito, que se deu 430 anos antes do Êxodo (Êxodo 12:40-41)- Isso nos leva ao ano 1876 a.C. (1446 a.C mais 430 anos).

Tendo esses números como ponto de partida, podemos preencher datas para eventos do período de Abraão ao primeiro rei de Israel, Saul.

A. Data do Êxodo. Muitos estudiosos da Bíblia ainda questionam a data do Êxodo. Desenvolveram-se dois esquemas para determinar a data — uma data primitiva que toma 1 Reis 6:1 como uma nota precisa do tempo, e uma sugestão alternativa a que chamamos de "data tardia" ou "data recente". Aqui apresentamos os argumentos de ambos os lados:

1.Data Primitiva. Este argumento insiste em que os antigos sabiam elaborar um calendário e manter registros exatos do tempo, e que demonstravam a duração das épocas com exatidão cronológica. Assim, o argumento aceita os 480 anos de 1 Reis 6:1 e a declaração de Jefté, um juiz que disse que Israel havia ocupado a terra de Canaã cerca de 300 anos (Juizes 11:26). Desde que já calculamos que o Êxodo de Israel começou em 1446 a.C, podemos deduzir 40 anos para suas peregrinações no deserto e colocar a entrada em Canaã no ano 1406 a.C. Se subtrairmos os 300 anos mencionados neste versículo, vemos que Jefté teria vivido em 1106 a.C.. e isso proporciona tempo suficiente para o período dos juizes, que governaram várias regiões de Israel antes da monarquia.

Os estudiosos da Bíblia que sustentam a data primitiva do Êxodo nessas bases também apontam para as tábulas de Amarna, datadas mais ou menos de 1400 a.C. Essas tábulas, descobertas no Egito, contêm correspondência internacional durante a décima oitava dinastia do faraó Amenotepe (Amenófis) III (1410-1377 a.C). Contêm numerosas solicitações das cidades-estados cananéias rogando aos egípcios que os ajudassem a expulsar os *habiru*, ou invasores nômades; mas é pequena a evidência de que esse grupo incluísse os israelitas. Se aceitarmos a data primitiva do Êxodo (1446 a.C.) e concedermos 40 anos para a peregrinação dos israelitas no deserto, eles teriam invadido Canaã em 1406 a.C. e teriam sido os

habiru.

2. Data Tardia ou Recente. Os estudiosos que sustentam este ponto de vista crêem que Moisés tirou os israelitas do cativeiro durante a décima nona dinastia egípcia, que começou em 1318 a.C. A principal linha de evidência para a data tardia é o aparecimento de novas formas culturais na Palestina, especificamente a destruição de Jericó por invasores de fora mais ou menos nesta data. Os estudiosos que defendem esta data salientam que o faraó da época foi Ramessés (Ramsés) II (cerca de 1304-1238 a.C), e crêem que os escravos hebreus construíram as cidades-celeiros de Pitom e Ramessés durante seu reinado (Êxodo 1:11; 12:37; Números 33:3). Ramessés II menciona ter usado o trabalho escravo dos *apiru* — talvez a palavra egípcia para "hebreus" — para edificar suas cidades-celeiros. Outros eruditos crêem que um faraó anterior construiu essas cidades, mas nesse caso Ramessés II certamente as reconstruiu e deu a uma delas o seu próprio nome. As descobertas arqueológicas parecem indicar que assim ocorreu. Se admitirmos que os hebreus edificaram essas cidades para Ramessés II, eles teriam deixado o Egito alguns anos mais tarde, por volta de 1275 a.C, e conquistaram Canaã depois de 1235 — data que esses eruditos crêem confirmada pelas provas arqueológicas de que as cidades cananéias foram destruídas.

Deveríamos notar, porém, que os faraós da época de Ramessés usavam os próprios nomes empregados pelos reis hicsos do Egito (1730-1570 a.C; veja "Egípcios"). Ramessés adorava os mesmos deuses que os reis hicsos. Assim, os escravos hebreus poderiam ter trabalhado nessas cidades sob as ordens dos hicsos. Em verdade, os hicsos teriam bons motivos para oprimir os israelitas, visto que eles também eram de origem semítica e consideravam os israelitas inimigos cruéis.² Nesse caso, Êxodo 1:13 e seguintes podem descrever eventos ocorridos sob a décima oitava dinastia, que expulsou os hicsos.

Topamos com muitas dificuldades se supusermos que o Êxodo ocorreu no século décimo terceiro. Se ele for datado por volta de 1275 a.C, e a conquista depois de 1235 a.C, e se Saul chegou ao trono mais ou menos em 1043 a.C, somente cerca de 230 anos teriam decorrido desde o Êxodo até Saul, e somente 190 desde a conquista até Saul.

B. A Vida de Moisés. A Figura 6 mostra a décima oitava dinastia do Egito e os acontecimentos de Israel desde o nascimento de Moisés até o reinado de Saul. Dividimos a vida de Moisés em três partes:

1. **Primeiros Tempos.** Considerando que Moisés tinha 120 anos quando os israelitas se achavam preparados para entrar em Canaã em 1406 a.C. (Deuteronômio 34:7), ele deve ter nascido no ano 1526 a.C, quase no começo da décima oitava dinastia do Egito. Até os 40 anos de idade ele viveu no palácio real como filho adotivo de Hats-hepsut, filha de Tutmés I. Em 1486 a.C. (1526 a.C. menos 40 anos) ele fugiu para o deserto (cf. Atos 7:23).

2. **Confrontação com o Faraó.** Moisés passou 40 anos no deserto, cuidando dos rebanhos do seu sogro, Jetro. Então Deus o chamou para libertar a Israel do jugo do Egito, em 1446 a.C. (cf. Atos 7:30).

3. **Vida no Deserto.** Até 1406 a.C, Moisés conduziu os israelitas num curso incerto para a Terra Prometida.



foi

Amenotepe (Amenófis) III (1410-1377 a.C). As tábulas de argila de Amarna mostram que os príncipes de Canaã apelaram para o faraó Amenotepe Iú a fim de ajudá-los a combater os invasores conhecidos como *habiru*. Os israelitas, que fugiam do Egito, podem ter feito parte desta onda de invasores.

Deus escolheu a Josué para conduzir Israel na conquista de Canaã, que levou seis anos — até cerca de 1400 a.C. (Josué 14:7,10). Sabemos disto porque Calebe tinha 40 anos quando espiou Canaã no segundo ano do Êxodo, 1444 a.C, e *estava com 85 anos* quando os israelitas dividiram o território de Canaã em 1400 a.C. (1445 a.C. menos 45 anos).

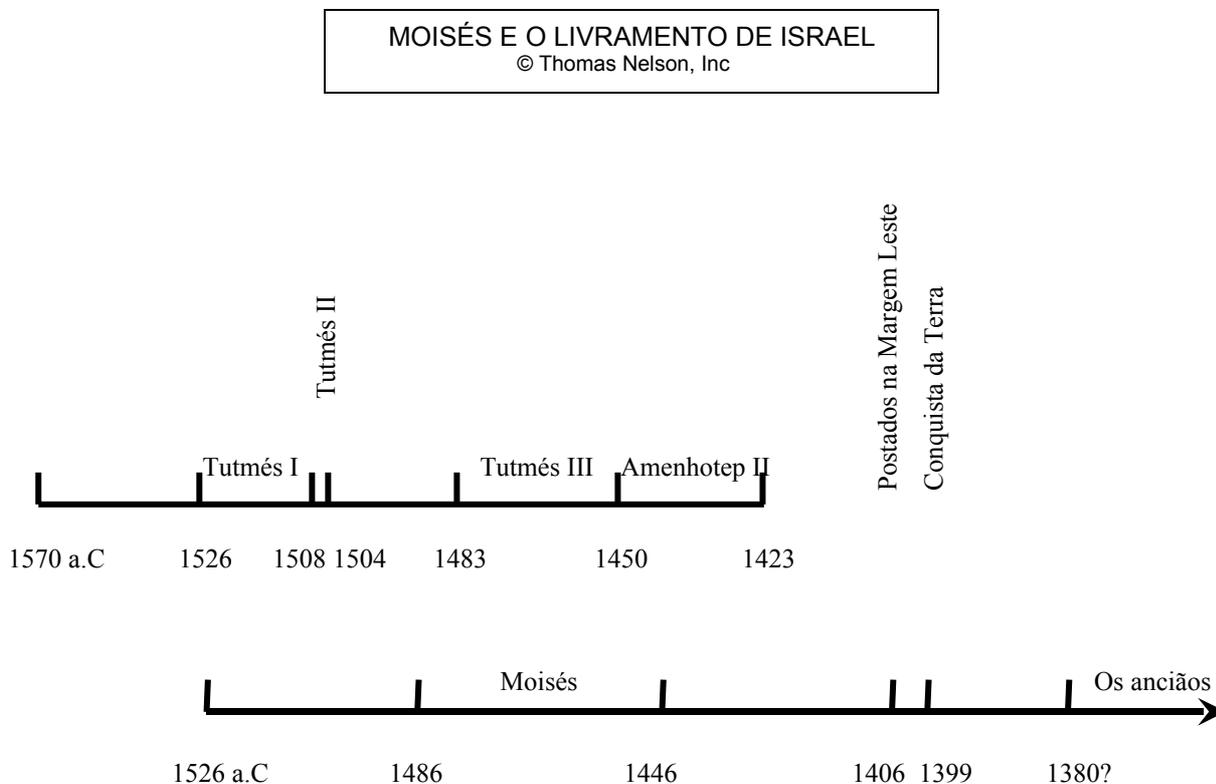
Josué viveu 110 anos (Josué 24:29), mas não sabemos exatamente quando morreu. Os anciãos governaram Israel por algum tempo depois da liderança de Josué (Josué 24:31).

Podemos supor um período de 15 a 20 anos desde o fim da conquista (1400 a.C) até à morte dos anciãos que serviram com Josué (cerca de 1380 a.C).

O livro dos Juizes cobre um período de mais ou menos 337 anos, de 1380 a 1043 a.C. Os mandatos dos juizes e os períodos de opressão totalizam cerca de 410 anos consecutivos. Visto que Paulo diz que os juizes governaram "cerca de quatrocentos e cinquenta anos" (Atos 13:20), muitas das carreiras dos juizes podem ter sido superpostas. Na Figura 7 tentamos reconstruir esse período. Contudo, esses números são aproximados porque não sabemos exatamente quando Josué e seus anciãos morreram, nem por quanto tempo certas tribos de Israel se rebelaram contra Deus. Mas a declaração de Jefté em Juizes

11:26, de que os israelitas conquistaram Canaã cerca de 300 anos antes de seu tempo, dá-nos um ponto de referência. Se ele está falando em 1106 a.C. (1406 a.C. menos 300 anos), está muito próximo da data de 1089 a.C. que temos calculado para as incursões dos amonitas.

Todavia, usaremos a data de 1106 a.C. para Jefté a fim de reconstruir as datas dos juizes posteriores. Este novo mapa leva-nos aos dias de Samuel, às batalhas de Israel e dos filisteus no oeste e no sudoeste, e a nomeação de Saul como rei em 1043 a.C.



OS JUIZES

Descrição	Referência	Data
Supõe 5 anos de apostasia		1380-1375 a.C.
Opressão, 8 anos	Juizes 3:8	1375-1367 a.C.
Livramento por Otniel: 40 anos de descanso	Juizes 3.11	1367-1327 a.C.
Supõe 5 anos de apostasia		1327-1322 a.C.
Opressão por Moabe, 18 anos	Juizes 3:14	1322-1304 a.C.
Livramento por Eúde: 80 anos de descanso	Juizes 3:30	1304-1224 a.C.
Livramento por Débora: 40 anos de descanso	Juizes 5:32	1224-1184 a.C.
Opressão por Midiã, 7 anos	Juizes 6:1	1184-1177 a.C.
Livramento por Gideão: 40 anos de descanso	Juizes 8:28	1177-1137 a.C.
Reinado de Abimeleque, 3 anos	Juizes 9:22	1137-1134 a.C.
Tola e Jair, 45 anos	Juizes 10:2-3	1134-1089 a.C.
Jefté, 6 anos	Juizes 12:7	1089-1083 a.C.
Ibsã, Elom e Abdom, 25 anos	Juí 12:9,11,14	1083-1058 a.C.

Figura 7

C. Os Patriarcas e a Mudança para o Egito. Havendo aceitado a data de 1446 a.C. para o Êxodo, podemos recuar à história dos patriarcas. A Figura 8 mostra a disposição desta cronologia.

1. Estada de Israel no Egito. Já vimos que os israelitas viveram no Egito cerca de 400 anos (Gênesis 15:13). Êxodo 12:40 diz-nos que a família de Jacó chegou ao Egito 430 anos antes do Êxodo, ou por volta de 1876 a.C. (cf. Gaiatas 3:17). Isto quer dizer que a família de Jacó entrou no Egito numa época em que o país não era uma nação especialmente forte.

Alguns estudiosos insistem em que a família de Jacó deve ter entrado no Egito após a época dos hicsos, porque os israelitas teriam encontrado acesso mais fácil sem a presença deles. Todavia, os hicsos não deixaram o Egito senão depois de 1570 a.C. Isso empurraria o Êxodo para 1270 a.C, a "data tardia", que já vimos ser duvidosa com base em outros motivos.

As Escrituras dizem que Jacó tinha 130 anos quando entrou no Egito (Gênesis 47:9,28). José estava com 39 anos (idade de 30 mais 7 anos mais 2 anos, Gênesis 41:46-47; 45:6). Com a data de 1876 a.C. para a mudança de Jacó para o Egito, podemos determinar as datas desses homens.

2.**José.** A data do nascimento de José seria 1915 a.C. (1876 a.C. mais 39 anos). De acordo com Gênesis 50:26, ele teria morrido em 1805 a.C. (1915 a.C. menos 110 anos).

3.**Jacó.** Jacó contava 130 anos quando entrou no Egito e aí viveu 17 anos. Estava, pois, com 147 anos quando morreu em 1859 a.C. (1876 a.C. menos 17 anos). Trabalhando com o outro método, verificamos que ele nasceu em 2006 a.C. (1876 a.C. mais 130 anos).

4.**Isaque.** Isaque, pai de Jacó, tinha 60 anos quando Jacó nasceu (Gênesis 25:26), o que significa que Isaque nasceu em 2066 a.C. (2006 a.C. mais 60 anos). Ele viveu 180 anos; quer dizer que morreu em 1886 a.C, cerca de 10 anos antes de Jacó levar sua família para o Egito.

5.**Abraão.** Diz a Bíblia que Abraão tinha 100 anos quando nasceu Isaque (Gênesis 21:5); isso quer dizer que ele nasceu em 2166 a.C. em Ur dos Caldeus. Entrou em Canaã com a idade de 75 anos (Gênesis 12:4) em 2091 a.C. Morreu em 1991 a.C. com 175 anos (Gênesis 25:7).



Cativos estrangeiros. Os faraós empregavam cativos estrangeiros para erigir seus grandes templos e túmulos. Este relevo do túmulo de Ramessés III mostra (da esquerda para a direita) cativos líbios, se-míticos, hititas e filisteus sendo levados para a residência de faraó.

PATRIARCAS DE ISRAEL
© Thomas Nelson, Inc

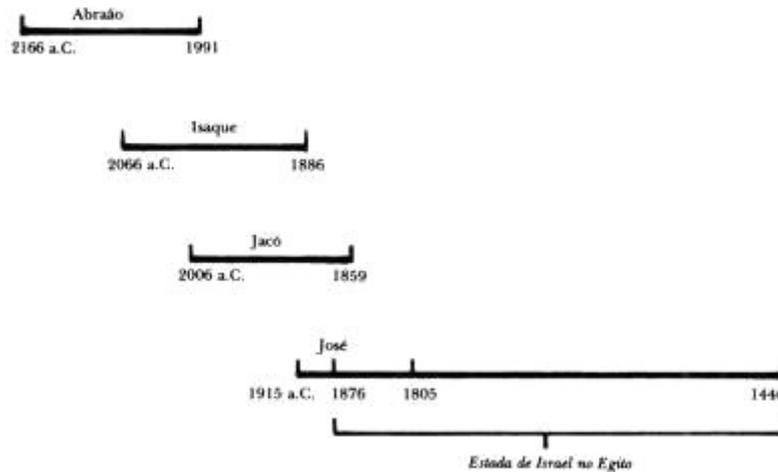


Figura 8

DATAS ANTERIORES A ABRAÃO

Nosso estudo da cronologia anterior a Abraão divide-se em duas seções: 1) desde o Dilúvio até Abraão e 2) desde a Criação até o Dilúvio. Desnecessário é dizer que este espaço de tempo apresenta os maiores problemas porque já não podemos comparar as datas bíblicas com os registros históricos das nações circunvizinhas de Israel. As histórias antigas dessas nações são muito resumidas e parcamente entendidas. Até mesmo as diferentes versões do Antigo Testamento estão em nítido desacordo quanto aos eventos da história anterior aos patriarcas. Geralmente seguimos o texto massorético (hebraico), mas compararemos seu relato com as demais versões antigas em pontos específicos.

A. Desde o Dilúvio até Abraão. O rol da família de Abraão (Gênesis 11:10-26) proporciona-nos a informação de que necessitamos para esse período. A Figura 9 mapeia a vida dos ancestrais de Abraão. Primeiro, note-se que a data de nascimento de Abraão é 2166 a.C., e a de sua morte, 1991 a.C. Esses dados baseiam-se nos cálculos que já efetuamos.

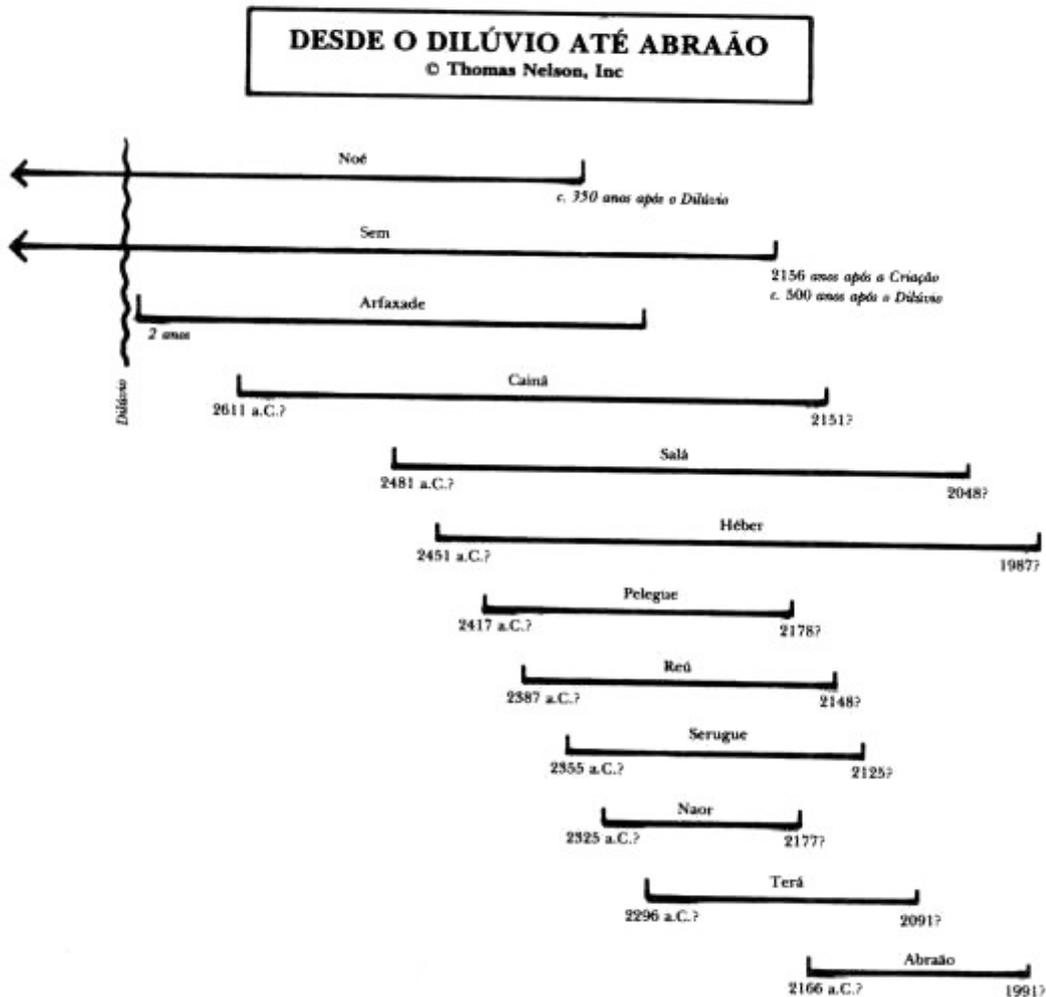
1. Terá, Pai de Abraão. O pai de Abraão, Terá, havia adorado ídolos durante vários anos (Josué 24:2) quando transferiu sua família de Ur Para Harã. Terá viveu em Harã até morrer, com 205 anos (Gênesis 11:32).

Deus ordenou a ida de Abraão para Canaã quando ele estava com 75 anos (Gênesis 12:4). Parece que tal fato aconteceu imediatamente após a morte de Terá. Isto fixaria a morte de Terá no ano 2091 a.C. (2166 a.C. menos 75 anos), dando-lhe 130 anos quando Abraão nasceu (idade de 205 menos 75 anos). Verificamos, pois, que Terá nasceu em 2221 a.C. (2166 a.C. mais 130 anos ou 2091 a.C. mais 205 anos).

2. Naor. Terá nasceu quando seu pai, Naor, estava com 29 anos de idade (Gênesis 11:24). Naor viveu mais 119 anos (Gênesis 11:25), de modo que ele deve ter nascido em 2340 a.C. (2221 a.C. mais 29 anos).

3. Serugue. Serugue, pai de Naor, estava com 30 anos quando este nasceu, e depois disto viveu 200 anos (Gênesis 11:22-23). Portanto, a data do nascimento de Serugue foi 2370 a.C. (2340 a.C. mais 30 anos) e ele morreu em 2170 a.C. (2370 a.C. menos 200).

Figura 9



4.Reú. Reú, pai de Serugue, tinha 32 anos quando este nasceu, e depois disto viveu 207 anos (Gênesis 11:20-21). Assim, a data do nascimento de Reú foi 2387 a.C. (2355 a.C. mais 32 anos), e sua morte ocorreu em 2148 a.C. (2355 a.C. menos 207 anos).

5.Pelegue. O pai de Reú, Pelegue, estava com 30 anos quando aquele nasceu; depois disto, ele viveu 209 anos. Quer dizer que a data do nascimento de Pelegue foi 2417 a.C. (2387 a.C. mais 30 anos) e a data de sua morte foi 2178 a.C. (2387 a.C. menos 209 anos).

6.Héber. Estava Héber com 34 anos quando lhe nasceu Pelegue, e depois do nascimento de Pelegue ainda viveu 430 anos (Gênesis 11:16-17). Assim, calculamos que Héber nasceu em 2451 a.C. (2417 a.C. mais 34 anos) e morreu em 1987 a.C. (2417 a.C. menos 430 anos). Isto significa que Héber viveu além da época em que Abraão entrou na terra de Canaã. Se a evidência das tábuas escavadas em Ebla estiver correta, o termo *hebreu* pode derivar-se do nome deste homem.

7.Salã. Salã, pai de Héber, estava com 30 anos quando este nasceu; viveu mais 403 anos (Gênesis 11:14-15). Portanto, a data do nascimento de Salã foi 2481 a.C. (2451 a.C. mais 30 anos) e a data de sua morte, 2048 a.C. (2451 a.C. menos 403 anos).

8.Cainã. O texto hebraico da Escritura não menciona a vida de Cainã; há, porém, uma declaração a seu respeito na versão Septua-ginta de Gênesis 10:24 e 11:12-13, bem como 1 Crônicas 1:18. Lucas 3:36 também o menciona. A Septuaginta indica que Cainã estava com 130 anos por ocasião do nascimento de Salã e viveu 330 anos depois do nascimento deste. Isto significaria que Cainã nasceu em 2611 a.C. (2481 a.C. mais 130 anos) e morreu em 2151 a.C. (2481 a.C. menos 330 anos).

9.Arfaxade. O texto hebraico diz que Arfaxade era pai de Salã, mas a Septuaginta declara que Arfaxade era pai de Cainã. Em face dessas declarações conflitantes, não tentaremos datar o nascimento ou a morte de Arfaxade. Sabemos, contudo, que ele nasceu dois anos após o Dilúvio (Gênesis 11:10) e viveu cerca de 400 anos após o nascimento ou de Salã ou de Cainã.

10.Sem. Sem contava 100 anos quando nasceu seu filho Arfaxade, e a duração de sua vida foi

cerca de 600 anos (Gênesis 11:10-11).

Esses dados colocam-nos diante de problemas definidos. Em face da grande duração de vida atribuída aos primitivos patriarcas, deveriam os anos ser entendidos sempre como anos completos? Por que a Septuaginta inclui Cainã na lista, enquanto o texto hebraico não o faz? Poderia haver lacunas nas listas genealógicas? Em verdade, parece que as listas de Gênesis 5 e 11 não são registros completos, mas seleções de homens preeminentes.

Além disso, note-se que o espaço de tempo desde Cainã (em 2611 a.C.) até à entrada de Abraão em Canaã (em 2091 a.C.) é de mais ou menos 520 anos. Podíamos ter de adicionar cerca de 60 anos se Ar-faxade é pai de Cainã ou de Sala.

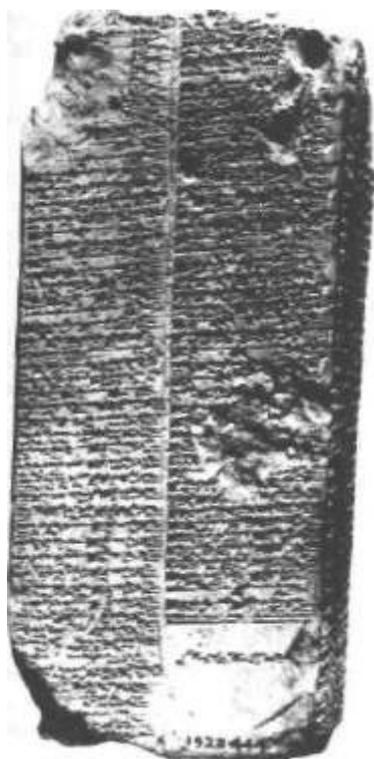
E que dizer de Héber? Se tomamos o texto massorético por seu significado manifesto, Héber viveu além do tempo em que Abraão entrou em Canaã. Foi realmente assim? Não necessariamente. Se houver lacunas na lista, Héber pode ter morrido bem antes de Abraão ter chegado a Canaã.

Eis outro problema: O espaço de 520 anos desde Cainã até à entrada de Abraão em Canaã não se harmoniza com os números dados por outras versões do Antigo Testamento. A Septuaginta diz que decorreram 1.232 anos desde o Dilúvio até à viagem de Abraão para Canaã, enquanto o Pentateuco Samaritano diz que foram 942 anos. Não temos como comprovar esses números. Mas desde a descoberta dos per-gaminhos de Qumran, o texto massorético tem sido considerado como autêntico. Ainda assim, o texto massorético está em desacordo com os registros da antiga história egípcia e mesopotâmica. Os relatos da história do Egito e da Mesopotâmia para essas regiões começam cerca de 3000 anos antes de Cristo. O Dilúvio deve ter ocorrido antes dessa época, e num tempo anterior ao que vemos na Figura 9.

A melhor conclusão é a de que a lista de Gênesis 11 não é um registro cronológico mas o registro de uma *época*. Em outras palavras, ela dá os nomes de certos indivíduos preeminentes na linha genealógica correta, mas nem sempre numa seqüência de pai para filho. Assim, a extensão de tempo coberta é mais longa do que podia parecer.

A Bíblia oferece-nos diversos outros exemplos de listas referentes a épocas, como em Mateus 1:8, onde Jorão parece ser pai de Uzias. Realmente, Jorão foi bisavô de Uzias. Mateus não poderia esperar que esta omissão passasse despercebida a seus leitores, nem parece ter ele esperado que eles encontrassem falhas e as apontassem. Por estranho que pareça, este método de genealogia por época era bem compreendido no mundo antigo.

B. Desde a Criação até ao Dilúvio. Visto como não podemos estabelecer data específica para o Dilúvio, teremos problema se quisermos recuar até à data de Adão e Eva. Tudo o que podemos fazer é seguir a linha da família de Adão até ao tempo do Dilúvio, usando as cronologias encontradas em Gênesis 5 e 7:11. Consulte a Figura 10 à medida que explorar a história anterior ao Dilúvio.



1. Adão a Enoque. Adão estava com 130 anos quando nasceu Sete (Gênesis 5:3). Podemos ignorar a família de Caim, visto que Gênesis não nos oferece datas específicas para seus descendentes. E a Bíblia não menciona nenhum descendente de Abel quando ele foi assassinado. Portanto, a genealogia deve começar com Sete. Adão viveu ainda 800 anos após o nascimento de Sete (Gênesis 5:4).

Sete contava 105 anos quando lhe nasceu Enos. Depois do nascimento deste, Sete viveu 807 anos (Gênesis 5:6-7).

Enos estava com 90 anos quando lhe nasceu o filho Cainã, e depois disso ele viveu 815 anos (Gênesis 5:9-10). Cainã estava com 70 anos quando nasceu Maalaleel, e ele ainda viveu mais 840 anos (Gênesis 5:12-13).

Maalaleel tinha 65 anos quando gerou a Jaredé, e ele viveu mais 830 anos (Gênesis 5:15-16). Jaredé estava com 162 anos quando gerou a Enoque, e depois do nascimento deste ele ainda viveu 800 anos (Gênesis 5:18-19).

Estava Enoque com 65 anos quando nasceu Metusalém, e depois disso ele ainda viveu 300 anos. "Andou Enoque com Deus", e Deus o levou para o céu (Gênesis 5:21-24).

Lista de reis sumérios. Um historiador da antiga Suméria registrou os reinados dos reis sumérios neste prisma antigo, entre 2250-2000 a.C. A lista menciona um grande dilúvio que destruiu o mundo, exatamente como o faz o livro do Gênesis.

2. Metusalém a Noé. Metusalém estava com 187 anos quando lhe nasceu o filho Lameque, e a Bíblia diz que depois de gerar a Lameque ele viveu 782 anos (Gênesis 5:25-26). A duração da vida de

Metusalém daria como ano de sua morte o ano do Dilúvio, segundo o relato bíblico. Significa isto que Metusalém morreu durante o Dilúvio? Talvez. A Bíblia não o diz.

Contava Lameque 182 anos por ocasião do nascimento de Noé, e ele viveu ainda 595 anos (Gênesis 5:28-31).

Noé tinha 500 anos quando gerou seus três filhos (Gênesis 5:32). Noé construiu um navio para transportar a si próprio e à sua família, juntamente com determinados animais, durante o Dilúvio que Deus enviou para destruir a vida pervertida da terra no ano 600 de Noé (Gênesis 7:6). Após o Dilúvio, Noé viveu 350 anos, e morreu com a idade de 950 anos (Gênesis 9:28-29).

Se somarmos as idades de cada um desses homens (de Adão a Noé), obteremos um total de 1.656 anos até o Dilúvio, mas outras versões do Antigo Testamento nos dão números diversos. A Septua-ginta dá 2.242 anos para o mesmo período, e a versão Samaritana, 1.307 anos. Essas diferenças, deixando de lado tudo o mais, tornariam impossível fixar uma data definida para Adão. Segundo esta cronologia, Noé nasceu 1.056 anos após a Criação (1.656 anos menos 600 anos).

Não temos registros seculares confiáveis desse período. As listas de reis sumérios mostram de seis a oito reis governando cerca de 30.000 anos antes do Dilúvio! Obviamente, trata-se de lendas. Não podemos dar uma resposta exata à pergunta sobre quanto tempo o homem tinha vivido na terra, mas não favoreceríamos a sugestão de milhões de anos. Apenas nos aventuraríamos a dizer que muitas gerações viveram entre Adão e o Dilúvio, e este ocorreu antes de 2611 a.C. (nascimento de Cainã).

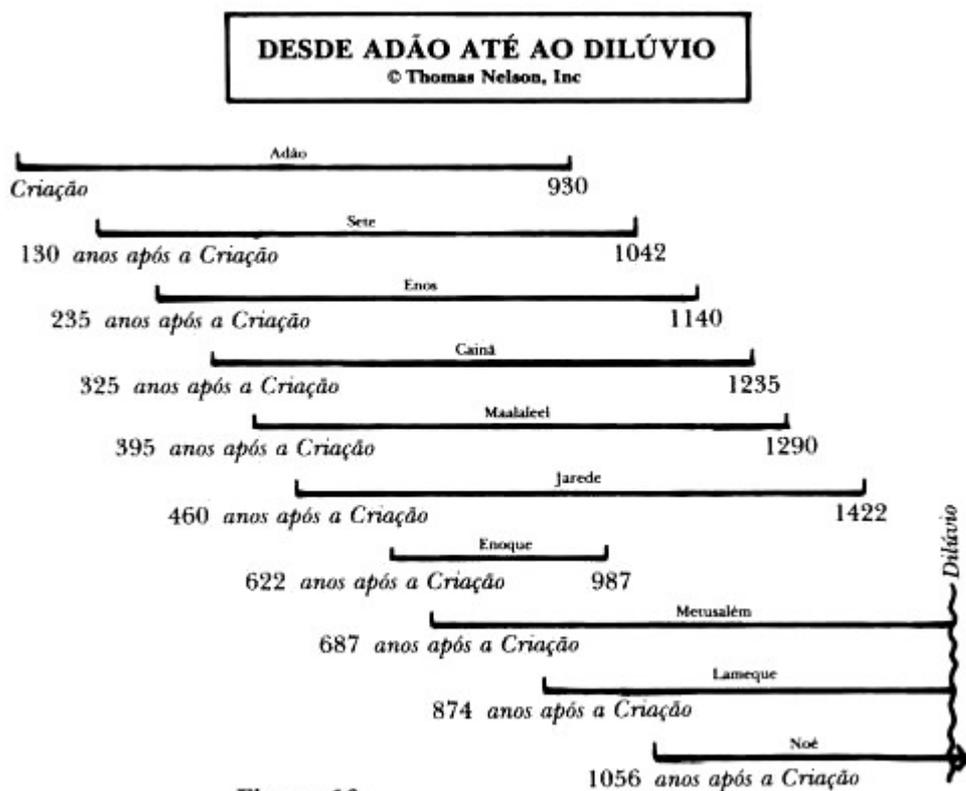
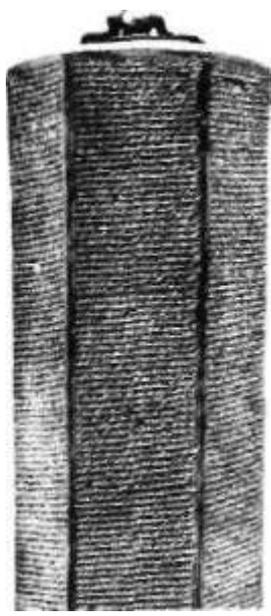


Figura 10



Prisma de Senaqueribe. O rei Senaqueribe da Assíria mandou que seus escribas registrassem suas vitórias neste grande prisma de argila. O prisma fala do cerco de Senaqueribe contra Jerusalém em 701 a.C, durante o reinado de Ezequias. A narrativa diz: "Aprisionei o próprio Ezequias como a um pássaro engaiolado, em Jerusalém, sua cidade real. Ergi fortificações contra ele e bloqueei as saídas do portão de sua cidade. . ."

DATAS PARA ISRAEL E JUDÁ DESDE 841 a.C.

Na Figura 4 estabelecemos duas datas: 853 a.C. (batalha de Qarqar) e 841 a.C. (Tributo a Salmaneser do Rei "Ia-a-u", ou Jeú). Já trabalhamos na

história de Israel a partir dessas datas, recuando no tempo. Agora vamos trabalhar avançando no tempo até à queda de Israel e de Judá. Isto é mais difícil do que se possa imaginar. A Figura 11 expõe a história desses dois reinos, com a metade inferior referindo-se aos reis de Judá e a metade superior aos reis de Israel. No texto abaixo, o nome de cada rei de Judá será impresso em letras maiúsculas e o nome de cada rei de Israel aparecerá em negrito.

Uma vez mais, tenhamos em mente que Israel adotou o esquema de datar pelo ano de não-ascensão, e por isso se deve subtrair um ano *do reinado de cada rei*. *Visto como* Israel exerceu influência sobre Judá desde o tempo de Jeorão, Judá também seguiu nessa época um esquema de não-ascensão. Mas ambas as nações mudaram para um esquema de ascensão durante este período.

Jeú — 2 Reis 10:36; "28 anos" (27 anos). Este rei matou seu pre-decessor em Israel, Jorão, e também o rei de Judá, Acazias. Desde que estamos admitindo que Jeú começou a reinar em 841, seu reinado teria terminado em 814 a.C. (841 a.C. menos 27 anos).

ATALIA — 2 Reis 11:4, 21; "Sete anos" (seis anos). Esta era esposa de Jeorão e filha de Jezabel de Israel. Vendo que Jeú havia matado a Acazias, seu filho, ela executou toda a descendência real para que pudesse tomar o trono. (Contudo, alguns leais seguidores de Acazias deram sumiço a Joás, filho do rei, levando-o para um esconderijo.) Atalia chegou ao trono em 841 a.C. e governou sete anos segundo o método de não-ascensão, ou em realidade seis anos. Seu reinado terminou em 835 a.C. (841 a.C. menos 6 anos).

DATANDO DE 841 a.C. ATÉ 696 a.C.
 c Thomas Nelson, Inc

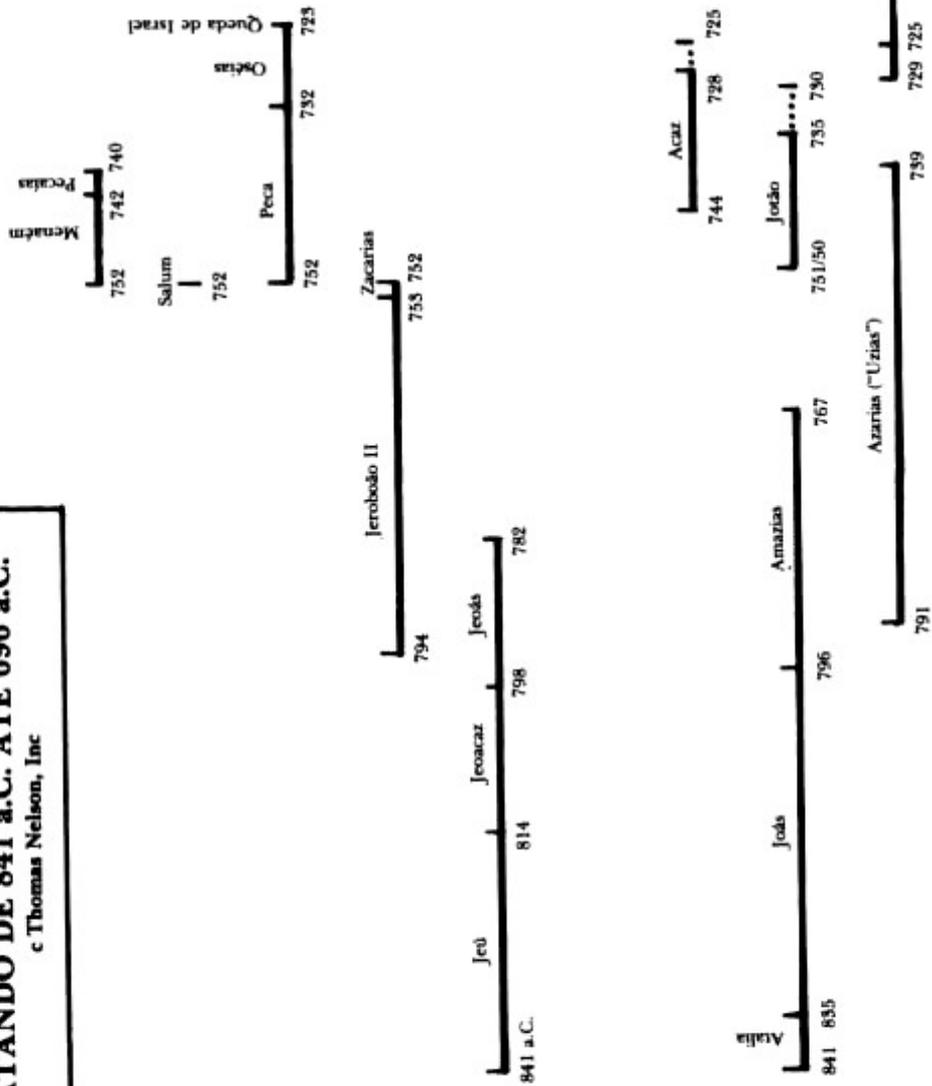


Figura 11

JOÁS Heoés") — 2 Reis 12:1; "40 anos" (39 anos). Joás começou a reinar quando menino, em 835 a.C. e reinou durante 40 anos de não-ascensão, ou 39 anos reais. Isto quer dizer que ele foi assassinado em 796 a.C. (835 a.C. menos 39).

Jeoacaz — 2 Reis 13:1; "17 anos" (16 anos). Jeoacaz começou seu reinado após a morte de Jeú, em 814 a.C., e reinou 17 anos de não-ascensão, ou 16 anos reais, até 798 a.C. (814 a.C. menos 16 anos).

Jeoás — 2 Reis 13:10; 16 anos. Parece que Israel agora adotou um sistema de datar pelo ano da ascensão até ao fim do reino. Jeoás começou a reinar em 798 a.C. e governou até 782 a.C. (798 a.C. menos 16 anos).

AMAZIAS — 2 Reis 14:1-2; 29 anos. Por essa época, Judá havia, evidentemente, voltado ao sistema de datar pelo ano da ascensão. Amazias subiu ao trono em 796 a.C., antes ocupado por Joás, e reinou por 29 anos, até 767 a.C. A Bíblia *diz* também que Amazias viveu 15 anos após a morte de Jeoás de Israel — 782 a.C. menos 15 anos, ou 767 a.C. (2 Reis 14:17).

Jeroboão II — 2 Reis 13:10; 14:23; 41 anos. Embora o reinado total de Jeroboão tenha sido de 41 anos, parece que ele reinou com Jeoás por algum tempo. Oficialmente tornou-se rei no décimo quinto ano de Amazias, 781 a.C. (796 a.C. menos 15 anos). Azarias ("Uzias") sucedeu seu pai no trono de Judá 14 anos mais tarde (29 anos menos 15 anos), mas ele tornou-se rei no vigésimo sétimo ano do reinado de Jeroboão (2 Reis 15:1-2), 794 a.C. (767 a.C. mais 27 anos). Portanto, deve ter havido uma superposição de 13 anos entre Jeroboão e seu Pai, Jeoás. Isso significa que o reinado conjunto de Jeroboão *com* Jeoás começou em 794 a.C., e o período em que ele reinou sozinho começou em 781 a.C. (Aparentemente seu governo oficial começou com o novo ano, visto como o calendário diz que Jeoás morreu em 782 a.C.) Ele governou até 753 a.C. (794 a.C. menos 41 anos). Talvez Jeoás tenha estabelecido o governo conjunto com Jeroboão para proteger o trono de Israel enquanto ele combatia Amazias de Judá (2 Reis 14:8-11).

Zacarias — 2 Reis 15:8; seis meses. O governo de Zacarias cobriu o período de 753-752 a.C., e depois foi assassinado.

AZARIAS ("UZIAS") — 2 Reis 15:1-2, 8; 52 anos. Sabemos que Zacarias tornou-se rei de Judá no trigésimo oitavo ano de Uzias; assim, este se tornou rei em 791 a.C. (753 a.C. mais 38 anos). Mas a Bíblia diz também que Uzias se tornou rei no vigésimo sétimo ano de Jeroboão II, em 767 a.C. Portanto, Uzias deve ter tido um reinado a dois de 24 anos com Amazias, e seu reinado exclusivo começou em 767 a.C., quando Amazias morreu. Já que o reinado total de Uzias começou em 791 a.C., ele governou até 739 a.C. (791 a.C. menos 52 anos). O reinado conjunto de Uzias com Amazias provavelmente começou por causa da batalha entre Amazias e Jeoás de Israel, na qual Amazias foi capturado e levado para Israel (2 Reis 14:8-11). Ele permaneceu ali até à morte de Jeoás. Então Amazias voltou a Judá, onde viveu durante 15 anos após a morte de Jeoás.

Salum — 2 Reis 15:13; um mês. Salum governou no trigésimo nono ano de Uzias; isso quer dizer que ele governou e morreu em 752 a.C. (791 a.C. menos 39 anos).

Menaém — 2 Reis 15:17; dez anos. Ele também começou seu governo no trigésimo nono ano de Uzias, 752 a.C., e governou durante sete anos, até 742 a.C.

Pecaías — 2 Reis 15:23; dois anos. Tornando-se rei em 742, ele reinou até 740 a.C. (2 Reis 15:23 diz-nos que Pecaías começou a reinar no quinquagésimo ano de Uzias, ou 741 a.C. Evidentemente, este é outro caso em que o novo rei chegou ao trono no começo do novo ano.)

Peca — 2 Reis 15:27; 20 anos. Parece que temos aqui um verdadeiro problema. 2 Reis 15:27 diz-nos que Peca começou a reinar no quinquagésimo segundo ano de Azarias (Uzias), o que seria em 739 a.C. (791 a.C. menos 52 anos). Se aceitarmos essa declaração, o reinado de Peca começaria em 739 e terminaria em 719 a.C. Teríamos então de somar o reinado de nove anos de Oséias, colocando o fim do reinado deste em 710 a.C. Mas isto não se harmoniza com os registros assírios da queda de Israel. Há freqüentes sugestões de que os reinados de Jotão e de Acáz correram paralelamente com o de Peca, que começou em 752 a.C. Em outras palavras, Peca começou a governar a Israel ao mesmo tempo que Menaém. De acordo com esta suposição, Peca teria governado , 752 a 732 a.C. A referência ao ano cinquenta e dois do reinado de Azarias indica o ano em que Peca reinou sozinho no Norte, e a declaração de que seu reinado durou 20 anos refere-se ao reinado total de Peca, com início em 752 a.C.

JOTÃO — 2 Reis 15:32-33; 16 anos. Jotão começou a reinar no segundo ano de Peca, 751 ou 750 a.C. (dependendo do mês em que peca começou o seu reinado). Já vimos que Uzias reinou até 739 a.C., de modo que Jotão e Uzias devem ter reinado juntos diversos anos. Em verdade, a Bíblia diz que Uzias ficou leproso no final de sua vida (2 Crônicas 26:21); isto teria obrigado a uma co-regência, visto que os leprosos tinham de ser isolados. De acordo com 2 Reis 16:1, Acáz sucedeu a Jotão no décimo sétimo ano de Peca, ou 735 a.C. (752 a.C. menos 17 anos). Assim, Jotão deve ter reinado de 750 a 735 a.C. Embora a Bíblia diga que Jotão reinou 16 anos, também diz que ele viveu até ao que teria sido o vigésimo ano de seu reinado, 730 a.C. Oséias de Israel tramou a morte de Peca no vigésimo ano de Jotão (2 Reis 15:30). De acordo com a Figura 11, mostramos o fim da vida de Jotão por volta de 730 a.C. Diz a Escritura que os amonitas pagaram tributo a Jotão até ao terceiro ano de seu reinado oficial (2 Crônicas 27:5). Isso seria por volta de 736 a.C. (739 a.C. menos três anos).

Oséias — 2 Reis 17:1; nove anos. Começando a reinar com a morte de Peca em 732 a.C, Oséias viu o término de seu reinado em 723 a.C. quando os assírios levaram embora o reino do Norte. Aqui também os registros oficiais da Assíria ajudam a confirmar a cronologia bíblica. Dizem-nos que Salmaneser V morreu em 722 a.C, logo depois de capturar uma importante cidade da Palestina (cf. 2 Reis 17:3-6). O sucessor de Salmaneser, Sargão II, vangloriava-se de capturar Israel no ano em que ele ascendeu ao trono da Assíria; evidentemente o governo da Assíria mudou de mãos durante esta conquista.

ACAZ — 2 Reis 16:1-2; 16 anos. Lemos em 2 Reis 17:1 que o rei Oséias de Israel começou a reinar no duodécimo ano de Acaz; então, o governo de Acaz começou em 744 a.C. (732 a.C. mais 12 anos) e terminou em 728 a.C. (744 a.C menos 16 anos). Isto quer dizer que Acaz superpôs-se ao reinado de seu pai, Jotão, durante nove anos.

EZEQUIAS — 2 Reis 18:1-2, 13; 29 anos. Diz-nos 2 Reis 18:1 que Ezequias chegou ao poder no terceiro ano de Oséias, ou 729 a.C. (732 a.C. menos três anos).

Lemos em 2 Reis 18:13 que Senaqueribe atacou Jerusalém no décimo quarto ano do reinado de Ezequias, o que seria 715 a.C, mas os registros assírios mostram que este ataque aconteceu em 701 a.C talvez um escriba tenha copiado 2 Reis 18:13 incorretamente, e teria escrito 24 em vez de 14. (É fácil confundir esses números na escrita hebraica.) Nesse caso, o "reinado" exclusivo de Ezequias começou em 725 a.C. (701 a.C. mais 24 anos) e terminou em 696 a.C. (725 a.C. menos 29 anos).

Suponhamos que Ezequias tenha estabelecido um governo rival a seu pai, Acaz. Suponhamos também que Acaz tenha deixado o trono mas tenha vivido alguns anos mais, exercendo uma poderosa influência no país. Se assim aconteceu, podemos entender por que 2 Reis 18:1 diz que Ezequias começou a governar em 729 a.C, quando 2 Reis 18:13 sugere que ele se tornou rei em 725 a.C. — ambos estariam certos por causa da forma como a abdicação de Acaz turvou as águas políticas de Judá.

Naturalmente, isto ainda deixa sem resposta algumas perguntas. Por que o mesmo livro data de dois modos diferentes o reinado de um rei? Como poderiam Uzias, Jotão e Acaz governar Judá ao mesmo tempo (744-739 a.C.)? Que lutas pelo poder ocorriam em Judá? Francamente, não sabemos. Mas é melhor aceitar algumas dessas questões e continuar investigando, do que rejeitar um trecho da Escritura em favor de outro. Esse curso não pode estar certo.

DATAS DE JUDÁ DE 696 a.C. A 587/86 a.C.

Por esse tempo, o reino de Israel, ao Norte, cessara de existir, e assim já não podemos comparar datas para os reis de Israel e de Judá. Começaremos em 696 a.C. (fim do reinado de Ezequias) e exporemos os reinados dos reis remanescentes de Judá, conforme se vê na Figura 12.

MANASSES — 2 Reis 21:1; 55 anos. Manasses começou a governar em 696 a.C. e governou 55 anos, até 641 a.C.

AMOM — 2 Reis 21:19; 2 anos. Amom começou seu reinado em 641 e reinou até 639 a.C.

JOSIAS — 2 Reis 22:1; 31 anos. Josias começou a governar em 639 a.C. e reinou até 608 a.C, quando perdeu a vida no campo de batalha tentando deter Faraó-Neco e os egípcios. Josias ia juntar-se aos assírios na batalha contra os babilônios (2 Reis 23:29).

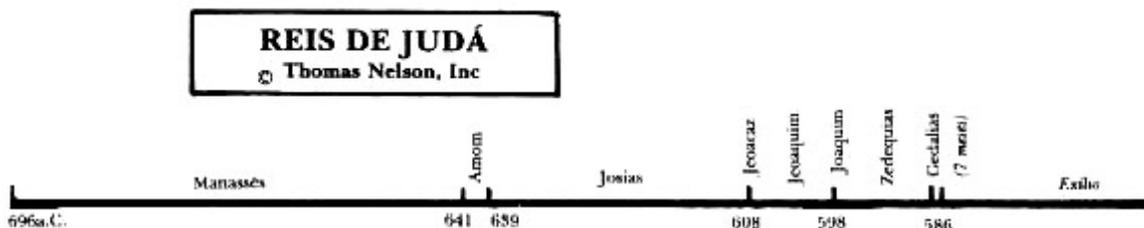


Figura 12

JEOACAZ — 2 Reis 23:31; 3 meses. O povo escolheu o primeiro filho de Josias, Jeoacaz, como seu novo rei. Mas Faraó-Neco não o queria e colocou no trono Jeoquim, outro filho de Josias.

JEOAQUIM — 2 Reis 23:36; 11 anos. Durante seu reinado, Nabucodonosor veio a Jerusalém pela primeira vez e submeteu Judá ao domínio da Babilônia. Jeoquim foi confirmado no trono em 605 a.C.

Sem dúvida alguma podemos fixar este ano, porque dois eclipses estabeleceram 605 a.C. como o começo do reinado de Nabucodonosor. Um desses eclipses ocorreu no quinto ano de Nabopolassar, pai de Nabucodonosor. Sabemos, também, que Nabucodonosor ascendeu ao trono no vigésimo quinto ano de seu pai. O outro eclipse ocorreu no dia 4 de julho de 568, e a esta altura Nabucodonosor já havia reinado 37 anos. Isto coloca a ascensão de Nabucodonosor ao trono em 605 a.C. Também em 605 a.C. Daniel foi levado para a Babilônia e teve início o exílio judaico de 70 anos (cf. Jeremias 25:9-12; Daniel 9:2). Jeoaquim começou a reinar em 608 a.C. e reinou 11 anos, até 597 a.C. (608 a.C. menos 11 anos) quando morreu.

JOAQUIM — 2 Reis 24:8; 3 meses. Joaquim tornou-se rei depois de Jeoaquim, mas Nabucodonosor atacou Judá pela segunda vez e deportou Joaquim para a Babilônia. Então Nabucodonosor pôs no trono a Zedequias, outro filho de Josias.

ZEDEQUIAS — 2 Reis 24:18; 11 anos. Este foi o último rei da primeira comunidade de Judá. Governou desde 597 até 586 a.C., quando Nabucodonosor veio pela terceira vez, destruiu o templo e pôs fim ao reino judaico.

GEDALIAS — 2 Reis 25:22-26; sete meses. Gedalias tornou-se governador no décimo nono ano de Nabucodonosor, o que confirma que Gedalias chegou ao poder em 586 a.C. (2 Reis 25:22). Evidentemente, Nabucodonosor teve de sufocar outra rebelião em Judá, visto que alguns do povo não aceitavam o fato de que a primeira comunidade havia chegado ao fim. Isto aconteceu no vigésimo terceiro ano de Nabucodonosor, ou 582 a.C. (cf. Jeremias 52:30).

DATAS EXÍLICAS E PÓS-EXÍLICAS

A Bíblia proporciona algumas datas para o período do Exílio. Joaquim foi libertado no trigésimo sétimo ano de seu exílio (2 Reis 25:27). Isto colocaria o livramento por volta de 560 a.C. (597 a.C. menos 37 anos). Ezequiel também menciona datas específicas para os eventos de seu ministério, desde o tempo do cativo de Joaquim (Ezequiel 1:1-2; 29:17). Ezequiel ouviu falar da queda de Jerusalém no duodécimo ano de seu exílio, o que a colocaria por volta de 586 a.C. (Ezequiel 33:21).

A Babilônia caiu sob o domínio de Ciro e dos persas em 539 a.C., e Ciro imediatamente decretou que todos os refugiados podiam voltar para suas terras de origem (2 Crônicas 36:22; Esdras 1:1). De novo vemos Deus operando na história a fim de realizar seu propósito para o povo de Israel. O povo judeu levou quase um ano para voltar à sua terra natal e estabelecer-se para começar a segunda comunidade. O sistema do calendário persa era diferente do calendário judaico, mas podemos calcular que os judeus começaram a lançar os alicerces do segundo templo em 536 a.C. É interessante notar que o Exílio terminou 70 anos depois que os babilônios sitiaram Judá em 606 a.C., conforme Deus havia predito (Jeremias 25:11). A construção do templo foi interrompida não muito tempo depois de iniciada. Recomeçou no segundo ano de Dario I, em 520 a.C. sob o ministério profético de Ageu e de Zacarias (Esdras 4:24; 5:1-2; Ageu 1:1-15; 2:1-9). Foi completada no sexto ano de Dario (Esdras 6:15), o que seria por volta de 516 a.C. Esta é outra forma de marcar o intervalo de 70 anos do Exílio — desde a destruição do primeiro templo em 586 a.C. até à conclusão do segundo templo em 516 a.C.

Ester viveu nos dias de Assuero ou Xerxes (486-464 a.C.), e as datas atribuídas a ela são por volta de 483 e 479 a.C. (Ester 1:3; 2:16).

O fecho dos acontecimentos históricos do Antigo Testamento ocorreu no reinado de Artaxerxes I (464-423 a.C.). Esdras levou um contingente de judeus para Jerusalém no sétimo ano de Artaxerxes (Esdras 7:7-9), por volta de 458 a.C. Para ajudar a Esdras e ao grupo judaico, Neemias conseguiu a nomeação de governador da terra. Foi-lhe permitido voltar no vigésimo ano de Artaxerxes (Neemias 1:1), o que se daria por volta de 444 a.C. Parece haver um intervalo entre esta primeira viagem a Jerusalém (Neemias 2:1-11) e uma segunda viagem no trigésimo segundo ano de Artaxerxes (Neemias 13:6), a qual teria sido por volta de 432 a.C.

Daniel prediz que o Messias remirá seu povo após 70 grupos de 7 anos ("semanas"), começando com o retorno de Neemias a Jerusalém em 444 a.C. (Daniel 9:24). O Messias deve ser "morto" ao fim de 69 conjuntos de setes (Daniel 9:25-26), ou 483 anos, a começar com a proclamação de Artaxerxes em 444 a.C., o que vem a ser a própria semana em que Jesus foi crucificado, levando-se em conta todos os cálculos necessários.³

EVENTOS PÓS-EXÍLICOS

© Thomas Nelson, Inc



Figura 13

4. Arqueologia

A palavra *arqueologia* deriva de duas palavras gregas, *ar-chaios*, que significa "antigo", e *logos*, que significa "palavra", "assunto", "relato" ou "discurso". *Arqueologia* significa, literalmente, "relato (ou discurso) de assuntos antigos", e de quando em quando as pessoas usam-na para referir-se à história geral antiga. Comumente, porém, *arqueologia* aplica-se às fontes da história, desconhecidas até que as escavações as trouxeram à luz.

Arqueólogos são os que estudam o passado, que trazem à tona importantes sítios históricos e estudam o que encontram. No Oriente Próximo os arqueólogos dependem desses objetos históricos para conhecerem os fatos muito mais do que quando escavam cidades na Itália ou na Grécia, porque pouca literatura sobrevive oriunda do antigo Oriente Próximo. Se o arqueólogo encontra textos escritos, ele os passa para um especialista na língua ou cultura, que os traduz e compara com outros trechos de literatura daquela época.

ARQUEOLOGIA BÍBLICA

Os eruditos discordam quanto à propriedade do termo "*arqueologia bíblica*". Dizem alguns que arqueologia é arqueologia — isto é, seus métodos e alvos são essencialmente os mesmos em toda a parte, quer a Bíblia esteja envolvida, quer não. Eles têm, igualmente, preocupações válidas quanto a reivindicações anticientíficas (às vezes até fraudulentas), perpetradas em nome da arqueologia "bíblica". Crêem que deveríamos empregar outro termo, como "*arqueologia palestina*" ou então "a arqueologia e a Bíblia".

Talvez a expressão *arqueologia bíblica* tenha caído no desagrado porque os cientistas hoje simplesmente não estão muito interessados em assuntos bíblicos. Os estudiosos que têm interesse profissional na Bíblia não se acham tão ativamente engajados em trabalho arqueológico como outrora. Hoje, os arqueólogos profissionais estudam um amplo espectro de interesses culturais e antropológicos que podem não ser de aplicação imediata para o estudante da Bíblia. A afinidade há muito existente entre os estudos bíblicos e a arqueologia já não é hoje tão firme.

Os principais recursos, financeiros e de pessoal, dos projetos arqueológicos nas terras bíblicas nunca vieram de organizações ou instituições eclesásticas. Vieram de universidades, museus ou de outras fontes privadas. Esta tendência provavelmente se tornará até mais forte no futuro por causa da inflação, da crescente especialização arqueológica, e do ceticismo cada vez maior da arqueologia para com o cristianismo tradicional. Não obstante, as igrejas e suas instituições deveriam procurar participar o quanto puderem.

Prova a arqueologia que "a Bíblia é verdadeira"? Não exatamente. O que é verdadeiro é que a arqueologia tem aumentado nossa confiança nos amplos esboços do relato bíblico. As descobertas arqueológicas têm sustentado muitas declarações específicas encontradas no texto sagrado. Muitas vezes a arqueologia tem sido útil na refutação aos ataques dos céticos. Todavia, muita coisa da Bíblia tem que ver com questões relativamente particulares, pessoais, as quais a arqueologia não pode verificar. E quanto mais recuamos na história, tanto menos evidências encontramos.

A. Suas Limitações. A "verdade" da Bíblia não é apenas uma questão de fatos, mas de interpretação desses fatos. Mesmo que pudéssemos demonstrar a veracidade da Bíblia inteira, isso não provaria seu significado redentor. Visto como a fé cristã se baseia em acontecimentos históricos, os cristãos recebem de bom grado qualquer prova que a arqueologia possa proporcionar — porém não ancoram aí a sua fé. Nenhuma falta de prova nem o ceticismo crítico desacre ditam a Palavra de Deus. Melhor é acentuar que a arqueologia nos ajuda a *entender* a Bíblia que insistir em que ela prova que a Bíblia é verdadeira. Com efeito, a arqueologia não pode fazer tanto, nem há necessidade de que o faça.

B. Seu Valor. A arqueologia pode proporcionar informação de mundo histórico de milhares de anos depois que a Bíblia foi escrita. Conquanto a arqueologia lide, antes de tudo, com objetos concretos, Materiais, ela pode ajudar-nos a compreender a mensagem espiritual "os escritores bíblicos —

especialmente suas ilustrações e figuras de Pensamento. Deve haver um "diálogo" entre o texto bíblico e os achados arqueológicos, porque cada um deles pode ajudar-nos a entender e interpretar o outro. A Bíblia ajuda-nos a entender as novas descobertas arqueológicas, enquanto a arqueologia nos ajuda a ler nas entrelinhas" do registro inspirado.

Por exemplo, os registros históricos da antiga Babilônia não mencionam Belsazar, muito embora a Bíblia diga que ele sucedeu a Nabucodonosor (Daniel 4-5). Por algum tempo, alguns estudiosos da Bíblia duvidaram dela neste ponto. Mas em 1853 os arqueólogos encontraram uma inscrição em Ur, a qual mostra que Belsazar reinou com Nabonido, seu pai.

C. Sua Confiabilidade. Quão objetivo ou verdadeiramente científico é o método arqueológico, e até que ponto se pode confiar nos seus resultados? Felizmente, já passou o dia em que pensamos que até as ciências "exatas" ou físicas (a física, a química, e assim por diante) são absolutamente objetivas. Sabemos que as atitudes e as noções de verdade dos cientistas afetarão o modo pelo qual interpretam os fatos. Por outro lado, o grau de opinião pessoal das ciências "flexíveis" ou sociais (história, sociologia, psicologia) não é tão grande que devamos recusar-nos a chamá-las de "científicas". A arqueologia ocupa um campo intermediário entre as ciências "exatas" e as "flexíveis". Os arqueólogos são mais objetivos quando desenterram os fatos do que quando os interpretam. Mas as suas preocupações humanas também afetarão os métodos que empregam quando "cavam". Não podem deixar de destruir suas provas quando escavam, de modo que nunca podem testar seu "experimento" mediante a repetição. Isto faz que a arqueologia seja singular entre as ciências. Além do mais, faz dos relatórios arqueológicos uma tarefa exigentíssima e toda cheia de armadilhas.

Não obstante, a arqueologia coincide com outras disciplinas científicas, como história, geografia e antropologia cultural (o estudo das formas de pensar e viver do homem). Os especialistas em física ou química muitas vezes se juntam às equipes de escavação a fim de analisar sementes, ossos, pólen, solo, e coisas semelhantes. O estudo de religiões comparadas ou "história das religiões" muitas vezes desempenha um papel proeminente na interpretação dos achados, porque muitos deles se relacionam com o culto. A geologia lida com camadas naturais ou estratos, em contraste com as camadas feitas pelo homem que reclamam a atenção dos arqueólogos; entretanto, muitas vezes os arqueólogos consultam os geólogos a fim de aprenderem mais acerca da natureza dos locais que estão escavando.

D. Sua Geografia. Quais as áreas geográficas que atraem o interesse da arqueologia bíblica? Para o período do Novo Testamento, essa área coincide grandemente com o Império Romano. Para os tempos do Antigo Testamento, a área é um tanto menor, e o centro se desloca o leste a fim de incluir o vale da Mesopotâmia e a Pérsia (o Irã 5e nossos dias).

É mais simples, porém, começar pelo ponto central — Palestina ou Israel (Canaã) — e partir daí. Os grandes impérios situados nos vales do Nilo e da Mesopotâmia são quase tão interessantes quanto a própria Palestina. A cultura da Fenícia (o Líbano moderno) tinha muito em comum com a de Canaã. A Síria é também de fundamental interesse — sua história amiúde se entrelaçava com a de Israel e sempre foi o principal corredor para os invasores da Palestina. Ainda mais ao norte, a Ásia Menor foi a terra natal dos hititas e de outros povos importantes.

ASCENSÃO DA MODERNA ARQUEOLOGIA

A história da moderna arqueologia do Oriente Próximo começa quase ao mesmo tempo em que começaram outras ciências modernas, durante o século dezoito. Antes disso, sempre houve colecionadores de antigüidades (geralmente museus ou indivíduos ricos). As "escavações" resultantes eram pouco mais do que caça a tesouros que destruíam a maior parte da informação de valor para o arqueólogo científico. Infelizmente, algumas pessoas ainda conservam essas atitudes, e quase todos os países do Oriente Próximo travam uma difícil batalha contra os escavadores que procuram satisfazer à demanda do mercado negro de artefatos.

A arqueologia bíblica provavelmente teve início com a descoberta da Pedra da Roseta (nome derivado de uma aldeia próxima do Delta do Nilo), quando Napoleão invadiu o Egito em agosto de 1799. Escrita em três colunas (grego, hieróglifos egípcios, e um escrito egípcio de data posterior), a pedra logo foi decifrada por Jean François Champollion. Havia mais relíquias do passado na superfície do terreno no Egito do que em qualquer outra parte do antigo Oriente Próximo, e a descoberta de Napoleão desses escritos estimulou posterior exploração desse país.

Um avance semelhante se fez na Mesopotâmia em 1811, quando Quade J. Rich encontrou dezenas de tabuletas de argila cozidas, na Babilônia, com escrita *cuneiforme* ("em forma de cunha"). Em 1835, Sir Henry Creswicke Rawlinson decifrou uma inscrição em três línguas (persa antigo, elamita e acadiano), que Dario o Grande havia feito sobre um penhasco perto de Behistun na região ocidental da Pérsia. Uma década mais tarde, Sir Austen Henry Layard e outros arqueólogos pioneiros abriram montes de entulho que continham os restos de grandes cidades assírias, como Nínive, Assur, e Calah. Nesses montes (ou

outeiros), descobriram mais tábulas cuneiformes. Uma vez que já haviam aprendido a ler a escrita cuneiforme, as tábuas lhes permitiram rever toda a história, cultura e religião da Assíria e Babilônia antigas. Encontraram muitos paralelos com a história da Bíblia.

A. Contribuição de Petrie. A arqueologia científica, porém, levou quase outro meio século para entrar na Palestina. Em 1890 Sir W. M. Flinders Petrie voltou sua atenção para o monte de Tell-el-Hesi (hoje a cidade bíblica de Eglom, embora Petrie julgasse tratar-se de Laquis). Petrie não foi o primeiro a cavar na Palestina, mas foi o primeiro a reconhecer o verdadeiro significado da *estratigrafia* — estudo das várias camadas de ocupação que aparecem num corte geológico, e da cerâmica pertencente a cada *stratum* (latim, "camada"). Mas até mesmo o primeiro passo de Petrie foi vacilante. O método de Petrie, de *datar pela seqüência*, ou datação seqüencial, simplesmente considerava como divisões "estratigráficas" cada pé (30,5 cm) na escavação, em vez de seguir as linhas irregulares da própria ocupação ou seqüência.

Não é possível mencionar todos os cientistas que se valeram das realizações de Petrie. Contudo, o próximo grande passo foi dado por W. F. Albright em Tell Beit Mirsim, oeste de Hebrom, numa série de "escavações" desde 1926 até 1932. (Albright identificou o sítio com a localidade bíblica de Debir ou Quiriate-Sefer, mas isto tem sido seriamente contestado.) Por seus métodos meticulosos, Albright estabeleceu de uma vez por todas a seqüência correta da cerâmica palestina. Albright e seus sucessores,



especialmente G. E. Wright recomendaram e praticaram os mais esmerados procedimentos. Chj' trás melhorias na técnica de escavação foram introduzidas por G. E. Reisner e Clarence S. Fisher em Samaria (1931-1935), e por Kathleen Kenyon em Jericó e alhures, começando em 1952. Os especialistas ainda discutem sobre os melhores procedimentos. É preciso usar métodos diferentes pelo simples fato de variarem as exigências dos locais. Por exemplo, a arqueologia israelense dos dias atuais muitas vezes é obrigada a abrir mão de procedimentos mais desejáveis a fim de chegar antes dos buldôzeres da nova construção.

Cerâmica de sepultura.

Sepultadas durante séculos sob camadas de cascalho e pó, estas peças de cerâmica foram encontradas numa sepultura em Tell el-Farah (antiga Tirza). Os objetos são exibidos como foram escavados. Os arqueólogos devem catalogar cuidadosamente os achados e começar o cansativo trabalho de juntar os objetos despedaçados.

Período Romano			
Período Helenístico			
Período Persa			
Idade do Ferro I			
Idade do Bronze Recente			
Idade Média do Bronze II			
Primeira Idade do Bronze			

© Thomas Nelson Inc.

Figura 14

Este quadro mostra diversos tipos de cerâmica característica da Palestina dos tempos bíblicos. Estão dispostos a partir dos mais recentes (ao alto) até aos mais antigos (embaixo), conforme encontrados nas camadas progressivamente mais profundas de um monte artificial formado por restos acumulados de antigas povoações.

O Dr. W. M. Flinders Petrie desenvolveu um método para determinar a data aproximada de artefatos encontrados num desses montes artificiais, mediante a observação da profundidade e do contexto físico de cada camada de restos acumulados. Usando o método chamado esintigrafia, os arqueólogos descobriram o tipo de cerâmica comum a cada período da antigüidade.

A série da esquerda mostra o desenvolvimento de grandes potes de água, de duas alças. As Mulheres usavam tais potes ou cântaros para transportar água potável do poço da cidade. Esses Potes também podiam ser usados para armazenar água, vinho ou outros líquidos. A série do meio Mostra o desenvolvimento de jarros de barro, usados para as refeições da família. A série da direita Jttostra a evolução das candeias de azeite: cada seção desta série dá uma vista do alto e uma vista lateral da candeia.

Observe que os desenhos mais antigos (p. ex., os da Idade do Bronze) tendiam a ser muito simples e funcionais. Os desenhos posteriores, que mostram a influência da arte persa e grega, eram mais delicados e amiúde tinham pintura ornamental.

Conforme observamos anteriormente, os arqueólogos modernos tendem a ter um conceito muito mais amplo de sua tarefa do que é assinalado pela expressão *arqueologia bíblica*. Desejam explorar todo o espectro da experiência humana em conexão com a história de um local. Esse método não está, necessariamente, em grande desacordo com o conceito da arqueologia bíblicamente orientada. Mas, infelizmente, amiúde resulta em conflito.



Crânio com contas. Objetos sepultados com os mortos, como este toucado de contas, ajudam os arqueólogos a determinar a idade dos restos do esqueleto. Também revelam algo dos valores artísticos e das habilidades das pessoas que os faziam.

B. Robinson e Glueck. Nosso esboço da história da arqueologia palestina seria incompleto sem a inclusão do nome de Edward Robinson. Suas contribuições circunscreveram-se mais à área da geografia ou exploração da superfície do que à escavação arqueológica, mas os dois esforços são inseparáveis. Em 1838 e 1852 ele e um companheiro tiveram êxito em localizar muitos sítios bíblicos, amiúde na base da similaridade entre seus nomes bíblicos e modernos (p. ex., Anatote, a terra natal de Jeremias, e a moderna Anata).

Quase um século depois, Nelson Glueck fez contribuições semelhantes mediante suas viagens às áreas estereis da Transjordânia, do ale *do* Jordão e do Neguebe (região semi-árida ao redor de Berseba). Mais tarde ainda, o Fundo de Exploração da Palestina trouxe à fruição esses esforços pioneiros.

C. Desenvolvimentos Recentes. Os arqueólogos têm feito grandes progressos em duas áreas relacionadas com a arqueologia bíblica: arqueologia subaquática e estudos "pré-históricos". Os métodos subaquáticos afetam a arqueologia bíblica apenas na cidade costeira de Cesaréia. Os estudos "pré-históricos", que lidam com períodos anteriores a 3.000 a.C, dependem em grande parte de comparar os estilos de ferramentas de pedra. Os arqueólogos têm feito descobertas importantes do período "pré-histórico" em muitos pontos da Palestina, e estão concentrando mais de suas energias nessa direção.

MÉTODOS ARQUEOLÓGICOS

Os métodos arqueológicos são, em essência, muito simples. Na verdade, podiam ser reduzidos a apenas dois procedimentos — *estratigrafia* e *tipologia*.

A. Estratigrafia. A estratigrafia estabelece uma cuidadosa distinção dos vários níveis (ou *strata*) em que as pessoas viviam. São numeradas de modo simples e consecutivo (em geral por numerais romanos) do alto para baixo, sendo o *stratum* do alto — o mais recente — "Stratum I", e assim por diante. O número total de camadas de determinado sítio pode variar de maneira considerável, bem como a profundidade dessas camadas. Um monte artificial de detritos ou entulhos de uma antiga cidade pode muito bem chegar de 15 a 22 metros acima do solo virgem, e na Mesopotâmia é freqüente excederem esta altura. De quando em quando um monte artificial tem sido ocupado quase continuamente por milhares de anos; e se ainda estiver ocupado, a escavação será muito difícil ou impossível. Outras vezes haverá longas lacunas na história da ocupação do sítio. Isso só podemos saber depois de completa a escavação, embora um estudo dos fragmentos de cerâmica que foram arrastados pelas águas das encostas dos montes de detritos dêem ao arqueólogo um bom retrato do progresso das civi-"Zações a serem desenterradas nesses montes. As vezes as diversas camadas se distinguirão pelas camadas espessas de cinza ou de outros escombros da destruição; outras vezes somente pelas diferenças na cor ou na compacidade do solo. Se um monte de escombros jaz desabitado por longo tempo, a erosão e a pilhagem do local podem romper completamente uma camada. Habitantes posteriores muitas vezes cavam valas, cisternas e covas profundas nas primitivas caldas, aumentando os problemas do escavador.



Jarro e moedas de Siquém. Este pequeno jarro de cerâmica contendo 35 moedas de prata provavelmente foi o banco privado de algum residente de Siquém, cidade de Efraim, no segundo século a.C. Pelo fato de serem facilmente datadas, as moedas ajudam os arqueólogos a determinar a idade dos locais em que foram encontradas.

B. Tipologia da Cerâmica. A identificação dos estratos capacita o cientista a determinar uma seqüência relativa de camadas, mas não datas absolutas. Para as datas, ele deve usar a *tipologia* da cerâmica (isto é, o estudo de diferentes tipos de cerâmica). Com o correr do tempo, os arqueólogos desenvolveram um conhecimento muito pormenorizado da cerâmica característica de cada período. Relacionando-se cada estrato com os fragmentos de cerâmica nele encontrados, o arqueólogo geralmente pode determinar a data do estrato dentro de um período de tempo relativamente estreito.

Quando foram introduzidos, os cientistas relutaram em adotar os métodos da estratigrafia e da tipologia. Em Tróia, Heinrich Schliemann concluiu no século dezenove que os montes de escombros encobriam as camadas de mais de uma cidade antiga. Isto lhe trouxe o escárnio dos círculos eruditos de toda a Europa até que ele provou sua tese. Houve, de início, semelhante rejeição da tipologia da cerâmica. As tipologias de outros objetos antigos também são úteis. Por exemplo, o desenvolvimento da candeia ajuda o arqueólogo na identificação de períodos mais amplos. De um simples pires com um pavio ou mecha, a candeia finalmente desenvolveu um lábio em um lado para segurar o pavio, depois quatro lábios em ângulos retos entre si. Finalmente o topo foi todo coberto para deixar somente um bico para o pavio. Na época bizantina e na cristã, o topo coberto era acabado com uma variedade de símbolos artísticos. Ferramentas, armas e estilos arquitetônicos mudaram através dos séculos, conforme mudava o desenho de ídolos pagãos.

Nas raras ocasiões em que se encontrou material escrito na Palestra, temos outro teste importante para datas históricas, e a paleo-grafia que é o estudo da história da escrita, tornou-se uma ciência precisa.

As moedas não apareceram na Palestina até ao fim do período do Antigo Testamento (c. 300 a.C). Desde que as pessoas às vezes acumulavam moedas e as guardavam como tesouro, ou as conservavam como bens de família, esta evidência pode induzir o arqueólogo a erro. Verifica-se o mesmo com objetos importados, onde um intervalo de tempo de 25 a 50 anos muitas vezes terá de ser levado em consideração.

C. Outras Técnicas de Datação. A tipologia da cerâmica é a mais fundamental forma de datar os sítios arqueológicos. Todos os demais métodos são suplementares. Em anos recentes, os cientistas desenvolveram novos procedimentos para a datação de objetos antigos, mas nenhum desses procedimentos ameaça substituir a análise dos tipos de cerâmica. Os especialistas podem datar a cerâmica até dentro de, no mínimo, meio século; a margem de erro é consideravelmente maior com outros procedimentos, e em geral se torna maior quanto mais recuamos no tempo. Apenas numas poucas "eras escuras", para as quais não temos nenhuma pista cerâmica, é que as técnicas mais recentes provaram valer o tempo e a despesa.

Dos procedimentos mais recentes, o mais bem estabelecido e o mais importante é a datação pelo radiocarbono. O isótopo 14 do carbono é uma forma de carbono com meia-vida de cerca de 5.600 anos. Ele se decompõe para formar o carbono-12, a forma de carbono mais comum. Medindo-se a proporção do carbono-14 para o carbono-12 de um objeto, os cientistas podem determinar a idade do objeto. Embora o carbono-14 deva desintegrar-se a um índice constante, alguns cientistas ainda questionam sua exatidão e confiabilidade. Ele se encontra só em substâncias orgânicas (madeira, tecido, e assim por diante), que são raras nas escavações palestinas. Um pedaço considerável da amostra é destruído durante o teste, o que faz com que os arqueólogos relutem em usar este método. Não obstante, tem sido útil, especialmente em silenciar o ceticismo de pessoas que ainda não se convenceram da capacidade dos arqueólogos de datar a cerâmica.

Algumas outras técnicas são mais promissoras para a arqueologia bíblica. A *termoluminescência* serve para determinar quando a cerâmica foi queimada. A *análise esvetrográfica* bombardeia um pedaço de cerâmica com elétrons a fim de medir o espectro químico dos minerais nele contidos. De um modo um tanto semelhante, na *ativação do nêutron* o material cerâmico é colocado num reator nuclear e a composição química da argila é determinada a partir da radioatividade que ela pode emitir. Os dois últimos métodos são mais proveitosos para determinar a fonte da argila da qual foi manufaturada a cerâmica do que sua data: mas, com freqüência, os dois métodos andam juntos (O olho de um competente especialista em cerâmica pode muitas vezes detectar muita coisa sobre a fonte original da argila sem esses auxílios científicos.)

As técnicas científicas também podem ajudar na pesquisa de sítios. São tantos os montes formados por escombros ainda não tocados pela moderna escavação, que a demanda para esses recursos tem sido pequena. Mas nas áreas menos povoadas da Transjordânia e do Neguebe, a fotografia aérea infravermelha tem podido isolar cidades antigas selecionando diferenças na vegetação. Um objeto emite calor na forma de raios infravermelhos; quanto mais quente for o objeto, tanto mais raios infravermelhos emitirá. Assim, as fotografias infravermelhas revelam diferenças na temperatura das plantas que crescem nos muros e pavimentos antigos. Na Itália, os arqueólogos usaram o *magnetômetro de próton* (comparável ao contador Geiger) para localizar a cidade de Síbaris.

D. Supervisão do Trabalho. Além da estratigrafia e da tipologia, o registro cuidadoso e a publicação dos dados constituem o terceiro importante princípio da arqueologia científica.

Diferentemente de outras ciências, a arqueologia não pode repetir seus "experimentos" para comprová-los. Assim, o interesse pelos registros cuidadosos é o âmago da "escavação" bem-sucedida.

De início os arqueólogos demarcam um sítio usando um "sistema de grade", cotejando a latitude e a longitude da área. Em geral dividem o sítio em "campos". Dentro de cada campo medem certas "áreas" e as marcam com estacas para escavação. Os campos podem variar de tamanho, dependendo da situação, mas costumeiramente as áreas medem seis metros quadrados. Os arqueólogos subdividem ainda cada área em quatro quadrados, deixando divisores ("faixa de terra") de um metro de largura entre cada quadrante. Essas faixas proporcionam um passadiço para observação e inspeção durante o trabalho, e representam pontos de referência se mais tarde surgem dúvidas. Nem sempre um quadrante inteiro é cavado de maneira uniforme; os trabalhadores cavam "valas de sondagem" em ângulos retos a outras valas, num esforço por antecipar o que podem descobrir.

Cada área tem seu supervisor, que por sua vez é supervisionado pelo diretor da escavação. O supervisor de área tem duas tarefas: 1) supervisionar e dirigir a escavação real em sua área, e 2) registrar tudo com todo o cuidado à medida que aparece.

Os trabalhadores são basicamente de três tipos: 1) os *picareteiros*, que com todo o cuidado quebram em pedaços o solo compacto (um procedimento muito especializado, que se distingue da corriqueira escavação de valas); 2) os *enxadeiros*, que trabalham no solo recentemente solto, observando qualquer coisa significativa; e 3) os *cesteiros*, que retiram o refugo após a inspeção. Às vezes os cesteiros também usam peneiras, despoladeiras e escovas para raspagem e limpeza.

Arqueólogo trabalhando. Os achados arqueológicos são notavelmente frágeis, exigindo grande cuidado e paciência para sua preservação. Aqui o Dr. Gustav Jeeninga desenterra um esqueleto antigo em Cesaréia. Isto acarreta a remoção meticulosa de depósitos seculares, que devem ser totalmente limpos sem remover o sítio onde se encontram os restos.



O supervisor de área registra notas cuidadosas em uma caderneta de campo, um diário de tudo o que seus trabalhadores fazem. Ele designa um número arbitrário de localização para cada subdivisão de sua área, tanto vertical como horizontalmente. Os operários coletam toda a cerâmica em cestas especiais e as etiquetam para indicar a data, a área e o local. Depois a cerâmica é lavada e "lida" pelos peritos, que separam e registram as peças de interesse especial. Fotografam ou fazem um croqui de qualquer coisa de interesse especial antes de desmontá-la. No final de cada dia (ou antes de dar início a uma nova fase da escavação), o supervisor de área deve fazer desenhos em escala tanto das paredes verticais como do chão de sua área. No final da temporada, ele prepara um relatório detalhado de tudo o que aconteceu em sua área. O diretor geral da escavação reúne todos esses relatórios em seu próprio relatório preliminar, e depois faz uma publicação pormenorizada. Contudo, muitos diretores de projeto têm deixado de dar os passos finais, privando o mundo estudioso do fruto de seus labores.

PERÍODOS DA HISTÓRIA ANTIGA

Os arqueólogos classificam a mais primitiva evidência histórica e atural de acordo com um sistema de três períodos, que consistem as Idades da Pedra, do Bronze e do Ferro (cada qual com várias subdivisões). Herdamos esta ciência dos começos do século dezenove, e agora é antiquada. Mas de tal maneira ela se tornou parte da arqueologia que parece impossível mudá-la. Os arqueólogos têm tentado colocar em seu lugar algo mais satisfatório, mas esses novos sistemas têm êxito apenas limitado e muitas vezes têm trazido mais confusão. A mais bem-sucedida dessas propostas tem empregado rótulos sociológicos ou políticos, enquanto o esquema tradicional se baseia no mais vital metal desses períodos. Depois da Idade do Ferro (isto é, a partir do período persa) os nomes políticos ou culturais sempre têm servido de padrão para os períodos arqueológicos.

As datas são aproximadas, é claro, porque as mudanças culturais sempre ocorrem gradualmente. Em períodos posteriores, nos quais em geral conhecemos a história com maior exatidão, é possível dar algumas datas precisas.

Ao atribuir datas aos achados arqueológicos, os maiores problemas ocorrem nos períodos

primitivos. Só a partir do período patriarcal (geralmente da idade Média do Bronze, depois de 2300 a.C.) é que começamos a pisar terra firme. E não foi senão um milênio mais tarde (no tempo de Davi e de Salomão) que achamos mais fácil determinar as datas dos eventos bíblicos. As datas extremamente primitivas que alguns cientistas apresentam para a Era Paleolítica ou Antiga Idade da Pedra baseiam-se mais nas teorias da evolução e da geologia do que na arqueologia. Tais datas entram em conflito com a Bíblia — não só na superfície, mas também ao nível dos conceitos subjacentes.

Todavia, não é fácil determinar com precisão a linha divisória. É difícil interpretar as cronologias da própria Bíblia, e assim os intérpretes conservadores chegam a conclusões diferentes.

A. A Idade da Pedra. A era mais antiga — a Idade da Pedra — divide-se em Período Paleolítico, Período Mesolítico, e diversos Períodos Neolíticos.

1. Período Paleolítico. O Paleolítico ou "Antiga Idade da Pedra" pode ser descrito como uma era de caça e de coleta de alimento. As pessoas viviam em cavernas ou abrigos provisórios. Faziam implementos de sílex ou de pedra lascada, e tiravam sua subsistência do que pudessem colher da natureza.

2. Período Mesolítico. O Mesolítico ou "Idade Média da Pedra" foi uma fase de transição para uma economia produtora de alimento, na qual apareceram os primeiros assentamentos ou colonizações; foi uma revolução que amadureceu na era Neolítica. Podemos dizer que houve uma evolução das artes da civilização durante este período, mas não uma evolução do homem ou de suas capacidades inatas.

3. Períodos Neolíticos. A invenção da cerâmica por volta de 5.000 a.C. introduziu uma nova era da antiguidade, a Neolítica ou "Nova Idade da Pedra".

O sítio palestino mais espetacular que ilustra esses desenvolvimentos é Jericó. No oitavo milênio antes de Cristo, os caçadores do Período Mesolítico construíram um santuário próximo de uma fonte em Jericó. Aos poucos eles passaram de seus abrigos nômades para a construção de casas de tijolos de barro, e começaram a lavoura de irrigação. Quatro Períodos Neolíticos distinguem-se em Jericó depois disto: dois pré-cerâmica e dois nos quais se conhecia a cerâmica. Embora o primeiro período tenha, aparentemente, começado em paz, com toda certeza tal não ocorreu com os outros três. Com efeito, o primeiro Período Neolítico se caracterizou pela construção de muros defensivos maciços — os primeiros que conhecemos na história do homem. Depois de destruído o muro, uma cultura inteiramente nova pôs-se em marcha em Jericó. A cerâmica ainda era desconhecida, mas por outro lado era evidente um alto grau de capacidade artística. O povo de Jericó moldava o barro em torno de crânios humanos para fazer retratos realísticos com inserção de conchas no lugar dos olhos, provavelmente para algum tipo de culto a ancestrais.

A próxima onda de invasores na Palestina era culturalmente atrasada em muitos aspectos. Mas havia uma grande exceção: sabiam fabricar cerâmica. Após mais uma onda de povoadores, Jericó entrou numa fase de eclipse temporário por volta de 4000 a.C. Durante o Período Calcolítico a cidade de Ghassul, situada no outro lado do rio Jordão, assumiu o poder que Jericó havia conhecido.

B. Período Calcolítico. O Período Calcolítico (Cobre-Pedra), que abrange a maior parte do quarto milênio antes de Cristo, experimentou uma transição para um uso significativo do cobre. (Os povos calcolíticos não usavam o bronze, liga ainda não conhecida.)

Até este período, a Palestina mantinha-se a passo com as duas grandes culturas fluviais do Egito e da Mesopotâmia. Todavia, a partir de 4000 a.C, mais ou menos, essas duas pernas do Fértil Crescente começaram a tomar a dianteira, e a Palestina começou a assumir o papel geopolítico que desempenhou através da maior parte do período bíblico. Ela perdeu a influência cultural e politicamente, mas tornou-se uma ponte estratégica para o comércio e comunicação de grande parte do Oriente Próximo antigo. Os dois grandes rios ajudaram as outras regiões a tornar-se mais dominantes pela unificação do vasto território e por abri-lo ao comércio. Ao fim dessa era, essas regiões haviam desenvolvido padrões que seguiriam durante milhares de anos.

1. Cultura Ghassuliana. Na Palestina, segundo já vimos, parece que Jericó foi substituída por Ghassul (conhecemos somente este moderno nome árabe), ao leste de Jericó. A ausência de fortificações indica que foi um período pacífico. Ghassul era famosíssima por sua arte sofisticada, particularmente por seus afrescos multicoloridos contendo motivos geométricos, estrelas, máscaras, e outras imagens (provavelmente com significado religioso ou mitológico).

Ghassul floresceu durante a segunda metade do quarto milênio visto ter sido a primeira cultura palestina conhecida deste período seu nome serviu para designar a era "Ghassuliana". Entretanto, cada vez mais os arqueólogos estão achando que outras culturas também foram fortes durante este período. Estão achando, igualmente, que outras culturas calcolíticas tinham costumes que se assemelhavam às práticas de Ghassul. Por exemplo, os arqueólogos documentaram o costume ghassuliano de sepultar os mortos em *ossuários* (receptáculos de cerâmica para ossos) em muitas outras áreas, especialmente nas cidades costeiras próximas da moderna Tel Aviv. Esses ossuários geralmente eram moldados como animais ou casas, numa imitação dos usados na vida diária. Depois de cremado o corpo, os lamentadores

sepultavam o osuário numa cripta de pedra juntamente com provisões para a vida após a morte.

Dois sítios próximos de Berseba (Tel Abu Matar e Bir es-Safadi) exemplificam o uso do cobre durante o Período Calcolítico. Algumas das habitações em ambos os sítios eram subterrâneas, e nelas se entrava por aberturas ligadas por túneis. Trabalhos de cobre foram encontrados em muitas covas, fornos e lareiras da área, indicando a predominância do cobre na economia das duas aldeias. O minério vinha da região Sul do Neguebe, uma distância considerável, o que indica que as aldeias possuíam uma sofisticada organização social e econômica.

É provável que o sítio calcolítico mais espetacular da Palestina esteja próximo de En-Gedi, o oásis situado nas praias ocidentais do mar Morto. Bem acima da fonte (onde a cidade israelita foi escavada mais tarde) havia um complexo murado. No interior de sua maior estrutura havia um templo ao ar livre com um altar. Nada sabemos dos ritos do sacrário, mas de modo geral os arqueólogos supõem que a grande coleção de objetos de cobre (cabeças de maça, cerros, estandartes processionais) descobertos numa caverna ali por perto eram usados neste templo. Presume-se que tenham sido escondidos nesta caverna quando o templo foi ameaçado, e ninguém pôde voltar para salvá-los.

2. Cultura Megalítica. Os restos megalíticos da Palestina abarcam o Período Calcolítico e o Período Primitivo do Bronze. O termo *megalítico* significa simplesmente "de pedras grandes", referindo-se às pedras grandes e arredondadas usadas nessas construções primitivas. Na Europa, tais estruturas parecem ser características do Período Neolítico, mas no Oriente Próximo parecem pertencer a épocas posteriores. Contudo, qualquer cerâmica ou outros restos que foram originalmente sepultados com eles de há muito desapareceram, e só em tempos recentes é que suas datas foram estabelecidas com firmeza.

Os "megálitos" palestinos em geral eram muito simples: um ou mais blocos horizontais sobre uns poucos verticais, tendo em média um metro ou menos de altura, com uma entrada baixa de um lado, podem ter sido monumentos aos mortos, planejados como imitações das moradias habituais. Mais tecnicamente, este tipo de estrutura é chamado *dólmen* (literalmente, "mesa de pedra"). Em sua origem, é provável que tenham sido cobertos com pequenas pedras e terra, a qual foi levada pela água. Vez por outra um ou dois pequenos círculos de pedras pequenas os circundavam. Quase sempre estão reunidos em "campos" ou grupos, na maioria ao noroeste da Jordânia, nos declives acima da margem leste do Jordão, ou na Galiléia superior, especialmente ao redor de Corazim.

C. Idade do Bronze. Os arqueólogos têm encontrado muitos artefatos da Idade do Bronze — tantos que têm podido discernir diversos períodos culturais distintos dentro da Idade do Bronze.

1. Idade do Bronze Primitiva. Com a Idade do Bronze Primitiva e o terceiro milênio antes de Cristo, deixamos a pré-história e entramos no período "histórico" — definimos *história* como a presença de registros escritos. As culturas dos dois grandes vales fluviais (Nilo e Tigre-Eufrates) obtiveram muitas vantagens sobre a Palestina, especialmente quando desenvolveram a arte de escrever na segunda metade do quarto milênio. Os mesopotâmios (proto-sumérios?) foram pioneiros na escrita, mas o Egito rapidamente reconheceu os seus benefícios.

A evolução da escrita pode ser investigada em considerável detalhe, desde suas origens nos resumos de contratos comerciais através de pictogramas (retrato-escrita) em símbolos mais abstratos. A Meso-potâmia desenvolveu a escrita *cuneiforme* — isto é, usando um estilete para imprimir cunhas em tábulas de argila mole, que depois eram queimadas. Originalmente, os sumérios não-semíticos arquitetaram a escrita cuneiforme para si próprios, a qual foi adotada por seus sucessores semíticos, e até por vários grupos de língua indo-europeus (isto é, a família de línguas espalhadas desde a Índia até à Europa Ocidental). Tornou-se uma escrita praticamente universal até que o alfabeto aramaico, no Império Persa, a substituiu.

As raízes do alfabeto moderno encontram-se no Egito. Em certo sentido, os egípcios não desenvolveram a escrita além da fase pictográfica, resultando nos familiares *hieróglifos* (literalmente "entalhes agrados"). Embora os símbolos egípcios representassem sílabas (da mesma forma que os mesopotâmios), continham também um pri-nutivo significado alfabético; cada símbolo representava uma letra em vez de uma sílaba.¹

Muito embora os cananeus não pudessem igualar-se às culturas dos grandes vales fluviais, a Idade do Bronze Primitiva foi, também, um período de grande urbanização. Em verdade, praticamente todas as grandes cidades cananéias foram fundadas neste período. Na Palestina, essas cidades permaneceram independentes, e nunca se aglutinaram em impérios maiores. Encontramos, em essência, o mesmo sistema político de cidade-estado mais de 1.000 anos depois, no tempo da invasão de Josué. O império do rei Davi foi, provavelmente, o primeiro a suplantá-lo de maneira completa.

A despeito da tradição, não é exato chamar esse período de Idade do Bronze Primitiva na Palestina. "Bronze" é uma liga de cobre e estanho, que a Palestina não conheceu até, pelo menos, mil anos mais tarde. Um termo mais adequado seria a Idade do Cobre. Os nomes alternativos para o período nunca tiveram ampla aceitação. Contudo, dois tipos de sugestões possuem algum mérito.

Por causa da tendência do povo de construir grandes cidades, Kath-leen Kenyon quis dar-lhe o

nome de Período Urbano. Os eruditos israelenses, porém, preferem chamá-lo de Período Cananeu (seguido pelos períodos Israelita e Persa); esses rótulos identificam o poder político de cada período.

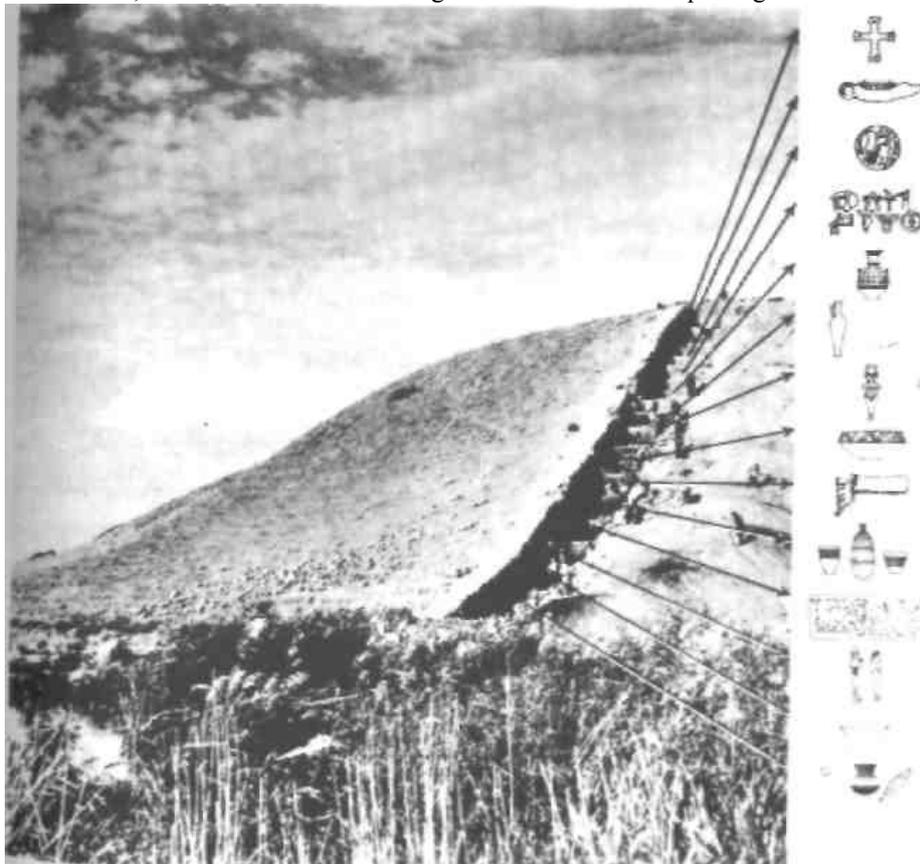
O problema de terminologia é ainda mais agudo para o terceiro milênio antes de Cristo. A pergunta é: qual a terminologia que melhor indica a continuidade bem como o contraste entre os períodos?

a. Invasores Misteriosos. Ninguém nega o violento contraste entre o Período Calcólico e o Período do Bronze Primitivo. Diversos montes de ruínas desta era indicam que as cidades desses sítios foram destruídas entre os períodos Calcólico e Bronze Primitivo. A única evidência com respeito à natureza dos povos que destruíram essas cidades está em seus novos costumes de sepultamento. Praticavam sepultamentos comunais em câmaras únicas, empurrando os ossos das gerações anteriores contra a parede à medida que os recém-falecidos se "reuniam aos seus pais".

Parece óbvio que os invasores trouxeram um novo estilo de vida. Não eram nômades que aos poucos se foram assentando num local (conforme notamos muitas vezes na Jericó neolítica), pois parecem preferir as planícies às regiões montanhosas, o tijolo à pedra (mesmo na região montanhosa onde a pedra era abundante). Esse tipo de ocupação esparsa da região montanhosa continuou através da subsequente Idade Média do Bronze até ao estabelecimento dos israelitas.

‘Quem foram esses invasores? Sem registros escritos, não podemos ter certeza. Ao chamá-los de "cananeus", os arqueólogos israelenses sugerem que se relacionavam com o povo que vivia em Canaã no tempo da invasão israelita. Embora possa ser verdade, nem todos estão de acordo. E quanto da influência cultural desses invasores permaneceu após as invasões dos amorreus e dos hurritas das eras médias do Bronze? Os nomes geográficos são uniformemente semíticos, o que indica que as línguas semíticas eram por certo dominantes desde grande antiguidade. Mas, que data era essa? E qual era a origem ou identidade dos povos que as introduziram pela primeira vez? Alguns desses invasores viviam ao longo da costa do Mediterrâneo no quarto milênio antes de Cristo, e de modo geral os arqueólogos supõem que a invasão tomou o rumo do sul ao longo da costa. Talvez tenha sido este o começo de um padrão que prevaleceu por toda a parte durante grande extensão do período bíblico — a saber, que o termo *cananeu* referia-se a uma porção sulista ou subdivisão de uma cultura geral fenícia ao longo de toda a costa. De qualquer forma, muitos aspectos da cultura cananéia foram moldados nesta época.

Diagrama de um monte de ruínas. Antes de escavar um monte de ruínas, os arqueólogos fazem uma escavação limitada para determinar se o sítio justifica ou não o dispendioso processo de escavação. Esta fotografia mostra uma vala experimental no Tell Judeideh, no Norte da Síria. Cada degrau marca um nível arqueológico diferente.



Entre esses aspectos estava o planejamento da cidade. Em sua maioria, as estruturas existentes dentro dos muros da cidade cananéia eram edifícios públicos; quanto à maior parte, as massas viviam em casebres fora dos muros, talvez trabalhando ou efetuando trocas dentro das portas e fugindo para lugares seguros em tempos de guerra. Dentre os mais proeminentes dos edifícios públicos cananeus estavam os templos ou estruturas com eles relacionadas, o que prova que os cananeus tinham rituais e sacerdócios altamente desenvolvidos desde a antiguidade. Muitas pistas deste período indicam relações comerciais da Palestina com o Egito e a Mesopotâmia. Não sabemos se a influência cultural do Egito nessa data primitiva foi acompanhada ou não por alguma medida de controle político. Durante esse período os

cananeus começaram a plantar florestas oriundas das montanhas palestinas, e também apareceram as candeias.

b. Sítios Bíblicos. Os arqueólogos têm encontrado diversos sítios da Era do Bronze Primitiva de importância bíblica. Esses sítios incluem Ai, Arade, Jericó, Megido, e Tirza. John Garstang identificou os muros duplos de Jericó (que foram destruídos para os fins da Idade do Bronze Primitiva) com aqueles esmagados miraculosamente por Josué. Em escavações posteriores, Kathleen Kenyon encontrou somente restos escassos da cidade da Recente Era do Bronze.

O sítio de Ai permaneceu desocupado durante os períodos Médio e Recente do Bronze, depois que a metrópole do Bronze Primitivo foi destruída. Evidentemente, a cidade de Ai de Josué 7 — 8 estava localizada alhures na vizinhança, mas os arqueólogos não chegaram a um acordo sobre onde era. Estamos interessados no sítio de Ai da Era do Bronze Primitiva, porque seu santuário se dividia em três partes, muito semelhante ao templo de Salomão, cerca de 1.500 anos mais tarde. Foi encontrado um altar no santo dos santos de Ai e muitos ossos de animais por toda a parte. Os arqueólogos desenterraram um templo mais simples com apenas duas câmaras (nenhum pátio exterior) em Tirza, mais tarde uma das capitais do Reino do Norte. Em Megido não descobriram nenhum templo, porém encontraram um sacrário ao ar livre cujo altar era rodeado de muros — evidentemente o tipo de instalação idólatra que a Bíblia chama de *bamah* ou "lugar alto" (cf. Números 22:41; 33:52). O altar era redondo, com cerca de vinte e um metros de diâmetro e um metro e meio de altura, havendo sete degraus que lhe davam acesso. A Bíblia proibia degraus de acesso ao altar porque os sacerdotes se tornavam culpados de expor a sua nudez quando subiam a eles (Êxodo 20:26).

Os arqueólogos também descobriram templos na cidade de Arade/ da Idade do Bronze (próxima, mas não idêntica à cidade de Arade da Idade do Ferro, freqüentemente mencionada na Bíblia). A principal importância da povoação era a natureza bem planejada da cidade.

Devemos mencionar duas outras cidades da Era do Bronze Primitiva a Bíblia não nomeia (provavelmente estavam desabitadas durante todo esse período). Beth-Yerah (nome árabe: *Khirbet el-Derak*), nas raias ao sudoeste do mar da Galiléia, era outro importante centro urbano. Ela empresta seu nome a algumas cerâmicas do período, caracterizadas por um belo polimento vermelho. Outro sítio próximo Ao canto Sudeste do mar Morto (conhecido somente por seu nome árabe, *Bab edh-Dhra*), tem reputação ímpar. Foi, também, uma cidade importante, mas sua principal "indústria" era a de sepultamento. Aí os arqueólogos encontraram vasto número de sepultamento de vários tipos, em diversos cemitérios e casas mortuárias. Deve ter sido solo favorito de sepultamento para uma ampla região. Devido à presente natureza árida e desolada da área, talvez tenha ela sido o local das "cidades da campina" (Sodoma e Gomorra, e outras) no outro lado do mar Morto, antes de serem destruídas.

c. Ebla (Tell Mardikh). Um sítio muito importante da Idade do Bronze Primitiva, fora de Canaã, é a cidade de Ebla (Ibla) recentemente descoberta no Norte da Síria. Também conhecido por seu nome moderno de Tell Mardikh, este sítio modificou completamente nosso conhecimento do período. No terceiro quartel do terceiro milênio antes de Cristo, Ebla foi a capital de um vasto império. Por algum tempo ela chegou a eclipsar o império de Acade na Mesopotâmia. Desse modo, a Síria não pode ter sido o lugar atrasado que se supõe ela foi nesse período. Não estamos seguros quanto aos seus vínculos políticos com Canaã, ao sul, mas certamente houve centros de comércio entre as duas nações.

Os registros dos negócios de Ebla mencionam grande número de sítios cananeus pela primeira vez, dentre eles Jerusalém — e até mesmo Sodoma e Gomorra, de cuja existência alguns estudiosos haviam anteriormente duvidado. Os registros de Ebla também mencionam muitos nomes pessoais semelhantes aos nomes bíblicos. Um dos Principais de Ebla foi Éber, o mesmo nome de um dos ancestrais hebreus" (Gênesis 10:25; 11:14; os nomes são muito parecidos na língua hebraica).

Conquanto a religião de Ebla fosse politeísta, uma de suas divindades pode ter tido o mesmo nome de "Jeová" do Antigo Testamento. Se assim for, as tábulas de Ebla proporcionam evidência interessante para a antiguidade do nome pessoal do verdadeiro Deus.

2. Bronze Médio I. Para o fim do terceiro milênio (a começar por oita de 2300 a.C), a florescente

cultura urbana do Período do Bronze Primitivo começou a esfacelar-se em face dos invasores nômades que causaram à Palestina uma das mais violentas destruições de sua história. Nem uma única cidade do Período do Bronze Primitivo escapou à total destruição, e todas permaneceram despovoadas durante, no mínimo, duzentos anos. A Transjordânia não voltou a firmar-se por quase mil anos (exatamente em tempo de resistir aos israelitas!) Alguns sítios nunca foram repovoados. Na Palestina, seguiu-se uma "idade de trevas" (embora as novas descobertas estejam completando o quadro). Em muitos aspectos, os invasores eram culturalmente atrasados. Viviam quase sempre em cavernas ou em acampamentos no alto de alguma cidade em ruínas. Mas, claramente, contribuíram com algumas tradições próprias, de elevado desenvolvimento. Sua cerâmica era diferente daquela dos habitantes do Período do Bronze Primitivo, tanto na forma quanto na decoração; amiúde era mal queimada e quebra-dica.

Mas os invasores se distinguiram por sua prolífica edificação de túmulos. Os arqueólogos têm encontrado seus grandes terrenos de sepultamento, especialmente nas proximidades de Jericó e de Hebrom. Em contraste com os sepultamentos múltiplos do precedente Período do Bronze Primitivo e do restante da era Média do Bronze, esses nômades, de modo geral, só faziam um sepultamento por túmulo. Quase sempre o túmulo era do tipo "entrada" de mina — isto é, com um poço vertical cavado até à entrada horizontal do túmulo. Na maior parte, os ossos encontrados estavam desorganizados, indicando que os pranteadores levavam seus mortos de volta aos seus terrenos tribais de sepultamento quando a migração sazonal chegava ao fim (cf. Jacó e José, Gênesis 50). Perto de Jericó os arqueólogos encontraram um sacrário ao ar livre, sem muro ao redor, que os migrantes consagraram ao sacrifício infantil (cf. Salmo 106:37-38, que conta como os israelitas adotaram esta prática).

Quem foram esses invasores? Não temos registros escritos, é claro, mas os estudiosos, em sua maioria, pensam que foram, pelo menos, parte daquele grupo geral chamado *amorreu*. O vocábulo, em sua origem, significa "ocidental", e os mesopotâmios aplicavam-no aos invasores que entravam em seu país vindos do Ocidente. Outros membros desse grupo podem ter invadido o Egito mais ou menos no mesmo período (o assim chamado Primeiro Período Intermediário do Egito).

A Bíblia emprega o termo *amorreu* num sentido ligeiramente mais geral e popular, referindo-se à população nativa da terra antes da chegada dos israelitas. Isto o torna, em essência, sinônimo de *cananeu*. A época da invasão israelita, os dois termos haviam-se tornado sinônimos. Qual era, porém, o relacionamento original entre os dois grupos? Os arqueólogos que crêem que os amorreus viveram na Palestina durante o período do Bronze Médio I supõem que os "cana-neus" foram os invasores do período do Bronze Médio II A, que desceram ao longo da costa do Mediterrâneo vindos da Fenícia. Mas a literatura do Oriente Próximo não menciona Canaã senão muito mais tarde. Então se refere ao termo como uma localização geográfica, da qual parece derivar o adjetivo *cananeu*. Assim, a maioria dos arqueólogos modernos crê que "cananeu" foi simplesmente um nome dado mais tarde aos amorreus. Infelizmente, os estudiosos não concordam neste ponto. É, contudo, uma questão urgente para o crente na Bíblia, porque ajudaria a identificar a data dos patriarcas.



Peneirando refugos. Para os arqueólogos, todo fragmento de história é precioso. Esses cientistas, numa escavação de Cesa-réia (100-500 d.C), peneiram refugos através de uma caixa de crivos em busca de pequenas relíquias.

Por um longo tempo Albrigh, Glueck e muitos outros arqueólogos suspeitaram que os patriarcas de algum modo se relacionavam com os amorreus. Afinal de contas, os amorreus colonizaram a região semi-árida do Neguebe onde os patriarcas peregrinaram. Todavia, os patriarcas também se estabeleceram em várias cidades (Siquém, Betei e Hebrom), e não havia tais centros urbanos na Palestina durante o período do Bronze Médio I. Além disso, os patriarcas praticavam sepultamentos múltiplos (Gênesis 23:7-20), em contraste com o costume do período do

Bronze Médio I, de sepultamentos individuais. Daí nossa relutância em identificar os patriarcas com os "amorreus"; simplesmente não parece ajustar-se com os acontecimentos na Palestina, nem com os acontecimentos nos países vizinhos. Os arqueólogos atuais nem mesmo tentam identificar os invasores do período do Bronze Médio I, e datam os patriarcas um pouco depois de 1900 a.C.

Algumas evidências de fora da Palestina indicam que os patriarcas viveram em áreas do deserto próximas dos centros urbanos desta era. As cidades mesopotâmicas de Mari e Nuzi têm semelhança com a cultura dos patriarcas de muitas formas. Mari data do século dezoito antes de Cristo, e Nuzi do dezesesseis. Isso sugere que os patriarcas viveram no período do Bronze Médio II A, e não no período do Bronze Médio I (época dos novos invasores).

Mas alguns dos registros seculares de fora da Palestina não confiam mais que os patriarcas tenham

vivido nesse período. Na verdade informação recente, vinda de Ebla, sugere que eles podem ter vivido bem antes de 2000 a.C.

3. Bronze Médio II. Já notamos que outra onda de invasores do norte entrou na Palestina durante o período do Bronze Médio II (c. 1900 a.C.). Colin McEvedy observa que "presumivelmente esta foi outra faceta da migração dos amorreus".²

O período do Bronze Médio II B foi introduzido por mais uma invasão, oriunda do norte. Esses invasores desceram através da Palestina e foram para o Egito, dando início ao Segundo Período Intermediário desse país. No Egito os novos invasores vieram a ser conhecidos como *hicsos* ("invasores estrangeiros"). Concentraram suas atividades em torno das cidades de Tânis e de Avaris no nordeste do Egito, região mais próxima de sua terra natal. A Bíblia refere-se a Ávaris como *Zoã*, e Números 13:22 data a sua fundação depois da época de Abraão. Visto como os hicsos podem ter sido parentes ou descendentes dos amorreus, é provável que tivessem considerado os israelitas como rivais ao trono. Muitos estudiosos crêem que os hicsos governaram o Egito durante os anos em que os israelitas viveram em escravidão.

Os sepultamentos múltiplos também se tornaram comuns no período dos hicsos. Com efeito, os túmulos eram reabertos muitas vezes. Os cavalarianos hicsos às vezes eram sepultados com seus cavalos e suas armas, juntamente com cerâmica, jóias e outros artigos do viver diário. Nas proximidades de Jericó, a Dra. Kenyon descobriu diversos túmulos desse tipo, bem preservados, do período do Bronze Médio H.³

É provável que o período dos hicsos tenha durado de 1750 a 1550 a.C. A segunda metade desse período (após 1650 a.C.) é comumente denominada Bronze Médio IIC. Uma tribo "indo-ariana" (um grupo de povos não-semíticos originários do planalto do Irã) subiu ao poder no Oriente Próximo nesse tempo. Provavelmente eram os hurritas (ou como a Bíblia os chama, "horeus"). Cerca de um século mais tarde, estabeleceram o império de Mitani, que por algum tempo igualou ao Egito em poder. Os hurritas e os amorreus uniam-se por casamentos. Com toda a probabilidade isso explica por que a cidade hurrita de Nuzi mostra estreitas semelhanças com a cultura dos patriarcas.

Os arqueólogos descobriram que os indo-arianos exerceram forte influência sobre a Palestina. Evidentemente, introduziram muitas novas armas e ferramentas. Trouxeram carruagens puxadas a cavalo, o arco composto, e novos tipos de fortificações de cidades. Equiparam quase todas as cidades importantes desde a Síria Central até ao Delta do Nilo com um muro de defesa chamado *glacis*. Os *glacis* continham camadas alternadas de terra socada, argila e cascalho, cobertas com argamassa. Declinavam dos muros de pedra da cidade até a uma vala seca embaixo. Talvez se destinassem a frustrar cavalarianos e aríetes. As cidades indo-arianas tinham também muros gigantescos — uma fileira de pedras grandes arredondadas que se apoiavam contra um aterro. Muitas vezes se construíam cercados retangulares próximos da cidade murada circundados por taludes altos. Esses cercados teriam sido usados para acampamentos do exército ou como cavalaria, mas não demorou para que no seu interior fossem construídas casas particulares e se tornassem arrabaldes das fortalezas muradas. Hazor, na Terra Santa, proporciona um ótimo exemplo disso.

O período do Bronze Médio II (provavelmente a época da entrada dos patriarcas em Canaã) foi um dos mais prósperos da Palestina. Os arqueólogos têm desenterrado muitas fortalezas-templos, maciças, construídas durante esse período. Contudo, temos poucos manuscritos dessa época, e assim pouco sabemos de sua política ou de sua história secular. A Bíblia pouco informa sobre o mundo secular.

4. Recente Idade do Bronze. Esse período começou por volta de 1550 a.C. Os egípcios reconquistaram o trono e expulsaram os hicsos de seu país mais ou menos nessa época. Moisés nasceu durante esse período conturbado. Em 1500 a.C. a maior parte das cidades hicsas da Palestina tinham sido destruídas.

Em 1468 a.C. Tutmés III derrotou os hicsos numa famosa batalha no Passo de Megido. O faraó deixou muitos relatos dessa batalha em suas inscrições. As tropas egípcias avançaram para o norte, chegando finalmente ao Eufrates. Não obstante, o pleno controle político do Egito não se estendeu até esse ponto.

a. Palestina: A Era de Amarna. Canaã não prosperou durante esse período, vésperas da conquista israelita. Parece que os faraós proporcionaram fraca liderança aos seus governos títeres na Palestina; consumiam o tempo em aventuras militares ao norte. Assim, a terra de Canaã aos poucos descambou para um grupo de pequenas e rixosas cidades-estados. Essas tendências belicosas atingiram o clímax no décimo quarto século, conhecido como Era de Amarna. Esse título deriva do nosso moderno nome dado às ruínas da capital do rei herético do Egito, Amenotepe *W*, ou Akhnaton. Ele estimulou as tradicionais apitais e os sacerdócios do Egito a fundarem sua própria capital no Médio Nilo. Além do mais, Akhnaton era avesso à política e à administração do império egípcio na Palestina.

Desta situação se originaram as assim chamadas cartas de Amarna, que os pequenos e insignificantes príncipes enviaram ao faraó. Parece que ele simplesmente as jogou fora onde elas aguardaram os modernos arqueólogos. Ostensivamente escritas em cuneiforme acadiano (a língua da diplomacia internacional da época), as cartas de Amarna estão por demais influenciadas pelo dialeto

cananeu local. Elas nos dão muita informação sobre a língua local antes da invasão israelita. Os governadores dessas cidades-estados professavam lealdade ao faraó, mas é óbvio que muitos só estavam tentando promover suas próprias carreiras a expensas de seus vizinhos.

De especial interesse são as muitas cartas que apelam para o faraó pedindo ajuda contra as incursões dos *habiru*. Um príncipe escreveu: "Os *habiru* estão saqueando todas as terras do rei. Se não vierem tropas ainda neste ano, então todas as terras do rei estão perdidas."⁴ No terreno lingüístico, esta palavra é muito semelhante a "hebreu", mas nada têm que ver uma com a outra. O termo *habiru* era encontrado por toda a Ásia ocidental desde o fim do terceiro milênio até ao fim do segundo. O termo não era basicamente étnico ou político, mas sociológico. Significava povo sem terra de quase qualquer espécie, em geral seminômades que vendiam seus serviços para moradores de cidade em tempos de paz, mas que lhes ameaçavam a estabilidade quando as cidades se enfraqueciam. Os dirigentes das cidades-estados cananéias bem podem ter contado os israelitas entre os *habiru*, mas o termo referia-se também a muitos outros grupos. Note-se que os israelitas não se denominaram "hebreus" senão muito mais tarde; pelo contrário, eles se chamavam de "filhos de Israel".

Alguns estudiosos crêem que a "invasão israelita" foi em realidade uma rebelião interna de servos oprimidos contra a aristocracia proprietária de terra nas cidades, instigados pelos recém-chegados da outra margem do Jordão. Conquanto os camponeses cananeus possam em verdade ter-se rebelado contra os proprietários de terra, a Bíblia mostra com clareza que esses servos só exerceram um papel secundário na invasão, se de fato se envolveram.

b. Egito: A Décima Nona Dinastia. Depois que a negligência de Akhnaton levou o Egito à beira do colapso, a décima nona dinastia, ou dos Ramessés, trouxe um breve reavivamento do poder do Egito no século treze, ou Recente Bronze II. Mas esse reavivamento se revelou ser o último suspiro do Egito. Os gigantescos templos e estátuas dos Ramessés, especialmente de Ramessés II, não podiam ocultar o fato. Embora o Egito continuasse a intrometer-se nos assuntos cananeus por toda a história bíblica, nunca mais ele pôde passar de um "bordão de cana esmagada, o qual, se alguém nele apoiar-se lhe entrará pela mão e a trespassará" (Isaías 36:6). Nações poderosas contendiam pelo Oriente Próximo, e o Egito mal pôde sobreviver.

A grande força bárbara desceu das regiões dos Bálcãs e do mar negro, engolfando e destruindo toda civilização encontrada em seu caminho: os micênios no Sul da Grécia, os hititãs na Ásia Menor, e os colonizadores cananeus ao longo da costa mediterrânea até as portas do Egito. Numa situação desesperada em Medinet Abu, Ramessés III deteve a horda bárbara, mas o esforço esgotou os últimos recursos do Egito. As inscrições egípcias chamam esses futuros invasores de "Povos do Mar", porém resta pouca dúvida de que são os povos que a Bíblia chama de "filisteus". Por ironia da sorte, esta área recebeu o nome deles — *Palestina*. Depois de derrotados, os "Povos do Mar" concordaram em tornar-se um estado-tampão contra posterior invasão do Egito. Esse pode ter sido, entretanto, sua situação quando se chocaram com os israelitas, que vinham do sudeste.

A evidência arqueológica sugere que os israelitas chegaram antes dos filisteus, foram empurrados de volta pelos invasores filisteus, e depois os venceram sob a direção de Josué. Os relatos bíblicos que dizem que Josué varreu todo o caminho até a costa do Mediterrâneo (Josué 10:40-41) não são simples fanfarrice. Recebem apoio pela primeira menção de Israel na história extrabíblica feita pelo faraó Merneptah (c. 1224-1211), que guiou uma incursão a Canaã *antes* do confronto de Ramessés III com os filisteus. Ao retornar, Merneptah vangloriou-se de que "Israel está devastada, sua semente já não existe". Seu relatório caracteriza a Israel apenas como povo, e não como nação. Essa, por certo, teria sido sua condição logo depois de entrar em Canaã sob a liderança de Josué.

A evidência arqueológica não apóia o relato bíblico da conquista com a firmeza que desejaríamos. Está claro que, na melhor das hipóteses, a arqueologia só pode "provar" a destruição de certas cidades em determinado tempo; ela não tem como dizer-nos por que as cidades foram destruídas, ou por quem. Contudo, a falta de evidência não nos dá o direito de contraditar a Bíblia; esse seria o argumento advindo do silêncio.

Há muitas e boas explicações para a escassez de evidência oriunda das cidades desse período. Por exemplo, a severa erosão do sítio de Jericó durante os séculos em que ela permaneceu desocupada explica nossa falta de evidência da Recente Idade do Bronze ali. Explicação semelhante pode aplicar-se a Gibeom; mas pode ser, também, que a cidade estivesse localizada num lugar diferente no tempo de Josué. (Não era de todo fora do comum que os povos do Oriente Próximo transferissem para um novo local as suas cidades quando destruídas Pela guerra ou por uma catástrofe natural.) A falta de evidência de destruição em Siquém concorda com o relato bíblico de que não foi necessária a destruição ali — provavelmente porque uma "guarda avançada" dos israelitas já estava no controle (cf. Gênesis 34). E o relato bíblico da destruição é lindamente corroborado pelos achados em Hazor, Láquis e Debir (cf. Josué 10:11, 30-31, 38-39).

D. Idade do Ferro. Não é de surpreender-nos que os restos da Idade do Ferro I sejam de qualidade relativamente pobre. Os israelitas não eram experimentados nas artes da civilização, e em

realidade não estabeleceram sua cultura em Canaã até aos dias de Davi e de Salomão. Conforme revela o livro dos Juizes, um período demorado e conturbado de consolidação seguiu-se às brilhantes vitórias iniciais de Josué. Escavações recentes em Asdode demonstraram, por via de contraste, o alto nível da cultura filistéia da mesma época. Muitas vezes as relíquias obtidas das cidades filistéias contêm evidência clara dos antecedentes egeus dos povos. Um ponto alto do imperialismo filisteu é a captura da arca da aliança e a destruição de Silo (1 Samuel 4:1-10). A pesquisa arqueológica feita em Silo confirma esta derrota. A cidadela de Saul em Gibeá, bem ao norte de Jerusalém, é outro excelente exemplo da tosca arquitetura da Idade do Ferro I. Ela é simplesmente a fortaleza rústica que se podia esperar. Conforme diz W. H. Morton, "A ausência de pretensão de sua estrutura e a simplicidade de seus móveis. . . são sugeridas pela pequenez de seus quartos e pela qualidade comum de seus artefatos".⁵

Com a ascensão do império de Davi, temos mais histórias seculares para confirmar o registro bíblico, e assim dependemos muito menos de arqueologia do que temos dependido para informação acerca de períodos anteriores. Os registros dos grandes impérios da época, especialmente os da Assíria, amiúde seguem linha paralela e acrescentam detalhes ao testemunho bíblico.

Ainda recentemente os arqueólogos encontraram restos da cidade jebuséia de Jerusalém (Ofel), que Davi e Joabe capturaram. O poço quase vertical para o abastecimento de água foi descoberto anteriormente, bem como a substituição posterior de Ezequias, trazendo água da fonte de Gion para o tanque de Siloé dentro dos muros. Uma nova rodada de escavações, que está apenas começando, pode descobrir até mais da primitiva história desse ponto essencial.

Visto como os israelenses estão criando muitos novos edifícios, os arqueólogos têm descoberto mais dos esforços de Salomão na década passada. Dentre eles estão suas fortificações maciças por toda a terra, incluindo portões de tamanho-padrão em muitos sítios (p. ex., Gezer, Megido e Hazor).

Os arqueólogos israelenses apenas começaram a publicar suas mais recentes descobertas no templo de Salomão. Sabemos de muitos paralelos à sua planta baixa e alguns detalhes de sua estrutura.

A literatura arqueológica antiga alardeou a importância dos "estábulo ou cavalariças de Salomão" em Megido, mas agora os estudiosos discutem se eles são realmente estábulos ou se eram de Salomão. É quase certo que devem relacionar-se com o tempo de Acabe.

Logo após a época de Salomão, alguém preparou a tabula de argila que conhecemos como o famoso "calendário de Gezer". Aparentemente, não passava de um exercício de um aluno para memorizar a atividade agrícola de cada mês do ano, mas até data recente era nosso único espécime de escrita hebraica.⁶

Podemos investigar arqueologicamente as primeiras tentativas que Baasa fez para construir uma capital em Tirza (1 Reis 15:33) e a fundação de Samaria por Onri (1 Reis 16:24). Dentre os muitos magníficos achados em Samaria, dois se destacam: as placas de marfim e os *ostraca*. As primeiras eram, evidentemente, incrustações na "casa de marfim" de Acabe (1 Reis 22:39) e de outros reis muito semelhantes àqueles populares na Fenícia e na Assíria da época. Os *ostraca* (cacos de louça com inscrições) provavelmente vieram do reinado de Jero-boão II. Contêm registros corriqueiros de impostos ou de contribuições para o trono, mas são importantes para os estudiosos de lingüística.

A partir mais ou menos do tempo de Onri e de Acabe, os assírios aumentaram sua pressão sobre Israel e Judá. O registro arqueológico desse conflito é abundante demais para ser detalhado aqui. Os famosos *ostraca* de Láquis (descobertos na casa da guarda de uma das portas da cidade) são quase contemporâneos da queda de Jerusalém diante da Babilônia em 587 a.C. Escavações recentes em Jerusalém descobriram alguns dos muros derrubados pelos babilônios, e até algumas das pontas de flechas que os atacantes arremessavam.

Sabemos tão pouco acerca de alguns períodos pós-exílio (como o Período Persa) quanto sabemos acerca da era patriarcal. Os achados arqueológicos desses períodos são equivalentemente pobres. Mas os arqueólogos encontraram os muros reconstruídos de Neemias ao redor de Jerusalém, bem como inscrições que citam seus três inimigos — Sambalá, Tobias e Gesém (cf. Neemias 6:1).

E. Período Helenístico. A arqueologia não nos dá informação direta com referência à invasão da Palestina efetuada por Alexandre Magno (330 a.C.) e ao Período Helenístico. Não obstante, temos amplos registros desse período, especialmente de fontes gregas e romanas. Isso diminui nossa dependência da arqueologia. O material arqueológico mais importante da época das lutas dos macabeus são os famosos pergaminhos de Qumran, encontrados em cavernas ao longo das praias do norte do mar Morto, em 1947. Esses pergaminhos haviam sido guardados em enormes potes de barro por membros de uma seita judia eremita, com toda probabilidade os essênios. Contudo, a importância dos pergaminhos para o Antigo Testamento limita-se em grande parte à área da crítica externa. Para o estudioso do Novo Testamento, eles ajudam a esclarecer o fermento religioso e político da época.

F. Período Romano. De modo geral, a arqueologia bíblica trata muito menos do Novo Testamento do que do Antigo. Há bons motivos para tanto. A riqueza da informação literária acerca do período do Novo Testamento nos torna muito menos dependentes das fontes arqueológicas. Também a história do Novo Testamento é, em grande parte, a de um grupo pequeno, particular, que influenciou a

história externamente apenas uma vez ou outra. O Cristianismo não deixou arquitetura senão depois que se tornou religião do estado no século quarto.

Muitas escavações têm sido feitas em sítios tradicionais de eventos do Novo Testamento. Grande parte desse trabalho tem sido efetuada por monges franciscanos que tradicionalmente exercem a custódia dos "lugares sagrados" palestinos. Contudo, eles, em geral, só descobrem os restos das igrejas e dos santuários erigidos nesses locais logo após o começo do quarto século. Muitos desses santuários foram erigidos, provavelmente, por ordem de Helena, mãe do imperador Constantino. É raro que os arqueólogos possam provar (ou refutar!) a autenticidade desses sítios ou descobrir evidência para associá-los com toda a clareza aos tempos do Novo Testamento. Os mais importantes desses têm sido os sítios na própria Jerusalém ou nos seus arredores, onde a habitação moderna torna muito difícil a escavação. Os arqueólogos fizeram diversas sondagens relacionadas com a renovação da Igreja do Santo Sepulcro, cobrindo o sítio tradicional do Calvário e do túmulo de José. (Há reivindicações competindo por esses sítios, especialmente o "Calvário de Gordon" e o "Túmulo do Jardim" fora da presente cidade murada. Mas, praticamente, toda a erudição científica não leva em conta esses sítios.)

Outros achados importantes têm surgido no curso das escavações israelenses em torno do monte do Templo. De há muito se sabe que o assim chamado "Muro das Lamentações" representa parte do muro ocidental que os construtores de Herodes erigiram em conexão com a reconstrução do templo.

Atrás da Igreja de Santa Ana, na margem norte dos terrenos do monte do Templo, os arqueólogos encontraram o provável sítio onde Jesus curou o paralisado (João 5:1-9). Debaxo de uma basílica do quinto século, erigida no local, os pesquisadores encontraram remanescentes de vários tanques e banheiras. O milagre de Jesus evidentemente ocorreu num pequeno tanque próximo à entrada de uma caverna.



Tigelas de basalto. Estas tigelas de basalto, um pilão, e mós foram encontrados no sítio de Ghassul, ao leste de Jericó. A cidade floresceu durante o Período Calcolítico e foi famosa por sua arte sofisticada e avançada cultura.

Todavia, muitos detalhes da cidade circundante são obscuros. Por exemplo, demonstrou-se que o "Arco de Robinson", que se projeta do muro ocidental do templo, *não* foi o começo de uma ponte através do vale do Tiropeom, conforme se pensava anteriormente. Era, antes, o último elo de um grandioso sistema de degraus que subia desde a rua principal até aos próprios recintos do templo. No sul do monte do Templo os arqueólogos descobriram uma praça magnífica e largos degraus que subiam até às "Portas de Hulda", a entrada principal dos pátios do templo no tempo de Cristo. (Eles provaram que as descrições que Josefo fez desta e de outras estruturas da vizinhança eram fenomenalmente exatas.)

Do outro lado do vale na colina ocidental de Jerusalém, os arqueólogos encontraram residências luxuosas do período herodiano. Também estabeleceram que esta área, na época da construção do Templo de Salomão, já havia sido habitada e encerrada num muro. Esta parte da cidade era provavelmente a "Cidade Baixa" mencionada em 2 Reis 22:14 e Sofonias 1:10.

Outros sítios herodianos foram desobstruídos em data recente. É provável que o mais famoso seja a estância de Herodes em Masada, que dá vista para o extremo sul do mar Morto. Depois que Tito destruiu Jerusalém (A.D. 70), Masada passou a ser um refúgio para zelotes fanáticos em fuga dos exércitos romanos. Finalmente os romanos capturaram o sítio após um longo cerco, mas encontraram quase todos os defensores mortos num pacto suicida.

O "Herodium", que domina o horizonte uns poucos quilômetros ao sudeste de Belém, também foi desobstruído em data recente. Pode ser chamado de "mausoléu" de Herodes, embora se discuta se ele foi em realidade sepultado nessa luxuosa estrutura no topo da montanha ou nalgum lugar em seus declives inferiores. Por fim, devemos mencionar as "escavações" no sítio de Jericó do Novo Testamento (cerca de 1.600 metros ao oeste do sítio do Antigo Testamento, no pé das montanhas). Jericó foi um dos mais luxuosos retiros de Herodes, repleta de palácios, banhos públicos, tanques, jardins rebaixados e que tais. Indiscutivelmente, foi o cenário de algumas das mais infames devassidões.

Por perto fica Qumran, escavada pelo erudito dominicano Roland de Vaux. A maior parte de nosso conhecimento do importante sítio baseia-se nos famosos pergaminhos encontrados na região. Contudo, a escavação de de Vaux esclareceu a vida da comunidade. Por exemplo, ele encontrou dispositivos esmerados para captar e armazenar a chuva esparsa. De Vaux também descobriu o

"scriptorium", onde os famosos pergaminhos haviam sido originalmente copiados.

Na costa ocidental do Mediterrâneo, em Cesaréia, as contínuas escavações têm trazido à luz grande parte da planta daquela grande cidade romana e bizantina. Em muitos aspectos, Cesaréia era bem típica da construção urbana daqueles dias. As relíquias de Cesaréia mostram como os judeus, os cristãos e os pagãos viviam e trabalhavam lado a lado em tais centros metropolitanos.

A sinagoga de Cafarnaum, relativamente bem preservada, dificilmente pode ser aquela em que Jesus ensinava (Marcos 1:21). A sinagoga existente foi construída no terceiro ou no quarto século. Mas bem pode ser a sucessora dos tempos de Jesus, e talvez seja de desenho muito semelhante. Os arqueólogos pensam que teriam encontrado a casa de Pedro no mesmo sítio (Mateus 8:14ss.). Escritos nas paredes revestidas de argamassa dessa casa do segundo século vinculam-na claramente a Pedro. Mais tarde ela foi substituída por uma sucessão de igrejas octogonais.

No topo do monte Gerizim, as escavações descobriram os alicerces do templo samaritano, que competia com o de Jerusalém nos tempos do Novo Testamento. Os visitantes podem hoje ver traços de uma escada maciça que descia o lado da montanha até à cidade embaixo. Próximo ao pé dessa escada está o sítio tradicional do "Poço de Jacó" (cf. João 4:1-12), que bem pode ser autêntico.

A procura dos locais das narrativas dos Evangelhos tem continuado por séculos. Umas poucas tradições relatam sítios muito antigos. Contaram a Justino Mártir o local de uma caverna em Belém onde Jesus nasceu (isso teria sido antes de 130 d.C). O suposto local do Gólgota no fim da Via Dolorosa foi mencionado pela primeira vez em 135 d.C, e oficialmente reconhecido pelo Imperador Constantino depois de 325 d.C Ambos os sítios (o do nascimento e o da morte de Jesus) têm sido continuamente venerados até aos dias atuais. As escavações em Jerusalém e seus arredores estão começando a proporcionar uma idéia muito melhor de como era essa cidade nos dias do Novo Testamento.

5. Religiões e Culturas Pagãs

Os israelitas dos tempos do Antigo Testamento entraram em contato com cananeus, egípcios, babilônios e outros povos que adoravam deuses falsos. Deus advertiu o seu povo a que não imitasse seus vizinhos pagãos, mas os israelitas lhe desobedeceram. Repetidas vezes descambaram para o paganismo.

Que é que essas nações pagãs adoravam? E como foi que isso desviou os israelitas do verdadeiro Deus?

Ao estudarmos essas culturas pagãs, aprendemos como o homem tentou responder às perguntas supremas da vida antes de encontrar a luz da verdade divina. Também, chegamos a entender o mundo em que Israel vivia — um mundo do qual a nação foi chamada para ser radicalmente diferente, tanto no terreno étnico como no ideológico.

Antes de iniciarmos tal estudo, devemos tomar algumas precauções. Primeiro, precisamos lembrar-nos de que estamos, pelo menos, a dois milênios das culturas que passaremos a descrever. A evidência (textos, edifícios, artefatos) amiúde é muito resumida. Por isso precisamos ser cautelosos em nossas conclusões.

Em segundo lugar, devemos reconhecer que vivemos numa sociedade pluralista na qual cada pessoa é livre para crer ou descrever, conforme preferir. Os povos antigos, porém, achavam necessário ter algum tipo de religião. Um agnóstico ou "livre-pensador" teria passado por maus momentos entre os egípcios, os heteus, ou até entre os gregos e os romanos. A religião estava por toda a parte. Era o âmago da sociedade antiga. O indivíduo adorava as divindades de seu vilarejo, cidade ou civilização. Se ele se mudava para uma nova casa ou viajava por um país estrangeiro, o dever obrigava-o a mostrar respeito pelas divindades do lugar.

ASPECTOS COMUNS DAS RELIGIÕES PAGÃS

Certos aspectos eram comuns à maioria dessas religiões pagãs. Todas elas participavam da mesma visão do mundo, que se centrava na localidade e seu prestígio. As diferenças entre as religiões dos sumérios e dos assírio-babilônios ou entre as religiões dos gregos e dos romanos eram muito pequenas.

A. Muitos Deuses. Em sua maioria, essas religiões eram *politeístas*, o que significa que reconheciam muitos deuses e demônios. Uma vez admitido ao *panteão* (coleção de divindades de uma cultura), o deus não poderia ser dele eliminado. Ele havia ganhado "estatura divina".

Cada cultura herdava idéias religiosas de seus predecessores ou as adquiria na guerra. Por exemplo, o que Nanna (deus da Lua) era para os sumérios, Sin era para os babilônios. O que Inanna (deusa da fertilidade e rainha do céu) era para os sumérios, Ishtar era para os babilônios. Os romanos simplesmente assumiram os deuses gregos e lhes deram nomes romanos. Assim, para os romanos Júpiter era igual a Zeus, deus do firmamento; Minerva equivalia a Atena como deusa da sabedoria; Netuno correspondia a Posêidon como deus do mar; e assim por diante. Em outras palavras, a idéia que se tinha do deus era a mesma; apenas o invólucro cultural era diferente. Assim, uma cultura antiga podia absorver a religião de outra sem mudar a marcha nem interromper o passo. Cada cultura não só reivindicava os deuses de uma civilização anterior, reclamava como seus os mitos da outra, introduzindo apenas mudanças insignificantes.

Os principais deuses muitas vezes estavam associados a algum fenômeno natural. Assim, Utu/Shamash é a um tempo o Sol e o deus do Sol; Enki/Ea é tanto o mar como o deus do mar; Nanna/Sin é a Lua e também o deus da Lua. As culturas pagãs não faziam distinção alguma entre um elemento da natureza e a força por trás desse elemento. O homem antigo lutava contra as forças naturais que ele não podia controlar, forças que poderiam ser ou benéficas ou malévolas. Chuva em quantidade suficiente garantia uma safra abundante, mas chuva em demasia destruiria essa colheita. A vida era de todo imprevisível, especialmente levando-se em conta que os deuses eram considerados como caprichosos e excêntricos, capazes de fazer o bem ou o mal. Os seres humanos e os deuses participavam do mesmo tipo de vida; os deuses tinham a mesma sorte de problemas e frustrações que os seres humanos. Este conceito chama-se *monismo*. Desse modo, quando o Salmo 19:1 diz: "Os céus proclamam a glória de Deus e o armamento anuncia as obras das suas mãos", ele zomba das crenças dos egípcios e dos babilônios. Esses

povos pagãos não podiam ima-Sinar que o Universo cumprisse um plano divino total.

Os egípcios também associavam seus deuses a fenômenos da natureza: Shu (ar), Rê/Hórus (Sol), Khonsu (Lua), Nut (firmamento), e assim por diante. A mesma tendência aparece na adoração hitita de Wurusemu (deusa do Sol), Taru (tempestade), Telipinu (vegetação), e diversos deuses de montanha. Entre os cananeus, El era o sumo deus do céu, Baal era o deus da tempestade, Yam era o deus do mar, e Shemesh e Yareah eram os deuses do Sol e da Lua respectivamente. Por causa desta desnorteante linha de divindades da natureza, o pagão jamais poderia falar de um "universo". Ele não fazia idéia de uma força central que a tudo une, e pela qual todas as coisas existem. O pagão acreditava viver num "multiverso".

B. Adoração de Imagens. Outro traço comum da religião pagã era a *iconografia* religiosa (fabricação de imagens ou totens para adoração). Todas essas religiões adoravam ídolos; só Israel era oficialmente *anicônica* (isto é, não tinha imagens, não tinha nenhuma representação pictórica de Deus). O segundo mandamento proibia imagens de Jeová, como os bezerros de Arão e de Jeroboão (Êxodo 32; 1 Reis 12:26ss.).

Mas religião anicônica nem sempre era a história toda. Os israelitas adoraram ídolos pagãos enquanto na escravidão do Egito (Josué 24:14), e muito embora Deus banisse seus ídolos (Êxodo 20:1-5), os moabitas induziram-nos de novo à idolatria (Números 25:1-2). Idolatria foi a ruína dos dirigentes de Israel em diferentes períodos de sua história, e Deus finalmente permitiu que a nação fosse derrotada "por causa dos seus sacrifícios" a ídolos pagãos (Oséias 4:19).

A maioria das religiões pagãs retratava seus deuses de maneira *antropomórfica* (isto é, como seres humanos). Na verdade, só um perito pode olhar para um retrato de deuses e de mortais babilônios e dizer quem é quem. Os artistas egípcios comumente representavam seus deuses como homens ou mulheres com cabeças de animais. Hórus era um homem com cabeça de falcão; Sekhmet era uma mulher com cabeça de leoa; Anúbis era um chacal, Hator uma vaca, e assim por diante. Os deuses hititãs podem ser reconhecidos por algum outro objeto distintivo, como um capacete com um par de chifres. Os deuses gregos também eram retratados como humanos, mas sem as berrantes características das divindades semíticas.

C. Auto-Salvação. Qual a importância da representação dos deuses como seres humanos? Os capítulos iniciais do Gênesis dizem que Deus criou o homem à sua imagem (Gênesis 1:27), mas os pagãos tentaram fazer deuses à sua própria imagem. Quer dizer, os deuses pagãos eram meramente seres humanos ampliados. Os mitos do mundo antigo diziam que os deuses tinham as mesmas necessidades que os seres humanos, as mesmas fraquezas e as mesmas imperfeições. Se houvesse diferença entre os deuses pagãos e os homens, era só de grau. Os deuses eram seres humanos feitos "maiores do que a vida". Com frequência eram projeções da cidade ou da comuna.

D. Sacrifício. A maioria das religiões pagãs sacrificava animais para acalmar seus deuses, e algumas até sacrificavam seres humanos. Visto como os adoradores pagãos criam que seus deuses possuíam desejos humanos, eles também ofereciam aos deuses ofertas de alimento e de bebida (cf. Isaías 57:5-6; Jeremias 7:18).

Os cananeus criam que os sacrifícios possuíam poderes mágicos que levavam o adorador a cair nas graças e no ritmo do mundo físico. Contudo, os deuses eram caprichosos, e por isso os adoradores às vezes ofereciam sacrifícios para garantir vitória sobre os inimigos (cf. 2 Reis 3:26-27). Talvez seja por isso que os reis decadentes de Israel e de Judá consentiam nos sacrifícios pagãos (cf. 1 Reis 21:25-26; 2 Reis 16:13). Desejavam obter ajuda mágica no combate aos babilônios e aos assírios — de preferência a ajuda dos mesmos deuses que haviam dado vitória aos seus inimigos.

RELIGIÃO OFICIAL V. RELIGIÃO POPULAR

As religiões politeístas antigas operavam em dois níveis: a religião oficial do estado religioso arcaico e a religião popular, pouco mais que superstição.

Deuses pagãos. Esta ilustração provinda de um vaso retrata deuses gregos vigiando Dario I da Pérsia (na fileira de baixo, com cetro na mão direita e espada na esquerda), que tentou conquistar a Grécia no quinto século antes de Cristo - Zeus, a figura central entre os deuses na fileira de cima, é visto com o cetro e com o raio que simbolizam sua posição de governador dos deuses.



A. Categorias de Deuses. Cada sistema religioso antigo tinha um deus principal, mais poderoso do que os restantes. Para os egípcios, este podia ser Rê (ou Rá), Hórus ou Osíris; para os sumérios e acadianos, podia ser Enlil, Enki/Ea, ou Marduque; para os cananeus, seria El; para os gregos, Zeus. Na maioria dos casos, os pagãos edificavam templos e elaboravam liturgias que eram recitadas em honra desses sumos deuses. Em geral o rei presidia a essa adoração, atuando como representante do deus numa refeição ritual, num casamento ou num combate. Essa era a religião oficial.

"O templo era o lar do deus, e os sacerdotes eram os seus assessores domésticos. . . . Todos os dias era dever dos assessores do templo atender às 'necessidades corporais' do deus segundo uma rotina fixa. . . .

"Mas o deus não era meramente o chefe de família do templo; ele era também o senhor e mestre do seu povo, e como tal, tinha direito às ofertas e tributos de muitos tipos. . . ."

Os deuses da religião oficial estavam por demais afastados do homem local para que tivessem algum valor prático.

O Egito antigo dividia-se em distritos chamados *nomes*. Nos primeiros tempos do Egito havia 22 destes no Alto Egito (a região Sul) e vinte na área do delta ao Norte. Cada *nome* tinha uma cidade-chave ou capital e um deus local que era cultuado nesse território: Ptá em Mênfis, Amen-Rê em Tebas, Tote em Hermópolis, e assim por diante. Na Mesopotâmia também, cada cidade era consagrada a um deus ou deusa: Nana/Sin em Ur (terra natal de Abraão), Utu/Shamash em Larsa, Enlil em Nipur, e Marduque na Babilônia. Os cananeus adoravam a "Baal" (a divindade local da fertilidade), mas o povo de cada comunidade tinha seu próprio *baal*, conforme vemos pelos nomes de lugar como Baal-Zefon, Baal-Peor, e Baal-Hermom (todos mencionados no Antigo Testamento — p. ex., Êxodo 14:2; Números 25:5; Juizes 3:3). No Oriente Próximo antigo, a religião oficial era orientada para o estado, enquanto a religião popular era orientada para a localidade geográfica. O homem antigo não via incompatibilidade entre crer em deuses "lá do alto" e "cá de baixo" — todos competindo por sua atenção e sujeição ou prestação de serviços. Este era o reconhecimento parcial do problema último da imanência e da transcendência.

B. Filosofia Abstrata. Os antigos começaram a afastar-se da superstição pura e deificaram vários ideais abstratos sob os nomes dedeuses antigos.

Na Mesopotâmia, "Justiça" e "Retidão" aparecem como divindades menores no cortejo de Utu/Shamash, o deus do Sol; eram chamadas Nig-gina e Nig-sisa, respectivamente. O "chefe" delas era Shamash, o deus mesopotâmio da lei. Os pensadores antigos imaginavam essas idéias abstratas como deuses, de preferência a tratar com as próprias idéias.

Os egípcios, mais do que ninguém, fizeram isso. Alguns dos principais deuses egípcios enquadram-se nesta categoria, como por exemplo Atum, que expressa o conceito de universalidade. O nome *Amon* significa "escondido" — os egípcios pensavam que ele era um deus sem forma, invisível, que podia estar em qualquer parte e qualquer pessoa podia adorá-lo. Por esse motivo, mais tarde eles enxertaram a idéia de Amon em Rê, e o deus passou a ser Amen-Rê, "o rei da eternidade e guarda dos mortos".² Os templos mais maciços da história egípcia foram construídos em honra de Amen-Rê em Carnaque. A deusa Maat era outra idéia que se tornou deus entre os egípcios. Supunha-se que ela personificava a verdade e a justiça e era a força cósmica da harmonia e da estabilidade.

Os cananeus representavam a verdade e a justiça mediante os deuses Sedeque e Mishor, que deviam estar sob as ordens do deus She-mesh. Todavia, muito embora os pensadores pagãos pudessem lidar mais facilmente desse modo com essas idéias, poucos dos deuses estiveram à altura dos ideais dos pensadores, segundo a lenda. A religião dos cananeus deu continuação ao antigo desejo de harmonia

sexual com a natureza, o que estimulava especialmente os rituais obscenos.

C. A Crença de Akhnaton. As religiões pagãs da Mesopotâmia nunca saíram de seu molde politeísta. W. W. Hallo, estudioso das religiões antigas, fala da "antipatia intransponível com relação a um monoteísmo exclusivo"³ da parte dos mesopotâmios. A mesma coisa pode dizer-se de outros povos da antigüidade: heteus, persas, cananeus, gregos e romanos.

Há, talvez, uma exceção. Tipicamente o Egito era politeísta, mas durante sua décima oitava dinastia o país produziu o famoso faraó Amenotepe (Amenófis) IV (1387-1366 a.C). Ele proscreveu a adoração de todos os deuses, exceto Aton (o "disco solar"), e depois mudou seu próprio nome para Akhnaton. Antes de Akhnaton, as divindades egípcias muitas vezes se haviam fundido ou ligado com um único deus-conceito (geralmente Rê); isto, porém, não é monoteísmo. Mas os egípcios chamavam o deus Aton de "único deus, que não tem outro igual". Isso tinha efeitos políticos de longo alcance e não poderia ter sido realizado sem o apoio do exército e dos sacerdotes. Mas a religião de Akhnaton estava longe de dizer: "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor" (Deuteronômio 6:4). A "reforma" de Akhnaton foi, contudo, de curta duração, e seus sucessores purgaram o Egito dessa "heresia". O antigo sacerdócio político voltou ao poder e deu apoio ao seu próprio faraó.

No mundo antigo, só Israel era totalmente monoteísta. Mas, as-seguremo-nos de entender o que isso significa. Monoteísmo não é simplesmente uma questão de número. Talvez a declaração mais sucinta seja a de W. F. Albright, que diz que o monoteísmo é "a crença na existência de um único Deus, que é o Criador do mundo e o doador de toda vida. . . [é] tão superior a todos os seres criados. . . que permanece absolutamente único". Isso fazia que Israel fosse radicalmente diferente de seus vizinhos pagãos.

RELIGIÃO PAGÃ NA LITERATURA

Quando nos voltamos para a literatura do mundo antigo obtemos o mais nítido quadro das religiões pagãs. Quase toda a literatura antiga reflete a religião de sua cultura: hinos, orações, inscrições reais, encantamentos, textos históricos, e epopéias. As crenças de um povo são vistas com maior clareza quando as pessoas fazem a si próprias perguntas como: Quem sou eu? De onde vim? O que é este mundo? Como explicar a existência do prazer e do sofrimento? Encontramos as respostas à maioria destas perguntas nas histórias antigas da criação (tecnicamente chamadas de *cosmogonias*), e é difícil encontrar um grupo de pessoas sem alguma tradição neste ponto.

A. Histórias Egípcias da Criação. O Egito tinha pelo menos cinco diferentes histórias que explicavam a origem do mundo, dos deuses e do homem. Duas dessas cinco bastam para exemplificar aquilo em que os egípcios criam.

Da cidade de Heliópolis nos vem a história de que Amen-Rê surgiu da massa aquosa (Num) por seu próprio poder. Então, de si próprio reproduziu o primeiro casal divino, Shu e Tefnut (ar e umidade, macho e fêmea). Este casal acasalou-se e produziu outra geração de deuses, Geb (terra) e sua esposa Nut (céu, firmamento). E assim teve início o processo da vida.

Em outra história (esta proveniente da cidade de Hermópolis), a criação começou com quatro casais de deuses. Esses quatro casais criaram um ovo do qual nasceu o Sol (Rê). Então Rê criou o mundo.

Os egípcios narravam essas histórias da criação com o intuito de provar que sua cidade é o lugar da criação. Mênfis, Tebas, Heliópolis e Hermópolis reivindicavam ser o território onde tudo isso começou.

B. História Babilônica da Criação. O mais completo relato da criação oriundo da Babilônia é geralmente denominado *Enuma Elish*. São estas as duas primeiras palavras da narrativa, que, traduzidas, significam: "Quando nas alturas. . ."

No princípio havia dois deuses, Apsu e Tiamat, que representavam as águas doces (macho) e águas salgadas (fêmea). Coabitaram e produziram uma segunda geração de seres divinos. Dentro em breve Apsu sofria de insônia porque as divindades jovens faziam muito barulho; ele simplesmente não conseguia dormir. Queria matar os arrogantes barulhentos, a despeito dos protestos de Tiamat, sua esposa. Mas antes que ele o fizesse, Ea, o deus da sabedoria e da magia, fez Apsu dormir sob um encantamento mágico e o matou.

Para não ser sobrepujada, Tiamat tramou vingar-se do matador de seu marido e dos que o ajudaram. Sua primeira providência foi arranjar um segundo marido, cujo nome era Kingu. Então ela formou um exército para seus planos de vingança.

A esta altura os deuses apelam para Marduque. Felizmente ele aceitou salvá-los sob a condição de que, se saísse vitorioso sobre Tiamat, eles o fariam chefe de todos os deuses.

O confronto terminou com uma brilhante vitória para Marduque. Ele capturou os seguidores de Tiamat e os fez seus escravos. Depois partiu o cadáver de Tiamat ao meio, criando o céu de uma metade e a Terra da outra. Ordenou aos antigos partidários de Tiamat que tomassem conta do mundo.

Pouco depois, Marduque concebeu outro plano. Mandou matar a Kingu e do seu sangue arranjou para Ea fazer o homem. Segundo a história, o quinhão do homem é andar "sobrecarregado com a labuta

dos deuses". Para demonstrar sua gratidão a Marduque, os deuses ajudaram-no a construir a grande cidade de Babilônia e seu imponente templo. A história termina descrevendo a grande festa que os deuses deram em honra de Marduque e arrolando cinquenta nomes de Marduque, cada um dos quais deveria indicar algum poder ou realização que o caracteriza.

Observe algumas das ênfases dessa história. Diz que no começo havia dois deuses, Apsu e Tiamat, macho e fêmea. Isso difere acen-tuadamente do relato da criação de Gênesis 1-2, o qual declara que no princípio havia um Deus, e não dois. Por que é importante saber que Deus não tinha cônjuge e estava só? Porque mostra que Deus encontra realização em si e não necessita de recurso algum fora de si próprio. Os capítulos iniciais do Gênesis não se referem a nenhuma outra coisa que encontre realização em si própria. Todas as criaturas de Deus encontram realização em algo ou em alguém fora de si mesmas.

O pagão babilônio não tinha problema algum em crer que no princípio havia dois deuses. Tanto quanto lhe dizia respeito, poderia não haver futuro com apenas um deus. Como haveria criação ou procria-ção se houvesse somente um deus? Quando o pagão falava de seus deuses, ele só o fazia em categorias humanas. Não lhe era possível imaginar um deus diferente.



Deuses egípcios. Este papiro do décimo século antes de Cristo retrata o universo egípcio. Nut, a deusa do Armamento, arqueada como os céus, é sustentada pelos braços levantados de Shu, o deus do ar. Aos pés de Shu, o deus da Terra, Geb, estende o braço esquerdo paralelo ao chão. Outros deuses observam das laterais.

Parece-nos estranho o deus babilônio Apsu se queixar de que deseja dormir. Mas quando o Salmista disse que nosso Deus "não dormita nem dorme" (Salmo 121:4), ele estava afirmando algo que não era óbvio no seu tempo. Isto acentua o fato de a crença de Israel em Deus ser radicalmente singular entre os povos do mundo antigo.

Apsu estava pronto para matar porque seus filhos o mantinham acordado. Ele não tinha motivo moral definido. O deus está irado — não porque o homem tenha enchido a terra de violência e corrupção, mas porque ela é tão barulhenta que ele não consegue dormir! Parece-nos estranho que um deus como Apsu pudesse atuar levado por motivos tão egoístas. Mas a mente pagã raciocinava que se o homem mortal se comportava desse modo, por que os deuses não o fariam também?

O verdadeiro propósito da *Enuma Elish* não é relatar a criação do mundo. Sua intenção é responder à pergunta: Como foi que o deus Marduque veio a ser o deus principal da poderosa Babilônia? Mais do que provável, os babilônios liam essa composição especial na festa de Ano-Novo com a esperança de garantir um ano bom. Marduque representava as forças da ordem e Tiamat as forças do caos. Esta linha de pensamento conclui que, se uma pessoa profere as palavras certas na hora certa, suas possibilidades de sucesso aumentarão. Ela vê a celebração ou invocação dos deuses como um talismã.

Os mitos pagãos concebem a criação do homem como uma reflexão posterior. Dizem que o homem foi criado para ser servo dos deuses, para fazer o trabalho difícil ou pesado deles. Os babilônios criam que o homem era mau porque Marduque o havia criado do sangue de Kingu, o deus rebelde. Por certo esse relato nada tem da majestade que encontramos circundando a criação do homem no Gênesis.

A Bíblia diz que Deus criou o homem à sua própria imagem, distinto de tudo o mais que havia feito (Gênesis 1:26ss.). E só a Bíblia, de toda a literatura antiga, tem um relato à parte da criação da mulher (Gênesis 2:21-25).

C. Mitos Pagãos do Dilúvio. Na Bíblia, a história da criação vem logo seguida pelo Dilúvio, a reação de Deus às repetidas iniquidades do homem (Gênesis 6-9). Tanto no Egito como em Canaã encontramos narrativas referentes a deuses irados que descarregaram sua fúria sobre a humanidade, às

vezes acompanhada por uma grande inundação.

Na mitologia egípcia, a deusa Sekhmet tencionava eliminar a raça humana. Ela só não conseguiu o seu intento quando outros deuses inundaram o mundo com cerveja tingida de vermelho-sangue. Sedenta de sangue como era, Sekhmet bebeu tudo quanto pôde e a cerveja a fez dormir.

A literatura cananéia conta uma história semelhante acerca da deusa Anath (esposa de Baal), que saiu com violência contra o homem. A história não omite nenhum detalhe sangrento enquanto ela batalha com clava e arco: "Sob Anath (voavam cabeças como abutres/Sobre ela (voavam) mãos como gafanhotos. . . Ela imerge até à altura dos joelhos no sangue de heróis/Até à altura do pescoço no sangue derramado dos soldados. . .Anath enfuna o fígado com gargalhada/Seu coração está cheio de alegria/Porque na mão de Anath está a vitória."⁴

A literatura mesopotâmica inclui um texto crucial que descreve um dilúvio como castigo divino. Este texto especial é chamado Epopéia de Gilgamesh. O próprio personagem central é uma combinação de história e lenda. Ele foi, de fato, o quinto rei de Uruque (c. 2600 a.C.) e aparece na lenda como um indivíduo semelhante a Sansão. Duas coisas se destacam nas tradições acerca de Gilgamesh. Primeira, a história diz que ele era um terço humano e dois terços divino. Admitia-se que ele era uma mistura de linhagem humana e divina; sua mãe era a deusa Ninsun e o pai era Lugal-banda, um primitivo rei de truque.

A Epopéia de Gilgamesh conta como Gilgamesh tratava com brutalidade os seus súditos. Para abrandá-lo, o povo de Uruque persuadiu a deusa Aruru a criar um homem por nome Enquidu. Enquidu fielmente conheceu a Gilgamesh e os dois se tornaram amiríssimos. Ubseqüentemente, eles guerrearam contra todos os tipos de monstros, como o mau dragão Humbaba. Gilgamesh é bonito — tão bonito que a deusa Ishtar lhe propõe casamento. Gilgamesh rejeita a proposta porque ela é uma esposa e amante promíscua. Enfurecida, Ishtar obtém permissão do pai, Anu, para destruir a Gilgamesh com o Touro do Céu. Segue-se uma luta feroz, e de novo Gilgamesh e Enquidu saem vitoriosos.

Mas depois Enquidu adoece e morre. Meditando na morte do companheiro, Gilgamesh resolve encontrar um homem chamado Utnapistin, o único mortal que se tornou imortal por sobreviver ao dilúvio, porque Gilgamesh deseja aprender a mesma coisa. Depois de muita aventura de arrear os cabelos através do mundo terrestre, Gilgamesh finalmente se encontra com Utnapistin.

Utnapistin conta a Gilgamesh como os deuses resolveram secretamente enviar um dilúvio sobre a terra, principalmente por intermédio de Enlil, deus da tempestade. Um dos deuses, Ea, divulgou o plano a Utnapistin e instou com ele a que construísse um barco a fim de salvar a si próprio, sua família, alguns metais preciosos, e várias espécies de animais. Utnapistin levou tudo isso a bordo, juntamente com diversos tripulantes experientes. As chuvas caíram durante sete dias e sete noites, depois do que o barco de Utnapistin pousou numa montanha. Utnapistin soltou vários pássaros para ver se as águas haviam baixado ou não. Quando, afinal, saiu da embarcação, ele ofereceu um sacrifício aos deuses, que se "juntaram como moscas" ao redor deste. Enraivecido porque dois seres humanos haviam escapado ao seu golpe catastrófico, Enlil a princípio ameaçou, mas depois conferiu divindade a Utnapistin e a sua esposa — não como recompensa, mas como alternativa à destruição da humanidade.



Amen-Ré. O deus do Sol do Egito, Amen-Ré, era considerado o rei dos deuses. Os egípcios acreditavam que ele viajava através do céu em seu barco durante o dia, depois continuava a viagem à noite no mundo terrestre, usando um segundo barco. A mitologia egípcia também o retratava como um falcão que voava alto através dos céus ou como um jovem herói numa luta constante com os poderes das trevas. Na mão direita, Amen-Ré carrega um ankh (uma cruz encimada por uma argola), símbolo religioso da vida.

Tudo isto, porém, nada significa para Gilgamesh. O salvamento de Utnapistin foi uma exceção e não um precedente. Como consolação, Utnapistin oferece a Gilgamesh a Planta da Vida; mas até esta é furtada por uma serpente. Frustração sobre frustração! Cheio de melancolia, Gilgamesh caminha penosamente para casa, em Uruque. Ele sabe que vai morrer, mas pelo menos será lembrado por suas realizações no campo da construção — estando sua imortalidade na obra de suas próprias mãos. Esta é uma das grandes epopéias poéticas da língua acadiana.

Entrelaçada neste mito está uma história mesopotâmica de dilúvio, com fascinantes paralelos bíblicos. Mas de maneira alguma o mito mesopotâmico lança dúvida à autenticidade do Gênesis.

Há muitas diferenças ideológicas entre os dois relatos de dilúvio. A epopéia de Gilgamesh não apresenta um motivo nítido para Enlil enviar o dilúvio. Por certo ele não foi movido pela degeneração da humanidade. Como poderia ele ser? Esses deuses pagãos não eram paradigmas de virtude e nem mesmo a defendiam. Um estudioso moderno, C. H. Gordon, diz: "O estudante atual não deve cometer o erro de pensar que o oriental antigo tinha dificuldade em reconciliar a noção de divindade com a libertinagem que incluía chicana, suborno, exposição indecente para provocar riso, e bufonaria homossexual."⁵

Note-se, também, que a Epopéia de Gilgamesh acentua o uso que Utnapistin faz da habilidade humana para salvar-se do dilúvio. Esse é o motivo de haver navegantes a bordo; é uma competição de sagacidade humana e sagacidade divina. No relato do Gênesis não existe nada desse teor. Ali não havia equipamento de navegação nem marinheiros profissionais a bordo. Se Noé, sua esposa e família tinham de ser salvos, seria pela graça de Deus, e não pela experiência ou engenhosidade humanas.

Em terceiro lugar, a história de Gilgamesh é basicamente destituída de valor educativo e moral de longo alcance. A Escritura explica o significado do Dilúvio para as gerações subseqüentes mediante *as* palavras de uma aliança da parte de Deus: "Estabeleço a minha aliança convosco: .nem mais haverá dilúvio para destruir a terra" (Gênesis 9:11).

Em quarto lugar, a Bíblia mostra que Deus salvou a Noé a fim de preservar a raça humana. O mito de Utnapistin não reflete nenhum plano divino dessa ordem. Ele foi salvo por acidente, porque um dos deuses falou-lhe das intenções de Enlil.

D.Textos de Adivinhação. Os textos que versam sobre adivinhação representam a segunda maior e singular categoria da literatura cuneiforme da Mesopotâmia (depois dos textos econômicos). Em seu nível mais elementar, *adivinhação* é uma tentativa para interpretar a vontade dos deuses mediante o uso de técnicas mágicas. Os pagãos criam poder utilizar a perícia e a engenhosidade humanas para conseguir que os deuses lhes transmitissem conhecimento acerca de determinadas situações. Nas palavras de Yehezkel Kaufmann, o "adivinhador é um cientista que pode dispensar a revelação divina".⁶

Em geral, a adivinhação adotava o método indutivo ou intuitivo. No primeiro caso, o adivinhador observa os eventos e através deles tira suas conclusões. O método mais comum era observar os órgãos internos de ovelhas ou bodes. Geralmente os adivinhadores examinavam o fígado (uma técnica chamada *hepatoscopia*). Uma fórmula típica de adivinhação podia ser redigida mais ou menos nos seguintes termos: "Se o fígado tem a forma de X, então o resultado da batalha/ enfermidade/viagem será como segue. ..."

A hepatoscopia era um ótimo sistema para o rei e para os ricos, mas para o cidadão comum era necessária uma técnica mais barata. Havia, pelo menos, meia dúzia destas, como por exemplo, a *lecanomania* (deixar cair gotas de azeite num copo d'água e observar os desenhos que aparecem) ou a *libanomancia* (observar as várias formas da fumaça do incenso).

Na adivinhação intuitiva, a atividade do adivinhador é menor; seu papel é mais de observador e intérprete. O tipo mais divulgado de adivinhação intuitiva era a interpretação dos sonhos (*oniromancia*). Este método produziu a técnica de interpretação de sonhos que dizia: "Se o seu sonho é tal e tal, significa. . . ." Outros meios de adivinhação eram os textos conhecidos como *menologias* e *hemerologias*. O primeiro arrolava os meses do ano e dizia quais os favoráveis para determinadas atividades. O segundo arrolava ações que a pessoa devia executar, ou evitar, para cada dia do mês. A astrologia nasceu como resultado de tudo isso.

O Antigo Testamento proíbe todas as técnicas de adivinhação (cf. Deuteronômio 18:10; Levítico 20:6; Ezequiel 13:6-8). Na Bíblia, a adivinhação é chamada de "abominação", e por esse motivo não havia adivinhos profissionais em Israel. A confiança que a adivinhação depositava na sabedoria humana era um insulto a Deus, pois refletia má vontade para confiar em sua revelação da verdade.

E.Literatura Ritual. A vasta maioria dos textos, ao falarem de templos, ofertas, sacrifícios e clero pagãos, estão descrevendo a religião do rei. Geralmente não se aplicam ao homem comum. Leo Oppenheim disse corretamente: "O homem comum. . . permanece incógnito, o mais importante elemento desconhecido da religião da Mesopotâmia."⁶ Por certo poderia dizer-se o mesmo quanto ao Egito. Era inimaginável que o "homem da rua" recebesse revelações divinas. Isso era prerrogativa dos reis.

O abismo entre as Escrituras cristãs e as religiões pagãs é enorme neste ponto. No Antigo Testamento, Deus fala não só a líderes como Moisés e Davi, mas também a prostitutas, párias, pecadores e outros. Por exemplo, note-se que a primeira pessoa de quem a Escritura diz que estava "cheio do

Espírito de Deus" era um homem por nome Bezalel (Êxodo 31:1, 2), feitor encarregado da construção do tabernáculo.

Quer no Egito, quer na Mesopotâmia, os pagãos criam que seus deuses moravam nos templos para eles construídos. Assim sendo, consideravam o templo como um lugar sacrossanto. Hinos aos templos são muito comuns na literatura pagã.

Neste aspecto, a oração de dedicação que Salomão fez no templo de Jerusalém revela uma ênfase antipagã muito clara. Consideremos este versículo: "Mas, de fato, habitaria Deus na terra? Eis que os céus, e até o céu dos céus, não te podem conter, quanto menos esta casa que eu edifiquei" (1 Reis 8:27).



Enuma Elish. Estas tábuas cuneiformes contêm a Enuma Elish, a epopéia babilônica da criação. Conquanto a história apresente similaridades com o relato bíblico da criação, as diferenças são chocantes. Os babilônios entendiam seus deuses em termos humanos e criam que devia haver dois, um macho e uma fêmea, para que a criação se efetuasse. Isso está em forte contraste com a Perspectiva monoteísta da Criação segundo a Bíblia.



Akhnaton. Rei egípcio no décimo quarto século a.C, Akhnaton cria exclusivamente em Aton, o deus do Sol. Por este motivo, seus compatriotas politeístas consideravam-no herético. Este relevo mostra-o com a rainha Nefertiti e suas três filhas. O deus do Sol é representado pela orbe que brilha no centro superior do quadro.

O rei pagão administrava o templo e executava os serviços sacerdotais para seus deuses. Ele era tido na conta de mediador entre o homem e os deuses. Reinava para os deuses (como na Mesopotâmia), ou em lugar do deus (como no Egito).

Incidentalmente, aqui encontramos um dos característicos mais distintivos da fé bíblica. As religiões pagãs nunca produziram porta-vozes que se aventuravam a contraditar o rei, como o faziam os profetas bíblicos. Os

pagãos não tinham conceito algum de "imunidade profética". Somente em Israel podia um rei ser censurado por um profeta com as palavras: "Tu és o homem" (2 Samuel 12:7). Afinal de contas, se o rei é soberano, divino, e dérgo principal, quem pode dizer-lhe que ele está errado? Foi por isso que Jezabel, de origem fenícia, não conseguia entender por que seu marido israelita se humilhou diante do profeta Elias (cf. 1 Reis 16:31; 21:6, 20-27).

DIAS SANTOS

Os israelitas celebravam diversas festas religiosas. Os vizinhos pagãos tinham seus próprios dias santos, e essas observâncias provêm ainda mais discernimento à sua compreensão espiritual.

Os babilônios observavam festivais da Lua em certos dias do mês: o primeiro, o sétimo, o décimo quinto e o vigésimo oitavo. Além disso, tinham "sétimos" dias especiais — o sétimo, o décimo quarto, o vigésimo primeiro e o vigésimo oitavo de cada mês. Tomavam precauções especiais para evitar má sorte nesses "sétimos" dias. E absolutamente não trabalhavam no décimo quinto dia, porque, segundo acreditavam, não havia chance alguma de boa sorte nesse dia; esse dia de descanso chamava-se *shappatu*. No *shappatu*, os babilônios procuravam apaziguar os deuses e aplacar-lhes a ira com penitência e oração.

Nas religiões pagãs o sacrifício era uma refeição para o deus, a fonte de sua nutrição. "Como moscas" os deuses convergiram sobre o sacrifício de Utnapistin depois que ele saiu do barco. É difícil

crer que qualquer pessoa cresse cjué o ídolo comia alguma coisa quando ninguém estava olhando. E provável que as iguarias, depois de apresentadas à imagem, fossem levadas ao rei para consumo. O alimento, tendo uma aura de algo sagrado, devia santificar o consumidor — neste caso, o rei. Quando quantidades muito grandes de alimento eram apresentadas para sacrifício, como no Egito ou na Pérsia, o alimento era distribuído ao pessoal do templo. A história apócrifa de Bel e o Dragão descreve essa prática.

Além dos dias de sorte e dos dias de azar, que estudamos acima, o maior festival da Babilônia era o *akitu* (isto é, a Festa de Ano-Novo). Os babilônios celebravam *akitu* em março e abril, quando a natureza começava a reviver. Passavam os quatro primeiros dias fazendo orações a Marduque, o deus principal da Babilônia. Na noite do quarto dia recitavam a história da criação (a *Enuma Elish*). Ao relatarem de novo a vitória da ordem (Marduque) sobre o caos (Tiamat), os babilônios esperavam que a mesma vitória se evidenciasse no novo ano que entrava. Criam os babilônios que a palavra falada tinha poder. E assim, no quinto dia o rei comparecia diante da estátua de Marduque e declarava ser inocente das faltas e cumpridor das obrigações. Não sabemos ao certo o que o povo fazia nos dias seguintes, mas no nono e no décimo dia realizavam um banquete. No décimo primeiro dia os vaticinadores liam os destinos do ano entrante.

PERSPECTIVAS DA VIDA FUTURA

Dois conceitos radicalmente diferentes da vida após a morte apareceram no Oriente Próximo pagão. Na Mesopotâmia, eram poucas as pessoas que acreditavam haver vida depois da morte. A Epopéia de Gilgamesh dizia o seguinte: "Gilgamesh, para onde fugiste? A Vida, que tu buscaste, não a encontrarás. Quando os deuses criaram a raça humana, deram-lhe como quinhão a Morte, mas retiveram em suas mãos a Vida."⁸

Na outra extremidade encontravam-se os egípcios. Sua religião es-kva saturada de crença na vida além-túmulo. Os egípcios acreditavam que os mortos iam para um território governado por Osíris, onde o indivíduo deve prestar conta de suas ações, boas ou más. Por trás dessa crença estava a lenda de Osíris, que diz como esse benevolente governante foi assassinado por Seth, seu perverso irmão, que lhe cortou o corpo em pedaços. Sua esposa, Ísis, procurou o corpo desmembrado do marido e o restituiu à vida. Finalmente, Osíris desceu ao mundo subterrâneo como juiz dos mortos. Seu filho, Hórus, vingou a morte do pai matando Seth. Subseqüentemente o mito da morte e ressurreição de Osíris estimulou a esperança dos egípcios na imortalidade. Quanto a Osíris, a vida venceu à morte; o bem triunfou sobre o mal. Daí o raciocínio do egípcio de que a mesma coisa poderia acontecer também a ele.

A esta altura, porém, encontramos outro contraste fundamental entre a religião egípcia e a fé bíblica. O Antigo Testamento afirma que, pelo menos para o justo, a vida continua após a morte física (cf. Salmo 49:15; Provérbios 14:32; Isaías 57:2). Portanto, na fé bíblica há vida após a morte para todo aquele que é fiel a Deus, quer rei, quer escravo. A religião egípcia estava obsedada com a vida além-túmulo, mas essa vida era somente para o faraó e para seus oficiais de alta categoria. A Bíblia ensina que pessoa alguma tem direito especial na presença divina, e ninguém está isento da lei moral de Deus. Em essência, a diferença se resume numa religião para o rei (pagã) versus uma fé para todos os crentes (bíblica).

Altar. Este altar doméstico exemplifica a frase bíblica, quatro "pontas [chifres] do altar" — como se deu quando Adonias pegou das pontas do altar, por medo de Salomão (1 Reis 1:50-51; cf. Êxodo 38:2; Ezequiel 43:18-20). Este altar de calcário do décimo século, de Megido, servia a uma função indeterminada nas cerimônias religiosas.



6. Os Egípcios

Muitas barreiras pareciam separar o Egito da Terra Prometida. Ele estava num continente diferente, separado da Palestina pela rochosa Península do Sinai e pelos pântanos e lagos que havia entre o Mediterrâneo e o mar Vermelho. O Egito era rico em safras, gado e metais preciosos, enquanto a Palestina tinha poucos artigos para oferecer. A cultura do Egito era radicalmente diferente daquela dos cananeus e dos israelitas, o seu povo provinha de uma raça diferente. Não obstante, algumas voltas inesperadas da história reuniram egípcios e israelitas, e o Antigo Testamento refere-se ao Egito mais de 550 vezes. Durante séculos, o Egito governou a região costeira da Palestina; sua cultura e religião dominaram desde Gaza até Suez.

O POVO EGÍPCIO E SUA LÍNGUA

Não conhecemos a exata origem racial do povo egípcio, porém suas estátuas e pinturas de templos dão-nos um quadro detalhado deles durante os tempos bíblicos, e os corpos embalsamados dos monarcas egípcios também nos evidenciam a sua aparência.

Os egípcios eram, em geral, de estatura mais ou menos baixa, pele bronzeada, cabelo castanho eriçado, típico dos povos situados nas costas sulistas do Mediterrâneo. Os negros do interior do Nilo não desceram o rio e não se misturaram com os egípcios até mais ou menos 1500 a.C. (Não sabemos, porém, se a "mulher etíope" com quem Moisés se casou era negra — cf. Números 12:1.)

Por contraste, os israelitas vieram dos bandos errantes de pastores que viviam ao longo das margens ao norte do deserto da Arábia. Assim, Abraão e seus descendentes eram, provavelmente, quase da mesma altura dos egípcios, mas tinham cútis cor de oliva, e cabelo castanho-escuro ou preto.

Os egípcios referiam-se aos povos de outras terras segundo a localização geográfica de origem: "os líbios", os "núbios" e assim por diante. Mas a si próprios se chamavam simplesmente de "o povo".¹ Sua língua provinha de uma base histórica camito-semítica. Em outras palavras, ela apresentava traços de línguas faladas no Norte da África ("camítico", supostamente da família de Cão, Gênesis 10:6-20) e do Sul da Ásia Menor ("semítico", supostamente da família de Sem, Gênesis 10:21-31). Embora a estrutura fundamental da língua egípcia (tal como as formas verbais) parecesse com as línguas semíticas como o hebraico, era muito mais parecida com as línguas camíticas dos vizinhos africanos do Egito ao longo da costa do Mediterrâneo.

O capitão Bouchard, do exército de Napoleão, descobriu a Pedra de Rosetta no norte do delta do Nilo em 1799. Ela continha uma inscrição em três línguas — grego e duas formas de egípcio — em honra a Ptolomeu V Epifânio, governante helenístico do Egito que viveu 200 anos antes de Cristo. Um físico inglês por nome Thomas Young e um lingüista francês chamado Jean François Champollion usaram a porção grega da pedra para decifrar os dois escritos egípcios.

Champollion e Young verificaram que um dos textos egípcios da Pedra de Rosetta usava a escrita *demótica* (do grego *demôtikos*; "pertencente ao povo"); esta era uma forma simples de escrever que os egípcios começaram a usar por volta de 500 a.C. A língua do outro texto era a clássica chamada *hieróglifos* (do grego *heiroglyphikos*, "inscrições sagradas"). Champollion e Young decifraram ambos os textos egípcios em 1822, e seu trabalho abriu o caminho para o estudo da literatura egípcia antiga.²

GEOGRAFIA E AGRICULTURA

O território do Egito cobria a costa nordestina da África, limitado pelo deserto do Saara a oeste, pelas florestas tropicais da Núbia ao sul, pelo mar Vermelho ao leste, e pelo Mediterrâneo ao norte. O rio Nilo era como a corrente sanguínea do Egito antigo. As águas do rio traziam vida às campinas tostadas que o povo egípcio cultivava nos tempos bíblicos. Mas o Nilo era imprevisível, tornando-se, na época da inundação, um tirano feroz, destruidor, que arrasava as casas dos camponeses e arruinava safras vitais. O rio era ao mesmo tempo bênção e maldição para os lavradores egípcios (*fellahin*).



O Livro dos Mortos. Este manuscrito em papiro contém o Livro dos Mortos, uma vasta coleção de encantamentos egípcios para ajudar na viagem da alma através do "Reino dos mortos. Nesta ilustração dois deuses carregam a alma "o morto num barco de prata através de um mar místico. As três "piras à esquerda são ancestrais glorificados do defunto, que aguardam sua chegada.

Negra", e ao deserto que o cercava, "Terra Vermelha".

No mês de junho, as chuvas da África Central e as neves da Abissínia elevavam o nível das águas do rio para mais de quatro metros e meio acima das margens. A inundação atingia Siene (a moderna Assuã) nos meados de junho, e o rio permanecia inundado por mais de uma semana. Normalmente, os *fellahin* ficavam contentes de ver o Nilo cobrir suas terras, pois sabiam que deixariam para tr s uma camada profunda de lodo que lhes daria uma colheita abundante naquele outono. Se o Nilo não subia tanto como de costume, teriam um "ano magro" (cf. Gênesis 41:30ss.), mas se subisse com muita velocidade, destruía tudo em sua passagem. Dessa maneira, os camponeses e os pastores viviam   mercê do rio.

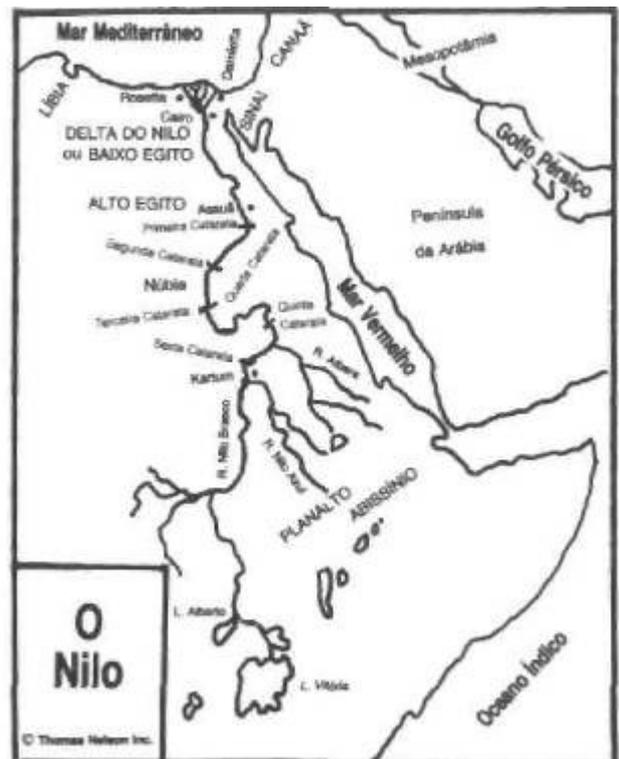
Na cidade de Heliópolis, o Nilo devia-se para formar o braço Rosetta e o braço Damietta, depois se ramificava nas muitas artérias do delta. Os pequenos braços do rio ziguezagueiam pelo delta, irrigando a terra mesmo durante os meses secos do inverno. Por este motivo, o delta tornou-se a "cesta de pão" do Egito.

O Nilo era a mais importante rota comercial do Egito. Visto que os ventos predominantes sopravam para o sul, os barcos podiam navegar rio acima. As  guas eram tranqüilas num percurso de quase mil quil metros, desde a costa do Mediterrâneo até Siene. Ali as caravanas vindas do Nilo Superior descarregavam suas cargas, que eram despachadas para o exterior. (Os egípcios denominavam a terra do rio acima [sul] desde Siene, "Alto Egito", enquanto a terra do rio abaixo [norte] era chamada "Baixo Egito". Logo acima de Siene estava a primeira de sete *cataratas* — quedas d'água que impediam a navega o. Assim, a cidade portuária naturalmente se tornou um importante ponto de referência para os egípcios.)

"... Desde tempos pré-históricos, os egípcios eram um povo de vida fluvial, e em [3000 a.C] haviam levado seus barcos para o mar aberto. . . . No mar Vermelho os navios egípcios dominavam o comércio em dire o ao sul até à terra do incenso, mirra, resinas e marfim. . . ."³

Ao expandir seu comércio e tornar-se uma na o próspera, o Egito teve de desenvolver melhores métodos agrícolas. As safras de alimento e de fibras têxteis eram os esteios de sua economia, por isso os agricultores tinham de imaginar métodos mais eficazes de irriga o, tirando o máximo proveito de sua estreita faixa de terra ao longo do Nilo. Construiram barragens para proteger as colheitas nos anos em que a inunda o era forte, drenaram os pântanos da região do delta, instalaram dispositivos toscos de madeira a fim de elevar a água do rio para efeitos de irriga o, e abandonaram o trabalho manual com a enxada em favor dos arados de madeira puxados por bois.

Comparada com o vale luxuriante do Nilo, a região costeira oriental era árida e hostil. "Ao longo da costa parece que sempre houve muitas lagoas, separadas do mar por barreiras baixas de areia, e usadas como salinas. Nos tempos gregos e romanos, a maior delas era conhecida como Charco, ou Pântano Serboniano [Sirboniano]. Tinha uma reputa o péssima. A areia seca que o vento soprava através do pântano dava-lhe a aparência de terreno sólido, capaz de agüentar os que se aventurassem a andar sobre ele, só até ao ponto além do qual já não podiam fugir ou ser salvos, havendo tragado mais de um infeliz exército."⁴



A temperatura e a umidade do delta e das regiões costeiras eram elevadas no verão, e a chuva era pesada no inverno. Um vento quente, abrasador, conhecido como *Khamsin*, soprava através do delta entre março e maio, deixando as pessoas fatigadas e irritáveis. O vento *Sobaa* gerava tempestades cegantes de areia, capazes de sepultar uma caravana em minutos.

Esse clima variável causava muitas doenças. Com efeito, Moisés advertiu os israelitas de que se não fossem fiéis a Deus, o Senhor os afligiria com as "doenças malignas dos egípcios" (Deuteronômio 7:15; 28:60). Soldados do exército de Napoleão sofreram de furúnculos e febre quando se acamparam no Baixo Egito, e até mesmo visitantes modernos acham difícil adaptar-se ao clima local.

Não obstante, o clima do Egito beneficiava o povo de outras maneiras. As brisas cálidas do Mediterrâneo davam ao Egito uma estação de plantio que durava o ano inteiro, o que os *fellahin* exploravam até aos extremos de suas capacidades técnicas. Ao mesmo tempo, a se-queidão das terras áridas ao longo da margem do Nilo preservava os corpos embalsamados (*múmias*) dos faraós e outras relíquias. E as terras desoladas ao redor do Egito criavam fronteiras naturais que podiam ser defendidas com razoável facilidade.

RELIGIÃO E HISTÓRIA

Quando Mâneto (c. 305-285 a.C), sacerdote egípcio, escreveu em grego uma história do Egito, dividiu a história dos reis em 30 (mais tarde ampliou para 31) períodos conhecidos como "dinastias". As dinastias foram depois agrupadas em reinos: o Antigo Reino (c. 2800-2250 a.C; dinastias 3-6), o Reino Médio (c. 2000-1786 a.C; dinastias 11-12), e o Novo Reino (1575-1085 a.C; dinastias 18-20). Mâneto denominou o tempo dos últimos faraós como Período Recente (c. 663-332 a.C; dinastias 26-31). As duas primeiras dinastias pertenciam ao Período Dinástico Primitivo (3100-2800 a.C). Entre o Antigo e o Médio Reino e entre o Médio e o Novo Reino houve tempos tumultuosos, conhecidos respectivamente como Primeiro e Segundo Período Intermediário. O período entre o Novo Reino e o Período Recente foi conhecido como Terceiro Período Intermediário (1085-661 a.C.)

A conquista de Alexandre Magno introduziu um novo período na história do Egito, conhecido como Período Ptolemaico (332-30 a.C)-Com a vitória sobre Cleópatra VII, Augusto incorporou o Egito como província romana (30 a.C.-395 d.C).

O desenvolvimento da religião egípcia é examinado no capítulo "Religiões e Culturas Pagãs", mas aqui devemos observar a lealdade de diferentes faraós a diferentes deuses. As crenças religiosas dum faraó muitas vezes revelavam algo de seu caráter pessoal e ambições políticas.

A. Período Dinástico Primitivo e Antigo Reino. Antes de Mena ter unido o Egito (c. 3200 a.C), a terra estava dividida em dois reinos que aproximadamente correspondiam ao Alto Egito e Baixo Egito. Seth, o deus padroeiro da cidade de Ômbos, havia-se tornado o deus do Baixo Egito enquanto Hórus, deus padroeiro da cidade de Behdet, se tornara o deus do Alto Egito. Quando Mena de Tínis uniu os dois Egitos (c. 3200 a.C), fez de Hórus o deus do céu, o deus nacional, e reivindicou ser a encarnação de Hórus. Quase todos os faraós do Antigo Reino (2800-2250 a.C.) fizeram o mesmo, e os egípcios criaram uma grande coleção de mitos a respeito de Hórus.



Pintura mural egípcia. Esta pintura mural do tempo da quarta dinastia (c. 2700 a.C.) retrata os como um povo de pele bronzeada e cabelo duro, escuro.

B. Primeiro Período Intermediário. Ao Antigo Reino seguiu-se o Primeiro Período Intermediário. Desta vez a sublevação social presenciou o colapso total do governo central. Os príncipes e barões locais adquiriram poder durante a sexta dinastia, e por fim tornaram-se completamente independentes. Os governadores de Tebas restauraram a ordem à nação conturbada durante a décima primeira dinastia, mas não puderam unir de novo o país. Foi nesse tempo que Abraão foi para o Egito fugindo da fome na Palestina (Gênesis 12:10-20). O "faraó" que Abraão tentou enganar pode ter sido um rei de Tebas, mas é muito provável que fosse um governante da região do Alto Egito.

C. O Reino Médio. O Reino Médio teve início por volta de 2000 a.C, quando Amenemés I de Tebas obrigou os príncipes da terra a, de má vontade, dedicar-lhe lealdade. Amenemés fez de Amun o deus de Tebas, o deus nacional de seu novo Reino Médio. Erigindo a Amun como o símbolo espiritual de sua nova dinastia, Amenemés pôs à prova a lealdade política de seus súditos. Os egípcios leais adoravam Amun em obediência a seu novo faraó, da mesma forma como em tempos posteriores os patriotas de um país cerravam fileiras em torno de sua bandeira. Por mais de 200 anos (2000-1780 a.C.) os faraós Amenemés e Sensusret (Sesóstris) usaram Tebas como sua sede central de poder e adoraram Amun como o "rei dos deuses".

José foi levado ao Egito como escravo por volta de 1876 a.C. (cf. Gênesis 37:5-28). Alguns anos mais tarde ele se tornou o *vizir* (um oficial que ocupava o primeiro posto abaixo de faraó) num Egito unido, poderoso (cf. Gênesis 41:38-46). Durante esse período do Reino Médio o Egito estava despertando para o mundo. Trocava artigos de comércio com Creta, Palestina, Síria e outras terras. A arte e a literatura floresceram e de modo geral prevaleciam condições pacíficas. Quando Jacó e sua família migraram para o Egito, sem dúvida sentiram-se seguros de ataque e perseguição.

D. Segundo Período Intermediário. Pouco antes de 1700 a.C. os hicsos ("governantes estrangeiros") tomaram o controle do Egito e fizeram de Mênfis sua nova capital. Adotaram o deus local de Heliópolis, Rê, como o deus nacional de seu novo reino. Rê era outro deus do Sol; os artistas o representavam como um homem-falcão com um disco solar sobre a cabeça. Os hicsos usavam Rê para acentuar que Heliópolis dominava todo o Egito. Em realidade, os hicsos controlavam somente o Baixo Egito, enquanto os reis do vale do Nilo Superior se mantiveram firmes em seus próprios domínios locais. O Egito dos hicsos não estava tão bem organizado quanto estivera sob o Antigo Reino e o Reino Médio, mas a sua literatura e cultura ultrapassaram de longe tudo o que havia na Palestina naquele tempo, que estava também em caos político e econômico.

Alguns estudiosos crêem que o Êxodo ocorreu durante o período dos hicsos; outros, porém, contraditam esta opinião. Infelizmente, a Bíblia e a evidência arqueológica não se reforçam neste ponto. O capítulo "Cronologia do Antigo Testamento" discute a data mais provável do Êxodo (1446 a.C). Foi, provavelmente, um governante hicsos o "novo rei sobre o Egito, que não conheceu a José" (Êxodo 1:8). É provável que os hicsos semíticos receassem uma rivalidade da parte dos israelitas e desejassem suprimi-los tanto quanto possível. Mesmo depois que os hicsos foram destronados, os governantes do Egito continuaram a oprimir os hebreus.

O Vale dos Reis

Durante mil anos, os faraós do Egito foram sepultados na área deserta conhecida como Vale dos Reis. Localizado ao longo do Nilo, próximo da cidade de Tebas, tornou-se o lugar de repouso de trinta ou mais reis, dentre eles os maiores que o Egito já conheceu.

A cultura egípcia tomava grande cuidado na preparação dos mortos, para garantir-lhes segurança no além-túmulo. Acreditava-se que se devia colocar no túmulo do morto tudo o que fosse necessário para tornar-lhe feliz a vida no além. Assim os reis enchiam seus túmulos com grande riqueza e depois marcavam o local com um enorme monumento de pedra (*pirâmide*).

Empregavam-se muitos operários para construir os esmerados túmulos, e sabiam que dentro destes jaziam tesouros de toda espécie. A fim de proteger esses tesouros, o rei da dinastia reinante contratava guardas para patrulhar o vale. A despeito dessas precauções, os ladrões de sepulturas começaram a saquear os túmulos, despojando-os de tudo. Assim, muitos dos reis foram mudados para locais secretos de sepultamento a fim de proteger seus corpos e es-quipês.

O rei Tutmés, grandemente perturbado por esta pilhagem, decidiu manter em segredo o local de seu túmulo. Contratou um amigo de confiança, Ineni, para supervisionar a construção. Acredita-se que Ineni contratou prisioneiros para realizar o trabalho e, concluída a obra, matou-os a fim de manter o segredo real. Até este plano falhou, pois os ladrões continuaram a saquear as riquezas dos túmulos. Quando, em 1899, se descobriu o túmulo do rei Tutmés, pouco restava nele, exceto o maciço sarcófago de pedra.

Nenhuma área jamais foi cercada com tal mistério como o Vale dos Reis. As suas riquezas evocavam maldade nos corações de homens que buscaram despojá-lo por completo. Até 1800 os homens ainda continuavam a buscar sua riqueza. Contudo, o vale foi finalmente salvo pelos esforços dos arqueólogos que desenterraram o maior achado até agora, o túmulo do rei Tu-tancâmen.

Depois de um século, mais ou menos, o rei Kamés de Tebas quebrou o poder dos hicsos e uniu de novo a nação sob a cidade de Tebas. Kamés, seu irmão mais novo Ahmose (Ahmés) e seus sucessores reformaram a religião do Egito uma vez mais. Essas alterações religiosas eram uma tática política. Os sacerdotes que controlavam os vários santuários e vilas lutavam para adquirir poder político sobre o faraó. Restauraram o culto de Amun, combinaram-no com a religião de Rê e deram ao novo deus nacional o nome de Amun-Rê. Isso abriu o caminho para uma nova época na política egípcia, chamada Novo Reino (1575-1085 a.C.). Ahmose casou-se com a própria irmã, princesa Ahmose-Nofretari, e alegou que ela era esposa de Amun. Isso deu a ambos prestígio espiritual.

E. O Novo Reino. O Novo Reino começou, formalmente, quando Amenófis I (Amenotepe I), filho de Ahmose, sucedeu-o no trono em 1546 a.C. Observe-se que Amenófis deu a si o nome de Amun-Rê, deus de seu pai; também ele se denominava "Filho de Rê".

Aos poucos os egípcios passaram a considerar os seus faraós como deuses encarnados, e os adoravam como tais. Por exemplo, a história egípcia oficial dizia que quando Tutmés II morreu (c. 1504 a.C.), "ele foi para o céu e mesclou-se com os deuses".⁵

Outros faraós do Novo Reino adotaram o costume de dar a si próprios o nome de Amun-Rê (p. ex., Amenófis, Tutancâmen). Quando Hatshepsut assumiu o poder de faraó após a morte de Tutmés II (ela foi a única mulher a fazer tal coisa), deu a si própria o nome de "Filha de Rê". Ela se descrevia como "totalmente divina", e dizia que todos os deuses do Egito prometeram protegê-la.

Seu filho, Tutmés III, também tinha essa idéia de proteção divina para o faraó. Quando seu general, Djehuti, conquistou uma grande vitória em Jope, ele enviou uma mensagem a Tutmés III, que dizia: "Regozije-se! Seu deus Amun livrou-o do inimigo de Jope, todo o seu povo e toda a sua cidade. Envie gente para levá-los como cativos, a fim de que o senhor possa encher a casa de seu pai Amun-Rê, rei dos deuses, com escravos. . . ."⁶

Os faraós subseqüentes do Novo Reino, especialmente Amenófis III (1412-1375 a.C.), construíram grandes túmulos para si próprios que exaltavam os poderes de Amun-Rê. O deus era o direito deles à imortalidade.

Amenófis IV absteve-se da adoração de Amun-Rê em favor de Aton, deus do Sol. Akhnaton foi o novo nome que ele deu a si próprio e fundou uma nova capital em Amama, onde tentou estabelecer a Aton como o novo deus universal do Egito. Mas após a sua morte em 1366 a.C., seu sucessor Tutancâmen levou de volta a capital para Tebas e restaurou Amun-Rê como o deus principal do império. O túmulo de Tutancâmen continha muitos símbolos de Osiris, o deus dos mortos, e outra evidência indica que o culto a Osiris estava-se tornando mais proeminente nessa época.



A Esfinge. Esta figura maciça com corpo de leão e cabeça do rei Khaf-Rê representa o deus Hórus guardando a cidade dos mortos em Gizé. Construída durante o Antigo Reino do Egito (2800-2250 a.C.), a Esfinge veio a simbolizar o mistério do passado.

O Canal Nilo—Mar Vermelho

A idéia de um canal ligando os mares Mediterrâneo e Vermelho tem cerca de 4000 anos. O primeiro canal foi, provavelmente, construído pelo Faraó Sesóstris I (reinado de 1880-1850 a.C.). O comércio do Egito com o exterior, -a época, era monopólio real. Os faraós do geino Médio acreditavam em buscar o favor de «eus vizinhos. Sesóstris I ou um outro faraó daquela era construiu um canal para ampliar o comércio com seus vizinhos sulistas em Punt (possivelmente a Somália moderna).

Durante o tempo dos faraós, o rio Nilo dividia-se em três grandes braços que passavam pelo delta e iam desaguar no mar Mediterrâneo. O braço que ficava no extremo oriental (obstruído por sedimento desde o tempo de Cristo) foi o braço do qual se construiu o canal Nilo— Mar Vermelho. O canal parece ter percorrido desde o Nilo em Bubastis (a Zagazig moderna) através da terra de Gósen até unir-se ao lago Timsá. Ali ele virava para o sul, passando pelo lago Amargo, e outro canal o ligava com o mar Vermelho. A mais antiga informação escrita a respeito do canal é a inscrição de uma das expedições comerciais de Hatshepsut ao Punt. Restos da obra de alvenaria do canal mostram que ele tinha cerca de 45 m de largura e 5 m de profundidade. Aos poucos o canal foi obstruído por tempestades de areia e caiu em desuso.

Por volta de 600 a.C., o Faraó Neco tentou reabrir o canal. Heródoto registrou o empreendimento: "O comprimento desse canal é igual a quatro dias de viagem e sua largura suficiente para permitir a passagem de duas *trirremes* (embarcações de guerra) lado a lado. ... Na execução desta obra por ordem de Neco, pereceram não menos de 10.000 egípcios. Afinal, ele desistiu do empreendimento, sendo admoestado por um oráculo de que todo o seu trabalho reverteria em vantagem a um bárbaro."

Estrabão (c. 63 a.C.-21 d.C.) declarou que Da-rio da Pérsia deu prosseguimento à obra, e então parou diante da falsa opinião de que o nível do mar Vermelho era superior ao do Nilo e inundaria o Egito. Os ptolomeus tornaram o canal navegável por meio de comportas.

Durante a ocupação romana, Trajano, imperador romano (reinado de 98-117 d.C.) adicionou um braço ao canal. Este mais tarde caiu em desuso, como se dera com o canal anterior. Um caŪfa muçulmano ordenou a seus homens que obstruíssem parte do canal como ato de guerra no ano 767 d.C., e jamais foi reaberto.

O Canal de Suez, aberto em 1869, liga diretamente o mar Vermelho ao Mediterrâneo, sem utilizar o Nilo.

O idoso rei Ramessés I iniciou a décima nona dinastia com seu breve reinado de meio ano (1319-1318 a.C.). Esta dinastia restaurou a glória do antigo Egito por pouco tempo, após a desordem política que Akhnaton havia causado. Seti I, filho de Ramessés, começou novas guerras de conquista que o levaram à Palestina, expulsando dali os hititãs.

Os faraós dessa dinastia estabeleceram sua capital em Carnaque, no delta do Nilo. Embora ainda prestassem homenagem a Amun-Rê, eles elevaram o culto de Osíris a novo nível de favor real. Dedicaram a cidade de Abidos em honra de Osíris, e glorificaram o deus dos mortos nos túmulos majestosos que erigiram em Abu Simbel e nos templos de Medinet Abu. Os faraós Ramessés também exaltaram o culto de Rê-Harakhti, no qual combinavam as qualidades de Hórus (o deus do céu) e Rê (o deus do Sol). Mas ainda consideravam Amun-Rê como o deus principal de seu sistema religioso.

Ramessés II escolheu seu filho, Memeptá, para sucedê-lo, em 1232 a.C. Memeptá e os restantes reis da décima nona dinastia aos poucos foram perdendo o poder que os reis Ramessés haviam adquirido; mas Memeptá realizou incursões implacáveis contra a Palestina. Os arqueólogos traduziram uma inscrição de uma coluna de pedra chamada Esteia de Israel, na qual Memeptá descreve suas vitórias nessa região: "Vencida está Asquelom; Gezer está dominada; Yanoam tornou-se como aquilo que não existe; Israel está devastado, sua semente acabou. . . ."⁷

Essas incursões teriam ocorrido durante o tempo dos juizes; portanto, a descrição de Memeptá confirma a situação desorganizada em Israel, onde "outra geração após deles se levantou, que não conhecia ao Senhor, nem tampouco as obras que fizera a Israel" (Juizes 2:10). Contudo, os problemas de Merneptá em sua terra não lhe permitiram permanecer na Palestina, de modo que ele deixou as tribos dispersas de Israel à mercê dos filisteus.

Esteia de Memeptá. Memeptá governou o Egito na segunda metade do décimo terceiro século antes de Cristo. Ele lutou para defender o Império Egípcio contra a invasão dos povos do Mediterrâneo no delta. A esteia de Memeptá comemora a campanha do rei na Palestina, na qual ele afirma ter destruído Israel. Este é o primeiro monumento histórico



que traz o nome de Israel.

Faraó Setnakht uniu de novo as cidades-estados egípcias por volta de 1200 a.C. Seu filho, Ramessés III (1198-1167 a.C), rechaçou as invasões dos "Povos do Mar" — filisteus que desembarcavam nas praias mediterrâneas do Egito. Seus artistas gravaram grandes inscrições em relevo no Templo de Medinet Abu, as quais descrevem essas vitórias. Mas Ramessés III morreu às mãos de um assassino, e seus sucessores aos poucos perderam o controle do governo. Por ironia da sorte, os sacerdotes de Amun adquiriram maior prestígio durante os mesmos períodos.

F. Terceiro Período Intermediário. Por volta de 1100 a.C, um general núbio por nome Paneshi nomeou Hrihor, um de seus lugares-tenentes, como sumo sacerdote de Amun em Carnaque. Hrihor logo se tornou comandante-chefe do exército e destronou a Ramessés XI (1085 a.C), o que deu início a um novo modelo de governo egípcio: cada faraó nomeava um de seus filhos como sumo sacerdote de Amun como primeiro passo do menino para o trono. A família real reivindicava ser, deste ponto em diante, a suprema família religiosa, usando a influência de Amun para afirmar sua autoridade.

Nesse tempo, Davi e Salomão estavam levando Israel ao clímax de seu poder. Quando Joabe, comandante-chefe de Davi, expulsou o príncipe Hadade de Edom, os servos de Hadade levaram-no ao Egito (1 Reis 11:14-19). Um dos faraós o recolheu, e Hadade casou-se com a cunhada de Faraó. Então Hadade voltou a atormentar o rei Salomão (1 Reis 11:21-25). Assim, o Egito apareceu nos assuntos políticos de Israel durante esse período (cf. 1 Reis 3:1; 9:16).

Mas o império egípcio foi-se desintegrando aos poucos, e os príncipes da Núbia separaram para si o Sul, com sua capital em Napata. Esses reis núbios também alegavam contar com o favor especial de Amun. "O estado devia ser considerado como um modelo de teocracia e seu rei o verdadeiro protetor do caráter e da cultura egípcios autênticos."⁸ Os problemas do Egito foram muito semelhantes aos de Israel durante este tempo; ambos tiveram um reino dividido.

Os reis da Líbia (ao ocidente) destronaram os fracos faraós de Tebas no décimo século antes de Cristo. Contrataram soldados da região do delta do Nilo para manter a paz no Baixo Egito.

Chechong I, um desses reis libios, saqueou o templo de Jerusalém no quinto ano de Roboão (1 Reis 14:25-26; observe-se que a Bíblia o chama de "Sisague"). Chechong e os demais reis libios adotaram a tradicional adoração de Amun-Rê. Todavia, mesmo com este símbolo de poder nacional, não conseguiram concretizar seu sonho de reviver o império egípcio.

Os príncipes núbios (etíopes) desceram o Nilo e derrotaram os reis libios por volta de 700 a.C. No decorrer dos próximos cinquenta anos, tentaram unificar o Egito. Um desses novos reis (a Bíblia chama-o de "Zerá") atacou Judá com um enorme exército. Sem dúvida alguma, ele estava tentando garantir sua fronteira oriental, como tantos faraós o haviam feito antes dele. Asa, porém, derrotou-o por completo: ". . . caíram os etíopes sem restar nem um sequer" (2 Crônicas 14:13).

Logo depois, os assírios atacaram Judá. O rei Oséias, de Judá, apelou para um novo rei etíope pedindo ajuda, mas os etíopes nada puderam fazer: ". . . por isso o rei da Assíria o encerrou [a Oséias] em grilhões num cárcere" (2 Reis 17:4). Os assírios capturaram Judá, e depois marcharam para o Egito e destronaram a monarquia etíope em 670 a.C.

G. O Período Recente. Os assírios não puderam manter seu domínio sobre o Egito, e sete anos mais tarde o príncipe Psamético de Sais fê-los recuar à Península do Sinai. Psamético reuniu o Alto e o Baixo Egito e estabeleceu a vigésima sexta dinastia, restaurando a cultura egípcia até 663 a.C. (quando os persas conquistaram o Egito). Psamético restabeleceu o culto de Amun-Rê como o deus nacional do Egito. Mas seus sacerdotes não puderam exercer a influência controladora e unificadora que os sacerdotes da casa real outrora exerciam sobre o povo.

A religião egípcia degenerou-se numa variedade de cultos de animais. Os reis da vigésima sexta dinastia construíram templos em honra de determinados animais sagrados, como o crocodilo e o gato. "Tão extremo foi o zelo desta época que se tornou costume embal-samar cada um dos animais sagrados por ocasião de sua morte e sepultá-lo com toda a cerimônia em cemitérios especiais dedicados a esse fim."⁹

Neco sucedeu a seu pai Psamético I como faraó em 610 a.C. Reconheceu a crescente ameaça da Babilônia, e marchou através de Canaã a fim de ajudar os assírios no combate a este inimigo comum.

O rei Josias tentou detê-lo em Megido, mas Neco o derrotou e prosseguiu em sua marcha (2 Reis 23:29-30). Nabucodonosor destruiu o exército egípcio em Carquemis no rio Eufrates em 605 a.C. Mas Neco escapou, capturou o novo rei de Judá e fez de Judá um estado-tampão entre Babilônia e Egito (2 Crônicas 36:4). Quando Nabucodonosor atacou Judá em 601 a. C, o Egito pôde detê-lo por algum tempo, o Faraó Aprias, encorajou o rei Joaquim a resistir aos intrusos babilônios. Mas Nabucodonosor teve êxito em capturar Jerusalém em 586 a.C. e levou o seu povo para o Exílio. Nabucodonosor colocou Gedalias como governador da nova província de Judá; mas os súditos de Gedalias o assassinaram dentro de poucos meses (2 Reis 25:25). Com medo de que os babilônios os matassem por vingança, os judeus remanescentes de Jerusalém fugiram para o Egito. Dentre eles estava o profeta Jeremias (Jeremias 43:5-7).

Madame Faraó



Os governos antigos raramente permitiam que as mulheres atingissem posições de liderança. As poucas mulheres que tiveram êxito em reivindicar o trono fizeram-no pela violência ou por, aos poucos, assumirem os poderes de um monarca fraco. Atalia, a única mulher a governar Judá, usou o primeiro método, apos-sando-se do poder mediante o assassinio de seus netos (2 Reis 11:1-3). Hatshepsut, que lentamente assumiu o papel de faraó, usou o segundo método tomando-o de seus meio-irmãos.

Hatshepsut (1486-1468 a.C.) foi a única filha sobrevivente de Faraó Tutmés e Ahmose. Ahmose (sua mãe) era a única descendente dos antigos príncipes tebanos que combateram e expulsaram os governantes estrangeiros, os hic-sos. Muitos egípcios criam que só os descendentes desta linhagem tinham o direito de governar. Em realidade, Tutmés havia governado por força de seu casamento com Ahmose, uma vez que o país recusou submeter-se ao governo de uma mulher.

A fim de providenciar um faraó para o trono quando seu pai morreu, Hatshepsut casou-se com Tutmés II, seu meio-irmão por parte de uma das esposas de menor importância de Tutmés. (Os egípcios não viam nada de errado em casamentos de irmão com irmã. Na opinião deles, isso-tomava o sangue mais puro.) Mas no tempo de sua coroação, Tutmés II estava mal de saúde. Foi dominado pela esposa, Hatshepsut, e pela mãe dela, Ahmose. O reinado dele não durou mais que três anos.

Tutmés III, outro meio-irmão de Hatshepsut foi, então, proclamado faraó; mas Hatshepsut atuou como regente em lugar do jovem faraó. Uma inscrição diz: "Sua irmã, a Divina Consorte Hatshepsut, ajustou os negócios das Duas Terras [isto é, Alto e Baixo Egito] por questões de seus desígnios; o Egito se viu obrigado a baixar a cabeça para ela, a excelente semente do deus, que veio diretamente dele."

Em vez de entregar a regência quando Tut-més atingiu a maioridade, Hatshepsut assumiu os títulos de faraó. Em seu templo em Deir el-Bahri, ela empenhou grandes esforços para tornar seu reinado legítimo. Senmut, seu arquiteto, esculpiu nas paredes uma série de relevos que mostram o nascimento da rainha. O deus Amon é visto aparecendo a Ahmose, e diz-lhe ao deixá-la: "Hatshepsut será o nome desta minha filha. . . Ela exercerá a excelente realeza em toda esta terra." O artista seguiu as tradições da corte tão de perto que representou Hatshepsut como menino. O relevo mostra a coroação de Hatshepsut pelos deuses, e o reconhecimento por parte de seus pais como rainha. Esses deuses representam Tutmés I a dizer: "Proclamareis a palavra dela, estareis unidos ao seu comando. Aquele que prestar-lhe homenagem viverá; aquele que falar mal, blasfemando contra sua majestade, morrerá."

O reinado de Hatshepsut trouxe a maior prosperidade em seguida ao colapso do Reino Médio. Extensa construção e reconstrução de templos foi levada a cabo sob a direção de Senmut. Hatshepsut deu ordens para que se erigissem enormes obeliscos com pedras das pedreiras de Assuã, as inscrições que mandou gravar neles proclamavam a rainha, e revestiu-os de ouro no topo de sorte que pudessem ser vistos de ambos os lados do Nilo.

As relações de Hatshepsut com as demais nações foram de paz. Ela estava orgulhosíssima de uma expedição à terra de Punt (talvez a moderna Somália). Cinco embarcações carregadas de jóias, ferramentas e armas, bem como uma grande estátua da rainha, desceram o Nilo e entraram por um canal que liga o Nilo ao mar Vermelho. Ao voltarem os navios, traziam uma carga "muito pesada, das maravilhas do país de Punt; todas as belas e fragrantas madeiras, montes de plantas de mirra, com ébano e marfim puro, com o ouro verde de Emu, com incenso, com babuínos, macacos e cães. . . Nunca coisas iguais a estas foram trazidas por nenhum rei estabelecido desde o princípio".

Depois de Hatshepsut ter sido faraó durante dezessete anos, o jovem Tutmés III terminou o reinado dela de forma abrupta. Talvez porque tivesse esperado por tanto tempo em posição secundária, Tutmés tentou expurgar por completo os registros do reinado dela. As inscrições nos templos da rainha foram raspadas. Os obeliscos foram revestidos de argamassa que cobria o nome de Hatshepsut e o registro da construção de tais obeliscos. As estátuas da rainha foram jogadas na pedreira. Mas Tutmés III não teve êxito em apagar a fama de Hatshepsut.

Ciro, rei da Pérsia, conquistou o Império Babilônio em 539 a.C.; seu sucessor, Cambises, tomou o Egito em 525 a.C. Os persas colocaram reis títeres no trono do Egito no século seguinte, e cada um deles prestou louvores, da boca para fora, ao deus Amun-Rê. Mas o verdadeiro poder por trás do trono era o exército da Pérsia, e não a mística tradicional dos deuses egípcios.

H. Período Ptolemaico. Alexandre Magno conquistou o Egito em 332 a.C. Morreu nove anos depois, e a família ptolemaica assumiu o controle do Egito e da Palestina. Os ptolomeus colocaram membros de sua própria família no trono em Tebas, e procuraram recapturar a grandeza da era áurea do Egito. Por exemplo, Ptolomeu Evérgetes II fez Amenófis I deus no ano 140 a.C.; ao reverenciar este faraó que estabeleceu o Novo Reino, Evérgetes esperava passar por verdadeiro egípcio. Mas o povo prestou-lhe

apenas lealdade simbólica. Ele teve de depender dos exércitos romanos para protegê-lo dos ataques do Império Selêucida do Norte da Palestina.

Pompeu, imperador romano, capturou Jerusalém em 63 a.C. e pôs fim à ameaça selêucida; mas o Egito cambaleava à beira de um colapso. Por fim, da família ptolemaica surge Qeópatra que tenta salvar a nação por meio de chicana e subornos. Ela cortejou o favor tanto de César Augusto como de Marco Antônio; mas quando a frota de César derrotou a dela em Ácio, em 30 a.C, Cleóparra, desesperada, suicidou-se. A partir daí, o Egito esteve sob o escudo de Roma imperial.

Durante seu breve tempo no trono, os governantes helenistas edificaram cidades gregas na costa do Egito e trouxeram colonizadores gregos para o país. Dessa forma adicionaram elementos estrangeiros a vida egípcia, especialmente à religião.

Os egípcios foram mais receptivos ao processo de helenização do que os judeus. Os sacerdotes deram aos deuses egípcios os nomes de suas contrapartes gregas; Hórus veio a ser Apoio; Tot tornou-se Hermes; Amun passou a ser Zeus; Ptá tornou-se Hefesto; Hator veio a ser Afrodite; e assim por diante. Os egípcios cultuavam os governantes ptolemaicos e suas esposas, de maneira muito semelhante ao culto dos faraós.

Períodos da História Egípcia

Períodos	Datas	Eventos Bíblicos
I. Período Dinástico primitivo (Dinastias 1-2)	3100-2800 a.C.	
II. Antigo Reino (Dinastias 3-6)	2800-2250 a.C.	
III. Primeiro Período Intermediário (Dinastias 7-9)	2250-2000 a.C.	Abraão chega ao Egito
IV. Reino Médio (Dinastias 9-12)	2000-1786 a.C.	José e Jacó vão para o Egito
V. Segundo Período Intermediário (Dinastias 13-17)	2000-1575 a.C.	
VI. Novo Reino (Dinastias 18-20)	1575-1085 a.C.	O Êxodo (1446 a.C.)
VII. Terceiro Período Intermediário (Dinastias 21-25)	1085-663 a.C.	Sheshonk I ("Sisake") saqueia o templo (927 a.C.)
VIII. Período Recente (Dinastias 26-31)	663-332 a.C.	O Exílio (586 a.C.); refugiados fogem para o Egito
IX. Período Ptolemaico	332-20 a.C.	
X. Era Romana	30 a.C-395 d.C.	Maria e José fogem para o Egito (4 a.C.)

Figura 15

Os judeus que se estabeleceram no Egito durante o exílio babilônico desenvolveram florescentes comunidades judaicas. Papiros aramaicos Mostram que houve uma proeminente colônia judaica em Assuã, na ilha de Elefantina. Este grupo não vivia em íntima conformidade com a lei de Moisés, e, finalmente, aboliram o sacrifício de animais. A comunidade foi destruída logo depois de 404 a.C.

Outras comunidades judaicas foram mais prósperas, e sob os ptolemeus receberam status legal. A Carta de Aristéias afirma que Ptolomeu I levou mais de 100.000 judeus da Palestina e os usou como mercenários nas forças armadas egípcias. Esses judeus continuaram a adorar a Deus, mas ajustaram-se à vida greco-romana.

Antigos recibos de impostos mostram que houve judeus coletores de impostos no Egito. Os judeus também serviram em outros postos do governo. Numa carta que Gáudio escreveu *aos alexandrinos*, pediu que não fosse permitido aos judeus concorrerem ao cargo de *gymiskruch*, pessoa encarregada dos jogos atléticos, ofensivos aos judeus estritos (cf. 1 Macabeus 1:14-15).

Filo, historiador antigo, diz que um milhão de judeus viviam no Egito. Conheciam pouco da língua hebraica ou aramaica. Por esse motivo a Bíblia hebraica foi traduzida para o grego, a versão conhecida como *Septuaginta*. Os judeus de Alexandria foram os primeiros a usar a Septuaginta; mais tarde ela era lida nas sinagogas por todo o Império Romano.

Filo de Alexandria foi um filósofo judeu que adotou as idéias gregas ao estoicismo e do platonismo. Ele revestiu as crenças judaicas nas categorias de pensamento filosófico grego.

De Alexandria veio a interpretação alegórica das Escrituras. A cidade egípcia tornou-se um importante centro de erudição judaica no período intertestamentário.

Quando Maria e José esconderam o menino Jesus ali por volta de 4a.C. (Mateus 2:13-15), diversas comunidades judaicas permaneciam na área *do delta* do Nilo onde se haviam estabelecido no tempo de Jeremias. Supomos que Maria e José encontraram refúgio em uma dessas aldeias.

Sabedoria Hebraica v. Egípcia

Os sábios hebreus que escreveram os livros de Provérbios, Eclesiastes, Jó e alguns dos Salmos podem ter sido influenciados por sábios egípcios que escreveram literatura semelhante. Mas a "literatura de sabedoria" hebraica tem uma diferença fundamental da sabedoria de outras culturas.

A sabedoria hebraica girava em torno do Deus Todo-poderoso; dizia que "O temor do Senhor é o princípio do saber" (Provérbios 1:7). Esta sabedoria guiaria um indivíduo no viver cotidiano. A sabedoria de Deus, conforme refletida pela literatura de sabedoria do Antigo Testamento proporcionava ao povo judeu uma moralidade básica de bom senso que ditava a conduta do indivíduo em muitas circunstâncias.

A sabedoria egípcia também tentou estabelecer as normas da conduta própria para a vida diária. Contudo, para o egípcio, a sabedoria girava em torno do indivíduo. Baseava-se no estudo e registro da sabedoria dos eruditos, e na autodisciplina para aceitar a vida com seus muitos paradoxos. Ser bem versado nos escritos de sabedoria era parte importante da educação egípcia; abria as portas para carreiras e privilégios que de outra maneira eram inatingíveis.

Os eruditos egípcios produziram uma sofisticada forma de ver-seja a sabedoria. Uma forma popular é a que se vê nas "Instruções" ou acervos de ditos práticos. Muitos estudiosos da Bíblia reconhecem que a "Instrução de Amen-em-opet" mostra uma forte semelhança com o livro de Provérbios. Amen-em-opet divide sua "instrução" em trinta partes, estrutura semelhante aos trinta ditos de Provérbios 22:17 a 24:22. Ambos os livros mostram interesse pela proteção dos indefesos; exigem tratamento

justo de viúvas e órfãos, e acentua o valor do conhecimento. Amen-em-opet aconselha: "Não confie nas balanças nem falsifique os pesos. . .

. "Provérbios 20:23, diz: "Dois pesos são coisa abominável ao Senhor, e balança engana-nos não é boa." A filosofia dos egípcios de um» vida bem vivida era: "Melhor é a pobreza n» mão do deus do que riquezas num armazém-melhor é o pão, quando o coração está feliz, do que as riquezas com pesar." É semelhante a Provérbios 15:16-17: "Melhor é o pouco havendo o temor do Senhor, do que grande tesouro, onde há inquietação. Melhor é um prato de hortaliças, onde há amor, do que o boi cevado e com ele o ódio."

A "Admoestação de um Sábio Egípcio" reflete as injustiças da vida ao observar: "Em verdade, os pobres agora possuem riquezas e aquele que nem mesmo podia fazer sandálias para si possui tesouros. . . . Aquele que não tinha servos tornou-se agora senhor de (muitos) escravos e aquele que era nobre tem agora de administrar seus próprios negócios." Eclesiastes 9:11 e 10:7 declaram idéia semelhante: ". . . não é. . . dos sábios o pão, nem ainda dos prudentes a riqueza, nem dos entendidos o favor. . .", e "Vi os servos a cavalo, e os príncipes andando a pé como servos sobre a terra".

O estudo desses documentos antigos tem aumentado nossa compreensão do Antigo Testamento, mas ainda há considerável debate sobre que relação existia entre a sabedoria hebraica e a egípcia. Talvez a sabedoria hebraica tenha influenciado no desenvolvimento das culturas circunvizinhas, e o que vemos no Egito seja reflexo da obra hebraica.

7. Os Babilônios e os Assírios

Os babilônios e os assírios viveram na região conhecida como *Mesopotâmia* (do grego, "entre os dois rios"). He-ródoto, historiador antigo, dá este nome às amplas planícies entre os rios Tigre e Eufrates, limitada ao norte pelos montes Zagros e ao sul pelo Golfo Pérsico. A Bíblia menciona diversas cidades da Mesopotâmia e alguns dos importantes líderes dos babilônios e dos assírios. Na verdade, essas duas culturas causaram a derrocada final de Israel e Judá. Mas os povos da Mesopotâmia vinham influenciando a vida dos israelitas muitos séculos antes desse encontro final.

OS SUMÉRIOS

Os mais antigos habitantes conhecidos da Mesopotâmia viviam na parte Sul do que hoje é o Iraque. Esses povos são simplesmente chamados "proto-eufratenses", por falta de um termo melhor. O primeiro povo identificado desse grupo foi os *sumérios*. A antiga forma semita ocidental do nome parece ter sido Sinear, por isso o Antigo Testamento refere-se a eles como o povo da "planície da terra de Sinear". Os sumérios não eram semitas nem indo-europeus. Falavam uma língua diferente de qualquer outra, antiga ou moderna.

Os sumérios começaram a edificar pequenas cidades ao longo das margens do Tigre e do Eufrates, um pouco depois de 7000 a.C. As relíquias dessas primitivas comunidades mostram que o povo era composto de lavradores primitivos.

Os sumérios desenvolveram um sistema de governo de distrito, no qual o templo da divindade local era o centro da vida econômica, cultural e religiosa. Tão integradas estavam as funções religiosas e civis que essas sociedades antigas são chamadas de "estados religiosos arcaicos". Esta expressão descreve a antiguidade e o caráter religioso de sua organização.

A cidade era governada por um concílio dirigido por um prefeito ou *ensi*. O *ensi* atuava também como sumo sacerdote, ministrando no templo que ficava no centro da comunidade. O templo era o centro de adoração, de educação e de governo. No templo de E-Anna, em Uruque, os arqueólogos encontraram a mais antiga evidência de datação da escrita — cerca de 3000 a.C.

Cada cidade suméria criava seu próprio estilo de cerâmica. Os arqueólogos encontraram belos exemplos da arte sumeriana em Has-suna, Samarra, Halaf, Ubaid, e Uruque (Warka). Os sumérios desenvolveram também grande perícia como joalheiros.

A. "Ur dos Caldeus" Uma das mais importantes cidades da Suméria foi Ur. Por diversas vezes em sua história esta cidade-estado chegou à posição principal dentre as cidades da Suméria. A Bíblia refere-se a ela como "Ur dos caldeus" (Gênesis 11:28). Esta cidade era a terra natal de Terá e de Abrão (Abraão), antepassados da nação hebraica (Gênesis 11:28-31).

Localizada nas margens do rio Eufrates, Ur era um importante posto de comércio dedicado ao deus Sin e à deusa Ningal. Tábulas de argila de Ur explicam que ela estava localizada no distrito do povo caldu, razão pela qual os escritores bíblicos chamam-na de "Ur dos caldeus".

B. Larsa. Ao nordeste de Ur erguia-se a cidade de Larsa. A Bíblia provavelmente se refere a esse sítio quando menciona o "rei de Elasar" que atacou Sodoma e Gomorra e outras "cidades da campina" (Gênesis 14:1-2; cf. 13:12). O povo de Larsa adorava a Chamaxe, deus do Sol.

C. Ereque. Pouco mais de 24 km ao ocidente de Larsa estava a cidade de Ereque. Muitos estudiosos crêem que esta era a terra dos "arquevitas", que mais tarde pediram ao rei Artaxerxes que fizesse parar a restauração de Jerusalém (Esdras 4:9).

Ereque era o centro do culto das deusas Ishtar e Nana, duas das mais bem conhecidas divindades

pagãs. Diferente das outras cidades sumérias, Ereque era o lar do povo semita. Em suas ruínas os arqueólogos encontraram tijolos que trazem o nome de reis semitas.

OS ACADIANOS

No Norte da Mesopotâmia viviam os acadianos, que tinham uma civilização mais adiantada do que seus vizinhos do Sul. Os acadianos desenvolveram um dos primeiros sistemas de escrita. Foram engenhosos construtores e estrategistas militares. Como os sumérios, os acadianos construíam suas cidades ao redor de um templo que honrava a divindade local.

A. Agade (Acade). A região norte recebeu seu nome da cidade de Agade, que muitos estudiosos chamaram de Acade. Crêem alguns que a Bíblia dá a essa cidade o nome de Sefarvaim (cf. 2 Reis 17:24).

B. Nipur. Outra importante cidade dos acadianos era Nipur, localizada 56 km ao sudeste de Babilônia. Nipur era o principal centro religioso da região, consagrado ao deus Enlil. A Bíblia, porém, não faz referência a esta cidade.

OS PRIMITIVOS BABILÔNIOS

As cidades acadianas foram finalmente dominadas por Elão, uma forte cidade-estado ao sudeste. Por volta de 2300 a. C, o rei Sargão de Agade rebelou-se contra os elamitas e uniu os acadianos sob seu governo. Dava a si próprio o nome de "Rei das Quatro Zonas", referindo-se às principais cidades da região —, Quixe, Cuta, Agade-Sipar, e Babilônia-Borsipa.

Sargão estabeleceu um eficiente sistema de estradas e serviço postal para unificar seu domínio. Deu início a uma biblioteca imperial que finalmente colecionou milhares de tábulas de argila.

A Tabela das Nações diz que "Cuxe gerou a Ninrode, o qual começou a ser poderoso na terra" (Gênesis 10:8). E de duvidar que o termo hebraico aqui empregado deva ser traduzido por *Cuxe* (nome antigo para designar a Etiópia); deveria, antes, ser *Quixe*, a cidade onde os sumérios acreditavam que os deuses estabeleceram uma nova linhagem de reis após o grande dilúvio. Além do mais, a declaração de que Ninrode "começou a ser poderoso na terra", melhor diria: "Ele foi o primeiro ditador na terra." Daí muitos eruditos acharem que Ninrode era outro nome de Sargão de Agade. Ele foi, deveras, "valente caçador [de homens] diante do Senhor" (Gênesis 10:9).

A dinastia de Sargão durou apenas três gerações. Então Agade caiu sob a influência de Ur, o grande centro comercial dos sumérios. Poucas cidades acadianas, tais como Lagaxe (governada por um sacerdote de nome Gudéia) resistiram a essa tendência. Mas as cidades-estados sumérias de Ur e Larsa dominaram a Mesopotâmia por mais de 200 anos. A região, aos poucos, voltou para o controle de Elão.

A. Hamurabi (c. 2000 a.C). Os invasores semitas vindos de Canaã e do deserto da Arábia arrebatarem a Mesopotâmia do controle elamita cerca do ano 2000 a.C. O governante da Babilônia, um homem por nome Hamurabi, surgiu como o novo governante da terra "entre os dois rios".

Hamurabi uniu as cidades da Mesopotâmia da mesma forma que Sargão havia feito antes dele. Ele estabeleceu um sistema postal real, uma nova rede de estradas, e uma efetiva cadeia de comando para seus oficiais. Hamurabi organizou as leis da Mesopotâmia numa forma escrita simplificada. Essas leis estavam gravadas numa coluna maciça de pedra encontrada em Susa. Os eruditos modernos têm aclamado o Código de Leis de Hamurabi como "um monumento de sabedoria e de equidade".¹

Mais ou menos por essa época, Abraão e sua família deixaram Ur e se mudaram para Canaã, onde Deus prometera fazer deles uma grande nação. O Império Babilônio desaparece, durante várias gerações, do quadro da história bíblica.

B. Literatura Babilônia. As tábulas cuneiformes e os monumentos de pedra da Babilônia proporcionam considerável informação sobre a vida no Império Babilônio durante o tempo de Abraão. Esta evidência literária vai desde as cartas muito pessoais até às enormes inscrições públicas que se vangloriam do poder e do prestígio do rei.

O documento mais bem conhecido desse período é o Código de Leis de Hamurabi. Hamurabi usou essa grande declaração para afirmar que os deuses sancionavam seu governo. Escreveu ele: "Eu, Hamurabi, o rei perfeito entre os reis perfeitos, não fui descuidado nem inativo com relação aos cidadãos de Suméria e de Agade, os quais Enlil me confiou e cujo pastoreio Marduque entregou a mim. Lugares seguros busquei de contínuo para eles, venci graves dificuldades, fiz a luz brilhar para eles. Com as terríveis armas que Zababa e Ishtar me confiaram, com a sabedoria com que Éia me dotou, com a capacidade que Marduque me deu, desarraiguei inimigos em cima e em baixo, extingui holocaustos, tornei doce a expansão da terra natal com irrigação. . . . Sou o preeminente rei dos reis, minhas palavras são preciosas, minha capacidade não tem igual. De acordo com a ordem do deus do Sol, o grande juiz do céu e da terra, possa minha lei ser exibida na terra natal."

Esta passagem ilustra as idéias governamentais de um dos maiores conquistadores. Nesta grande

esteia de pedra, Hamurabi arrola 282 leis para regulamentar a vida cotidiana no império.

Os arqueólogos têm encontrado muitas tábulas de argila que descrevem a adoração de vários deuses babilônios. As estátuas e entalhes desses deuses não são muito impressionantes. Em verdade, parece que os babilônios prestavam maior homenagem ao rei do que ao deus que ele representava. Os deuses eram símbolos patrióticos das várias cidades babilônicas. Por isso os que viajavam pela Babilônia tomavam cuidado para honrar os deuses das cidades que visitavam, de modo que não ofendessem os nativos.



A religião dava cor a cada aspecto da vida babilônica. As ruínas das cidades continham inscrições de preces para cada ocasião concebível. Algumas dessas preces não se dirigem a nenhum deus especial, e dizem algo deste teor: "Que o deus desconhecido me seja favorável."

Outros textos religiosos da Babilônia confessam os pecados do adorador e invocam o perdão dos deuses. A uma dessas tábulas os eruditos denominam "O Lamento do Sofredor Justo".

Infelizmente, poucos documentos da antiga Babilônia descrevem os acontecimentos políticos da época. Devemos reconstruir a história baseando-nos em pistas encontradas nos monumentos e cartas reais. Assim, a literatura babilônica é de pouca valia para o estabelecimento de datas dos acontecimentos bíblicos; por isso temos de depender dos registros da segunda grande cultura da Mesopotâmia — os assírios.

Gudéia. Esta é uma de uma série de estátuas que representam Gudéia, governador ou rei de Lagaxe, uma das principais cidades sumérias. A serenidade e dignidade deste retrato da escultura fazem dela uma notável obra de arte.

OS PRIMITIVOS ASSÍRIOS

Nas regiões situadas ao noroeste da Mesopotâmia viviam os assírios, um povo belicoso que usava os montes Zagros como fortaleza. Essas tribos semíticas estabeleceram-se na área antes de Sargão de Agade unificar a região inferior da Mesopotâmia. Eram orgulhosas e independentes.

Por serem orgulhosos de sua herança, os assírios conservavam registros cuidadosos da sua linhagem real. As listas desses reis assírios ajudam-nos a estabelecer as datas de muitos eventos do Antigo Testamento.

Tais listas mostram que os assírios começaram suas atividades bélicas no Oriente Próximo pouco tempo depois de terminada a dinastia de Hamurabi. Uma nação oriental conhecida como cassitas apoderou-se do controle da Babilônia por volta de 1750 a.C, e começou uma série de guerras com a Assíria que durou até 1211 a.C. Essas guerras abrangeram o tempo da escravidão de Israel no Egito, o Êxodo, a conquista de Canaã e os primeiros anos dos juizes. Ao mesmo tempo, o Egito competia pelo controle do Oriente Próximo. As três nações — Assíria, Babilônia e Egito — puseram seus exércitos em marcha através da Palestina em sua busca da supremacia mundial.

A. Salmaneser I (c. 1300 a.C). O primeiro grande conquistador assírio foi Salmaneser I, que construiu a capital de Cala. Salmaneser expandiu o território assírio para além do Eufrates, e seu filho, Tiglate-Ninib, capturou a cidade inimiga da Babilônia. Com o auxílio dos hititas, o filho de Tiglate-Ninib incitou uma guerra civil que dividiu a nação assíria.

Os dirigentes assírios posteriores conseguiram unificar a nação em face de inimigos bastante formidáveis. Ao tempo em que a Assíria entrou para o registro do Antigo Testamento, ela havia merecido a reputação de bravura militar.

B. Literatura Assíria. A maior parte da literatura assíria que os arqueólogos atuais têm encontrado vem de sua história posterior. Ela registra as incessantes guerras da Assíria com a Babilônia e com outras nações rivais. A maioria das listas de reis assírios foi escrita depois de 1200 a.C, usando registros mais velhos que não sobreviveram.

Nínive

A poderosa cidade de Nínive (construída por Ninrode, bisneto de Noé) apresenta-se-nos com mistério sobre pilha de mistério. Mesmo assim, à medida que os estudiosos reúnem as peças do quebra-cabeças, a exatidão da Bíblia se torna mais evidente.

Nínive foi, sem a menor dúvida, uma das mais velhas cidades do mundo. O registro de seus começos remonta ao livro do Gênesis 10:11-12: "Daquela terra saiu ele para a Assíria, e edificou Nínive, Reobote-Ir e Cala. E, entre Nínive e Cala, a grande cidade de Resém."

O rio Cozer fluía em direção ao leste, desde o Tigre, passando por Nínive. Esses dois rios, mais um canal construído para levar água do Tigre até à margem do muro ocidental da cidade, proviam água para fossos, fontes, irrigação e água potável.

Em 1100 a.C. Nínive passou a ser uma residência real. Durante o reinado de Sargão II (722-705 a.C.) ela serviu como capital da Assíria. Senaqueribe (705-681 a.C.) amava a Nínive de modo especial e fez dela a principal cidade do império: "Retirou-se, pois, Senaqueribe, rei da Assíria, e se foi; voltou e ficou em Nínive" (2 Reis 19:36).

Senaqueribe fez muitas melhorias em Nínive. Mandou construir muros maciços e edificou ali o mais antigo aqueduto da história. Era parte de um canal que trazia água das montanhas a 56 km de distância.

Todos esses melhoramentos custaram dinheiro; mas Senaqueribe não tinha problema para levantar recursos, grande parte dos quais vinha de tributos.

Ninguém conhece a idade exata de Nínive, mas a cidade é mencionada nos registros babilônios que remontam ao vigésimo primeiro século antes de Cristo. Nínive foi mencionada nos registros de Hamurabi, que viveu entre 1792 e 1750 a.C. Podemos, contudo, fixar uma data precisa para a destruição da cidade.

O profeta Naum escreveu liricamente acerca

da destruição de Nínive: "Ai da cidade sanguinária, toda cheia de mentiras e de roubo. . . . Eis o estalo de açoites, e o estrondo das rodas; o galope de cavalos e carros que vão saltando" (3:1-2).

Nínive foi destruída em agosto de 612 a.C, após um cerco de dois meses levado a cabo por uma aliança entre os medos, os babilônios e os citas. Os atacantes destruíram Nínive fazendo o rio Cozer fluir para dentro da cidade onde dissolveu os edifícios de tijolos de barro cru. Este foi o notável cumprimento da profecia de Naum: "As comportas do rio se abrem, e o palácio é destruído" (2:6). Nínive esteve perdida por bem mais de 2000 anos.

Dois séculos após a destruição de Nínive, Xenofonte, soldado e historiador grego, passou perto dela em sua famosa viagem ao mar Negro. Embora mencione ter visto os restos do embarcadouro enquanto marchava pelo leito seco do rio, ele supunha tratar-se de um muro pertencente à antiga cidade de Larsa.

Escrevendo acerca da cidade de Mosul no duodécimo século depois de Cristo, Benjamim de Tudela registrou: "Esta cidade, situada sobre o Tigre, liga-se à antiga Nínive por uma ponte. . . . Nínive jaz agora em completas ruínas, porém numerosas aldeias e pequenas cidades ocupam seu antigo espaço." Outros também escreveram acerca do lugar ocupado por Nínive, mas Henry Layard, em 22 de dezembro de 1853, foi o primeiro arqueólogo a identificar o sítio.

O mais famoso personagem bíblico relacionado com o drama da antiga Nínive foi Jonas. A controvérsia tem girado em torno desse homem durante os últimos dois séculos, visto que alguns eruditos têm questionado os três dias que ele passou "no ventre do grande peixe". Mas a história de Jonas e Nínive circulou amplamente durante o ministério de Jesus, e por várias vezes Jesus se referiu a esse profeta (p. ex., Mateus 12:39-41; 16:4).

A IDADE ÁUREA (1211-539 a.C.)

O último rei cassita da Babilônia expulsou os assírios do seu território em 1211. Isto estabeleceu um inquietante equilíbrio de poder entre os babilônios e os assírios, permitindo que ambas as nações atingissem seu zênite.

A. Nabucodonosor I (c. 1135 a.C.). Os babilônios expulsaram os reis cassitas em 1207 a.C. e colocaram no trono uma nova família de reis nativos. O sexto rei dessa linha foi Nabucodonosor I, que começou seu reinado cerca de 1135 a.C. Nabucodonosor sofreu várias derrotas nas mãos dos assírios, mas conseguiu expandir os domínios da Babilônia. Também teve êxito em recuar os elamitas para a

Babilônia. Este quadro pintado por Maurice Bardin mostra a cidade de Babilônia em seu esplendor durante o reinado de Nabucodonosor (605-562 a.C.). A cidade mesma estava cercada por fortificações de murada dupla e se ligava com a área mais nova através do rio Eufrates por uma ponte flutuante. À esquerda, atrás do muro, está um zigurate; à direita, o templo de Marduque.



fronteira oriental. Seu filho e seu neto fizeram incursões bem-sucedidas ao território assírio.

B. Tiglate-Pileser I (c. 1100 a.C.). O rei assírio Tiglate-Pileser I conquistou muitas nações circunvizinhas. Ele entrou fundo no coração do território babilônio e capturou a cidade de Babilônia por um breve tempo. Os escribas da corte de Tiglate-Pileser erigiram um monumento de pedra octogonal para registrar suas vitórias, e ele reconstruiu a antiga cidade de Assur, a capital. Foi mais ou menos nessa época que Saul assumiu o trono de Israel.

Nos dois séculos seguintes, Babilônia e Assíria enfrentaram tempos difíceis. Guerra civil, conspirações e cerco combinaram-se para enfraquecê-las e frustrar-lhes o desejo de conquista. Enquanto esses dois gigantes lutavam com seus problemas, Israel desfrutava sua própria "idade áurea" sob os reinados de Davi e de Salomão.

Tiglate-Pileser II (c. 950 a.C.) deu início a uma nova linhagem de reis, os quais renovaram os esforços para construir um império que cobrisse o mundo então conhecido.

C. Assurbanipal III (885-860 a.C.). O rei seguinte da Assíria, Assurbanipal, conduziu seus exércitos contra os arameus do norte e depois marchou para a costa do Mediterrâneo ao ocidente. Assurbanipal obrigou as cidades conquistadas a pagar pesado tributo, e muitas vezes mandou reis capturados para as prisões de sua capital (Nínive), a fim de garantir que seus súditos permaneceriam leais. Ele conduziu essas campanhas militares durante os reinados de Acazias e Atalia de Judá. Também reconstruiu a antiga capital assíria de Cala.

D. Salmaneser II (860-824 a.C.). O rei assírio seguinte, Salmaneser II, continuou as conquistas de seu pai. Voltou as vistas para o sul onde estavam os reinos divididos de Israel e Judá. Acabe, rei de Israel, e Ben-Hadade, de Damasco, uniram as forças para resistir a esses invasores (1 Reis 20:13-34). O rei Jeú, sucessor de Acabe, submeteu-se aos assírios. Um monumento preto, em forma de obelisco, de Salmaneser, mostra Jeú curvando-se perante o rei assírio. Salmaneser vangloriava-se de estar "arrasando o país como um touro selvagem".²

O Império Assírio sofreu graves reveses sob os descendentes de Salmaneser. Seu filho Xamxi-

Ramã IV (824-812 a.C.) derrotou uma aliança de babilônios, elamitas e outros povos orientais. O rei seguinte tentou unir a Babilônia e a Assíria levando para Nínive os símbolos religiosos babilônios. Mas a estratégia falhou. Seus súditos babilônios rebelaram-se e uma série de fomes e derrotas indicaram o declínio gradual da Assíria.

E. Tiglate-Pileser III (745-727 a.C.). Esse rei reviveu a esperança da Assíria de tornar-se um império mundial. Reconquistou o território babilônio, recapturou as cidades aramaicas, e fez o exército da Assíria retornar ao campo de batalha da Palestina. Os documentos reais de Tiglate-Pileser dizem que as cidades estrangeiras "ficaram desoladas como uma inundação esmagadora" por seu avanço repentino.³ Tiglate-Pileser capturou Israel e Damasco no ano 732 a.C., estabelecendo Oséias no trono de Israel como governante títere (2 Reis 15-16).

F. A Destruição de Israel. O rei Oséias, num gesto louco, decidiu rebelar-se contra Salmaneser IV, sucessor de Tiglate-Pileser. Fez uma aliança com o faraó do Egito e parou de pagar tributo à Assíria. Salmaneser capturou a Oséias, e então sitiou Samaria, mas morreu pouco antes da rendição dessa cidade em 721 a.C. (2 Reis 17).

Este foi o fôlego final de Israel. O novo rei assírio, Sargão (722-705 a.C.), deportou o povo de Israel para o interior do Império Assírio, que se expandia. Essas tribos jamais voltariam à Terra Prometida.

G. A destruição de Judá. Salmaneser e seus sucessores, Sargão (722-705 a.C.) e Senaqueribe (705-681 a.C.) tiveram de sufocar diversas revoltas na derrotada nação de Israel (2 Reis 17:24—18:12). Senaqueribe capturou as cidades fortificadas de Judá e exigiu a rendição de Jerusalém (2 Reis 18), mas teve de retirar suas forças para combater Merodaque-Baladã, o rebelde rei da Babilônia.

Tendo vivido sob o governo assírio desde 1100 a.C., os babilônios aproveitaram esta oportunidade para declarar sua independência. Senaqueribe derrotou a Merodaque-Baladã, mas um rei mais poderoso chamado Nabopolassar subiu ao trono da Babilônia. Nabopolassar e seu filho Nabucodonosor II conduziram seus exércitos contra Neco, faraó egípcio, que tentava controlar o Império Assírio que se enfraquecia. Seus exércitos encontraram-se em Carquemis, onde os babilônios derrotaram os egípcios em uma das grandes batalhas do mundo antigo (605 a.C.).

Os faraós egípcios provocaram rebelião entre os reis de Judá a fim de desviar a atenção de seus inimigos babilônios. Uma vez que Joaquim de Judá se recusou a pagar tributo a Nabucodonosor II, o rei babilônio capturou Jerusalém e deportou parte de sua população em 597 a.C. (2 Reis 24:8-17). Zedequias, sucessor de Joaquim, também seguiu o mau conselho dos egípcios, e Nabucodonosor atacou de novo Jerusalém. Desta vez destruiu as defesas da cidade e levou quase toda a população para o cativeiro (2 Reis 25). Assim, o reino dividido de Israel e Judá encontrou seu final em 586 a.C.

H. A Glória de Nabucodonosor II. Nabucodonosor invadiu o Egito e as cidades costeiras da Palestina para garantir as fronteiras de seu novo império. Por mais de vinte anos depois da queda de Jerusalém, ele reinou sobre o poderoso Império Babilônio. Seus arquitetos elevaram a cidade de Babilônia, capital do Império, ao auge de seu esplendor, adornando-a com os famosos jardins suspensos. "Houve um esforço consciente por parte dos dirigentes de voltar às antigas formas e costumes. Tem-se dito que esse período poderia ser, com propriedade, chamado de Renascença da Velha Babilônia."⁴



Touro alado. Este touro alado, com cabeça de homem, guardou o palácio do rei da Assíria durante o nono século antes de Cristo. Ótimo exemplo da arte assíria, a figura com sua comprida barba e cabelo pregueados fala-nos algo da aparência do povo daquele tempo.

ANOS DE DECLÍNIO

À medida que o Império Persa se fortalecia, os assírios e os babilônios começaram a perder o controle da Mesopotâmia. Nínive caiu em 606 a.C. diante de um grupo de tribos citas conhecidas como Umã-Manda. Essas tribos usaram os recursos de Nínive para construir seu próprio império.

Na Babilônia, os sucessores de Nabucodonosor fizeram da corrupção e do homicídio um estilo de vida. Romperam as relações diplomáticas com os medos — os comandantes tribais de Nínive — pensando que esses renegados nada valiam em seus esquemas políticos.

Belsazar subiu ao trono da Babilônia em 553 a.C. e tentou reviver o interesse popular nas antigas religiões do império, negligenciando o estado de suas forças armadas. Ele não previu a repentina ascensão de Ciro, o Grande, que absorveu os medos e se foi para o Norte a fim de subjugar outras tribos da Ásia Menor. Finalmente Ciro enviou seus exércitos contra a Babilônia. O fraco governo de Belsazar provou ser presa fácil. Babilônia caiu diante dos persas, dando a Ciro o controle de toda a Mesopotâmia.

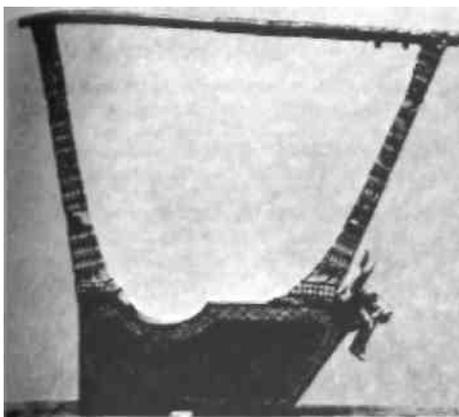
ARTE E ARQUITETURA

Os entalhes em relevo encontrados nas ruínas de Nimrude e de Nínive (magníficas capitais nos primórdios da Assíria) nos ensinam muita coisa acerca da vida dos babilônios e assírios. Por exemplo, certa gravura retrata uma selvagem "caça" ao leão, na qual os leões são soltos numa arena e mortos por um rei em sua carruagem, atirando setas, protegido por seus lanceiros!

De um período anterior, altares babilônios e assírios mostravam cenas de guerra. Suas pinturas murais e selos cilíndricos retratavam cenas da vida dos animais e das plantas. Apenas umas poucas esculturas da cultura assíria sobreviveram, sendo as mais afamadas a estátua de Assurbanipal II, hoje no Museu Britânico.

A arquitetura assíria acentuava o zigurate, e provavelmente sua melhor representação é o palácio que Sargão II construiu, na que hoje é conhecida como Corsabade.

O palácio tinha uma entrada tríplice para um grande pátio, que media 90 metros de cada lado. As paredes eram entalhadas com relevos dos reis e seus cortesãos, e eram afixados em seções com desenhos multicoloridos. De um lado do pátio estavam os escritórios e alojamentos de serviço, e do outro seis templos e um zigurate. Atrás do pátio ficavam as salas de estado, incluindo uma sala do trono brilhantemente pintada.



Lira. Esta Lira reconstruída, oriunda de Ur (vigésimo quinto século antes de Cristo) consiste numa caixa de ressonância, anexada a duas colunas decoradas com incrustação de mosaico e a cabeça de ouro de um touro. Anexa as colunas há uma travessa, metade da qual se constitui de tubulação de prata. Provavelmente um artífice mesopotâmio fixava as cordas no fundo da caixa de som e então as prendia à travessa no alto.

Grande parte da arte assíria focaliza cenas de batalha que mostram soldados mortos e moribundos, ou cenas de caçada que retratam animais feridos e moribundos. Usavam painéis de tijolo (alguns esmaltados e em relevo) nas paredes e nos portões. Também construíam zigurates, uma contribuição sumeriana. A própria Babilônia era o local do zigurate conhecido na Bíblia como

"Torre de Babel" (Gênesis 11:1-9). Tudo o que resta são a planta baixa e traços de três grandes escadarias. Uma descrição geométrica encontrada numa tabula cunei-forme (datada de mais ou menos 229 a.C.) descreve a torre como tendo dois andares e mais uma torre de cinco etapas, coroada por um relicário sagrado no topo. Contudo, o historiador grego Heródoto disse que a Torre da Babilônia foi construída em oito etapas circundadas por uma rampa e tendo um santuário.

Os palácios babilônios amiúde eram decorados com pinturas. Durante a dinastia de Hamurabi, os temas pintados eram principalmente motivos mitológicos, cenas de guerra, e ritos religiosos.

A escultura babilônica é representada por estátuas de culto de divindades e governadores. Um dos mais importantes descobrimentos é uma cabeça de granito preto, que pode ser a do rei Hamurabi. A estátua é quase impressionista.

RELIGIÃO

As práticas religiosas assírias eram quase idênticas às da Babilônia, **ceto que seu deus nacional

se chamava Axur, enquanto o deus Nacional da Babilônia se chamava Mar duque.

Os babilônios modificaram a religião suméria. Além de Marduque, seus deuses importantes eram Éia (deus da sabedoria, dos feitiços e dos encantamentos); Sin (deus da Lua); Chamache (deus do Sol e deus da justiça); Ishtar (deusa do amor e da guerra); Adade (deus do vento, da tempestade e da inundação), e Nabu, filho de Marduque (escriva e arauto dos deuses).

Os serviços do templo babilônio eram realizados em pátios abertos onde sacrificavam, queimavam incenso, e festejavam.

LITERATURA DA IDADE ÁUREA

As tábulas de argila inscritas, desenterradas pelos arqueólogos, têm contribuído grandemente para nosso conhecimento da Assíria, da Babilônia e do antigo Oriente Médio.

Em sua maioria, as inscrições são documentos administrativos, econômicos e legais. Muitos são datados com relação a eventos históricos significativos. Eles trazem a escrita *cuneiforme* distintiva.

Os arqueólogos já encontraram mais de cinco mil tábulas inscritas com mitos, contos épicos, hinos, lamentações, e provérbios. Com exceção dos provérbios e de alguns ensaios, todas as obras literárias babilônicas e assírias são escritas em forma poética.

Vê-se a influência da Babilônia e da Assíria sobre o Antigo Testamento no fato de que centenas de palavras e frases usadas na Bíblia hebraica têm paralelo direto nas tábulas cuneiformes. Três textos primários encontrados em cuneiforme são muito semelhantes a temas do Antigo Testamento. São os da criação, do dilúvio, e do lamento do sofredor justo (cf. livro de Jó). Para uma descrição posterior das histórias cuneiformes da criação e do dilúvio, veja o capítulo 5, "Religiões e Culturas Pagãs".

OUTRAS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS

Examinando com minúcia outras pistas arqueológicas, verificamos que a cultura assíria assemelhava-se estreitamente com a cultura babilônica — com a exceção de que os assírios tendiam a ser mais bárbaros. Por exemplo, os assírios sepultavam seus mortos com os joelhos puxados até ao queixo. Sepultavam-nos sob casas em vez de fazê-lo em cemitérios.

As atividades favoritas dos reis assírios eram a guerra e a caça, conforme refletem sua arte e seus escritos. Os achados arqueológicos indicam que os assírios eram geralmente um povo impiedoso e selvagem.

Em 1616, o viajante italiano Pietro della Valle (1586-1652) reconheceu as ruínas de Babilônia. E entre 1784 e 1818 foram realizadas diversas "escavações" nesse sítio, porém a mais importante foi feita³ depois de 1899 pela "Deutsche Oriente Gesellschaft", sob a direção do arqueólogo alemão Robert Koldewey (1855-1925). Ele investigou a mais afastada muralha da Babilônia sobre mais ou menos 31 km² e escavou a rua Processional, a porta de Ishtar, e os alicerces de dois palácios do rei Nabucodonosor II.

Que é que os descobrimentos arqueológicos nos dizem acerca da Babilônia? Primeiro, que, embora sua economia se baseasse na agricultura, o povo era essencialmente urbano. Babilônia constituía-se de 12 ou mais cidades circundadas por aldeias e aldeolas. O povo servia sob um monarca absoluto.

Segundo, esses achados dizem-nos que havia níveis sociais: *avelin*, o homem livre da classe superior; *vardu*, ou escravo, e *muxquenu*, homem livre da classe inferior. Os pais podiam vender os filhos para a escravidão se o desejassem. Parece, contudo, que a maioria dos escravos eram adquiridos como prisioneiros de guerra e tratados com humanidade (considerando-se a época).

A família era a unidade básica da sociedade, e os casamentos eram arrançados pelos pais. As mulheres tinham uns poucos direitos legais, mas eram subordinadas aos homens. As crianças não tinham direito algum.

Terceiro, verificamos que a população da Babilônia ia de 10 a 50 mil. As ruas babilônicas eram sinuosas e sem pavimentação. A casa média era uma estrutura de tijolo cru, de um pavimento, com diversos quartos agrupados ao redor de um pátio aberto.

O babilônio abastado geralmente possuía uma casa de dois pavimentos, rebocada e caiada. O pavimento térreo tinha uma sala de recepção, cozinha, lavatório, alojamentos de criados e às vezes uma capela particular. A mobília constituía-se de mesas baixas, cadeiras de encosto alto, e camas com estruturas de madeira. Os utensílios eram feitos de barro, pedra, cobre e bronze. O junco era utilizado para a fabricação de cestos e tapetes. À semelhança dos assírios, os babilônios sepultavam seus mortos (em muitos casos) embaixo da casa. Potes, ferramentas, armas e outros objetos eram sepultados com eles.

Os babilônios tinham considerável conhecimento de engenharia, o qual usavam na matemática primitiva, e desenvolveram tabelas de tempo para plantio e colheita.

A Inscrição de Behistun

Reis do antigo Oriente Próximo muitas vezes preparavam monumentos para comemorar suas vitórias. Desses monumentos, os eruditos têm aprendido muita coisa sobre o mundo antigo. Os eventos e personagens bíblicos são mencionados com frequência. Um desses monumentos comemorativos, a inscrição de Behistun, capacitou os estudiosos a decifrar o acadiano antigo (isto é, a divisão oriental das línguas semi ricas).

A cidade de Behistun jaz na principal rota de caravanas entre Bagdá e Teerã. O rei Dario I da Pérsia (521-485 a.C.) tinha um registro de suas proezas entalhado no lado de uma montanha, a 108 metros acima de uma fonte onde os viajantes paravam, e 31 metros acima do ponto mais alto que um homem podia alcançar. Para garantir que sua obra não fosse desfigurada, Dario instruiu os trabalhadores a destruírem o caminho que vai dar na inscrição, depois de completada a obra.

Em 1835, um oficial britânico, por nome Henry Rawlinson, começou a arriscada tarefa de copiar a inscrição. Para copiar as linhas do alto ele teve de subir ao último degrau de uma escada, firmando o corpo com o braço esquerdo e segurando a caderneta de notas com a mão esquerda, enquanto escrevia com a direita.

Encimando a inscrição há um disco alado (representando o deus Ahura-Mazda) e doze figuras. A inscrição mostra Dario pisando sobre seu rival Gaumata. À esquerda de Dario estão

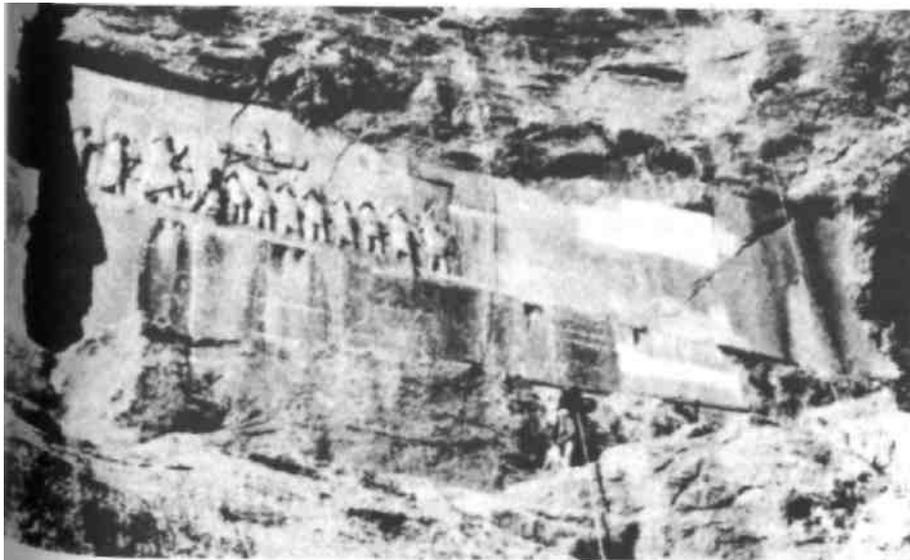
dois assistentes e diante do rei estão nove rebeldes, amarrados com corda.

A inscrição é feita em três línguas: Persa antigo, elamita e babilônio (uma forma do acadiano). Depois que decifraram a inscrição em persa antigo, os eruditos continuaram a trabalhar sobre a hipótese de que os outros dois textos continham a mesma narrativa. Edward Hincks, pároco de uma igreja na Irlanda, e Henry Rawlinson, publicaram sua interpretação dos caracteres cuneiformes, o que deu a chave para a decifração das outras inscrições acadianas.

Uma cópia da inscrição de Behistun foi também encontrada em Babilônia, e entre os judeus da ilha Elefantina descobriu-se uma versão aramaica. Dario certificou-se de que sua fama se espalhasse de uma extremidade à outra de seu extenso império.

Em parte, a inscrição de Behistun diz: "Sou Dario. . . Pela graça de Ahura-Mazda eu sou governador de vinte e três terras incluindo Babilônia, Esparda (Sárdis?), Arábia e Egito. Sufoquei as rebeliões de Gaumata e oito outras. . ."

Devido ao fato de a inscrição achar-se a grande altura da estrada, indaga-se como Dario esperava que os viajantes lessem o que se dizia de sua glória. Todavia, essa proclamação bilingüe tem beneficiado os eruditos de um modo maravilhoso — um modo com o qual o rei jamais sonhou.



8. Ugarite e os Cananeus

Os cananeus viviam na Palestina antes da chegada dos hebreus. Até 1928, nosso conhecimento dos cananeus limitava-se a três fontes. Uma era a obra arqueológica em cidades da Palestina, como Jericó, Megido e Betei. Essas cidades produziram restos de construções pré-israelitas, cerâmica, utensílios domésticos, armas e artigos similares — nada, porém, de inscrições. Por certo os eruditos dão valor a esses objetos, mas a evidência escrita geralmente é a ferramenta mais importante na reconstrução do passado. No final das contas, o valor histórico das inscrições excede em peso a evidência física. Aqui temos em mente coisas como mitos, lendas, crônicas, textos legais, e registros comerciais.

Nossa segunda fonte de informação sobre Canaã foi a literatura de povos contemporâneos fora de Canaã. Um bom exemplo disso temos nas Cartas de Tell el-Amarna, enviadas por príncipes cananeus ao faraó do Egito. Essas cartas foram escritas principalmente a Amenófis m e seu filho Akhnaton, nos anos 1400 ou nos começos dos anos 1300 a.C. Conforme veremos, Canaã foi uma extensão do poder egípcio durante grande parte da história dos cananeus.

Uma tardia história egípcia (undécimo século antes de Cristo) dá-nos outra visão de Canaã. A história relaciona-se com a viagem de Wenamon, oficial do Templo de Amun, em Carnaque, a Biblos, na Fenícia, a fim de obter madeira para o barco sagrado de seu deus. A história sugere que o controle do Egito sobre Canaã havia diminuído severamente desde o tempo das Cartas de Tell el-Amarna, porque os cananeus trataram a Wenamon com desrespeito e demoraram a satisfazer ao seu pedido.

Vários textos acadianos do Leste e textos hititas do Norte também nos fornecem fatos interessantes acerca dos costumes cananeus. Por exemplo, as leis hititas são muito específicas e parecem tratar de toda ofensa civil possível. Os textos acadianos descrevem esmerados rituais e sacrifícios do templo. Esses documentos sugerem que as culturas dessa região eram muito sofisticadas.

Nossa terceira fonte de conhecimento acerca de Canaã e seu povo é o Antigo Testamento. As Escrituras dizem que os hebreus expulsaram os cananeus de sua terra e em alguns casos eliminaram cidades inteiras (Josué 11:10-12:24). Mesmo uma rápida leitura mostra que os cananeus nunca se equiparam aos escritores do Antigo Testamento. Os escritores do Antigo Testamento não pouparam esforços para pintar os cananeus como um povo mau e imoral, e sua religião como estranha e execrável (Juizes 2:2; 10:6-7). O relato de um ataque inclemente convence alguns eruditos modernos de que o Antigo Testamento não é indevidamente tendencioso contra os cananeus, mas surpreendentemente preciso e objetivo, e não exagera a verdade quando fala desse povo. Uma descoberta arqueológica no Norte da Síria em 1928 confirma o retrato bíblico dos cananeus. Esta descoberta proporcionou vastas e novas informações sobre a civilização cananéia.



Ugarite. Esta vista aérea mostra parte da escavação em Ugarite (Rás Xamra), localizada na Síria, perto da costa mediterrânea. Os cananeus adoravam o deus Baal, e os profetas do Antigo Testamento os condenaram com frequência por suas práticas religiosas. As informações escritas encontradas em Ugarite capacitaram os estudiosos a compreender as crenças e os rituais tão abominados pelos profetas. Tábulas de argila encontradas no sítio também proporcionaram chaves para os significados de palavras do Antigo Testamento.

Na primavera de 1928, um camponês lavrador sírio, ouviu uma lâmina de sua máquina de arar a terra bater no que ele supunha fosse uma pedra. Olhando de mais perto, viu que a lâmina havia cortado o topo de um buraco de tamanho fora do comum; parecia um túmulo antigo. Esse descobrimento acidental deu início a uma movimentada escavação de uma cidade cananéia, que forneceu fascinantes objetos históricos e os restos de diversos importantes monumentos.

A medida que os arqueólogos franceses cavavam mais fundo, encontraram grande quantidade de textos antigos escritos em tábulas de argila. Dar-se-ia o caso de haverem achado literatura cananéia, escrita pelos cananeus em sua língua materna? A resposta era positiva.

A CIDADE DE UGARITE

O nome antigo desse sítio era Ugarite. Embora documentos como as Cartas de Tell el-Amarna mencionassem esse nome, os estudiosos da Bíblia não conheciam a localização exata da cidade. O descobrimento de 1928 solucionou o problema. O nome árabe moderno desse território situado na Síria é Rás Xamra, que significa "cabeça de fun-fcho".

A. Descrição da Área. O que resta de Ugarite hoje é um grande monte redondo de terra de cerca de 20 m de altura, mais de 900 m de largura, e quase 640 m de extensão. Está localizada a cerca de oitocentos metros da costa mediterrânea, em linha com a crista mais oriental da ilha de Chipre. Os cientistas começaram a escavar a área em 1929 e continuam até ao presente, parando somente durante a Segunda Guerra Mundial.

B. Textos Ugaríticos. Os eruditos logo decifraram os textos de Ugarite e os traduziram para diversas línguas modernas. Isso se deveu em grande parte aos esforços do alemão Hans Bauer, e dos franceses Charles Virolleaud e Edouard Dhorme.

Poderíamos dizer que os textos ugaríticos eram "cosmopolitas", visto que os escritos foram encontrados em sete diferentes línguas: egípcia, cipro-minoana linear B, hitita, hurrita, suméria, acadiana e ugarítica. Assim, as tábulas ugaríticas continham formas de escrever *hieróglifa* (egípcio), *cuneiforme* (hitita), e *linear* (as cinco restantes).

Os pesquisadores verificaram que a maioria desses textos era escrita em silábico acadiano, que eles conheciam das cidades da Mesopotâmia. O escrito acadiano era usado para a maior parte dos documentos comerciais, legais, administrativos e internacionais. Mas os arqueólogos descobriram que um único escrito alfabético ugarítico era usado para registrar os mitos, as epopéias e as lendas da cidade.

A escrita cuneiforme tradicional usa centenas de símbolos diferentes, mas em muitas tábulas de Ugarite apareciam somente 30 símbolos, sugerindo que eles usaram um sistema semelhante a um alfabeto. As palavras *muitas vezes eram* separadas por um símbolo, algo que os arqueólogos não tinham visto noutras tábulas cuneiformes. Em sua maioria, as palavras eram construídas de três consoantes básicas, o mesmo padrão adotado por línguas semíticas como hebraico, aramaico e fenício. Além disso, alguns textos ugaríticos eram escritos da direita para a esquerda, enquanto o cuneiforme é quase sempre escrito da esquerda para a direita. Essas peculiaridades convenceram os pesquisadores de que as tábulas de Ugarite apresentavam-lhes um alfabeto até então desconhecido.



Armas e ferramentas. Arqueólogos examinam um estoque de 74 artefatos de cobre e de bronze ocultos sob a casa do sumo sacerdote de Ugarite. As armas e as ferramentas, nunca utilizadas, podem ter sido uma oferta de um artífice de bronze ao sumo sacerdote.

Eis o alfabeto cananeu:

a	y	p
b	k	s
g	s	q
h	l	r
d	m	t
h	d	8
w	n	t
z	z	i
h	s	u
t	c	s

C. Outros Dados Arqueológicos. Os arqueólogos notaram cinco níveis diferentes no monte de ruínas de Ugarite, e encontraram sinais de ocupação humana em cada nível. O Nível Cinco (nível do chão) continha evidência de uma pequena cidade fortificada cuja fundação remontava a um grande dilúvio. Neste nível não se encontrou nenhuma cerâmica. O Nível Quatro e parte do Nível Três datam do Período Calcolítico. Aqui os escavadores encontraram cerâmica. O Nível Três vai até a Idade do Bronze Primitiva, cerca de 1.000 anos antes de Abraão. Aqui os escavadores encontraram sinais de trabalho com metais. As camadas do alto, Níveis Um e Dois, levam-nos à idade áurea de Ugarite, 1550-1200 a.C, que vai do período patriarcal do Antigo Testamento ao tempo dos juizes. Ugarite foi destruída no fim desse período, evidentemente vítima de terremoto e de invasores que os escribas chamaram de "Povos do Mar". Há somente vestígios de estabelecimento ocasional em Ugarite depois de 1200 a.C.

Os escavadores desenterraram dois templos consagrados ao deus Baal e a seu pai Dagom. Esses templos são semelhantes em estrutura àquele que Salomão construiu. Ambos os templos possuem salas que podiam ter sido usadas como o lugar santo e o santo dos santos do templo de Salomão.

Os arqueólogos desenterraram diversos outros edifícios em Ugarite, alguns dos quais continham bibliotecas que nos proporcionam a maioria de nossa literatura ugarítica. Os escavadores descobriram ainda o que deve ter sido um suntuoso palácio real, com 67 saias e vestíbulos, medindo 119 m por 82 m. Os pesquisadores descobriram que muitos habitantes de Ugarite construíam as criptas funerárias diretamente debaixo de suas casas. Canais levavam água do nível do chão para as tumbas. Crêem alguns arqueólogos que esses canais eram usados para fazer ofertas aos mortos.

Os cientistas também encontraram jarros de armazenagem com mais de metro de altura, e diversas tigelas douradas muito bonitas, que certamente eram obra de ourives profissionais. Uma tigela apresentava o quadro esculpido de um caçador numa carruagem apontando suas setas para gazelas e touros.

Sob o piso de uma casa ugarítica foram encontradas 74 armas e ferramentas. As inscrições em cinco desses objetos mostram que a coleção pertencia a um sumo sacerdote chamado *rb khn*. Evidentemente, os adoradores antigos davam essas ferramentas e armas como ofertas ou como presentes pelas bênçãos recebidas e pelos rituais.

Os arqueólogos descobriram também diversas estátuas e objetos de culto, dentre eles alguns amuletos pequenos dourados na forma de mulheres nuas, certamente relacionando-se com o culto da fertilidade. Na tampa de uma caixa de marfim, os escavadores encontraram um retrato de uma deusa com os seios descobertos, segurando diversas espigas de cereal em cada mão, e um bode de cada lado apoiado nas pernas traseiras, tentando morder o grão. Outra placa de marfim traz um retrato de uma deusa amamentando duas crianças. Esta é uma característica familiar da literatura e da arte religiosa do Oriente Próximo. Os mortais e os deuses menores deviam receber poder e prestígio sugando os seios de uma deusa.

Foram encontradas ainda algumas estatuetas de bronze do deus Baal, mostrando sua mão esquerda abaixada e a direita levantada, como se estivesse pronto para desferir um golpe ou proferir um brado de

guerra. Uma placa de pedra maior exibia um retrato de Baal usando capacete e saia e brandindo um bastão ou maça na mão direita. Na mão esquerda ele segura uma lança.

GOVERNO CANANEU

Diferente do Egito, da Mesopotâmia ou da Ásia Menor, a primitiva Canaã não tinha um governador único cujo poder se estendesse a todo o país. Os cananeus nunca produziram um faraó ou rei famoso. Cada cidade era governada por um regulo. A associação dos governadores exercia o poder sobre toda a Canaã.

A. Conceito de Cidade-Estado. Canaã compunha-se de diversas cidades-estados, de governo autônomo e, até certo grau, auto-suficientes. Um rei, mais propriamente chamado senhor, governava em cada cidade-estado. Na Idade Média do Bronze (2000-1500 a.C.) e na Recente Idade do Bronze (1500-1100 a.C.), cada um desses territórios geralmente estava sob o controle real dos egípcios ou dos neo-hititas.

Note-se que o capítulo 12 do livro de Josué arrola 31 reis com os quais os israelitas combateram na conquista de Canaã.

B. Reis de Ugarite. É difícil estabelecer exatamente quando, e por quem, teve início a dinastia dos régulos. Os reis da Idade do Bronze Recente empregavam um selo com a seguinte inscrição: "Yaqarum filho de Niqmad Rei de Ugarite." Com toda probabilidade esse selo ou sinete remonta ao décimo nono século antes de Cristo.

Os estudiosos da Bíblia não sabem quem proveu a liderança da comunidade nos poucos séculos que se seguiram. Mas podemos ras-trear os governantes do décimo quarto século antes de Cristo até à destruição de Ugarite, três séculos mais tarde. Esses últimos governantes são, na ordem de sucessão:

1. Amixtamru I
2. Niqmad II
3. Ar Caiba
4. Niqmepa
5. Amixtamru II
6. Ibiranu
7. Niqmad III
8. Hamurapi

Pelo menos os dois primeiros foram heis vassalos do Egito e escreviam com regularidade a esse país, pois disso encontramos evidência nas cartas de Amarna.

Niqmad II (ou Niqmadu) foi contemporâneo do famoso faraó Akh-naton, também conhecido como Amenófis IV (c. 1360 a.C.)- Os nomes de Akh-naton e de sua igualmente famosa esposa, Nefertiti, aparecem em vasos de alabastro encontrados em Ugarite. Lisonjeado pela promessa de mais terra, Niqmad II transferiu sua lealdade do faraó egípcio para um rei hitita, Xupilulíuma. Niqmepa desfrutou um dos mais longos reinados de todos os governantes ugaríticos (c. 1336-1265 a.C.). Ele tomou o partido dos hititas contra o faraó Ramessés II, na famosa batalha de Cades em 1285 a.C. A luta terminou num empate e as nações rivais assinaram um tratado de paz. Ugarite beneficiou-se desse pacto.

O quinto rei, Amixtamru II, era filho de Niqmepa. Amixtamru é lembrado por um registro escrito de seu casamento e divórcio. Sua esposa era adúltera. Os hititas forçaram Amixtamru II e seu filho, Ibiranu, a prover dinheiro e soldados para defendê-los contra uma nova ameaça que se levantava — os assírios. Estes orientais eram conduzidos por Salmaneser I e Tuculti-Ninurta I.

Os reinados dos últimos reis ugaríticos, Niqmad III e Hamurapi, foram breves e destituídos de importância. Durante o período deles um inimigo ocidental, os "Povos do Mar", parece ter-se tornado uma ameaça mais perigosa do que os assírios, embora alguns desastres naturais, como terremotos, possam ter enfraquecido as cidades-estados. Os "Povos do Mar" atacaram, incendiaram, dizimaram e se pultaram a cidade de Ugarite em 1200 a.C., mais ou menos. E assim ela permaneceu até que foi redescoberta, em 1928, pelo lavrador sírio.



Tigela de ouro. Este artefato oriundo de Rás Xamra mostra cabras selvagens no círculo interior. No círculo exterior um caçador está em pé numa carruagem de duas rodas com o arco pronto para atirar, perseguindo uma gazela que, graciosamente, foge saltando. Correndo na frente estão três touros selvagens e um dos cães do caçador. A caça com carruagem era esporte popular dos cananeus ricos. O caçador amarrava as rédeas ao mastro da carruagem e atava as pontas em redor da cintura para dar-lhe mais estabilidade e deixar as mãos livres para atirar.

A TERRA DE CANAÃ

Conquanto a Bíblia não mencione Ugarite, ela faz parte da terra de Canaã. Examinemos a área mais ampla de Canaã conforme descrita no Antigo Testamento.

A. O Significado de Canaã. Os eruditos, ao estabelecerem as fronteiras do território indicado pelo termo *canaã*, ainda discutem o significado da palavra. No século dezenove, pensava-se que *canaã* se relacionava com o verbo semítico *cnc*, que em árabe significa "curvar, ser humilde", e em hebraico, ser subjugado, humilhar-se". Assim, interpretavam *Canaã* como "terra baixa". Os linguistas abandonaram essa maneira de pensar, mas não podemos menosprezar as palavras de Gênesis 9:25: "Maldito seja Canaã; seja servo dos servos a seus irmãos." E difícil não perceber aqui a idéia de inferioridade. Neste trecho, *Canaã* pode de fato vincular-se à raiz hebraica *cnc*, "ser humilde".

Na sua maioria, hoje os estudiosos acham que *canaã* se relaciona coifl^a palavra cuneiforme *quinahu*, que nos vem através dos hurritas da Mesopotâmia. Essa palavra significa "roxo avermelhado", e se refere ao caramujo múrice encontrado nas praias do Mediterrâneo, o qual secreta uma tinta roxa. A tinta era um dos principais produtos de Canaã; daí ela ser chamada "a terra da tinta roxa". Os fenícios usavam a tinta na indústria do vestuário. Em verdade, a palavra cananéia para *fenício* — *foinique* — aproxima-se muito da palavra *foi-nix*, que significa "roxo avermelhado".

B. Fronteiras Cananéias. É um problema definir *canaã*. De igual dificuldade é determinar as fronteiras do país.

1. Evidência Bíblica. A primeira e clara declaração bíblica sobre o assunto encontra-se em Gênesis 10:19: "E o limite dos cananeus foi desde Sidom, indo para Gerar, até Gaza, indo para Sodoma, Gomorra, Admá e Zeboim, até Lasa" (na região do mar Morto?). Tomando por base este versículo, podemos definir Canaã como uma comprida e estreita área paralela à praia sudeste do Mediterrâneo, cobrindo áreas povoadas pelos sidônios e filisteus. Não há designação de fronteira oriental, mas achamos que era o rio Jordão.

2. Referências Acadianas. A promessa de terra que Deus fez a Abraão assume maior significado quando comparada com um texto acadiano encontrado em Ugarite. O texto é uma carta do rei hitita Hatusilis III (século treze a.C.) ao seu vassalo, Niqmepa, de Ugarite-Niqmepa queixara-se ao rei hitita que os viajantes mercadores vindos de Ur estavam tornando difícil a vida para os residentes de Ugarite. Alguns estudiosos acham que Abraão era mercador itinerante com vastos interesses comerciais. Seus 318 homens (Gênesis 14:14) podem ter sido guarda-costas dos mercadores itinerantes.

Para aliviar a situação em Ugarite, o rei hitita impôs diversas restrições aos mercadores. Uma delas era que só poderiam visitar Ugarite por ocasião da colheita. Os mercadores também estavam proibidos de comprar terras ou propriedades com os lucros de seus negócios. Se Abraão era um mercador proibido de adquirir imóveis, então a promessa que lhe oferecia "toda essa terra" assume novo significado. O homem diz: Tu não podes ter esta terra. Deus diz: Vou dar-te esta terra



El. Muitos estudiosos crêem que a divindade que se vê sentada neste relevo de pedra era El, o líder dos deuses ugaríticos. Sua mão direita está levantada num gesto de bênção, ao aceitar a oferta de um adorador.

C. A Palavra de Deus e Canaã. A começar com Abraão, e passando pelas gerações seguintes, Deus prometeu Canaã a indivíduos (patriarcas), depois a grupos (os israelitas sob as ordens de Moisés e de Josué). Mas a terra tinha de ser conquistada; não foi entregue aos israelitas numa bandeja de prata.

A palavra de Deus ao seu povo foi: "Porém a cidade [Jericó] será condenada, ela e tudo quanto nela houver. Tudo quanto na cidade havia, destruíram totalmente ao fio da espada, assim o homem como a mulher, assim o menino como o velho, também o boi, as ovelhas e o jumento" Josué 6:17a, 21.

A CONQUISTA DE CANAÃ

É fácil dizer, como o fazem alguns eruditos, que Canaã não foi conquistada conforme a Bíblia descreve; pelo contrário,

os israelitas penetraram lentamente. Alguns acham que a descrição dessas "guerras santas" ou "guerras de extermínio" brotam da imaginação de escritores de data posterior, que distorceram os acontecimentos históricos. Convém, igualmente, examinar os acontecimentos como históricos, porém ocorridos numa fase primitiva do desenvolvimento da *consciência dos israelitas*. Mas, talvez, a conquista de Canaã seja mais bem compreendida à luz destes fatos:

A. Concessão Misericordiosa. A terra de Canaã foi dada aos israelitas na base da misericórdia de Deus, e não por méritos do povo. Não encontramos indicação alguma de que os israelitas se considerassem um povo superior. O Deus deles era superior — o *único* Deus.

B. Ordens de Deus. Os israelitas atacaram Canaã porque Deus ordenou. Israel não deu o primeiro passo por sua própria conta. Não era esta a realização de um antigo sonho de expansão por parte de Israel. Na verdade, as Escrituras não fazem referência alguma a Israel como tendo um exército permanente até ao tempo de Davi.

C. Guerra como um Modo de Vida. Os israelitas nunca tomaram as guerras contra Canaã como modelos para ação posterior. A vontade de Deus para o seu povo foi proferida pela primeira vez em Gênesis 12:3: "Em ti serão benditas todas as famílias da terra."

D. Butim. Saquear o inimigo derrotado era prática comum naquela época, e assim tem permanecido através da história. Mas a Palavra de Deus proibia os israelitas de tomarem espólios dos povos conquistados. Tudo devia ser consagrado ao Senhor. Prata, ouro e vasos de bronze e de ferro deviam ser colocados no tesouro do Senhor, e não em cofres particulares. Josué 6:18-19.)

E. Um Padrão Único. Os israelitas não estão desobrigados da Palavra de Deus. Não existe, aqui, padrão duplo. Um israelita, por nome Acã, cedeu à *tentação de surripiai para si um pouco do despojo cananeu*, e foi ele e a sua família condenados à destruição (Josué 7, especialmente w. 24-26). Quando, como nação, os israelitas pecavam, eram punidos — isto é, derrotados por seus inimigos — exatamente como acontecia com as outras nações.

F. Escravidão. Ao entrarem em Canaã, os israelitas poderiam ter seguido três cursos de ação com vistas ao povo cananeu. Poderiam tê-los matado, expulsado, ou escravizado. Exceto em situações reais de batalha, parece que os israelitas escolheram a terceira opção na maioria das vezes, porque os cananeus continuaram a viver na Palestina muito tempo depois da morte de Josué. Podemos ver isso na história do sogro de Salomão, o faraó que marchou contra a cidade de Gezer em Canaã, tomou-a dos cananeus e deu-a à sua filha como presente de casamento (1 Reis 9:16). O capítulo 3 do livro dos Juizes declara que Canaã foi uma nação que Deus deixou para provar os israelitas (Juizes 3:1-3).

G. Imoralidade. A Bíblia declara com firmeza que a religião e o estilo de vida dos cananeus eram imorais. Os cananeus destruíram a si próprios por seu viver pecaminoso. Foi isso o que Deus quis dizer quando falou a Abraão: "Na quarta geração [os descendentes de Abraão] tornarão para aqui; porque não se encheu ainda a medida da iniquidade dos amorreus [cananeus]" (Gênesis 15:16). Deus não dará a terra ao seu povo cedo demais; ele aguardará até que o mal tenha percorrido todo o seu curso.

O Senhor disse ao seu povo por intermédio de Moisés: "Não adorarás os seus deuses, nem lhes darás culto, nem farão conforme as suas obras. . . . Não farás aliança nenhuma com eles, nem com seus deuses. Eles não habitarão na tua terra, para que te não façam pecar contra mim: se servires aos seus deuses, isso te será cilada" (Êxodo 23:24a, 32-33).

LITERATURA DE UGARITE

Confirma a literatura encontrada em Ugarite o que o Antigo Testamento diz acerca dos cananeus? Examinemos os textos de Ugarite escritos no único alfabeto de escrita cuneiforme, discutidos acima. Esses textos podem ser divididos em dois grupos. O primeiro é de *lendas* ou *epopéias*, em que os personagens principais são humanos. A segunda categoria é de *mitos*, em que a principal característica é a ação dos deuses. Vejamos em primeiro lugar os mitos.

A. Mitos. Em sua maior parte, os mitos ugaríticos giravam em torno de Baal e de outros deuses com ele associados. Baal era o deus do céu e da chuva. Seus dois principais adversários eram Iam (deus do mar) e Mote (deus da morte).

1. O Ciclo de Baal Denominamos o mais longo dos mitos cananeus como Ciclo de Baal. Os estudiosos não concordam quanto à seqüência dos episódios desta história, os quais se encontram em cerca de uma ^auzia de tábulas de argila. Mas podemos aceitar esta versão geral:

Baal e Iam estão engajados numa guerra feroz. Não se trata inerente de uma partida de luta romana realizada no firmamento (céu) ser observada por espectadores que se divertem. O desfecho é extremamente sério para os crentes em Baal. Se Baal triunfar, a terra será fértil nesse ano, e os lavradores e residentes podem respirar mais aliviados. Mas se Mote vencer, seguir-se-á o desastre — a morte e a esterilidade dominarão. Talvez signifique o ano da praga de gafanhotos, ou o da seca.

De uma das primeiras tábulas dessa série ficamos sabendo que Iam envia dois mensageiros a El, chefe dos deuses, para pedir que ele dê Baal aos mensageiros: "Abandonai, ó deuses, aquele a quem

abrigais. . . . Abandonai Baal. . . filho de Dagom, de sorte que eu possa herdar seu ouro." El cede e entrega Baal. Irado, Baal chicoteia em vingança, mas é refreado pelas deusas Anate e Astorete. Por enquanto, Iam vence a Baal.

Mas vemos que em outro texto a situação muda por completo. Nesse episódio, Baal derrota a Iam. As armas de Baal são dois bastões mágicos fornecidos por Cotate-ua-Cásis, deus do artesanato e inventor de ferramentas, armas e instrumentos musicais.

Um longo texto do Ciclo de Baal apresenta-nos à deusa Anate, consorte de Baal. Baal tinha também três filhas: Talia, deusa do orvalho; Padria, deusa das nuvens, e Arsia, deusa da terra.



Câmara funerária com teto em arco. Uma passagem ou escada provavelmente levava a esta câmara de pedra sob o piso central duma casa cananéia. O povo de Ugarite acreditava que os mortos não poderiam descansar se lhes faltasse água, e assim criaram meticulosos sistemas para provê-la. Muitas vezes a água era despejada num tubo acima do chão e fluía para uma valeta, que levava a uma cova próxima da câmara funerária. Supunha-se que uma abertura na parede permitia aos mortos acesso à água. A este tipo de câmara os arqueólogos dão o nome de *câmara funerária com teto em arco*, porque a construção de pedra firmemente ajustada forma uma "água", ou um arco de pedra com uma base que lhe serve de apoio.

Anate é ao mesmo tempo deusa da guerra (luta pelas causas do marido) e deusa do amor e da sensualidade, uma combinação comum de atributos das deusas antigas. Suas táticas de morticínio usadas contra os oponentes de Baal são descritas com detalhes: "Anate incha o fígado com gargalhadas/Seu coração está cheio de alegria/Porque na mão de Anate está a vitória/Porque ela mergulha no sangue dos soldados até à altura do joelho/Até à altura do pescoço no sangue das tropas/Até que esteja saciada." Esta chacina resulta em fertilidade para a terra: "Ela tira água e lava/Com orvalho do céu/A fartura da terra."

As palavras de Isaque a Jacó (ou Esaú, segundo pensava Isaque), em Gênesis 27:28, contêm bênçãos semelhantes: "Deus te dê do orvalho do céu, e da exuberância da terra." Esta bênção encontra-se de novo na palavra de Isaque a Esaú (Gênesis 27:39).

A história seguinte conta-nos como Baal tenta induzir Anate a convencer El a que dê a ele, Baal, um palácio. Nenhum favor ou pedido de Baal parece demais para Anate honrar. Ela diz a Baal que tudo o que ele tem que fazer é pedir, e ela dará. Lembra-lhe as realizações dela no passado: "Não esmaguei eu a Iam, querido de El?/Nem aniquilei o grande rio do deus?/Não amordacei o dragão?/Nem esmaguei a tortuosa serpente?/Monstro poderoso de sete cabeças?/Esmaguei Mote, querido do deus da terra. . . ." No fim da narrativa Anate aparece perante El e exige que ele honre o pedido que Baal fez de um palácio. Ela ameaça El com violência se ele não satisfizer ao pedido. El está tão apavorado com a filha que se esconde dela em sua própria casa!

Outro texto descreve um encontro diferente entre Baal e Iam, no qual Iam sai vencedor. Mas nessa versão Baal tem relações carnis com uma novilha a fim de providenciar um herdeiro antes de ir para o mundo subterrâneo. Evidentemente, os cananeus nada viam de errado em permitir que seus deuses praticassem a bestialidade.

Esses textos nos permitem entender as batalhas cósmicas nos mitos ugaríticos entre as forças-deuses da infecundidade e da produtividade, da esterilidade e da fertilidade — Iam e Baal, Mote e Baal. Muitas passagens do Antigo Testamento se assemelham a essas demonstrações de intenção no céu. Um exemplo é: "Desperta, desperta, arma-te de força, braço do Senhor. . . não és tu aquele que abateu o Egito, e feriu o monstro marinho? Não és tu aquele que secou o mar, as águas do grande abismo? . . ." (Isaías 51:9-10). Ou o Salmo 74.13 14: "Tu, com o teu poder, dividiste o mar; esmagaste sobre as águas a cabeça dos monstros marinhos. Tu espedaçaste as cabeças do crocodilo, e o deste por alimento às alimárias do deserto." Encontram declarações semelhantes até no Novo Testamento, especialmente e conexão com o grande dragão vermelho com sete cabeças e dez chifres, derrotado por Miguel e seus anjos (Apocalipse 12:3-17).

Como interpretaremos versículos como esses? Tomaram os poetas de Israel emprestado o mito da

batalha cósmica de seus vizinhos cananeus? É provável que não. Material literário desse teor era corrente por todo o Oriente Próximo.

Parece impossível evitar a conclusão de que os escritores bíblicos deliberadamente fizeram referências a mitos conhecidos. Que significariam para os ouvintes de Isaías alusões a um dragão ou leviatã, a não ser que o povo estivesse familiarizado com histórias a respeito desses animais? Mas os autores israelitas simplesmente não copiaram pensamentos cananeus em seus escritos. Se o tivessem feito, seria de esperar que encontrássemos no Pentateuco e nos primeiros capítulos do Gênesis mitos cananeus da criação, o que não encontramos. Pelo contrário, as bestas míticas vêm à tona nas Escrituras numa data relativamente recente, quando Israel estava firme em sua crença em Deus que é Uno, sem rival. Isaías e o Salmista não estão dizendo que mitos cananeus são verdades, mas tomando emprestado o conteúdo deles como imagem poética para celebrar a soberania de Deus.



Porta da cidade. Depois desta entrada está Ugarite, uma das mais antigas cidades do mundo e uma das maiores ádades-estados dos fenícios. No palácio real os esca-vadores descobriram os arquivos do escritório de assuntos estrangeiros, que continham cartas aos egípcios e aos biritas e faturas de remessa para Tiro, Sidom, Asdode, Creta e outras cidades an gas. O povo de Ugarite edificou um maciço império comercial.

2. Mitos de Fertilidade. Outros dois mitos procedentes de Ugarite postrarão nossa análise desse ramo da literatura. Um deles rela-Áona-se com o casamento de Iari, o deus da Lua, com Nical, a deusa lunar da Mesopotâmia. Nical gera um filho para Iari. As palavras de Iari a Nical mostram que a fertilidade do ventre e a fertilidade da terra estão ligadas: "Transformarei os campos dela em vinhas/O campo de seu amor em pomares."

O segundo mito geralmente é chamado de "O Nascimento do Bom e Gracioso Deus". Ele abre com um banquete no qual o vinho flui livremente. O texto divide-se em seções, sendo a décima e última a mais decisiva. El está prestes a criar duas mulheres que se tornarão ou suas esposas ou filhas, dependendo da capacidade dele para engravidá-las. Ele cria essas mulheres e as seduz, e ambas engravidam. Uma tem um filho chamado Alvorada (Xaar), e a outra gera um filho diamado Crepúsculo (Xalim). Mais tarde El tem relações sexuais com essas mesmas mulheres e no todo elas geram sete filhos. Esses filhos são "os deuses bons e graciosos". Destinam-se a ser deuses da fertilidade, e são primeiramente alimentados nos seios da "Senhora" (Aserá, esposa de El?). El os envia ao deserto por sete anos, até que a situação melhore. Tem-se sugerido que esse texto se relaciona com um ritual que tinha por intenção pôr termo a uma seqüência de anos maus e dar início a um ciclo produtivo para Ugarite.

Religiões de fertilidade como as de Ugarite acentuam sobremodo a reprodução na terra, nas safras, e no ventre. Esta ênfase ajuda a explicar a importância que era dada às uniões sexuais.

A Bíblia e os textos de Ugarite empregam as palavras *cadeche* e *quedecha*, que significam "santo" e "santa". Em Ugarite esses "santos" eram sacerdotes homossexuais e sacerdotisas que atuavam como prostitutas.

Encontramos forte reação hebraica contra essa "prostituição cultuai" em passagens como Levítico 19:29: "Não contaminarás a tua filha, fazendo-a prostituir-se", e Deuteronômio 23:17: "Das filhas de Israel não haverá quem se prostitua (*quedecha*). . . nem dos filhos *fadeche*) de Israel haverá quem o faça." Uma das reformas de Josias foi derribar "as casas da prostituição cultuai" (2 Reis 23:7).

B. Lendas. Convém examinar duas importantes lendas cananéias acerca de reis antigos. Uma é a de Querete, que traz o nome de seu Principal personagem, o filho de El. Querete é rei de Hubur. Sua esposa lhe é tomada e sua família assassinada. Em grande parte, a lenda é o conselho de El a Querete sobre onde encontrar outra esposa. Querete é informado de que deve ir a Udum (Edom?), onde o rei Paebel tem uma bela filha, Hurria. A busca de Querete é bem-suce-dida. O casal forma uma união feliz e dá início a uma nova família, que chega a ter sete rapazes e uma menina.



A Lenda de Querete. Esta epopéia, escrita em quatro tábulas em alfabeto cuneiforme, fala do próspero rei Querete, de Ugarite. A história diz que Querete ficou angustiado pela morte da esposa e por ela haver fracassado em não lhe dar herdeiros para o trono. O deus El disse-lhe que exigisse a mão da bela filha do rei de Udum. Querete apresentou os votos apropriados, sitiou a capital de Udum e conquistou a filha do rei. Com o tempo, ele teve seus próprios filhos e filhas. Querete caiu enfermo, mas El interveio e restaurou-lhe a saúde.

Mais tarde Querete cai mortalmente enfermo, e a esta altura El, o principal dos deuses, entra em cena de novo. Ele usa a magia para restaurar a saúde de Querete: "Eu mesmo executarei a magia/Deveras deterei a mão da doença/Exorcizarei o demônio. ..." Acharmos interessante que ao usar a magia, o deus apela para um poder exterior. Iassibe, um dos filhos de Querete, logo se rebela contra o pai por causa de sua branda liderança. Querete diz: "Possa Horom (deus da praga e do inferno) quebrar, ó meu filho/Possa Horom quebrar sua cabeça/Astorete, nome de Baal, sua cachola. ..."

Vemos, pois, qu^e essa história começa e termina com um pai perturbado.

A segunda lenda trata de um rei chamado Acate, filho de Danei (*não* é o Daniel da Bíblia) e de sua esposa Donatia. Cotate-ua-Cásis (deus das artes) faz um belo arco para Acate, o qual chama a atenção⁰ de Anate, deusa da guerra. Ana te deseja o arco para o seu arsenal/ mas Acate rejeita a oferta que ela faz por ele.

Anate manda Iatpã, um membro da sua corte, o qual assume forma de águia, matar a Acate.

Danel, pai de Acate, recupera os restos do filho do estômago águia e o sepulta. Pigate, irmã de Acate, dirige-se a Iatpã para vingar a morte do irmão. Entrementes, Danel entra num período de sete anos de lamento por Acate. O texto termina aqui, mas muitos estudiosos acham que provavelmente a lenda não pára nesse ponto.

Por que foi escrita esta lenda? Ninguém sabe ao certo. A história, com toda a probabilidade, alude ao ofício sagrado do rei como portador de fertilidade, porque o texto diz que após a morte de Acate, "Baal foi malsucedido durante sete anos . . . sem orvalho, sem chuvas". Diversas vezes Danel é chamado de *mt rp'e*, "o curador", ou "dispensador da fertilidade".

Nessa lenda, Danei, pai de Acate, é-nos especialmente interessante. O profeta Ezequiel arrefeceu as falsas esperanças de livramento de seu povo (Ezequiel 14:12-23) ao dizer que o indivíduo seria salvo somente se fosse justo. Para acentuar a questão, Ezequiel diz: "Ainda que estivessem no meio dela [a terra] estes três homens, Noé, Daniel e Jó, eles pela sua justiça salvariam apenas a sua própria vida" (w. 14, 16, 18, 20). Três versículos inserem que eles "não salvariam nem a seus filhos nem a suas filhas".

Os eruditos não têm problema algum para identificar Noé e Jó na Bíblia. Mas quem é Daniel? Seria o mesmo Daniel de quem Ezequiel fala em 28:3: "Sim, és [o príncipe de Tiro] mais sábio que Daniel, não há segredo algum que se possa esconder de ti"? Muitos comentaristas têm sugerido que o Daniel que Ezequiel menciona não é seu contemporâneo, o profeta Daniel, mas o Daniel da lenda cananéia. No livro de Daniel, em hebraico o seu nome se escreve *dni'l*, mas em todas as passagens de Ezequiel ele se escreve *dn'l*, exatamente como o nome Daniel é grafado na história de Acate.

Se os hebreus conheciam o leviatã cananeu e o mencionaram em sua literatura religiosa, não se daria o caso de terem os cananeus feito a mesma coisa com Daniel?

CONCLUSÃO

Sabemos que os hebreus eram vizinhos dos cananeus e estavam familiarizados com seu estilo de vida, cosmovisão, literatura e religião. Muitas vezes os hebreus adotaram a religião cananéia. Pense na imagem do bezerro que Jeroboão erigiu em Betei e em Dã (1 Reis 12:28-29); nos textos ugaríticos, El muitas vezes é chamado de "o Touro". Ou lembre-se das freqüentes referências a objetos cananeus como Aserá ou Aserins (Êxodo 34:13; Deuteronômio 7:5; 12:3; 16:21; Juizes 6:25; 1 Reis 14:15, e outras).

Grande parte das severas advertências dos profetas era uma reação contra os cananeus, de quem às vezes os hebreus tomavam emprestado livremente.

De que áreas da vida cananéia eles tomavam emprestado? Certamente de sua arquitetura e de suas técnicas literárias. O conhecimento que temos das obras poéticas dos hebreus (especialmente Salmos e Provérbios) se deve em grande parte a valiosos textos poéticos encontrados em Ugarite. Os hebreus até se referiam à língua deles como "a língua de Canaã" (Isaías 19:18).

Mas esses empréstimos raramente eram religiosos. Para ser fiel ao seu Deus, Israel tinha de apartar-se de seus vizinhos pagãos. A nação não se atrevia a envolver-se com o que Deus chamava de repulsivo e inaceitável a ele. Iavé e seus porta-vozes desafiaram Israel a viver acima das culturas circunvizinhas, a separar-se delas e ser para elas uma testemunha e um desafio.

9. Os Persas

Os persas governaram a Palestina durante o último século da história do Antigo Testamento. A Bíblia fala desse período nas narrativas de Ester, Daniel, Esdras, Neemias, e dois versículos no final do segundo livro das Crônicas. Para os persas foi um período de expansão imperial.

Os judeus tinham sido exilados para a Babilônia fazia quase 60 anos quando os persas conquistaram a terra em 539 a.C. Dois anos mais tarde, Ciro II, rei persa, concedeu aos exilados permissão para voltar à terra natal. Depois ele se lançou à conquista do Egito, façanha concluída por seu filho em 525 a.C.

A Palestina foi dominada pelos impérios de Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma durante um período de 650 anos. Contudo, somente os persas são lembrados por suas contribuições ao povo judeu. A Bíblia considera os outros impérios como maus e hostis aos judeus.

HISTÓRIA PRIMITIVA

Os persas sabiam o que era ser exilados. Foram obrigados a migrar por mais de mil anos. Seus antepassados tinham originariamente vivido perto das estepes do Sul da Rússia. Foram pressionados por outros povos migrantes cerca de 2000-1800 a.C. a mudar-se para as planícies da Ásia Central. Ao mudarem-se, levaram consigo seus nomes, tradições e língua arianas. Essa língua indo-iraniana tinha estreitas relações com o grego e o latim. Ao chegarem à sua nova terra na vasta região situada entre a Índia e a Mesopotâmia, parece que começaram a utilizar o cavalo e o carro. A cerâmica desse período mostra figuras de cavalos. Também foram encontrados freios de ferro e de cobre.

Das tribos que se fixaram no Norte do Irã somente os medos e os persas nos interessam neste estudo, visto que exerceram a máxima influência sobre o povo e os tempos bíblicos. O surgimento deles como povo de importância levou aproximadamente mil anos.

Por volta de 700 a.C. estabeleceram-se a Média e a Pérsia, embora estivessem sujeitas à Assíria. Por esse tempo a Assíria havia conquistado o reino de Israel, isto é, o do Norte. Os persas se livraram do domínio assírio em 681 a.C, sob o reinado de Aquêmenes. Contudo, o cuneiforme assírio tornou-se a base do sistema ortográfico persa. Os dois filhos de Aquêmenes brigaram entre si ao herdarem o trono, e dividiram o reino em duas partes. Muito em breve, porém, um dos reinos, chamado Parsa, foi absorvido pela Média. O outro reino, centralizado numa região chamada Anxá, forneceu a base para o que veio a ser o Império Persa e a primeira dinastia, a aquemênida, que durou até 330 a.C.

No começo do sétimo século antes de Cristo, quando Judá esteve sujeita a Nabucodonosor, rei da Babilônia, os medos eram ainda um povo seminômade. Seu governante era Fraortes (675-653 a.C), que residia em Ecbátana (perto da moderna Hamadã), cidade que mais tarde se tornou uma das capitais do Império Persa. Fraortes foi morto numa batalha contra a Assíria, em 653 a.C.

Ciaxes, seu filho, reorganizou o exército e introduziu melhores armas. Estendeu seu domínio sobre o reino persa, que lhe pagou tributo. Contudo, quando estava prestes a derrotar os assírios, os medos se viram forçados a retirar-se para proteger suas regiões orientais contra os invasores citas. Vinte e oito anos depois Ciaxes atacou de novo a Assíria e tomou a cidade de Assur, no ano 614 a.C. Juntou-se às forças de Nabopolassar, rei da Babilônia, que havia derrotado os assírios numa batalha anterior (626 a.C), a fim de capturar Nínive, capital da Assíria, em 612 a.C.

A Babilônia continuou as conquistas na direção do Ocidente. Em Carquemis, no ano 605 a.C, derrotou a aliança dos assírios e egípcios e assumiu o controle do Império Assírio. Os babilônios controlariam os negócios do Oriente Próximo durante os sessenta anos seguintes.

Babilônia e Média marcharam em rotas paralelas no sentido oeste a fim de trazer as nações sob seu domínio. Ciaxes levou suas forças em campanhas no Norte da Mesopotâmia, capturando Armênia e Capadócia até ao reino de Lídia ao ocidente e Partia ao oriente. Os babilônios guerrearam na Síria, na Fenícia e na Palestina. Contudo, embora esses dois reinos competissem entre si pelo poder, a Pérsia começou a subir no sentido de dominar o Oriente Próximo.

A ASCENSÃO DE ORO, O GRANDE (550-529 a.C.)

A neta de Ciaxares casou-se com Cambises I, rei persa de Anxá. O filho nascido desse casamento foi Ciro II, conhecido como Ciro, o Grande. O poder persa teve de ser levado em consideração sob o governo de Ciro II. Quando ele foi coroado rei de Anxã, em 559 a.C, os persas ainda pagavam tributo à Média. Por volta de 550 a.C. Ciro derrotou seu avô, Astiages, rei dos medos, e tomou sua capital, Ecbátana. Então Ciro concedeu a si próprio o título de "rei dos medos" e fez de Ecbátana a sede do seu governo. Ao permitir que as autoridades medas permanecessem no posto, ele conquistou-lhes a lealdade.

Todo o Império Medo caiu diante de Ciro. Ele marchou para o oeste e reclamou a Armênia, a Capadócia, a Cilícia, a Lídia, as cidades-estados gregas na Ásia Menor, e as ilhas gregas. Para o leste, suas conquistas incluíram todo o Irã. Não obstante, ainda havia dois rivais poderosos: Babilônia e Egito. Antes que pudesse marchar contra o Egito, Babilônia teve de render-se ao governo persa.

Na conquista da Babilônia, Ciro entrou na história bíblica. Para entendermos o impacto que Ciro causou sobre o mundo antigo, devemos recapitular os últimos dias da Babilônia, seu aqui-rival.

A. O Reinado de Nabonido. Nabonido, o último governante do Império Babilônio (555-539 a.C), acreditava que uma aliança com Ciro II de Anxã podia destruir seu rival, a Média. Confiou na aliança para obter proteção e fez o que pôde para fortalecer o seu país. Ao invés de reforçar seus efetivos militares, Nabonido gastava o tempo com literatura, religião e estudo do passado da Babilônia. A obra de Nabonido tem-se comprovado valiosa no estabelecimento de datas. Ele introduziu o culto de Sin, o deus-lua patrono de Harã, de onde veio originariamente sua família. Em breve os sacerdotes descontentes com suas reformas religiosas o exilaram da Babilônia, e ele viveu dez anos em Teima, ao norte da Arábia, a partir de 552 a.C. Durante esse tempo Nabonido deixou seu filho Belsazar como regente da Babilônia. Ao retornar em 543 a.C, o reino estava enfraquecido e dividido. Os sacerdotes ainda estavam descontentes, porque se sentiam privados de sua antiga glória desde que Sin tomou o lugar de Marduque como deus da Babilônia.

B. Daniel e a Escritura na Parede. O Antigo Testamento informa que Daniel serviu sob Belsazar, que governou a Babilônia na ausência de seu pai, Nabonido. O livro que traz o nome de Daniel conta que Belsazar ofereceu um banquete para mil nobres. Dentre os excessos da festa houve bebedeira e a contaminação dos vasos tirados do templo de Jerusalém. Quando apareceu a escritura na parede, nem o rei nem seus sábios puderam ler a estranha inscrição. Por fim, chamaram Daniel. Primeiro ele censurou o rei por seu orgulho. O mesmo orgulho que humilhou a Nabucodonosor por breve tempo, humilharia a Belsazar, segundo o significado que Daniel deu à inscrição: "MENE MENE, TEQUEL, PARSIM" (Daniel 5:25). A interpretação que Daniel deu a essas palavras aramaicas (literalmente, "conta, conta, peso divisões) foi: "Contou Deus o teu reino, e deu cabo dele. . . . Pesado foste na balança, e achado em falta. . . . Dividido foi o teu reino, e dado aos medos e aos persas" (Daniel 5:26-28).

Mesmo depois de ouvir essa medonha mensagem, Belsazar não se arrependeu. Pelo contrário, constituiu a Daniel o terceiro homem na hierarquia do reino, como se o fato de incluir um homem de Deus em seu governo invalidasse a decisão divina. A Bíblia observa com solenidade: "Naquela mesma noite foi morto Belsazar, rei dos caldeus. E Dario, o medo, com cerca de sessenta e dois anos, se apoderou do reino" (Daniel 5:30-31).

C. A Identidade de "Dario". Os críticos têm argumentado que a Bíblia se engana ao referir-se a Dario em Daniel 5:31. Os registros seculares comprovam que Ciro II tomou a Babilônia em 539 a.C, porém ignoram um Dario que conquistou e governou a Babilônia. Alguns críticos acham que o livro não foi escrito por Daniel ou mesmo durante sua vida, mas por um escritor do segundo século antes de Cristo, que desejava estimular os judeus a serem fiéis a Deus na resistência a Antíoco IV, que tentara helenizar a Palestina. Tal escritor podia estar mais interessado em narrar uma história inspiradora do que em registrar os fatos.

Outros estudiosos sugerem identificações de Dario. Alguns têm especulado que Dario foi realmente *Gobriás* (ou Gubarú), um dos generais de Nabucodonosor. Tornara-se governante babilônio da província de Elão, uma província nos limites da Pérsia. Quando percebeu a ascensão do poder persa, bandeou-se para Ciro e juntou-se a ele para solapar o poder da Babilônia. Gobriás e Ciro tomaram a Babilônia com facilidade, uma vez que os sacerdotes do deus Marduque estavam esperando para ajudar os persas. Belsazar, que Nabonido havia deixado para defender a capital, foi incapaz de fazê-lo devido à sua embriaguez. Ciro acompanhou Gobriás à Babilônia sem travar batalha. Aqui ele teve uma recepção de herói e foi de imediato coroado "rei da Babilônia".

Documentos desse período revelam por que Ciro era tão popular como conquistador da Babilônia. Ele restaurou a Marduque como a divindade do estado, paralelamente com a ordem sacerdotal. Também manteve sob estrita disciplina as suas forças de ocupação, evitando a pilhagem e o estupro.

D. Decreto de Ciro. Ciro entregou-se a uma política de restauração. Diferentemente dos assírios e babilônios, que desarraigaram e exilaram de seus países os povos conquistados, Ciro achava que revertia no seu melhor interesse permitir que as pessoas voltassem aos seus países de origem e reconstruíssem seus templos. Sua política era de politeísmo religioso.

As comunidades judaicas receberam de bom grado a nova política. Os judeus tinham sido exilados de Israel desde 723 a.C. e de Judá desde 586 a.C. Consideravam o crescente poder da Pérsia como um sinal enviado por Deus de que o cativo chegou ao fim. Consolavam-se com mensagens proféticas da queda da Babilônia como as de Jeremias, capítulos 25, 50 e 51. Isaías assegurou-lhes que Ciro era ungido por Deus para uma missão especial, muito embora ele não conhecesse a Deus (Isaías 45: 1,4).

O Livro de Ester: Um Vislumbre da Pérsia

O livro de Ester registra eventos ocorridos durante o reinado de Assuero (Xerxes) no quinto século antes de Cristo, em Susã, a capital do Império Persa. Uma vez que a história de Ester rima em tomo de intrigas na corte real, ela oferece muitos detalhes sobre os costumes e a vida daquela época.

As festas persas eram famosas por sua magnificência. O capítulo 1 do livro dá um vislumbre da opulência dessas festas. Descreve a maneira de comer do homem do povo, reclinado sobre divãs ou camas (v.6), e declara que todos os utensílios para bebida eram feitos de ouro, não havendo dois iguais (v.7). Xenofonte, historiador grego, disse que os persas se orgulhavam do número de vasos de bebida. Quando os gregos destruíram o Império Persa, parte de seu despojo consistia em chifres e taças de ouro destinados a bebidas.

Ester mostra as operações internas da corte persa bem como leis especiais relacionadas com o rei. Ester 1:14 menciona os sete príncipes da Pérsia e da Média que "se avistavam pessoalmente com o rei". Eram eles os principais nobres, conselheiros íntimos do rei (cf. Esdras 7:14).

Somente uma pessoa convocada pelo rei podia visitá-lo sem castigo. Isso dava dignidade ao monarca e o protegia de assassinio. Ester temia apresentar-se a Assuero sem ser chamada porque o castigo de tal visita era a morte (Ester 4:11). Também, ninguém tinha permissão de visitar o rei com vestes de luto, como pano de saco (Ester 4:2). Não obstante, Ester o fez.

Curvar-se em reverência perante nobres era hábito comum (Ester 3:2). Todos se curvavam na presença do rei; recusar-se a fazê-lo era insulto.

Heródoto menciona que o rei mantinha registros dos benfeitores reais. Provavelmente esses registros são os mencionados em Ester 2:23 e 6:1-3. Um dos maiores favores que o rei podia conferir a um súdito leal era vesti-lo com vestimenta que o próprio rei havia usado (Ester 6:8).

O livro de Ester fala de outros interessantes costumes persas fora da corte. O Império Persa vangloriava-se de um sistema postal altamente organizado. As cartas enviadas por mensageiros eram expedidas com surpreendente velocidade (Ester 3:13). Usavam-se cavalos velozes ou outros animais para que a missiva fosse entregue ainda mais rapidamente (Ester 8:10). Como em outras partes do Oriente Próximo antigo, as cartas eram "assinadas" pela impressão de um anel de sinete.

Pelo fato de espelhar fielmente os hábitos e costumes da Pérsia durante os dias do império, o livro de Ester é digno de confiança também como registro do período histórico.

O capítulo primeiro de Esdras registra o decreto de Ciro de restaurar os povos às terras de origem, conforme os judeus o receberam e entenderam. Além de libertá-los, o decreto concedia aos judeus permissão para reconstruir o templo e reorganizar a adoração do Deus de Israel. Esdras tem o decreto que instrui os vizinhos dos judeus a despedi-los com uma oferta pessoal para a viagem, bem como com uma oferta voluntária para a reconstrução do templo. Ciro chegou até a devolver os objetos valiosos que Nabucodonosor havia tomado do templo de Salomão em 586 a.C. A relação incluía 30 bacias de ouro, mil bacias de prata, vinte e nove facas, trinta taças de ouro, quatrocentas e dez taças de prata de outra espécie e "mil outros objetos" (Esdras 1:9-10). Ciro também contribuiu para a reconstrução com recursos do tesouro real. Essa contribuição foi comprovada mais tarde durante o reinado de Dario, quando se encontrou na fortaleza de Ecbátana um memorando em aramaico. Este memorando está registrado em Esdras 6:3-4.

E. A Reação Judaica. Os judeus responderam com entusiasmo à oferta de Ciro. No ano em que a ordem foi emitida (538 a.C.), muitos judeus prepararam-se para o retorno ao lar. Lembremo-nos de que não lhes foi fácil tomar a decisão de voltar. Os que haviam seguido o conselho de Jeremias (Jeremias 29:5ss.) haviam-se arraigado na Babilônia. Havia comprado casas, plantado pomares, e estabelecido negócios. As tábulas que registram transações na Babilônia revelam-nos nomes judaicos, indicando a boa posição dos judeus nessa época. Esses "sionistas" antigos tinham de abrir mão de tudo o que haviam construído para voltarem a uma terra empobrecida. Os que iniciavam a longa e perigosa viagem da

Babilônia à Palestina necessitavam de confiar em Deus, ter um espírito de aventura, e possuir uma forte vontade de reconstruir a terra.

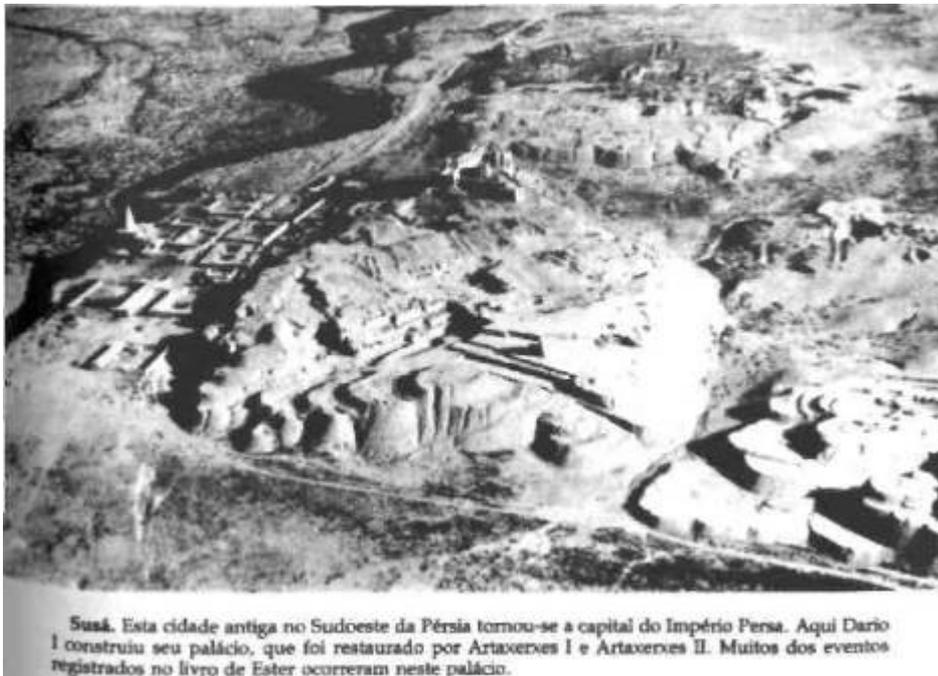
Sesbazar, "príncipe de Judá", foi o primeiro governador de Judá. Sesbazar, cujo nome na língua babilônia (*Xamaxe-apalusur*) significa "Xamaxe guardou a filiação", foi responsável pelos tesouros do templo durante a jornada a Jerusalém (Esdras 1:11; 5:14). Possivelmente ele era o Senazar, filho de Jeoaquim (1 Crônicas 3:18).

Os historiadores não concordam quanto à identidade de Sesbazar. Alguns alegam que o Sesbazar citado em Esdras 1:11 é o mesmo Zorobabel da família de Davi, que guiou o primeiro retorno (Esdras 2:2). Zorobabel foi um líder chegado a Jesua. Nada se nos diz, porém, que Sesbazar fosse um líder ativo, enquanto Esdras acentua de modo especial o papel de Zorobabel como líder davídico no período da reconstrução. Na resposta judaica a Dario, Sesbazar é mencionado como o governador que viu lançados os alicerces do templo. Sesbazar teria morrido logo depois de seu retorno a Jerusalém, e talvez Zorobabel, seu parente de meia-idade, assumisse a governança. O profeta Ageu refere-se a Zorobabel como "governador" (Ageu 1:1, 14).

Logo depois da chegada dos judeus a Jerusalém, Sesbazar instruiu o povo a seguir a ordem de Ciro de reconstruir o templo. Zorobabel, da família de Davi, e Jesua, sumo sacerdote, dirigiram o povo nas ações de graça e lançaram os alicerces do templo. Os sacerdotes e os levitas dirigiram o povo nos louvores. "Ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre sobre Israel" (Esdras 3:11). Só os que tinham visto a glória do templo de Salomão poderiam compará-lo com a humilde estrutura que se erigia diante dos seus olhos. Os que se lembravam, choraram, enquanto os judeus mais jovens gritavam de alegria ao contemplarem esse novo começo. Sabiam que isso cumpria as promessas de Deus aos profetas baseadas na sua aliança com Abraão (Esdras 3:12-13).

Os judeus na Palestina buscaram obedecer à lei mosaica. Sacrificaram holocaustos de manhã e à tarde (Esdras 3:2; cf. Deuteronômio 12:5-6); celebraram a festa dos tabernáculos (Números 29:12) e observaram as festas fixas (Números 29:39). Espontaneamente deram o que podiam para a construção do templo — um total de 61 mil dracmas de ouro, cinco mil arratéis de prata, e cem vestes sacerdotais (Esdras 2:69).

F. Daniel sob os Persas. A vida de Daniel no exílio havia abrangido a ascensão e a queda da Babilônia. Ele havia sido testemunha do começo do exílio (c. 605 a.C), da queda da Babilônia (539 a.C), e das primeiras levas de judeus que retornavam à Palestina (c. 538 a.C). Deus havia usado Daniel para proclamar a queda da Babilônia nas mãos dos persas (Daniel 5). Depois Daniel serviu aos persas durante uns poucos anos após a queda.



Parece que o mais provável é que o "Dario" de Daniel 6 deva ser identificado com o governante persa por nome Gubaru. Gubaru tornou-se governador da maior província persa, "Babilônia e além do Rio". Seu domínio incluía Babilônia, Assíria, Síria, Fenícia e Palestina. Ele designou 120 governadores (sátrapas) e três comissários (presidentes) (Daniel 6:1-2) para protegerem sua província. Gubaru constituiu a Daniel comissário. Dois colegas de Daniel e os governadores desejavam a demissão de Daniel, muito embora seu trabalho e seu julgamento estivessem fora de qualquer crítica. Atacaram-lhe a

vida pessoal. Judeu piedoso, Daniel orava regularmente a Deus, com o rosto voltado para Jerusalém (Daniel 6:10). Seus inimigos convenceram Gubaru a ordenar que ninguém orasse a nenhum deus ou pessoa, a não ser ao rei (Daniel 6:12). Conforme os governadores esperavam, Daniel não obedeceu à ordem. Julgado, foi considerado culpado e lançado na cova dos leões, da qual Deus o salvou por um milagre (Daniel 6:22).

Durante o primeiro ano do governo de Gubaru, Daniel meditou na profecia de Jeremias a respeito dos 70 anos de exílio (Jeremias 25:11, 12; 29:10). Daniel confessou os pecados pelos quais os judeus estavam exilados, e orou pedindo que o Senhor tratasse de novo graciosamente com o seu povo e o restaurasse a Jerusalém. De súbito o arcanjo Gabriel revelou a Daniel que após 70 semanas (período de tempo desconhecido), o povo e Jerusalém seriam restaurados, e se faria expiação por seus pecados. Gabriel disse que a justiça eterna se realizaria a favor do povo (Daniel 9:24).

A última visão profética de Daniel aconteceu no terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia (Daniel 10:1). Nessa ocasião Daniel estava velho demais para juntar-se aos judeus que voltavam à Palestina. Deus revelou sua glória a Daniel enquanto este se encontrava à margem do rio Tigre (Daniel 10:4ss.). O mensageiro de Deus narrou-lhe o futuro do Império Persa. A visão de Daniel predizia que depois de Ciro três reis governariam a Pérsia (Cambises, Pseudo-Smerdis, e Dario), antes que um quarto rei (Xerxes) gastasse a vida combatendo os gregos (Daniel 11:2). Cem anos mais tarde, Alexandre Magno (c-323 a.C.) tomou o Império Persa. Durante o século e meio seguinte, duas divisões do império de Alexandre combateriam no solo da Palestina — o reino ptolemaico do Egito ("rei do sul") e o reino selêucida ("rei do norte"). Na verdade, a Palestina seria capturada pelos selêucidas por volta de 200 a.C. (Daniel 11:17ss.), e governada por eles até à chegada de Antíoco Epifânio. Antíoco devia dar combate aos ptolomeus do Egito até que os "navios de Quitim" dos romanos exigissem a sua retirada (Daniel 11:30). Enfurecido, Antíoco iria para Jerusalém, "estabelecendo a abominação desoladora" (Daniel 11:31). Na visão de Daniel, o reino de Deus triunfou sobre as forças inimigas. A história orientada por Deus assegurava a Daniel e aos judeus que o Senhor realizaria tudo segundo o seu propósito. O futuro dos judeus não era brilhante: estavam destinados a ser governados por persas, gregos e romanos, e suportariam grande sofrimento (Daniel 11:40-45; 12:1), mas no final seriam levantados e "resplandecerão como o fulgor do firmamento" (Daniel 12:3). Deus fez a Daniel uma promessa especial: 'Tu, porém. . . descansarás, e, ao fim dos dias, te levantarás para receber a tua herança' (Daniel 12:13).

G. Morte de Ciro. Ciro atingiu seu alvo de construir um império maior até do que o da Babilônia. Ele organizou seu império em 20 satrapias (províncias). Um sátrapa (governador) governava cada província, e era responsável perante o rei. Cada sátrapa era controlado por oficiais que também respondiam diretamente ao grande rei. Os oficiais eram os "olhos" do rei nas províncias. Qualquer tentativa de contrariar os interesses do rei era relatada a Ciro em seu grande palácio em Pasárgada, nas proximidades da praia oriental do Golfo Pérsico. Ciro criou um grande parque aí com seu palácio, santuários e outras estruturas.

Ciro continuou a combater no Oriente até sua morte, em 530 a.C. Foi sepultado em Pasárgada, num túmulo de 10,7 m de altura, cuja câmara media apenas 3,2 x 2,2 m. O corpo, juntamente com espadas, brincos, vestimenta fina e tapeçarias, foi colocado num sarcófago de calcário, e este, por sua vez, num sofá funerário. Guardas protegiam os restos mortais do amado rei.



Dario e Xerxes. Este relevo de Persepolis mostra o rei Dario I, e atrás dele Xerxes, o príncipe coroado. Rei persa muito poderoso, Dario compilou um código de leis, sufocou as revoluções dentro do império, e estabeleceu Susã como a nova capital. Os judeus prosperaram no reinado de Dario. O livro de Ester refere-se a seu filho, Xerxes, pelo nome de "Assuero".

CAMBISES II (529-522 a.C.)

Cambises, filho de Ciro, assumiu o reino após a morte do pai. À semelhança deste, ele foi um homem capaz e bom general, que representou o pai no festival de ano-novo (chamado "o Festival da Aquita") na Babilônia, desde que Ciro se tornara rei. Cambises também havia permanecido na capital como sucessor oficial do rei quando Ciro estava em viagem militar, caso o rei sofresse algum dano. Depois da coroação, Cambises voltou os olhos para o Ocidente a fim de expandir o império.

Até essa época o Egito havia escapado ao governo estrangeiro. Faraó Amasis, de quem o povo não gostava, governou o Egito com a ajuda de soldados gregos contratados. Cambises tomou Mênfis em 525 a.C. quando nem Amasis nem Psamético II, seu filho, puderam resistir às tropas persas. Isso marcou o começo do governo persa no Egito.

O egípcios odiavam governos estrangeiros. O boato de que Cambises havia matado o boi Ápis sagrado foi um ultraje facilmente crido pelo povo simples. Os sacerdotes de determinados templos ficaram enraivecidos porque já não recebiam suprimento grátis do estado. Pelo contrário, exigia-se deles que trabalhassem o solo e criassem as aves para o sacrifício. Essas alterações bastaram para que os egípcios rejeitassem o governo persa. As descobertas arqueológicas sugerem que Cambises respeitou a religião do Egito, mas a revolta egípcia obrigou-o a apertar as rédeas ainda mais. Quando ele voltou do Egito, disseram-lhe que Smerdis se havia apoderado do governo da Pérsia. Cambises sabia que não poderia ter sido Smerdis, seu meio-irmão (também conhecido como Barfia), porque seus ajudantes-de-ordens já o haviam matado para evitar um levante dessa natureza. Gaumata, um medo que alegava ser Smerdis (Pseudo-Smerdis), havia realmente dirigido a revolta. Cambises não viveu para acertar contas com Gaumata, pois morreu perto do monte Carmelo, em 522 a.C, possivelmente por suicídio.

DARIO I (522-486 a.C.)

Dario era parente distante de Cambises. Ele carregou a lança de Cambises em sua batalha com o Egito, e manteve-se a par dos novos desenvolvimentos políticos. Dario tramou contra Gaumata, que apoiava os interesses religiosos dos medos e dos sacerdotes magos-Dario e suas forças mataram a Gaumata numa fortaleza na Média-

A. Fortalecendo o Império. Primeiro, Dario atuou para unificar o império que se desmoronava por causa de patriotismos separatista nas satrapias. Dirigentes das províncias tentaram assenhorear-se do poder na Média, no Elão, na Babilônia, no Egito, e até mesmo na Pérsia- Dario refreava cada revolta mediante o envio de generais leais para subjugar as forças rebeldes. Em dois anos Dario foi reconhecido como um grande rei sobre a maior parte do império. Estabeleceu Susã como a nova capital do reino, e construiu ali um palácio (521 a.C). A seguir, criou um código de leis para todo o império (c. 520 a.C). Esse código assemelha-se ao de Hamurabi (c. 1775 a.C). Dario também designou persas para servir de juizes juntamente com os líderes nativos, e criou impostos que as novas autoridades fariam cumprir.

D. Dario e a Palestina. Nos primeiros anos difíceis de seu reinado, Dario teve problemas com o templo em Jerusalém. Os construtores haviam lançado os alicerces, porém nada mais se fizera além disso (Esdras 4:5). Os judeus concentraram-se em construir lares e restabelecer suas vidas na terra desolada. Sabedores dos boatos da oposição de Cambises às práticas religiosas do Egito, os judeus na Palestina talvez não se tenham sentido ansiosos por solicitar a ajuda de Cambises na reconstrução do templo.

Mas Dario desejava conquistar a lealdade dos judeus, e foi mais tolerante com eles do que haviam sido antes os governantes persas. Deus enviou dois profetas para mover o coração dos judeus na Palestina: Ageu e Zacarias. Ambos acentuaram a importância de se construir o templo. Ageu levou o povo a envergonhar-se, ressaltando o pouco progresso que haviam feito no templo desde a chegada a Jerusalém. Os judeus já estavam na Palestina fazia mais de 15 anos, e somente os alicerces do templo estavam no lugar. Os judeus eram continuamente frustrados pela seca (Ageu 1:10-11), pelos ventos escaldantes, pela saraiva, e pelo mofo (Ageu 2:17). Não obstante, achavam tempo para edificar belas casas para si próprios. Por duas vezes Ageu os desafiou com estas palavras: "Considerai o vosso passado" (Ageu 1:5, 7 ver também 2:18-19).

Zacarias profetizou entre 520 e 518 a.C, tempo mais longo do que o de Ageu. O quadro sombrio que Zacarias pintou dos desiludidos judeus concorda com o de Ageu (Zacarias 1:17; 8:10). Deus tranqüilizou o povo por meio de Zacarias no tocante à glória futura de Jerusalém.

Os judeus e seus dirigentes ficaram atordoados com as palavras Proféticas. Sua nova ansiedade por obedecer a Deus levou-os de volta ao trabalho. Zorobabel e Jesua (Josué) começaram a reconstruir três semanas depois do primeiro oráculo profético (final de 520 a.C). Ageu falou a lealdade do povo ao Senhor: "Então Zorobabel, filho de Sealtiel, e Josué, filho de Jeozadaque, sumo sacerdote, e todo o resto do povo atenderam à voz do Senhor seu Deus, e às palavras do profeta Ageu, as quais o Senhor seu Deus o tinha mandado dizer; e o povo temeu diante do Senhor" (Ageu 1:12). Deus enviou Ageu com outras palavras de estímulo: "Eu sou convosco" (Ageu 1:13), e "sê forte, Zorobabel. . . e sê forte Josué. . . e tu, todo o povo da terra sê forte. . . e trabalhai; porque eu sou convosco" (Ageu 2:4).

Mas a oposição não se fez esperar. Tatenai, governador persa recém-nomeado, tentou deter os renovados esforços de reedificação do templo. Os judeus alegaram que estavam executando ordens de Ciro Pediram a Tatenai que verificasse os registros reais para encontrar o memorando que ordenava a ida dos judeus a Jerusalém e a reconstrução do templo (Esdras 5:10-16). A ordem foi encontrada em Ec-bátana, lar de Ciro em seus primeiros anos de governo. Estava escrita em aramaico, e suas instruções estão registradas em Esdras 6:3-5,

Agora estava claro para os judeus que Deus estava com eles! Dario disse a Tatenai que não interferisse na obra do templo (Esdras 6:6-7). Mais ainda, Dario ordenou que o tesouro provincial real cobrisse as despesas de construção, bem como as dos sacrifícios necessários — novilhos, carneiros e cordeiros para holocausto ao Deus do céu, e trigo, sal, vinho, e azeite para unção, "segundo a determinação dos sacerdotes que estão em Jerusalém". Tudo isso deveria ser-lhes dado, dia após dia, sem falta (Esdras 6:9). Parece que Dario deu continuidade ao costume de Ciro de permitir que as nações do império adorassem seus deuses nativos, "para que. . . orem pela vida do rei e de seus filhos" (Esdras 6:10). Qualquer pessoa que desobedecesse a essa ordem era advertida de severas penalidades: destruição de sua casa e execução (Esdras 6:11).

Dario estabeleceu boas relações com seus súditos judaicos. Quando suas forças marcharam através da Palestina a caminho do Egito, os judeus garantiram-lhe que não criariam problemas para seus soldados. Durante o inverno de 519-518 a.C, Dario tomou providências para reconquistar o Egito usando a mesma tática que havia usado para com os judeus. Respeitou as tradições religiosas do país e incentivou a escavação de um canal de um braço do Nilo até ao Golfo de Suez. (O projeto fora iniciado por Faraó-Neco 70 anos antes.) Antes de Dario retirar-se, os egípcios aceitaram-no como seu governante e lhe concederam o título de rei egípcio.

C. Dario e os Gregos. Dario restabeleceu o Império Persa desde o Egito até à Índia, e ao leste até ao rio Indo. Não colocou os citas no Sul da Rússia sob seu governo, embora tenha ganho uma cabeça-de-ponte do outro lado do Bósforo ao tomar a Trácia (513 a.C).

Quando morreu, em 486 a.C, Dario I controlava um império maior e mais forte do que aquele que havia herdado. Ele melhorou o governo do império, estabeleceu estrito controle militar sobre os governadores semi-independentes, introduziu a cunhagem de moedas, padronizou o sistema de pesos e medidas, e interessou-se pelo bem-estar de seus súditos. Mas seus novos impostos causariam a ruína do império.

Dario foi sepultado num túmulo real em Persépolis. Depois do ggpultamento, seu filho Xerxes ascendeu ao trono.

XERXES I (486-465 a.C.)

Pensam alguns estudiosos que Xerxes I seja o famoso "Assuero" do livro de Ester. Ele enfrentou os mesmos problemas com os quais se defrontou Dario, seu pai. Seu império se desmoronava, em grande parte por causa dos novos impostos, mas Xerxes não tinha o interesse de Dario em garantir a lealdade de seus súditos. Ele cometeu grandes erros de julgamento em suas ações militares. Enraiveceu os sacerdotes do Egito tomando-lhes os tesouros do templo. Incendiou Atenas e perdeu qualquer apoio que pudesse ter conseguido nas cidades gregas. Destruiu templos da Babilônia e ordenou que a estátua de ouro de Marduque fosse derretida. Os judeus haviam prosperado sob o governo pacífico de Dario e haviam terminado seu templo, mas quando quiseram reconstruir os muros de Jerusalém, seus inimigos os acusaram falsamente de rebelião. Não lhes foi permitido completar os muros.

No terceiro ano de seu governo, Xerxes organizou uma festa real para todos os príncipes, governadores e altas patentes do exército nas 127 satrapias do império, desde a Índia até à Núbia (Ester 1:1-3). Todos os eventos narrados no livro de Ester ocorreram no reinado de Xerxes.

ARTAXERXES I (465-424 a.C.)

Xerxes foi assassinado em seu dormitório no ano 465 a.C. Seu filho mais novo, Artaxerxes (Longímans), assumiu um império enfraquecido. Artaxerxes tentou manter unido o império travando muitas batalhas na Bactria, no Egito e na Grécia. Aceitou a fórmula de paz conhecida como tratado de Cálias (449 a.C), que adiava uma guerra com a Grécia.

Podemos avaliar as atividades de Esdras e Neemias em face desse fundo histórico de rebelião e tramas internacionais. De novo os judeus tentaram reconstruir os muros de Jerusalém, e desta vez os nobres de Samaria viram a reconstrução como um sinal de rebeldia. Disseram a Artaxerxes que uma Jerusalém forte seria um perigo para a segurança do império. Disseram ao rei que ele deveria conferir os registros a fim de ver por si próprio que Jerusalém era uma "rebelde e malvada cidade" (Esdras 4:12), e que o tesouro do rei corria perigo: "Se aquela cidade se reedificar, e os muros se restaurarem, eles não pagarão os direitos, os impostos e os pedágios, e assim causarão prejuízos ao rei" (Esdras 4:13). Também avisaram ao rei de que nesse caso ele não teria "a posse das terras desta banda do Eufrates" (Esdras 4:16). A busca dos registros na biblioteca real confirmou a opinião dos nobres: ". . . buscaram e acharam que de tempos antigos aquela cidade [Jerusalém] se levantou contra os reis, e nela se têm feito rebeliões e

motins" (Esdras 4:19). Artaxerxes ordenou que o trabalho dos muros fosse sustado até que ordem posterior alterasse a situação (Esdras 4:21).

A despeito de seus sentimentos contra uma Jerusalém murada Artaxerxes via os judeus com bons olhos. De boa vontade proveu fundos para a missão de Esdras (c. 458 a.C.). A lealdade dos judeus na Judéia fortaleceu-lhe a posição na Síria e no Egito. Ele reforçou a ordem de Ciro num mandado especial, de sua própria iniciativa, que permitia aos judeus do Império Persa o retorno à Palestina. A Bíblia informa-nos que Artaxerxes deu ouro, prata e uma profusão de utensílios para o templo (cf. Esdras 8:26-27), e prometeu cobrir todas as despesas do templo com recursos do tesouro real (Esdras 7:16-20). O rei impressionou os dirigentes judeus com seus presentes, promessas e estímulo para fazerem "Tudo quanto se ordenar, segundo o mandado do Deus do céu. . . pois para que haveria grande ira sobre o reino do rei e de seus filhos?" (Esdras 7:23). Artaxerxes também isentou do pagamento de impostos os sacerdotes, os levitas e os servidores do templo (Esdras 7:24).

Artaxerxes apoiou o desejo de Esdras de ensinar ao povo da Judéia a Lei de Deus. Por seu próprio estudo e pela cuidadosa observância da Lei, Esdras estava bem qualificado para o trabalho. "Porque Esdras tinha disposto o coração para buscar a lei do Senhor e para a cumprir e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos" (Esdras 7:10). Artaxerxes ordenou que Esdras ensinasse o povo no tocante à lei, e os fizesse responsáveis por suas ações perante tribunais e juizes (Esdras 7:25). "A espada do governo persa garantia o sistema legal judaico centralizado em Deus: 'Todo aquele que não observar a lei do teu Deus e a lei do rei, seja condenado ou à morte, ou ao desterro, ou à confiscação de bens, ou à prisão'" (Esdras 7:26).

Mil e quinhentos judeus, incluindo levitas que ficaram responsáveis pelos tesouros do templo (Esdras 8:24ss.), juntaram-se a Esdras em sua missão nos começos de 458 a.C. Esse grupo sentiu a presença de Deus durante a longa e perigosa viagem que empreenderam. Esdras registra: "a boa mão do nosso Deus. . . livrou-nos da mão dos inimigos e dos que nos armavam ciladas pelo caminho" (Esdras 8:31)-Chegaram quase no final daquele mesmo ano.

Nessa época, mais de 50 mil exilados tinham voltado à Judéia. De acordo com o capítulo 7 de Neemias, a maior parte vivia em cidades localizadas em Jerusalém e seus arredores. A região desde Jericó até Betei era o limite norte; de Betei até Zanoá, o oeste; de Zanoá até En-Gedi, o sul, e de Bete-Zur até Jericó, o leste. O grande problema que Esdras enfrentou ao chegar à Palestina foram os casamentos mistos, que conhecia a história do seu povo o suficiente para lembrar-se de que no passado os casamentos mistos haviam causado idolatria e corrupção. Esdras apelou para o povo a fim de que permanecesse puro como povo de Deus vivendo segundo a Lei de Moisés, para que não voltassem ao exílio. Em oração (Esdras 9:6-15), Esdras mostra-nos sua grande esperança de que a presente geração não repetisse os erros do passado. Esdras estava confiante de que Deus podia não deixar remanescente algum em outro ato de juízo.

Os que haviam realizado casamentos mistos confessaram seus pecados e estavam dispostos a divorciar-se de suas esposas "estrangeiras" (Esdras 10:3, 11). Os judeus estabeleceram um tribunal de divórcio, e no inverno de 458 a.C. haviam resolvido a questão dos casamentos mistos. O final do livro de Esdras apresenta uma lista dos divórcios (capítulo 10).

Pouco sabemos das andanças de Esdras depois desse episódio, até que o encontramos alguns anos mais tarde em Jerusalém com Neemias (Neemias 8). Talvez Esdras realizasse sua missão de ensinar a Lei por toda a terra de Judá, ou estivesse longe relatando o sucesso de sua missão aos judeus da Babilônia ou à corte de Artaxerxes.

As tropas persas atravessaram a Palestina quatro anos depois (454 a.C.) a caminho do Egito. O estado de ânimo era tenso na satrapia de "além do Rio", à qual pertencia a Judéia. O sátrapa dessa província revoltou-se contra Artaxerxes. Felizmente para a Judéia, Artaxerxes prontamente acabou com a rebelião.

Em 445 a.C., a missão de Neemias realizou o que os judeus haviam esperado. Neemias, judeu, era o copeiro do rei Artaxerxes em Susã. Ele tinha ouvido dizer que seus irmãos, os judeus, não tiveram permissão para reconstruir os muros de sua cidade. Ele percebeu como a situação era perigosa para eles. Os tempos instáveis, o desagrado dos dirigentes samaritanos por causa dos judeus da Judéia, e a extinção quase bem-sucedida do povo judeu por parte de Hamã eram bons motivos para a angústia de Neemias. Depois de orar (Neemias 1:5-U), e com profunda preocupação pelos irmãos na Judéia, Neemias conversou com Artaxerxes. O rei concedeu-lhe permissão para reconstruir os muros de Jerusalém (Neemias 2:5, 7-8). Escoltado pela cavalaria real, Neemias chegou a Jerusalém em 445 a.C.

Neemias contou desde logo com a oposição de Sambalá, Tobias e Gesém (Neemias 2:10, 19; 4:1-2), mas verificou a obra que devia ser feita nos muros e tomou providências para que a construção tivesse início imediato, antes que os adversários dos judeus pudessem reunir forças. Durante esses dias tensos os trabalhadores usaram uma das mãos para edificar e a outra para segurar uma arma de defesa (Neemias 4:17). O muro foi concluído com apenas 52 dias de trabalho. Os israelitas haviam trabalhado duro durante o dia e guardado os muros à noite. Terminada a obra, levitas e cantores vieram de todas as partes

de Jerusalém para dedicar a estrutura com cânticos. Neemias organizou dois coros que caminhavam em direções opostas ao redor dos muros, cantando louvores a Deus quando se aproximavam um do outro. Em meio a cânticos e sacrifícios no templo, o povo estava tão feliz que de uma grande distância seus inimigos podiam ouvir os sons de regozijo (Neemias 12:43).

Durante doze anos Neemias permaneceu como governador da Ju-déia. Ele desejava restituir a Jerusalém sua antiga glória. Até agora poucas pessoas arriscavam-se a viver em Jerusalém, expostas a invasores e a ataques de surpresa (Neemias 7:4). Com o muro reconstruído, os judeus concordaram em que pelo menos 10% do povo deixasse seus lares e aldeias e viesse morar em Jerusalém (Neemias 11:1). Desse modo Jerusalém se tornava de imediato uma cidade florescente na qual todos os cidadãos da província tinham interesse — muitos tinham aí, agora, amigos ou parentes. Neemias também foi bem-sucedido em realizar reformas sociais em sua província: Ele aboliu o empréstimo de dinheiro com elevadas e injustas taxas de juros (Neemias 5:7), e restituiu-lhes as propriedades perdidas (Neemias 5:11).

Uma vez ou outra durante o período governamental de Neemias, Esdras voltava a Jerusalém, lia a lei à assembléia (Neemias 8:2) e ajudava os judeus a entender como deviam viver segundo a Lei. Essa instrução continuou até à festa dos tabernáculos (Neemias 8:18). Uma reunião solene em Jerusalém (Neemias 9:38; 10:29) estabeleceu um acordo para que a lei fosse observada. Esse grupo enfrentou também problemas específicos de sua comunidade: casamento misto (Neemias 10:30), a observância do sábado (Neemias 10:31), contribuição de uma terça parte dum sêdo para o serviço do templo (Neemias 10:32-33), e sustento dos sacerdotes e levitas com as primícias e os dízimos (Neemias 10:34-39).

Neemias voltou para a corte de Artaxerxes em 433 a.C, e teve o privilégio de retornar a Jerusalém mais tarde (Neemias 13:6), quando usou sua autoridade real para expulsar Tobias (Neemias 13:7). Neemias exigiu também que os cidadãos de Jerusalém sustentassem os levitas e os cantores (Neemias 13:10ss.), que obrigassem a observância do sábado (Neemias 13:15ss.), e proibissem os casamentos mistos (Neemias 13:23ss.).

O DECLÍNIO DA PÉRSIA

À semelhança de outras grandes potências do mundo antigo, a Pérsia finalmente viu passar o auge de sua influência e começar um prolongado período de decadência. Derrotas militares, intrigas políticas e erros econômicos contribuíram para o fracasso do império.

A. Manobras Políticas. A morte de Artaxerxes em 424 a.C. abriu nova era de tramas secretas nas cortes da Pérsia. Xerxes II foi morto enquanto embriagado. Seu assassino, filho de uma concubina de Artaxerxes, foi morto por Ocus, filho de outra concubina. Ocus, que já contava com o apoio do exército babilônio, descobriu que o exército de Susã não simpatizava com seu novo governante, Dario II. Dario foi obrigado a eliminar Ocus e outros pretendentes ao trono mandando executá-los. Manteve os interesses persas na Grécia com a ajuda de Esparta. Quando surgiu tensão entre os judeus na região Elefantina do Egito e os egípcios locais, Dario e os persas não intervieram.

B. Crescente Poder Judaico. Os judeus desfrutaram boas relações com os persas durante os anos de declínio da Pérsia. Serviam como soldados contratados nas forças persas. Os judeus estacionados em Siene (moderna Assuã), na fronteira sul, gozavam de relativa inde pendência. Na ilha de Elefantina, em frente de Siene no rio Nilo, uma fortaleza persa era guarnecida inteiramente por judeus. Chegaram a construir um templo na ilha, onde sacrificavam animais. O sacrifício de carneiros escandalizava os egípcios nativos, especialmente os sacerdotes de Cnum, pois estes consideravam o carneiro como um animal sagrado. Esses sacerdotes destruíram o templo dos judeus quando o governador judaico foi a Susã em 410 a.C. Os judeus do Nilo pediram conselho a Jerusalém sobre a reconstrução do templo. Diziam que o templo havia sido levantado desde antes de Cambises conquistar o Egito. Depois de repetidas solicitações de ajuda, os dirigentes judeus de Jerusalém disseram à colônia no Egito que reconstruísse seu templo e continuasse oferecendo grãos e incenso. Mas pelo fato de os egípcios locais os detestarem, os judeus nunca reconstruíram seu templo em Elefantina.

C. Fase Final. Os últimos 70 anos do Império Persa foram cheios de conspirações e assassinios. O último rei persa, Dario III, foi um governante capaz que enfrentou a impossível tarefa de unir um império que se estilhaçava, enquanto tentava resistir ao ataque violento do grande general da Macedônia, Alexandre Magno. Alexandre chegou a Persépolis em 330 a.C. depois de derrotar Dario em Gaugamela. Em 330 a.C. Alexandre saqueou e incendiou o palácio de Dario.

O governo dos persas havia adquirido relativa paz e prosperidade para os judeus na Palestina. O templo e a Tora haviam florescido, e os judeus haviam adotado grande parte da cultura oriental da Pérsia. A vida judaica na Palestina sob os gregos mudaria para pior.

CULTURA PERSA

Os persas deixaram marca indelével na vida dos judeus. Vários aspectos da cultura persa alteraram a vida do povo judeu nos tempos do Novo Testamento e também depois.

A. Arte e Arquitetura. A arte persa refletia a vida da corte. Os governantes persas gravaram belos relevos em pedras para celebrar suas vitórias. O relevo de Behistun apresenta Dario derrotando os rebeldes (521 a.C). Esses relevos de vitória mostram súditos estrangeiros oferecendo tributo a Dario.

Os governantes persas também se orgulhavam de seus belos palácios. Ciro adotou o estilo do palácio medo de Ecbátana na construção de sua capital, Pasárgada.

O rei Dario escolheu Persépolis como o cenário para seu palácio, em 520 a.C. A construção e magnificação de Persépolis começaram com o sucessor de Dario, e duraram até à queda da cidade sob Dario III, em 330 a.C.

Mesmo depois de oito anos de guerra, Xerxes encontrou tempo para desenvolver os edifícios de Persépolis. A arte aquemênida atingiu o auge nos últimos 13 anos do seu reinado.

Os túmulos reais também nos mostram o desejo dos persas de prodigalidade. O túmulo de Ciro II era simples, quando comparado com os túmulos de Dario I, Artaxerxes I e Dario II, talhados na rocha, perto de Persépolis.

O Império Persa na sua totalidade contribuía com materiais e artífices para os projetos imperiais. Figuras tridimensionais, em tamanho natural; uma predileção por temas animais, e a arte refinada de miniaturas são contribuições persas. Encontramos muitas dessas características nas sinagogas e noutros edifícios judeus do período pós-exílio na Palestina, como, por exemplo, na sinagoga de Cafarnaum.

B. Língua. O persa é um ramo do grupo de línguas indo-iraniano. Tem semelhanças com o latim e com o grego. (A palavra persa para deus é *daiva*, relacionada com o latim *deus* e com a palavra *divino*.) Os persas antigos conheciam e empregavam as línguas elamita, babilônica, e antigo persa. A Pedra de Behistun registra a dinastia aquemênida até Dario I nessas três línguas.

O antigo persa era escrito em *cuneiforme*, ou figuras em forma de cunha. O povo usava a língua somente para documentos e inscrições oficiais. A correspondência oficial recebia a ajuda do aramaico, uma língua usada desde a Pérsia até ao Egito. O aramaico tornou-se o modelo para um novo estilo hebraico de escrever, empregado para registrar o Antigo Testamento. Os judeus emprestaram muitas palavras do aramaico. Em hebraico, por exemplo, a palavra *dat* ("decreto") deriva da palavra persa *data*.

As palavras aramaicas encontraram passagem para outras línguas também. A palavra *paraíso*, tem origem no vocábulo persa *paridaeza* que significa "jardim do palácio".

C. Religião. O principal deus do sistema religioso persa era Ahura-Mazda, "o sábio Senhor". Os sacerdotes oficiais eram chamados magos. O rei acreditava que Ahura-Mazda lhe concedera o direito de governar; ele era a "imagem" do deus, num sentido muito real.

Os persas criam em deuses da natureza como Ar, Água, Céu, Terra, Sol e Lua. Não adoravam esses deuses em templos. Em vez disso, sacrificavam animais em campos abertos, ao acompanhamento da cantilena de um sacerdote. Os persas também ofereciam holocaustos aos seus deuses.

Em meados do sexto século antes de Cristo, Zaratustra começou a remodelar o pensamento religioso persa no que mais tarde veio a ser conhecido como zoroastrismo.

O conflito entre o bem e o mal era fundamental nos ensinamentos de Zaratustra. O zoroastrismo reconhecia Ahura-Mazda como seu único deus, mas dizia que este vivia em eterno conflito com o espírito mau Angra Mainiu. Zaratustra opunha-se aos sacrifícios e ofertas de bebida. Ele deu início ao culto de Ahura pelo fogo perpétuo. Os persas erigiram templos de fogo para esta finalidade.

Essa religião popular desafiava os judeus a declarar sua fé em termos claros. Os rabinos judeus fundaram academias para preservar a verdade da Palavra de Deus e combater as curiosas doutrinas zoroastristas.

Lemos no Novo Testamento como "os magos" vieram para adorar o menino Jesus em Belém (Mateus 2:2). Talvez tenham sido representantes da casta sacerdotal da religião zoroastrista.

A Pérsia alterou profundamente o curso da história israelita. Os ideais apocalípticos da filosofia persa estão vigorosamente representados nos livros apócrifos do período intertestamentário. Tão persuasiva foi a influência da Pérsia que é difícil isolar a arte e arquitetura israelitas das influências persas. A língua aramaica (um dialeto persa tardio dos assírios) tornou-se a língua padrão da política e da religião judaicas após o período intertestamentário.

NOTAS DE RODAPÉ

Capítulo Dois: "História do Antigo Testamento"

¹William Hendriksen, *Survey of the Bible* (Grand Rapids: Baker Book House, 1977), p. 79.

²Gleason L. Archer, *A Survey of Old Testament Introduction* (Chicago: Moody Press, 1964), p. 199ss.

³Leon Wood, *A Survey of Israel's History* (Grand Rapids: Zondervan, 1970), p. 88ss. Cf. Archer, p. 212ss.

Capítulo Três: "Cronologia do Antigo Testamento"

¹Edwin R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Co., 1965), p. 30.

²Veja Gleason L. Archer, *A Survey of Old Testament Introduction* (Chicago: Moody Press, 1964).

³Veja Robert Anderson, *The Coming Prince* (Grand Rapids, Mich.: Kregel Publications, 1975) e Alva J. McClain, *Daniel's Prophecy of the Seventy Weeks* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1940).

Capítulo Quatro: "Arqueologia"

¹Mas os egípcios nunca permitiram o desenvolvimento de um alfabeto genuíno; este passo foi dado por volta de 1500 a.C, por prisioneiros políticos em minas de turquesa em Serabite-el-Cadem, no Sinai central. De suas inscrições proto-sinaíticas, espalhou-se a idéia de um alfabeto para o norte de Canaã, onde encontramos evidência de experimentos com alfabetos pouco tempo depois. Um dos mais famosos destes é o escrito de Ugarite (Rás Xamra). Os escribas de Ugarite usavam símbolos cuneiformes alfabeticamente para expressar seu próprio dialeto semítico, que se assemelhava muito de perto ao hebraico. Outros experimentos conduziram, indiscutivelmente, ao alfabeto hebraico, embora não possamos rastrear seus começos.

²Colin McEvedy, *The Penguin Atlas of Ancient History* (Middlesex: Penguin Books, 1967), p. 28.

³Howard M. Jamieson, "Jericho", *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible* (Grand Rapids: Zondervan, 1975), pp. 451-52.

⁴George Steindorff e Keith C. Seele, *When Egypt Ruled the East*, ed. rev. por Keith C. Seele (Chicago: University of Chicago Press, 1957), j p. 221.

⁵W. H. Morton, "Gibeah", *Interpreter's Dictionary of the Bible*, Vol. 2 (Nashville: Abingdon Press, 1962), p. 391.

⁶Agora o calendário de Gezer foi levado a um plano secundário por uma inscrição encontrada em Izbet Sartá (provavelmente o Ebenézer bíblico), perto de Afeque. Esta inscrição recém-descoberta é, pelo menos, um século mais velha.

Capítulo Cinco: "Religiões e Culturas Pagãs"

¹O. G. Gurney, *The Hittites* (Baltimore: Penguin Books, 1952), pp. 149-150.

²George Steindorff e Keith C. Seele, *When Egypt Ruled the East*, ed. rev. por Keith C. Seele (Chicago: University of Chicago Press, 1957), p.77.

³W. W. Hallo e W. K. Simpson, *The Ancient Near East: A History* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1971).

⁴J. B. Pritchard, red., *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament* (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1969).

⁵C.H. Gordon, "Ancient Near Eastern Religions", *Encyclopedia Britannica*, 15ª ed., Vol. 12 (Chicago: Encyclopedia Britannica Educational Corporation, 1974).

⁶Yehezkel Kaufmann, *The Religion of Israel* (Chicago: University of Chicago Press, 1960), p. 21.

⁷A. Leo Oppenheim, *Ancient Mesopotamia: Portrait of a Dead Civilization*, 2ª ed. (Chicago: University

of Chicago Press, 1976).

⁸The Tree of Life (Nova York: Viking Press, 1942), p. 263.

Capítulo Seis: "Os Egípcios"

¹J. A. Wilson, "Egypt", Interpreter's Dictionary of the Bible, Vol. 2 (Nashville: Abingdon Press, 1962), p. 42.

²Os egípcios usavam também uma forma simplificada de hieróglifos chamada escrita hierática (do grego hieratikos, "pertencente ao ofício de sacerdote").

³J. A. Wilson, "Egypt", p. 42.

⁴George Adam Smith, The Historical Geography of the Holy Land (Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1906), p. 157.

⁵George Steindorff e Keith C. Seele, When Egypt Ruled the East (Chicago: University of Chicago Press, 1957), p. 40.

⁶Steindorff e Seele, When Egypt Ruled the East, pp. 57-58.

⁷J. B. Pritchard, Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1969), p. 231.

⁸Steindorff e Seele, When Egypt Ruled the East, pp. 270-271.

⁹Steindorff e Seele, When Egypt Ruled the East, pp. 139-140.

Capítulo Sete: "Os Babilônios e os Assírios"

¹Lewis Spence, Myths and Legends of Babyhnia and Assyria (Londres: George G. Harrap & Company, 1916), p. 21.

²George W. Gilmore, "Assyria", The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge, Vol. 1, red. por Lefferts A. Loetscher (Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1977), p. 330.

³Dorothy Ruth Miller, A Handbook of Ancient History in Bible Light (Nova York: Fleming H. Revell Company, 1937), p. 102.

⁴Miller, A Handbook of Ancient History in Bible Light, p. 117.